

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Robson Colosio

**O GRUPO OPERATIVO COMO INSTRUMENTO DE
INTERVENÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE: UM ESTUDO EM
PREVENÇÃO DE DST/AIDS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

São Paulo
2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROBSON COLOSIO

**O GRUPO OPERATIVO COMO INSTRUMENTO DE
INTERVENÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE: UM ESTUDO EM
PREVENÇÃO DE DST/AIDS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Programa: Psicologia Social

Orientadora: Profa.Dra. *Maria Inês Assumpção Fernandes*

São Paulo
2005

**Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP**

Colosio, R.

O grupo operativo como instrumento de intervenção na área da saúde: um estudo em prevenção de DST/Aids na Cidade de São Paulo./Robson Colosio. – São Paulo: s.n., 2005.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Maria Inês Assumpção Fernandes.

1. Grupos operativos 2. Prevenção da Aids 3. Pichon-Rivière, Enrique 4. Psicologia social 5. Psicanálise 6. Política de Saúde 7. Homossexualidade I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ROBSON COLOSIO

O Grupo Operativo como Instrumento de Intervenção na Área da Saúde: Um Estudo em Prevenção de DST/Aids na Cidade de São Paulo.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Mestre

Programa: Psicologia Social

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais Walter e Iracy

*Filhos de imigrantes da Itália.
Migrantes de Minas Gerais.
Em São Paulo, enfrentaram o caminho das
pedras; delas tiraram leite e abrigo para
seus filhos. Nossos laços, de pedra mineira,
daquela que Aleijadinho erigiu suas
esculturas, leves e perenes.*

À minha irmã Rosangela

*Pela vontade, o desejo de acertar, a ação, o
êxito e o valor simbólico de suas realizações;
pelo maravilhoso fruto do seu ventre, Sofia.*

AGRADECIMENTOS

Em paráfrase inversa ao “rei”, eu não tenho um milhão de amigos... nem o necessitaria, pois tenho alguns que me valem como tal; em comum possuem uma qualidade rara: a integridade entre o pensar e agir. Cito-os na seqüência de participação neste trabalho:

- *Maria Inês Assumpção Fernandes*: Tradutora fiel de seus colegas de pensamento, os momentos de convivência são sempre aprendizado e admiração, tanto pela inteligência e erudição, que lhe são fluidas; quanto pela disponibilidade no trato pessoal e cuidado pelo que é coletivo.
- *Ianni Régia Scarcelli*: Guerreira astuta, amazona; que soube construir suas redes e lutas como uma modesta costureira que não desperdiça um retalho, firme no coser e caprichosa nos laços coloridos que destacam sua colcha, bela e aconchegante.
- *Isabel Cristina Lopes*: perspicácia e bom humor; sua delicadeza e interesse em tudo que se refere à alteridade a fez elaborar e construir importantes propostas de trabalho, sempre voltadas ao outro, fonte de indagações e cuidados.
- *Audrey Rossi Weyler*: Garota, no sentido mais feliz que essa palavra pode conter: juventude, energia, desejo de realização, solidariedade, diversão, rapidez de pensamento, obstinação:
- *Ricardo Barbosa Martins*: Ativo, veloz; sempre concentrado e reflexivo, nem se dá conta do quanto as pessoas à sua volta se ligam ao seu movimento, à espreita por rir e pensar e vice-versa.
- *Sílvio Mieli*: Luta armada ou resistência intrépida são instâncias possíveis para sua coragem contra qualquer tentativa de instrumentalização da vida e do homem ... uma luta infindável.

Muitas pessoas colaboraram, em fases diferentes, da realização do projeto à concretização deste estudo. O espaço para agradecê-las é diminuto, mas a sinceridade profunda:

Vera Paiva, pelas oportunidades e desafios que me lançaram num campo de diversidades e de saberes em construção, também pelas contribuições na fase de qualificação, no sentido de um texto mais acessível e fluido.

Norman Hearst, pela oportunidade única de contato com outra realidade social e de pesquisa, fundamental no desenho do projeto; pela régua e compasso para delineá-lo, pelo acompanhamento zeloso de todo o processo até sua conclusão. Da mesma forma, a todo o *staff* do *Center for Aids Prevention Studies* da *University of California – San Francisco*, em particular pela gentileza e apoio de *Jeff Mandel*, *George Rutherford* e *Ritu Sehgal*.

José Ricardo Ayres Mesquita, pela leitura cuidadosa e indagativa quando do processo de qualificação; mas antes, pelo trabalho de pesquisa que tem contribuído sobremaneira pela abertura do campo da saúde a uma verdadeira interdisciplinaridade.

Denise Pimentel Bergamaschi, pelo esforço, dedicação e o trabalho hercúleo que é laçar, amarrar e decantar números de dados estatísticos, encontrar nós e estabelecer relações plausíveis, compartilháveis e com lastro largo na realidade.

Cássia Maria Buchalla, pelo acolhimento das dúvidas e questionamentos que surgiram na execução do projeto, apoio pelo qual o fez reconduzir-se aos trilhos; mas principalmente pela amizade, solidariedade e compartilhamento de horas alegres.

José Moura Gonçalves Filho, pela amizade, interesse e apoio nos momentos de paralisia e confusão. Nossas conversas alongadas e estimulantes constituíram-se em apoios decisivos para a continuidade e conclusão deste trabalho.

Solange, Regina, Deolinda, Rosa, Arlete, Urçulina, Helena, Nancy... e todas as trabalhadoras da saúde (CTAs), verdadeiras promotoras da saúde, que constroem incessantemente formas, jeitos e trejeitos de driblar - na ponta, no serviço - as dificuldades do árduo trabalho, do cotidiano da luta contra a aids. Da mesma forma, a todos os voluntários que participaram dos grupos; cada um, a seu jeito, à procura de sentidos, de superação e colaboração na construção de uma vida mais digna e justa.

Aos colegas do Nepaids, com os quais, durante um longo período de convivência, foi possível partilhar e aprender, uns com os outros; pelo trabalho e/ou relacionamento pessoal, que a luta contra a epidemia de aids deve ser constante, reiterada e redobrada.

Aos colegas do Lapsa, donde a riqueza e variedade das discussões projetam-se num mosaico de idéias e propostas que muito tem a contribuir para a formulação de políticas públicas mais abrangentes e justas. Em especial, meu agradecimento a *Ismênia Camargo* e *Mirna Koda*.

Aos meus amigos do Instituto de Psicologia da USP, aliados na difícil luta por uma instituição verdadeiramente pública, de qualidade em sua missão de ensino, pesquisa e extensão - mesmo que em muitas vezes e estrategicamente não compreendidos e combatidos - que se redobrem os esforços nesse sentido, único, talvez, pelo qual se possa garantir um espaço de reflexão e independência ante uma sociedade excessivamente consumista e mercantilista.

Destaco alguns deles pela participação direta neste trabalho: *Nalva, Cecília, Tânia, Sandra; Alexandre*; que mesmo com a rotina dura de trabalho, sempre têm um espaço para oferecer uma ajuda, assinalar um recurso, dividir opiniões e momentos de confraternização. Uma referência muito especial a *Fátima Gonçalves*, pela disposição, paciência e amizade.

Aos colegas de profissão, psicólogos, meio amarrados nos interstícios das disciplinas, pesquisas, serviços e supervisão; onde ainda prevalece uma indefinição de seu papel e responsabilidade. Mesmo assim, a função da ponte, do intermediário, da ligação; é fundamental para a continuidade da vida acadêmica. Ser-lhes-á feita justiça algum dia. Destaco aqueles que mais participaram das sessões de expiação no muro das lamentações erigido na sala do café da OP: *Conceição* (querida amiga há 25 anos!), *Tatiana, Walkiria, Fábio, Anete, Selene, Flávio, Fabiano*.

Por último, gostaria de agradecer a instituição na qual tive a felicidade de formar-me, como profissional e cidadão; onde trabalho e tento contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, humana e igualitária. Este trabalho tem como desejo fundamental prestar-se como um retorno, ainda que humilde, da grandeza de todas as ordens que pude absorver do INSTITUTO DE PSICOLOGIA e da UNIVERSIDADE de SÃO PAULO

Há uma íntima relação entre a imprevisibilidade do resultado e o caráter revelador da ação e do discurso: o agente se revela sem que se conheça a si mesmo ou saiba de antemão “quem” revela.

Hannah Arendt (A Condição Humana, p. 205)

RESUMO

COLOSIO, R. *O Grupo Operativo como Instrumento de Intervenção na Área da Saúde: Um Estudo em Prevenção de DST/Aids na Cidade de São Paulo*. 2005, Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005

O fenômeno da epidemia de aids, há mais de duas décadas, tem constituído-se num dos mais sérios problemas de saúde pública no Brasil e no mundo. Sua configuração epidemiológica, aos poucos, tem assinalado uma concentração de casos nos setores mais marginalizados da sociedade, cujo acesso à saúde realiza-se, basicamente, pelos serviços de saúde pública. Pesquisadores de setores da saúde vinculados à área de prevenção de DST/Aids têm formulado críticas e proposições no sentido de contribuir para o aperfeiçoamento das Políticas Públicas de Saúde; cujas diretrizes assentam-se fortemente na concepção biomédica de saúde a respeito de um problema que envolve questões de ordem econômica, social, cultural, educação e direitos. Por essa diretriz, prevalece nas ações de prevenção uma orientação pedagógica baseada na transmissão de informações sobre DST/Aids via cursos, palestras ou material didático que pouco permitem ao sujeito realizar uma articulação com suas representações (conscientes e inconscientes) relativas ao impacto da epidemia em sua vida.

Este estudo apresenta os resultados e discussão sobre uma investigação interventiva em dois serviços públicos de saúde dedicados à testagem e prevenção de HIV do Município de São Paulo. A intervenção apoiou-se na Psicologia Social de Pichon-Rivière e pela técnica de intervenção de Grupo Operativo, cujas características metodológicas permitem o acesso às representações individuais e coletivas acerca da prevenção de aids. Ao mesmo tempo, possibilitar o processo de resignificação que permitiria a (re)construção de representações voltadas para a adoção de práticas mais seguras de relacionamento sexual. Esta intervenção foi dirigida ao segmento da população designado como HSH (homens que fazem sexo com homens), cujo histórico epidemiológico o coloca como prioritário para ações preventivas dos setores brasileiros de saúde pública.

Palavra-chaves: Grupo Operativo, Prevenção da aids, Políticas Públicas em Saúde, Psicologia Social, Psicanálise, Pichon-Rivière, E.

ABSTRACT

COLOSIO, R. **The Operative Group as an Instrument of Intervention in the Health Field: A STD/Aids Prevention Study in Sao Paulo City.** 2005, Master Thesis – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005

Aids epidemic has been growing, for more than two decades, as the most serious Public Health problem in Brazil and in the world. Its epidemiological characteristics show a growing concentration of aids cases among the most marginalized sectors of the society, whose access to the health services is made, basically, through public health sectors. Researchers from various fields linked to the STD/Aids prevention area have been formulating criticism and proposals in order to contribute to the development of the Public Health Policies, whose directions is strongly based on the biomedical conception of health to a problem which involves other question related to economical, social, cultural order/ also education and human rights. Due to this direction, the great part of the prevention programs is designed under a pedagogical orientation, they are restricted to transmission of information about STD/Aids infection using courses, lectures or information material as a manner to reach its objectives, but few opportunities gives to people articulate the information received with their own representations (conscious and unconscious) related to the aids impact in their lives.

This study shows the results and a discussion about an interventional investigation made in two health public services of the São Paulo City dedicated to HIV testing and prevention. The intervention is based on the Social Psychology of Pichon-Rivière and his Operative Group intervention technics, whose methodological characteristics allow access to the individual and collective representations related to aids prevention. Besides, open the possibility of starting a re-signing process in the direction of (re)constructing representations facing safer sex practices. The intervention targeted the segment of the population designated as MSM (men who have sex with men), whose epidemiological history place it in the position of priority in Brazilian Preventive Programs of Public Health

Key Words: Operative Group, Aids Prevention, Public Health Policies, Social Psychology, Psychoanalysis, Pichon-Rivière, E.

SUMÁRIO

ÍNDICE	
APRESENTAÇÃO	
INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO I	
AS POLÍTICAS E PRÁTICAS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL NA ÁREA DE PREVENÇÃO DE DST/AIDS.....	
CAPÍTULO II	
MÉTODO	
A) A Proposta	
B) O Conceito de Representação e o Processo de Ressignificação	
C) Teoria e Técnica de Grupo Operativo.....	
D) Procedimento de Pesquisa.....	
CAPÍTULO III	
ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	
CONCLUSÃO	
BIBLIOGRAFIA.....	
ANEXOS	
1) Transcrição das Sessões de Grupo Operativo	
2) Consentimento Informado	

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de dissertação para a obtenção do título de mestre em Psicologia Social surgiu a partir da oportunidade de formação em metodologia de pesquisa em Aids oferecida pelo CAPS - *Center for Aids Prevention Studies da Universidade da Califórnia – San Francisco*, em 1999, da qual um protocolo de pesquisa foi apresentado ao seu Comitê de Ética em Pesquisa, assim como ao Centro de Referência e Treinamento do Programa Estadual DST/Aids de São Paulo. Após aprovação em ambos os comitês, além da proposta de financiamento encaminhada ao CAPS, tomou-se os procedimentos para início da pesquisa, a qual se realizou no período entre 2001 e 2003.

Este trabalho discute a investigação e intervenção em dois serviços públicos de saúde na área de prevenção de DST/aids no Município de São Paulo. Trata de questões teóricas e práticas envolvidas no desenvolvimento do projeto e na discussão da orientação teórica que sustenta este estudo, baseada nas concepções da psicanálise e da psicologia social, em particular da psicologia social tal como concebida por Pichon-Rivière.

Na Introdução deste estudo, apresenta-se uma discussão sobre a noção de sujeito, a crise de paradigmas na área de pesquisa e práticas médicas embutidas nas Políticas de Saúde Pública, assim como a discussão sobre as contribuições das disciplinas, acima referidas, nesta questão; especialmente a partir da atenção aos diversos fatores que integram e concorrem no processo de constituição do sujeito dentro do grupo social.

No primeiro capítulo, apresenta-se um histórico dos programas de prevenção em DST/Aids permeado por discussões de pesquisadores da área acerca das demandas e limitações das políticas públicas de saúde neste contexto. Procura localizar as contribuições possíveis do trabalho de investigação e intervenção proposto neste estudo.

No segundo capítulo, segue uma exposição sobre a abordagem de Grupo Operativo no que concerne à sua teoria (Teoria do Vínculo), método e técnica; tal como proposto por

Pichon-Rivière. Faz um relato do desenvolvimento da pesquisa, seus procedimentos, organização, aplicação, registros e forma de análise, com destaque à discussão do conceito de *representação* nas ciências humanas e, em particular, na psicanálise e a psicologia social de Pichon-Rivière.

No terceiro capítulo, encontra-se uma análise do material coletado no campo, isto é, a análise das representações que emergiram e os sentidos alcançados durante o processo de resignificação acionado no grupo base de análise para este estudo. Neste mesmo capítulo, encontra-se a conclusão, na qual uma discussão a partir das concepções que nortearam o desenho do projeto e os resultados obtidos da investigação e intervenção são apresentados de forma a fornecer elementos e proposições que possam contribuir para a construção e aperfeiçoamento das Políticas Públicas de Saúde voltadas para a prevenção de DST/Aids.

INTRODUÇÃO:

UM CONTEXTO PARA A REFLEXÃO SOBRE PREVENÇÃO

Este estudo tem por objetivo propor uma modalidade de trabalho na área de prevenção de DST/Aids que considere, em sua concepção teórica e prática, aspectos mais amplos e diversos da vida dos sujeitos e dos grupos dos quais eles participam e possibilitem ampliar o enfoque da clínica médica e epidemiológica, fundada no binômio sujeito-doença, que até os dias de hoje tem prevalecido no campo da saúde. Para isso, é fundamental que o olhar das ciências sobre a epidemia de aids mantenha seu foco nas circunvoluções e artimanhas desse ardiloso e insolente vírus HIV, mas também tome em pulso suas lentes grande-angulares para outras dimensões e complexidades do conhecimento humano, pois, se por certo “um vírus não tem moral” (como Praunheim nos fez refletir já em 1985, em seu polêmico filme), ele decididamente nos demanda uma reflexão ampla e profunda, neste e em outros planos que envolvem a vida dos sujeitos, de grupos e sociedades.

Este trabalho procura considerar as ocorrências e entrecruzamentos de outras esferas do conhecimento no trabalho de prevenção de DST/Aids, do que somente o campo da saúde; especialmente daquilo que se origina a partir das esferas econômica, social e cultural, as quais podem influenciar e até determinar escolhas, atitudes e formas de reagir dos sujeitos diante da epidemia de aids. Nessa direção, propõe um determinado instrumento de intervenção como uma modalidade de atuação mais contextualizada e “compreensiva”¹ dessas esferas no trabalho de prevenção de DST/Aids do serviço público de saúde, onde ainda prevalece um

¹ Aqui compreendida na perspectiva do paradigma compreensivo (cf. Bourdieu, 1989), que se opõe à adoção dos métodos de fundamentação positivista nas ciências sociais e humanas. Propõe a abordagem global dos fenômenos, sem separá-los do contexto em que ocorrem e a partir de métodos próprios: qualitativos, aprofundados, históricos e fenomenológicos.

tipo de orientação preventiva, de caráter pedagógico, restrito à veiculação de fatos do conhecimento biomédico aos usuários desses serviços.

Perscrutar por outras áreas do conhecimento na tentativa de garimparmos mais sentidos e diretrizes para a área da prevenção significa enfrentar a complexidade do saber. Embora não seja possível neste trabalho recuperar a discussão sobre o tema da prevenção nas áreas afins ao campo da saúde, nem mesmo se escolhêssemos uma área específica, como sobre a sexualidade, por exemplo; é importante e coerente que contextualizemos nossa discussão a partir de uma questão fundamental, a qual está na base da proposição no nosso trabalho, qual seja; a *noção de sujeito* embutida nos paradigmas que orientam as Políticas Públicas de Saúde.

Para essa tarefa, tomaremos como referência o trabalho de importantes pesquisadores da área da saúde, os quais trataram com propriedade essa questão ao abordarem-na a partir de campos diversos como a História, Sociologia, a Política, a Filosofia e a Psicologia. O interesse neste ponto também se revela pela discussão que necessariamente se levanta frente à proposição de um trabalho de prevenção em grupos. Da possibilidade de mais um salto epistemológico que pode ser realizado no campo da prevenção de DST/Aids (como também outras áreas da saúde, educação, trabalho etc) pelo transitar investigativo entre as dimensões possíveis de análise, isto é, passar da noção de indivíduo para a de sujeito e desta para a noção de sujeito do grupo e, finalmente, para os pequenos grupos. As outras dimensões que se desdobram, segmentos sociais, comunidades, massas etc; adentram-se a outras áreas do conhecimento que possuem um corpo volumoso e consistente de conhecimento e que não será tratado neste estudo, apenas referido.

Numa recente publicação da Revista Ciência e Saúde Coletiva constam alguns artigos, resultado de um congresso realizado em Salvador-BA, em 2001, cujo conteúdo traz importantes reflexões sobre a problemática da *noção de sujeito* como questão essencial à

prática em saúde. A partir da leitura desses artigos, é correto dizer que há uma unanimidade de opinião entre os pesquisadores sobre uma crise instalada a respeito dos paradigmas teórico-metodológicos que sustentam o desenvolvimento de pesquisas, a formação de profissionais, a elaboração de políticas públicas e a prática de profissionais de saúde. Em primeiro lugar, destacamos o texto de MINAYO (2001) que traz uma importante discussão sobre os conceitos de estrutura e de sujeito, do ponto de vista das ciências sociais, como forma de pensar o campo da saúde coletiva. A comparação de correntes que se opõem na abordagem desses conceitos inicia-se, de um lado, a corrente estruturalista (representada por Radcliffe Brown, Durkheim e Lévi-Strauss), a qual compreende a sociedade como sendo determinada por causas positivas, exteriores aos indivíduos e, como consequência, o comportamento humano torna-se uma resultante de leis dos processos sociais. Em alguns autores influenciados pela obra de Marx, como Althusser, essa posição radicaliza-se ao anunciar que a estrutura das relações de produção determina os lugares e as funções que são ocupadas e assumidas pelos agentes da produção, na verdade partes constituintes de uma estrutura. Para o autor os verdadeiros sujeitos são os definidores e distribuidores: as relações de produção.

Do outro lado, há aquelas teorias que enfatizam o lugar do sujeito e da subjetividade, a saber: as teorias compreensivas fenomenológicas, interacionistas e da ação e, ainda, algumas correntes apoiadas no Marxismo. Embora entre estas teorias o conceito de sujeito não seja consensual, como nos avisa MINAYO (2001), elas coincidem na concepção do ser humano como criador de estruturas que passam a condicioná-lo, assim como consideram a história como produto humano e a transformação como ação humana sobre a história. Desse modo, colocam a ação e a interação como centro da Sociologia, posto que o ser humano é o ator e autor da realidade na medida em que define e cria situações.

No campo de debate sobre a subjetividade, no marxismo, ressaltam-se as contribuições elaborados por Sartre na fundação do marxismo existencialista, movimento no qual

participaram autores importantes às Ciências Humanas, em particular para a psicologia, como Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty. Na concepção de Sartre, estruturas são ações humanas objetivadas, pois o homem faz a história, nela se objetiva e nela se aliena. Nesse sentido, a história, obra de toda atividade e de todos os homens, aparece-lhes como força estranha.

Ainda pela leitura de Marx, outros autores opõem-se aos estruturalistas ao afirmar que esta vertente, ao revelar a reificação do pensamento que reduz tudo à relação entre coisas, demonstra que estão aí implicadas profundas relações sociais de dominação historicamente condicionadas e que, no fundo, a economia é a aparência resultante de intrincadas relações entre os seres humanos (segundo Kosic). Em Habermas, ressalta-se o reconhecimento para o sujeito da sua possibilidade de ação, mas também da crítica social que traz, em consequência, a capacidade de sentenciar sobre a ação e buscar a transformação.

Neste ponto, é importante assinalar como a revisitação do pensamento de um autor, fundamental no pensamento humano como Marx, pode desdobrar-se em posições antagônicas sobre um mesmo ponto de abordagem (no caso, a noção de sujeito). Muito desse processo pode ser compreendido a partir do que Sartre afirma-nos sobre o caráter dialético da ação humana (objetivação e alienação) e por consequência o sentido de estranhamento da história. Este processo apresenta um interesse especial para a psicologia, pois aqui se revela a ação da memória, da atribuição de significados, da geração de representações, etc; o que será abordado mais à frente pela revisitação à obra de um dos pensadores centrais deste campo, Freud, pela reflexão de importantes autores que sustentam este trabalho.

Em referência a Edgard Morin, cujo trabalho desenvolve-se no campo que tem sido chamado de Pensamento Complexo, com origem na biologia; seus pressupostos põem em cheque a divisão que tem sido feita até hoje entre estrutura e sujeito, assim como das idéias de autonomia e dependência. O autor define o sujeito pelo caráter egocêntrico e auto-referente que trata todos os objetos e dados da realidade. E, neste caso, uma bactéria é um sujeito, a

diferença em relação ao homem é a de que este tem uma consciência. Trata radicalmente da unicidade do sujeito ao retomar suas raízes e origens, pois ele se apropriará sempre de sua determinação genética, a qual lhe oferece aptidões transformadoras, que lhe permitem não aceitar passivamente os determinismos e acasos ambientais. Ao mesmo tempo, esse ser vivo extrai alimentos e informações do ambiente, enfrenta os acontecimentos da vida, sofre-os ou supera-os e acumula experiências. Há, pois, autonomia do sujeito dentro de sua dupla subjugação, visto que, dotado de linguagem, consciência e cultura, é ao mesmo tempo sujeito computante e sujeito com consciência, capaz de decisão, de escolhas, de criar estratégias e de inventar, por isso mesmo, absolutamente dependente de todos os determinismos que lhe permitem transcender a si mesmo. É nesta condição que o autor assinala a necessidade de identificar o jogo de construção que atua no processo de conhecimento, no qual um caminho multidimensional precisa ser inventado de forma a “envolver o fenômeno (observação), reconhecer as energias (práxis), provocá-lo nos pontos estratégicos (intervenção), penetrá-lo pela intimidade individual (entrevista), interrogar o ato, a palavra, as coisas (...) a pesquisa é ao mesmo tempo objeto e sujeito, e não se pode evitar o caráter intersubjetivo de todo relacionamento do homem com o homem.” (MORIN, 1967, p.9)

Essa apresentação sintética das idéias de Morin permite aberturas e a congregação de várias áreas do conhecimento humano em prol de compreensão mais ampla, completa e profunda sobre a vida do homem na sociedade, de um homem considerado em suas diversas determinações de origem, de passado, de passagem e de futuro, pelas quais ele é determinado e determina sua inscrição, a de ser e estar no mundo. Permite também a abertura para um tipo de psicologia que privilegia em sua perspectiva epistemológica, não somente o sujeito, nem somente o objeto, mas sobre a ação, a interação, a intersubjetividade como campo de estudo, que é o caso da psicologia social.

No campo da saúde coletiva, MINAYO (2001) aborda o tema *sujeito e estrutura* ao discutir sobre a forte influência do positivismo naturalista, o qual dá sustentação à forma de investigar, ao desenvolvimento de tecnologias e políticas de saúde, assim como da aplicação do conhecimento médico, cujos desdobramentos promoveram um apagamento do sujeito, visto invariavelmente, como objeto subordinado a leis biológicas. AYRES (2001) coloca em evidência a crise paradigmática que o campo da saúde experimenta atualmente ao apontar a diversidade de práticas de saúde (redução de danos, promoção da saúde, saúde da família, redução da vulnerabilidade, para citar algumas) que, de alguma forma, procuram ultrapassar os limites do padrão que se considera como sendo os melhores ou aceitáveis, até o momento, para o campo. Discute sobre o descompasso entre a concepção de sujeito que fundamenta os discursos de saúde, especialmente em saúde coletiva, e os valores e pressupostos que orientam as principais propostas de renovação de conceitos e práticas nessa área, atualmente. Propõe, a partir do campo da filosofia, uma revisão do caráter individualista, apriorístico e objetificado que aparece com relevância nas práticas do setor por uma possibilidade de construir referências conceituais mais fecundas a partir de uma concepção de sujeito que considere o “processo de construção de identidades que nos indica uma inexorável dialética de negar construindo/construir negando” (AYRES, 2001, p.66), força motriz do ato identificador que realiza a atribuição de predicados aos diferentes momentos da experiência que nos faz constituir, simultaneamente, nossos mundos e nós mesmos.²

² Esta é uma concepção semelhante à que encontramos em ARENDT (1959), quando define o termo público por dois fenômenos correlatos, isto é, tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmo – constitui a realidade. No segundo fenômeno, “o termo ‘público’ significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens.” (ARENDT, 2001, 62).

Esse ato identificador pode ser considerado como o intermediário que coloca os seres humanos em contato entre si e que os faz a todo instante atribuir predicados a si mesmos e aos outros é a linguagem que, em sua constituição, é gerada e compartilhada no âmbito do público, do social. Desse modo, a natureza essencialmente intersubjetiva que caracteriza o próprio sujeito que tem, constantemente, a construção e reconstrução de sua identidade a cada experiência de encontro com o outro. O autor considera fundamental a adoção da perspectiva dialógica na constituição das subjetividades. Toma as orientações de Habermas para a realização de um discurso efetivo que se apóia “em três níveis de validação intersubjetiva: a) na aceitação por parte do interlocutor, de que o projeto de mundo e de vida que orienta esse discurso (ou o que temos chamado de encontro desejante das circunstâncias) é correto desde um ponto de vista ético, moral, político; b) na proposição de enunciados aceitáveis intersubjetivamente como expressão da realidade, isto é, de que se trata de fatos que são tidos como verdadeiros por ambas as partes; e c) na sua capacidade de expressar autenticamente a perspectiva subjetiva daquele que profere o discurso.” (AYRES, 2001, p. 68).

A partir dessas postulações, o autor questiona sobre a possibilidade de um diálogo diferente entre profissionais de saúde e população atendida, pelo deslocamento de ênfase da idéia de sujeito em favor da idéia de contextos de intersubjetividade. Ao mesmo tempo, propõe a revisão da exclusividade dos procedimentos de controle de doenças (sintoma, patogênese, infecção ou de epidemias), como critério normativo de sucesso das práticas de saúde para um sentido mais amplo dirigido ao sucesso prático de projetos de felicidade humana como finalidade da intervenção. Por último, a transformação de tratar, restrito e subordinado a uma tarefa parcelar das práticas de saúde, para o cuidar, o que significa a possibilidade de construção de projetos duradouros e expansíveis.

No campo da política, TORRE & AMARANTE (2001) fazem uma reflexão sobre as transformações da noção de *sujeito* a partir das origens, das bases históricas e conceituais da

produção de saberes e do exercício de poder sobre os sujeitos pela figura do louco³. Trazem autores fundamentais para a discussão sobre a nova ordem mundial, balizada pela globalização e o avanço de tecnologias de comunicação e pesquisa científica (esta última fortemente impulsionada pelas urgências impostas pela epidemia de aids); os quais realizam um debate profundo e contundente no campo das ciências sociais e da psicologia. Foucault, por exemplo, inverte a explicação científica das reorganizações institucionais, ao demonstrar como as instituições surgem de necessidades sociais e não de descobertas científicas ou do aprimoramento do conhecimento. Nessa linha, podemos entender como a loucura é contraposta a um novo modelo de homem que surge na modernidade pela idéia de indivíduo, formalizada a partir do conceito de sujeito de conhecimento cartesiano; aquele forjado a partir dos princípios da racionalidade científica (causalidade e previsibilidade) que se mantém hegemônica até os nossos dias. O sujeito da razão opõe-se assim ao sujeito da desrazão, o louco. Da mesma forma, o conceito de indivíduo é constantemente fundado e reconstruído a cada momento do desenvolvimento político-econômico-social da nossa sociedade, ou seja, pelo cartesianismo, liberalismo, revolução francesa, iluminismo. Mais recentemente, as ciências humanas geraram uma nova *noção de sujeito* com características fundamentais ao modo de funcionamento do capitalismo, ou seja, uma nova experiência do homem ligada à interioridade, ao individualismo e, fundamentalmente, à norma. Esta última, agente do novo princípio de poder que se instala, “não mais centrado unicamente no Estado, mas articulado a ele de várias maneiras, materializando-se em práticas, instituições e saberes. Essa forma de exercício do poder, denominado de *disciplina* ou *poder disciplinar* (Foucault, 1983) é uma forma de controle que funciona por um processo contínuo de normatização, imposição de normas aos corpos dos indivíduos, que são modelados para se tornarem produtivos. Através

³ O tema da loucura é de particular interesse para este estudo, pois além de pertencer a uma área da saúde da qual emergiu a teoria e prática que lhe dá suporte, liga-se aos desafios impostos pela epidemia de aids à prevenção por aproximar os sujeitos que não seguem as recomendações de sexo mais seguro (normas de proteção) ou não aceitam a disponibilização de recursos e conselhos das estratégias de redução de danos, àqueles que estão “fora de seu juízo” ou colocam-se de forma incompreensível diante da morte.

da sua grande estratégia, o *confinamento*, o poder disciplinar fabrica indivíduos eficientes e produtivos e faz o sistema funcionar, determinando a produção ou a exclusão: ‘o indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola, (...) depois a caserna, (...) depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência’” (DELEUZE, 1992 apud TORRE & AMARANTE, 2001, p.74). Desse princípio de confinamento e do ideal da normatização do sujeito, uma nova experiência da loucura instaura-se a partir da sua apropriação pela medicina e da formulação do conceito de alienação, cujo efeito é arrancar a loucura do âmbito do sobrenatural, de uma ordem não natural, estranha à razão para o âmbito da doença, como um distúrbio das paixões humanas, que incapacita o sujeito partilhar do pacto social. Os desdobramentos sociais decorrentes colocam o louco como perigoso para si e para os demais.

A questão da loucura é ilustrativa como crítica a um tipo de ciência que concebe o conhecimento como um meio de revelar a “verdadeira natureza das coisas”. A *análise genealógica* proposta por Foucault, contrapõe-se a esse tipo abordagem, ao buscar entender as condições de possibilidade para a produção do sujeito, para a invenção de formas de vida nas redes da história. Por essa análise, o conhecimento científico é tomado como invenção, criação de um modo de existência, de uma possibilidade de vida que revela algo não próprio da natureza, mas do que inventamos sobre ela, ou seja, no processo de *produção de subjetividades* que forjam os modos de existência, modelam as maneiras de sentir e pensar dos indivíduos. Segundo Guatari, enquanto produto de redes de história e pelos vetores mais diversos presentes na coletividade, não se centra mais no indivíduo, passa a ser constituída por forças disseminadas no campo social e por suas *positividades*, que buscam a sua modelagem, serialização e homogeneização. Os processos de subjetivação dos equipamentos sociais e dos dispositivos políticos de poder têm a função de definir coordenadas semióticas

determinadas que se infiltram no comportamento dos indivíduos, fazendo com que suas funções e capacidades sejam utilizadas e docilizadas. Esse processo não se constitui num movimento unilateral, de um poder como entidade que subjuga o indivíduo, e sim, de uma naturalização das práticas e discursos. Se de um lado há equipamentos sociais, práticas, discursos e tecnologias institucionais para modelagem e serialização da subjetividade; de outro há movimentos de resistência e ruptura que produzem *singularizações* na subjetividade, modos de pensar e de viver que escampam aos grandes processos de captura das máquinas capitalistas de produção de subjetividade (TORRE & AMARANTE, 2001).

Neste ponto revela-se a contundência do pensamento de ambos pensadores acima citados, pois toca no trabalho de grande parte do que se convencionou chamar “trabalhadores sociais” (aqueles que realizam algum tipo de trabalho pedagógico ou cultural a um determinado segmento da sociedade, segundo Guatari), categoria na qual encontra-se a grande parte dos trabalhadores da área de prevenção. Esse tipo de pensamento coloca em cheque uma larga construção de pesquisa e prática científica por desenvolver seus projetos na possibilidade de construção de novas subjetividades que podem funcionar para naturalizar ou desnaturalizar saberes e comportamentos, com um discurso pronto e fechado para o enfretamento de situações de risco e afirmação de atitudes de prevenção (como por exemplo, as várias oficinas dirigidas a mulheres nas quais se molda uma figura de mulher - forte, decidida, inteligente e consciente de seus direitos, que coloca sempre a discussão do uso da camisinha para o parceiro -, sem considerar as condições socioeconômicas e culturais nas quais elas estão inseridas e as suas possibilidades para realizar esse salto preventivo e, ao final, sem acolhê-las nas conseqüências decorrentes).

FERNANDES (2003) faz uma importante reflexão nesse sentido ao referir-se sobre a prática e pesquisa em saúde (aborda a saúde mental como uma situação emblemática de todo o campo da saúde pública), especialmente no que toca à construção do conhecimento na área.

Caracteriza-a como continuamente fragmentada, que não se consolida e nem se articula em seus diferentes níveis. Assinala que o conjunto de representações que ainda circula entre os construtores do saber é marcado por múltiplas contradições. “Das ‘heranças’ teóricas decorrem técnicas influenciadas por **contraditórias ideologias**. Neste ponto, as técnicas tornam-se adaptacionistas ajustadas aos modelos que se apóiam nas diretrizes políticas, de suposto caráter geral. Os ajustes teóricos e técnicos são realizados sem o rigor necessário. Os conceitos transitam de teoria em teoria, desapegados, portanto, de seu eixo organizador. As práticas se autonomizam gerando saberes descomprometidos com sua herança teórica. Como consequência, temos o *apagamento das fronteiras entre as diferentes teorias que se transformam em ideologias*. Não há mais discriminação. Instalam-se nestas brechas os mecanismos de segregação mantidos pelas técnicas. A **miscigenação (de teorias) como ideologia, apaga fronteiras**.” (FERNANDES, 2004, p.36)⁴.

A questão apontada acima é uma discussão da qual o campo da saúde não pode se furtar, mesmo com as demandas sociais imensas e urgentes de uma epidemia de grande magnitude e força de penetração como a aids, especialmente nos segmentos sociais menos favorecidos (conforme indicam-nos os dados estatísticos oficiais mais recentes). A discussão sobre as brechas e contradições no campo da saúde tem a função de procurar uma relação mais flexível e contextualizada na produção do conhecimento e evitar o que FERNANDES (2004) nos alerta: “todo conhecimento corre o risco de se transformar em ideologia e se perpetuar em instituição. A luta deve nos impor um exercício contínuo de construção e desconstrução de nosso fazer (...) a luta deve ser, portanto, contra um modelo de desenvolvimento que transformou a subjetividade num processo de individuação burocrática e subordinou a vida às exigências de uma razão tecnológica que converte o sujeito em objeto de si próprio” (FERNANDES, 1999, p. 46).

⁴ Grifos do autor

A consideração das reflexões de MINAYO, AYRES, TORRES & AMARANTE e FERNANDES a respeito da crise de paradigmas na área da saúde, analisada pelo viés da noção de sujeito neles embutida, é fundamental para a discussão e apontamento de diretrizes que busquem possibilidades de ultrapassar os limites, tanto no campo da pesquisa, quanto da prática médica, que se impõem às ações em saúde pública. O advento da epidemia de aids, com suas emergências e desdobramentos sociais, colocou em maior evidência as dificuldades de articulação do saber médico com outros campos do conhecimento. Enquanto saber organizado em forma compartimentada; fundado no binômio saúde-doença, que se destina à cura de um indivíduo desconectado de suas redes sócio-econômicas, históricas, culturais e afetivas, concebido aprioristicamente e objetificado, poucas possibilidades têm para dar respostas mais efetivas aos males que atingem os grandes e pequenos grupos populacionais. Esta relação estanque com o objeto de suas ações, enrijece-se ainda mais por sua hegemonia, política-econômica-institucional, sobre outras formas de conhecimento.

Neste particular, FERNANDES (2004), propõe o deslocamento do eixo terapêutico, fundado no binômio saúde-doença e de herança clínico-médica, para o eixo da Saúde Social, campo de investigação compartilhado com a Psicologia Social, para, desse modo, “conduzir a discussão à dimensão da subjetividade enquanto expressão das diferentes modalidades de subjetivação de nossa cultura e das singularidades próprias do movimento de constituição do sujeito psíquico.”(FERNANDES, 2004, p.38). Assinala ainda para essa discussão a participação de uma metodologia de investigação que procura definir seu objeto pela análise das muitas formas através das quais ele se apresenta (uma herança da Psicanálise), como por exemplo, no diálogo que pode ser estabelecido entre os estudos epidemiológicos com os de pesquisas qualitativas. Juntos permitem avaliar a grandeza da problemática estudada, seu momento histórico, os fatores socio-econômicos envolvidos, além de outros aspectos que se mostrarem relevantes para o estudo; no sentido do reconhecimento dos processos de

subjetivação que estão em jogo nas redes de significações locais, coletivas/grupais nas quais os sujeitos estão envolvidos.

Embora o campo da aids dependa sobremaneira da investigação científica concebida a partir do modelo clínico experimental para a promoção de novas descobertas dos mecanismos de evolução e reprodução do vírus HIV, novos métodos terapêuticos e medicamentosos, etc; essa, talvez, não seja exatamente uma realidade no que se refere à prevenção. Várias experiências nesse sentido têm sido registradas com bastante sucesso, como já apontado acima por AYRES (2001), quando se refere à diversidade de práticas de saúde que surgem constantemente no campo. Segundo este autor, apesar de muito precisar ainda ser feito, o desenvolvimento do debate no campo da saúde, especialmente na década de 90, recolocou o sujeito como ator das reformas, no contexto do debate democrático, dos fóruns de discussão onde prevalecem os conflitos de interesses e os consensos possíveis. Atualmente, destaca-se o caráter plural e articulado com a maior parte das instâncias do saber e dos formuladores e executores das políticas públicas de saúde como fundamental para a elevação do nível de qualidade de vida e da compreensão da saúde, para além da relação sujeito-doença.

As reflexões dos autores apresentados até este ponto do texto, resgatam um sujeito que “coincide” com o sujeito da psicologia social e da psicanálise, ou seja, o sujeito da ação e o sujeito do discurso, que tem sua subjetividade construída a partir de sua inserção nos grupos sociais (na família, escola, trabalho, institucionais etc), numa determinada cultura, sob determinadas condições sócio-econômicas, com uma história particular e coletiva – do sujeito psicossocial – o qual, de alguma forma, precisa proteger-se para sobreviver. Para o resgate efetivo desse sujeito e suas redes sociais como centro do cuidado e atenção na saúde é necessário que sejam congregadas todas as áreas afins do campo da saúde. Cada qual, no entanto, tem uma tarefa importante a ser empreendida que se refere à reflexão sobre os

paradigmas que sustentam suas práticas e pesquisas e, dessa forma, avaliar as contribuições possíveis que tem a oferecer ao campo da saúde.

Num levantamento recentemente realizado por MORENO (2001) acerca da produção científica no campo da aids a partir da abordagem psicanalítica, revelou-se que a grande maioria dos trabalhos publicados refere-se, basicamente, ao estudo da dinâmica do funcionamento psíquico e suas determinações no processo de infecção e adoecimento de aids, abordagem de concepção clínica, diagnóstica e de contribuição limitada à formulação de programas e políticas públicas de saúde. Esse dado mostra o descompasso da psicanálise frente às demandas da área de prevenção de DST/Aids.

Junto à proposição de uma modalidade de intervenção para a prevenção, este estudo tem por objetivo trazer ao campo da saúde as contribuições da psicologia social de Pichon-Rivière, cujos fundamentos sustentam-se nos princípios básicos da psicanálise de Freud. Tem-se, então, como recorte teórico, o ponto de intersecção de duas áreas do campo da psicologia.

Referir-se à psicanálise é considerar sua hipótese fundamental e constitutiva, o inconsciente. Uma premissa teórica decorrente da experiência de tratamento de Freud, na qual se observou que o “psiquismo não é redutível ao consciente e que certos ‘conteúdos’ só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas certas resistências; revelou que a vida psíquica era ‘... cheia de pensamentos eficientes embora inconscientes, e que era destes que emanavam os sintomas’⁵; levou a supor a existência de ‘grupos psíquicos separados’ e, de modo mais geral, a admitir o inconsciente como um ‘lugar psíquico’ particular que deve ser concebido não como uma segunda consciência, mas como um sistema que possui conteúdos, mecanismos e, talvez, uma ‘energia’ específica.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992).

Segundo Kaës (1999), os enunciados desta hipótese não estão totalmente estabelecidos, pois o inconsciente só pode ser reconhecido de maneira indireta, por seus

⁵ Citação de Freud, S. Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol XII, pg.

efeitos, a partir de suas construções como os sonhos, os sintomas, os lapsos etc; e, a partir de um dispositivo adequado para o desenvolvimento da situação psicanalítica, ou seja, uma situação na qual os sujeitos do inconsciente – analista e analisando – estejam em condições de introduzir-se na exploração dos efeitos do inconsciente, ao mesmo tempo de desprender-se deles, e assim, produzir um movimento de transformação da realidade psíquica inconsciente (seus processos e formações), no qual se considera a singularidade da estrutura e da história do sujeito. Esses dispositivos compreendem: o fenômeno da transferência, o processo associativo e os enunciados interpretativos. (Kaës, 1999, p. 47).

Desse modo, a noção de sujeito implicada neste estudo considera a dimensão do inconsciente como instituição psíquica fundamental para a compreensão e intervenção no trabalho de promoção de prevenção. Ela não se refere, no entanto, ao sujeito singular, que tem uma dinâmica psíquica própria que apreende as coisas do mundo e as organiza internamente, à sua maneira, à parte do mundo social e simbólico, mas na consideração daquilo que Kaës define como o Sujeito do Inconsciente (como sujeito do grupo), ou seja, da dimensão que faz “do sujeito singular, enquanto Sujeito do Inconsciente, o elo, o servidor, o beneficiário e o herdeiro da cadeia intersubjetiva da qual ele procede. (...) Sobre essa cadeia se apóiam mais de uma formação de sua psique; no seu feixe circula, transmite-se e se amarra a matéria psíquica das formações comuns ao sujeito singular e aos conjuntos, do qual é parte constituinte e parte constituída.”(KAËS, 1993, p.39). Os conjuntos dos quais fala o autor são os grupos sociais, espaço de produção simbólica, constituídos por um emaranhado de relações complexas e densas que se processam tanto na dimensão da dinâmica psíquica interna (intrapíquica), da relação com o outro (intersubjetiva), quanto daquilo que se herda psicologicamente da família e da cultura (transubjetiva), em função das quais, manifestações psíquicas específicas do grupo são mobilizadas.

Neste campo de entrecruzamentos, o meio de intermediação é a linguagem, ou como melhor nos informa COSTA (1992) quando nos diz que “sempre que imaginamos o sujeito nos ocorre alguma coisa distinta dos atos de fala e dos fenômenos sensoriais. Pensamos que o sujeito é alguém que sente, fala, julga etc. O sujeito é ‘alguma coisa’ diferente da linguagem e das reações sensoriais. Recebe as sensações que o informam a respeito das coisas, dos estados das coisas e eventos do mundo e emprega a linguagem para traduzir, interpretar e comunicar a outros o que sente, o que pensa etc. Tal imagem do sujeito nos permite dizer que ele ‘representa’ o que sente, vê, ouve de tal ou tal maneira. Dito de outra forma, entre o mundo das sensações e o das representações haveria o mundo da linguagem que espelharia, mais ou menos incorretamente, aquilo que é sentido.” (COSTA, 1992). É importante frisar nesta citação que o autor emprega o termo linguagem no sentido de um discurso organizado, como um dos recursos possíveis de comunicação, de circulação da “matéria psíquica” que, como apontado acima, pode tomar formas como os atos falhos, os chistes, os gestos, o negativo, os acentos, as quebras no discurso, etc, como formas fundamentais de comunicação dos processos inconscientes.

Neste ponto, é importante ressaltar alguns dos aspectos apresentados pelos autores da área da psicanálise e que farão parte essencial desta modalidade de trabalho proposta para a área da prevenção: sujeito do inconsciente, intersubjetividade, grupo, linguagem, representação. Assim, poderíamos resumir o objetivo central deste estudo como: apresentar uma experiência de trabalho de intervenção na área de prevenção de DST/aids a partir de uma proposição em grupo que privilegia o lugar do sujeito inserido num grupo social (HSH e outros grupos) que se articula com outros sujeitos (campo da intersubjetividade) a partir de suas representações internas e externas (geradas e determinantes no mundo social e da cultura), intermediadas pela linguagem (língua e as falas do grupo) no sentido da construção de um projeto (ressignificação e criação de novas representações) de prevenção contra a

epidemia de aids. O relato e análise deste processo será a via pela qual tentaremos mostrar como o trabalho em grupo pode afirmar uma proposição efetiva para o trabalho de prevenção. A idéia fundamental deste estudo é que o acesso às representações, através do trabalho em grupo pelos procedimentos psicanalíticos, permitiria, por um lado, a abertura de uma brecha entre os mecanismos psíquicos que manteriam enclausurados conteúdos nas representações inconscientes aos quais o sujeito não teria acesso - a parte desconhecida de si mesmo e que poderia estar na base de uma conduta não preventiva - em nível consciente. E por outro lado, a integração destes conteúdos ao processo de resignificação das representações conscientes como processo fundamental para a circulação de novas idéias e sentidos sobre como proteger-se contra as DST/HIV.

A modalidade de trabalho em grupo adotada neste estudo é proveniente dos desdobramentos metodológicos da pesquisa realizada por Pichon-Rivière no sentido da formulação da sua psicologia social, a partir da qual ele cria um “procedimento” de trabalho cujo objeto de estudo é o desenvolvimento e a transformação de uma relação dialética entre a estrutura social e a configuração do mundo interno do sujeito, pontuada através da noção de vínculo. Este conceito é central na obra de Pichon-Rivière, cujo trabalho teve como ponto de partida, em 1936, a questão da loucura em instituições psiquiátricas. Sua experiência neste contexto leva-o a criar os *grupos operativos*, primeiramente organizados para enfermeiros da instituição como grupos de aprendizagem sobre conhecimentos de psiquiatria. O sucesso neste trabalho levou Pichon-Rivière a desenvolver esse modelo a diversos outros domínios: grupos familiares e de aprendizagem e em diversas áreas da saúde. No capítulo três, apresentaremos com maiores detalhes as questões relativas à teoria e a técnica de Grupos Operativos.

CAPÍTULO I

AS POLÍTICAS E PRÁTICAS EM SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL E A ÁREA DE PREVENÇÃO DE DST/AIDS

Para conhecermos um pouco da recente história das políticas e práticas em saúde pública no que se refere à prevenção de DST/aids no Brasil, é interessante acompanharmos sua trajetória pela análise das concepções, conceitos e das práticas empregadas no trabalho de prevenção que surgiram neste período de mais de vinte anos.

Tomaremos como referência o trabalho de AYRES (2003), autor que ao longo desses anos tem participado das discussões no campo da Saúde Pública e, em particular, tem contribuído para o desenvolvimento e aplicações do conceito de vulnerabilidade na área de prevenção de DST/aids. O autor refere-se ao início da epidemia como o “período da descoberta” (1981 a 1984), aquele no qual houve uma importante mudança na forma de abordagem da epidemia que, ancorada pelo instrumental da Epidemiologia, passou-se da consideração dos *fatores de risco* (índices estatísticos associados à infecção pelo HIV) para a noção de *grupos de risco*. A partir dessa nova forma de concepção da epidemia, desenvolveram-se estratégias de prevenção que, segundo o autor, mostraram-se “tão equivocadas e ineficazes, do ponto de vista epidemiológico, quanto incitantes de profundos preconceitos e iniquidades (...). A prevenção gravitou, nessa época, predominantemente em torno dos grupos de risco e do tema da abstinência e do isolamento: os ‘pertencentes’ a esses grupos não deveriam ter relações sexuais, doar sangue, usar drogas injetáveis. Os resultados práticos dessas estratégias são bastante conhecidos: além de êxitos técnicos muito restritos, produziram em grande escala estigma e preconceito.” (AYRES et al, 2003, p.120).

Relata fatos que compuseram um quadro, o qual denomina como o “período das primeiras respostas” (1985 – 1988), quando a epidemia da aids já estava amplamente estabelecida, assim como o conhecimento sobre seus mecanismos de infecção, as formas de seu diagnóstico, o início dos primeiros programas públicos de prevenção e tratamento e as primeiras pesquisas sobre vacinas e medicamentos. Neste processo, o conceito de grupo de risco não deixou de receber severas críticas pelo seu uso e conseqüências decorrentes, especialmente por aqueles mais diretamente atingidos por seus efeitos estigmatizantes, isto é, o movimento homossexual americano, por exemplo. Nesse momento, verifica-se um salto de compreensão da epidemia em relação ao contexto da primeira fase, pois “ele tende a retirar o peso do estigma dos grupos nos quais a epidemia foi inicialmente detectada, universaliza a preocupação com o problema e estimula um ativo envolvimento individual com a prevenção” (AYRES et al., p.121). Nesse período, não mais se promovia a abstinência e o isolamento como formas de prevenção, mas aquilo que o autor chama de “estratégias de redução de risco” (difusão de informações e promoção do “sexo mais seguro”, controle de bancos de sangue, distribuição de preservativos, testagem e aconselhamento e, mais recentemente, programas de distribuição ou troca de agulhas e seringas). Ainda assim, revela as limitações dos conceitos, pois “a tendência à culpabilização individual é a sua outra face: quando o comportamento do indivíduo é trazido para o centro da cena, a conseqüência inevitável é que se atribua à displicência pessoal, para dizer o mínimo, a eventual falha na prevenção.” (AYRES et al, 2003, p.121).

O movimento de construção de estratégias para enfrentamento da epidemia recebeu, neste momento, críticas e contribuições das mais diversas áreas, tanto do movimento social organizado (especialmente o movimento pelos direitos das mulheres), quanto do meio técnico e acadêmico que somadas à “experiência que foi sendo acumulada com a implementação de programas de prevenção de base comportamental fortalecia a percepção dos limites dessas

estratégias.” (AYRES et al, 2003, p. 121). Em particular, assinala a contribuição da discussão do conceito de “empowerment”, cujo princípio básico prevê que a mudança para um comportamento protetor na prevenção da aids não se restringe aos componentes “informação + vontade”, mas passa por coerções e recursos de natureza cultural, econômica, política, jurídica e policial, inclusive, desigualmente distribuídos entre os gêneros, países, segmentos sociais, grupos étnicos e faixas etárias.

O embate dessas posições e oposições fez eclodir aquilo que ele assinala como uma nova fase do processo de enfrentamento da epidemia, o “período atual” (1989 aos dias atuais), o qual tem por característica a “mundialização” da epidemia, de modo explosivo no continente africano e asiático, e a reiteração de sua tendência à pauperização, ou seja, entre os setores socialmente menos favorecidos, os mais pobres, as mulheres, os negros, os jovens. Aponta este período como sendo de grande evolução na perspectiva clínica (a rápida evolução no campo de diagnóstico e da terapêutica – destaque para o coquetel de anti-retrovirais), mas sem correspondência no campo de controle da epidemia. Neste último, salienta como determinante, o problema da apatia dos setores mais poderosos, visto que a epidemia tomou vulto maior nos setores mais pobres da população, da sociedade em geral e, em especial, do descaso dos formuladores e financiadores de políticas públicas.

O papel das ONG (organizações não-governamentais), segundo avaliação do autor, foi fundamental em reação a essa postura, pois além de propor ações de prevenção de maior alcance social, as quais se deram em reação direta e crítica à redução individual de riscos, contribuíram para melhor aplicação e controle dos recursos disponíveis para o setor. Da mesma forma, o conceito de vulnerabilidade propiciou um avanço frente às abordagens teóricas e intervenções restritas ao HIV, ao risco, ao comportamento individual e às abordagens biomédicas, pois é o “movimento de considerar a chance de exposição das pessoas ao adoecimento como a resultante de um conjunto de aspectos não apenas

individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens para se proteger de ambos.” (AYRES et al., 2003, p.123). Sobre o processo de análise de vulnerabilidade, apresenta os três eixos a partir dos quais a análise deve estar articulada:

- *“Componente individual:* diz respeito ao grau e à qualidade de informação que os indivíduos dispõem sobre o problema; à capacidade de elaborar essas informações e incorporá-las aos seus repertórios cotidianos de preocupações; e, finalmente, ao interesse e às possibilidades efetivas de transformar essas preocupações em práticas protegidas e protetoras.
- *Componente social:* diz respeito à obtenção de informações, às possibilidades de metabolizá-las e ao poder de as incorporar a mudanças práticas, o que não depende só dos indivíduos, mas de aspectos, como acesso a meios de comunicação, escolarização, disponibilidade de recursos materiais, poder de influenciar decisões políticas, possibilidade de enfrentar barreiras culturais, estar livre de coerções violentas, ou poder defender-se delas etc. Todos esses aspectos devem ser, portanto, incorporados às análises de vulnerabilidade.
- *Componente programático:* para que os recursos sociais que os indivíduos necessitam para não se expor ao HIV e se proteger de seus danos sejam disponibilizados de modo efetivo e democrático, é fundamental a existência de esforços programáticos voltados nessa direção. Quanto maior for o grau e a qualidade de compromisso, recursos, gerência e monitoramento de programas nacionais, regionais ou locais de prevenção e cuidado relativo ao HIV/Aids, maiores serão as chances de canalizar os recursos sociais existentes, otimizar seu uso e identificar a necessidade de outros recursos, fortalecendo os indivíduos diante da epidemia.” (AYRES, 2003, p.123).

Podemos apreender que o conceito de vulnerabilidade segue na linha apontada na introdução deste estudo sobre a tomada em “pulso suas lentes grande-angulares para outras dimensões e complexidades do conhecimento humano” e o faz com bastante clareza ao apontar fatores (componentes) fundamentais que participam da regulação de situações de risco à infecção e, dessa forma, colocam em relatividade fatores ou estratégias como mudança do comportamento ou motivação da vontade individual como foco de ações. Subsidiem, neste aspecto, ações de cunho político, social e institucional no sentido da superação do enfoque da epidemia sobre o prisma do reducionismo científico.

A discussão sobre o conceito de vulnerabilidade, embora tenha surgido no campo da aids, no começo da década de 90, afina-se com as discussões que se têm desenvolvido nos últimos 20 anos a respeito do conceito moderno de promoção da saúde contra a acentuada medicalização da saúde na sociedade e no interior do sistema de saúde. A promoção da saúde está associada a um “conjunto de valores”; vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e parceria, entre outros que envolvem ações do estado (políticas públicas saudáveis), da comunidade (reforço da ação comunitária), de indivíduos (desenvolvimento de habilidades pessoais), do sistema de saúde (reorientação do sistema de saúde) e de parcerias intersetoriais, ou seja, uma responsabilização múltipla pelos problemas e pelas soluções propostas para os mesmos. Essa abertura aos diversos aspectos da vida dos cidadãos é decorrente do entendimento que a saúde tem determinações sociais, econômicas, políticas e culturais mais amplas do que simplesmente a herança genética, a biologia humana e os fatores ambientais mais imediatos. (BUSS, 2003).

As duas abordagens acima descritas marcam importantes desenvolvimentos no campo das políticas públicas de saúde, tanto pela expansão do conceito de saúde para além da clínica e do conhecimento biomédico e da ampliação do enfoque do campo individual para o coletivo, quanto pela inversão da perspectiva de análise da doença para a saúde. As diretrizes e o campo de trabalho que propõem para a saúde pública permitem a congregação de esforços de diversas áreas do conhecimento, embora ainda em processo muito lento frente às demandas da população, mas numa verdadeira ação multidisciplinar.

PARKER (2000), pesquisador dos campos da ciência política e da antropologia, cuja obra tem contribuído sobremaneira às reflexões sobre sexualidade e sobre o impacto da aids em diversos segmentos populacionais, reforça a idéia da necessidade de um certo campo de forças heterogêneo, interdisciplinar, múltiplo, de forma que sejam construídas estratégias mais eficazes na luta contra a epidemia. Sua abordagem dos principais determinantes que colocam

peças e grupos inteiros em situação de risco passa pelo apontamento do fato de que a epidemia está muito ativa e que se alastra pelos “setores mais marginalizados da sociedade que vivem em situações caracterizadas pelas diversas formas de violência estrutural - devido à pobreza, ao racismo, à desigualdade de gênero, à opressão sexual e à exclusão social de um modo geral (...) É justamente nesses espaços sociais (...) que a aids existe hoje em dia, sem ser impedida em grande escala pelos programas públicos de saúde e de educação, nem pelos avanços tecnológicos que nos têm convencido tão rapidamente de que a emergência já passou e de que a epidemia está sob controle.” (PARKER, 2000, p.9). O autor concorda com a maioria dos críticos das políticas públicas nessa área, de que o controle da epidemia vai além de um processo puramente técnico, passa por um enfrentamento das estruturas de desigualdade e de opressão de natureza econômica e social e por uma ação política. Temos, então, mais uma vez assinalada a importância da consideração do entrelaçamento de aspectos econômicos, sociais e políticos na determinação de situações e espaços de risco de infecção, assim como da importância de conjugação de esforços técnicos, científicos, sociais e de ação política no enfrentamento à epidemia.

Uma outra questão que concerne mais especificamente ao campo da pesquisa e que até o surgimento da epidemia da aids havia sido relegada a segundo plano, refere-se à pesquisa sobre sexualidade. PARKER (2000) aponta uma ausência de tradição em teoria e métodos mais amplamente desenvolvida e consistente na área, de forma que proveja pesquisadores e elaboradores de políticas públicas na elaboração de estratégias mais eficazes de prevenção de aids. Esse impasse demanda um repensar o modelo de pesquisa que fundamenta o campo, atualmente, cujas limitações teórico-metodológicas revelam não estar baseado numa teoria do comportamento sexual ou, na maioria das vezes, por nenhuma teoria. Os procedimentos de pesquisas atuais baseiam-se, em grande parte, na coleta de dados descritivos sobre o que se apresenta “naturalmente”, sempre na expectativa do surgimento de algum *insight* teórico.

O autor contrapõe-se a essa atitude investigativa, de caráter fortemente empirista e naturalista, por um tipo de abordagem que tem sua atenção voltada às forças sociais, culturais e econômicas, cuja ação molda o comportamento sexual em ambientes diferentes, assim como constitui os complexos significados que tanto os indivíduos como os grupos sociais associam à experiência sexual. Considera a conduta sexual como uma construção social e cultural, abordagem que veio a se constituir como “perspectivas construcionistas sociais”. Sua influência aparece com força entre os construtores de um novo e mais amplo olhar no campo da saúde pública e das ciências da saúde. Porém, ainda é incipiente frente à hegemonia da abordagem de caráter naturalista que domina a prática e a pesquisa médica científica.

PARKER (2000) assume como perspectiva, para o desenvolvimento de pesquisa e ações em prevenção, a reflexão sobre as questões complexas que estão envolvidas na prevenção da aids. Considerar os significados subjetivos (psicológicos) e intersubjetivos (sociais e culturais) a ela associados podem ser muito mais relevantes do que a descoberta da frequência de um dado comportamento, por exemplo; além do que permitiriam uma abertura para abordagens metodológicas potencialmente úteis no sentido de contribuir com novas visões sobre as questões em discussão, como as abordagens etnográficas, análises lingüísticas etc. Igualmente importante é o reconhecimento de diferenças na organização de complexos sistemas sociais e culturais que formam e estruturam os contextos nos quais as interações sexuais acontecem – as comunidades sexuais e suas subculturas -, e que variam fortemente de uma sociedade a outra, de acordo com o contexto sócio-econômico-cultural. Por exemplo, as diferenças existentes entre a comunidade homossexual americana e a brasileira. Segundo o autor, é nas comunidades (redes) sexuais que se desenvolvem as possibilidades de interação sexual entre as pessoas, suas regras, códigos implícitos e explícitos impostos pela cultura.

É neste contexto que PARKER (2000) ressalta que o entendimento das diferenças entre culturas e subculturas sexuais é imprescindível para o desenvolvimento de atividades

eficientes de educação e prevenção de Aids. Cita, como exemplo, a necessidade de estratégias de prevenção diferenciadas para homossexuais que não se identificam como gays ou bissexuais e para homens que estão mais profundamente integrados nas comunidades gays. Da mesma forma, em relação a mulheres em situação de opressão sexual ou violência. Neste campo, as estratégias não podem ser as mesmas usadas com mulheres cujo meio social ou cultural lhes oferece formas mais eficazes de negociação de práticas sexuais e reprodutivas. Os significados intersubjetivos e o contexto social das interações sexuais devem necessariamente informar o planejamento de estratégias de intervenção apropriadas.

Neste estudo, observou-se que a divisão entre campos, áreas e segmentos em saúde serve como estratégia de organização e abordagem para algumas ações (campanhas, estudos epidemiológicos, programas específicos ou até mesmo categorias populacionais – HSH, por exemplo), mas deve ser reavaliada constantemente como forma de evitar uma limitação no campo de trocas de experiências e conhecimentos do que se acumula com a pesquisa em diversas populações. Não se pode esquecer que as pessoas, em seu cotidiano, participam de uma infinidade de grupos sociais nos quais interagem, fazem trocas simbólicas, de experiência afetiva e racional. Se a diretriz das atuais pesquisas em saúde volta-se para contextos mais amplos, é importante que seja garantida a possibilidade de generalizações e discriminações do campo semântico como possibilidade de garantir a heterogeneidade do processo.

As questões apresentadas até este ponto tentam apresentar alguns aspectos concernentes à orientação que pesquisa e ações de prevenção têm sido desenvolvidas até os dias atuais, como forma de esboçar um quadro no qual se tenta localizar a proposta deste estudo, cuja perspectiva de alcance é o serviço público de saúde - particularmente pela relação histórica de colaboração em pesquisa e extensão que a universidade pública tem com ele -, e pelo fato de a experiência de intervenção e investigação ter sido nele desenvolvida.

Pesquisadores com experiência de intervenção em instituições públicas, na área de prevenção de DST/ aids, comungam da idéia de que são necessários contextos mais amplos e aprofundados, assim como abordagens mais interativas no que concerne às estratégias de prevenção. Nessa linha, fazem críticas à redução dos procedimentos adotados na área à reserva clínica e às abordagens de cunho pedagógico que ainda se dão no setor. Segundo PAIVA (2002), verifica-se que “tanto nas experiências de prevenção, como nos centros especializados em atendimento aos portadores do HIV, raramente se tem incorporado a compreensão que já acumulamos sobre os fatos sócio-culturais que ampliam a vulnerabilidade ao HIV e ao adoecimento. Os serviços continuam basicamente organizados para dar conta dos fatos biomédicos e da educação centrada nas vias de transmissão e na promoção dos instrumentos de proteção (preservativo, abstinência, seringas descartáveis, etc) ou no controle clínico da infecção e da adesão”. (PAIVA, 2002, p.30)

Na área específica da prevenção que trabalha com o segmento da população denominado de HSH “homens que fazem sexo com homens”⁶; TERTO Jr.(2002) chama a atenção para os novos desafios que o planejamento em prevenção deverá enfrentar nos próximos anos da epidemia. Entre eles, destaca a importância que os programas de prevenção considerem possibilidades mais amplas de atendimento a jovens homossexuais, antes de transmitir orientações práticas daquilo que se convencionou chamar de “sexo mais seguro” (uma das primeiras estratégias de resposta à epidemia, desenvolvida pelos grupos de ativistas homossexuais americanos), pois, antes de administrar informações é preciso levar-se em conta as dificuldades de prevenção para essa população. Entre elas, estão relacionadas culpa e vergonha, sentimentos que podem ser subsidiários de representações pelas quais todo homossexual é doente de aids e responsável pela disseminação do vírus a outros segmentos; assim como pela responsabilização do jovem por infectar-se ou infectar outras pessoas, no

⁶ Categoria criada pelos formuladores de políticas e programas de prevenção como estratégia de alcançar em suas ações tanto aqueles que se identificam como homossexuais ou bissexuais, assim como aqueles que se identificam como heterossexuais, mas que têm práticas sexuais com homens.

caso de um resultado positivo de teste anti-HIV. Estes mesmos sentimentos também podem estar envolvidos quando da transmissão das recomendações de sexo mais seguro, pois enquanto as informações são transmitidas como mandamentos a serem cumpridos, sem contestação, não há o direito de equivocarse: interpreta-se como irresponsabilidade, negligência ou fracasso de negociação quando a regra não é cumprida.

Revela uma outra dimensão da tarefa de prevenção neste, ou em qualquer outro segmento, ao assinalar que as iniciativas de prevenção devem prever que a negociação do sexo mais seguro está sujeita a uma série de fatores e circunstâncias que variam ao longo da história do sujeito, assim como da possibilidade de não ser possível praticar sexo seguro sempre, em todas as relações sexuais por toda a vida. Assim, é importante procurar entender essas variações ao longo do projeto de vida dos sujeitos em vez de forçar aspectos normativos e de controle que as mensagens de prevenção podem conter e, assim, alimentar sentimento de culpa e vergonha a cada vez que as práticas sexuais de risco ocorrerem (TERTO Jr., 2002).

Estes apontamentos sobre as dificuldades de comunicação entre as partes envolvidas no trabalho de prevenção revelam a importância da adoção de estratégias e abordagens mais apropriadas para o trabalho de prevenção. PAIVA (2002), em suas considerações sobre os modelos correntes em prevenção, ressalta aspectos fundamentais da crítica formulada por Paulo Freire ao modelo tradicional de ensino, definido como “educação bancária”⁷, na qual “um conjunto de informações definidas como relevantes pelo educador (produtor) são ‘depositadas’ naquele que deve consumi-la (...) O consumidor deve aprender a usar adequadamente os produtos (preservativos, scripts de sexo seguro, medicação) e conseguir realizar os comportamentos que devem ser treinados. O pressuposto, mesmo que inconsciente,

⁷ Conceção originada na área de educação que critica a limitação do ato de ensinar a uma ação de depósito de um saber pré-fabricado. Em vez de comunicar, o educador faz comunicados aos educandos que os recebem, memorizam e reproduzem. A concepção bancária da educação nasce, cresce e reproduz-se numa sociedade opressora na medida em que alimenta o mito de que a realidade é estática, compartimentada e alheia à experiência dos educandos. Neste sentido, a educação bancária reproduz a ordem dominante uma vez que forma seres acríticos e ajustados à realidade presente.

é de que o produtor sabe o que é mais adequado e aceitável para ‘todos’, e age com a pressa e boa intenção de quem não quer correr o risco (público) de que o consumidor não realize o que se espera dele. E escolhe o meio (que funciona como ‘mídia’, ‘estratégia de marketing’) que trata de vender essa idéia, produto ou comportamento.” (PAIVA, 2002, p.32).

É importante deter-se nesta questão, sobre os modelos comportamentais no trabalho de prevenção. Num breve histórico sobre esse aspecto da área de prevenção, PARKER (2000) assinala que, na história da epidemia de HIV/Aids, as estratégias para aumentar a instrução sobre aids como forma de aumentar o conhecimento sobre a transmissão do HIV, mostraram-se em curto período insuficientes para desencadear mudanças comportamentais preventivas. Em consequência, houve um deslocamento para estratégias de intervenção comportamental, baseadas em teorias psicodinâmicas de mudança comportamental, cujo propósito era ir além do conhecimento e da informação para fornecer fontes multidimensionais de apoio à mudança no comportamento de risco (Modelo de Crenças de Saúde, Teoria da Auto-Eficácia, Modelo dos Estágios de Mudança, Modelo de Redução de Risco à Aids – ARRM, por exemplo). Apesar da importante evolução no campo empreendida por essas teorias ou modelos de mudança comportamental e que serviram de base para o desenvolvimento de grande parte da pesquisa e dos programas de prevenção, a ênfase por conhecimento, posturas e habilidades que se encontra no centro da concepção de cada uma delas, não contempla uma série de questões sociais e culturais mais amplas que também têm sido identificadas como fundamentais. Daí emergiram teorias de influência social que buscam explorar algumas das maneiras pelas quais as mudanças nos ambientes e normas sociais podem influenciar mudanças de comportamento individuais (Teoria da Ação Racional, Teoria do Aprendizado Social e a Teoria da Ação Social, ARRM reformulado para incorporar os fatores contextuais, sociais e culturais). Mesmo com essas modificações e sofisticções da área de prevenção, havia uma dificuldade na expansão dessas abordagens por superarem a abordagem de

indivíduos e pequenos grupos para o âmbito das comunidades ou populações (Intervenções Estruturais, Mobilização Comunitária, são algumas tentativas de ultrapassagem). Merece destaque a Teoria da Transformação Social (*Collective Empowerment*), cujo objetivo é analisar as questões relacionadas ao poder e à opressão. Ela tem como base o trabalho de Paulo Freire a partir do processo educacional transformador, no qual participantes exploram e questionam suas próprias vidas e realidades e, através dessa exploração e questionamento, começam a experimentar um processo de capacitação e transformação coletiva com o fim de reagir às forças que os ameaçam e oprimem. (PARKER, 2000, p.93).

Nesta orientação metodológica, DÍAZ (1998) desenvolveu seu trabalho, o qual se transformou numa das primeiras referências no desenvolvimento de um estudo que pudesse estabelecer uma ação de prevenção com uma perspectiva mais ampla e contextualizada nos fatores interagentes à área da prevenção (fatores sociais, culturais, econômicos etc) e de forma mais dialogal entre a instituição e seus usuários. Nele, estudou homens homossexuais e bissexuais latinos nos EUA. Reunidos em grupos de discussão, coordenados por dois facilitadores gays, latinos e especializados em saúde e com orientação de trabalho nos princípios do que denomina como "empowerment education"⁸. Os resultados da pesquisa de Díaz mostram como a epidemia de HIV/AIDS tem atingido os homens gays e latinos profunda e desproporcionalmente, em particular como a atitude de auto-regulação frente à situação de risco é perturbada por uma série complexa de fatores sócio-culturais como: machismo, homofobia, silêncio sobre questões sexuais, rompimento familiar, pobreza e

⁸ Segundo DÍAZ (1998) "The method of empowerment education is used for promoting the functions of self-observation, evaluative judgments, and the development of self-reactive strategies. The most basic principle of empowerment pedagogy is that individual and communities (rather than professionals) must define their own problems or difficulties and devise their own solutions (FREIRE, P. 1993). The professional educator's role is thus to *facilitate* or collaborate with this process of self-defining problems and strategic solutions. This collaboration is achieved by asking challenging questions, by presenting "eye-opening" data or facts about the community, by promoting critical thinking about specific problems and potential courses of action to address them, and by mirroring, reflecting, and articulating the self-defined problems in order to elicit the construction of strategic courses of action (SHOR, 1992). Because, in this model of education, strategic skills are self constructed rather than externally given, empowerment methods were chosen as the most efficient way to promote self-regulatory functioning in the sexual domain." (DÍAZ, 1998, p.154).

racismo. Estes fatores, segundo o autor, atuam na diminuição da auto-estima, na percepção de baixo controle sexual, percepção de isolamento social e fatalismo sobre a inevitabilidade da infecção do HIV.

A proposta inicial deste projeto nasceu sob inspiração do trabalho de DÍAZ, mas também sob o desejo de conhecer como os procedimentos de intervenção estão estruturados e são desenvolvidos no serviço público de saúde da cidade de São Paulo, na ponta, no atendimento à população. Lá, prevalece um tipo de orientação preventiva de caráter pedagógico pelo qual informações e orientações sobre infecção e formas de prevenção das DST/Aids são transmitidas em cursos, palestras, debates; nos quais são privilegiados os aspectos cognitivos e racionais da recepção da informação, e deixam pouco espaço para discussões mais amplas, além das questões de prevenção, tais como saúde, sexualidade, projetos de vida, relações afetivas, direitos, cidadania etc. Como mediador desse discurso unilateral está o “especialista”, o profissional de saúde ou o cientista da sexualidade que, por trás de si, conta com o apoio das instituições de ensino e saúde. Esta observação é compartilhada com as experiências que têm sido desenvolvidas em projetos de prevenção do Nepaids–IPUSP (Núcleo de Estudos para Prevenção da Aids do Instituto de Psicologia da USP), pelo qual este projeto recebeu apoio institucional e financeiro para seu desenvolvimento.

Dentre os numerosos e variados estudos desenvolvidos neste núcleo, é importante citar seu trabalho principal, cujo nome assinala a importância de um campo das humanidades até então muito pouco solicitado nos programas de prevenção, *Fazendo Arte com Camisinha*, coordenado por PAIVA (2000), cuja inspiração fundamental surge também a partir da pedagogia de Paulo Freire, do psicodrama e do construcionismo social; vetores pelos quais se mostrou como a construção histórica e cultural dos gêneros molda as práticas sexuais e acabam por se tornar os principais obstáculos às mudanças necessárias para a constituição

daquilo que se denomina no projeto de *sujeitos sexuais*, “dimensão do sujeito que regula sua vida sexual, em oposição a ser objeto dos desejos e *scripts* sexuais de outros.” (PAIVA, 2000, p.51). Pelo caminho da construção coletiva do conhecimento procedeu-se à troca dos lugares, de quem fala e de quem escuta, para o lugar do diálogo. Neste sentido, a possibilidade de um trabalho de desconstrução, via o conceito de cena sexual (o contexto no qual a prática sexual acontece) do que se entende tradicionalmente por masculinidade e feminilidade.

Esses dados foram importantes como reforço à perspectiva de um trabalho de prevenção que considerasse não mais um indivíduo receptor de informações, usuário de um serviço público ao qual deveria comparecer para algumas sessões de trabalho educativo burocraticamente realizado para, depois, obter os recursos dos quais precisa: preservativos, testagem anti-HIV ou tratamento para aids. Embora compartilhe de uma perspectiva de ações em prevenção semelhante (multidisciplinaridade, fatores psicossociais, trabalho em grupo, abordagem dialogal etc), este estudo toma como orientação, como já assinalado, a psicanálise de Freud e a psicologia social de Pichon-Rivière como abordagens teóricas que sustentam a construção de uma outra modalidade possível de trabalho em prevenção DST/Aids em grupo.

A possibilidade de trabalhar com um segmento da população atingido de forma tão incisiva pela epidemia de aids como o de HSH foi um outro impulso importante ao projeto. As estatísticas epidemiológicas sobre os níveis de infecção de HIV neste segmento são bastante importantes, mostram em sua história que no Brasil e, do modo semelhante, no Município de São Paulo, há uma importante modificação no que concerne ao número de casos notificados de aids. Os dados apontam um decréscimo acentuado na categoria de exposição homossexual: de 54,5% em 1982 para 16,3% em 2002, em nível nacional⁹ e de 66,7% em

⁹ Boletim Epidemiológico de AIDS do Ministério da Saúde, CN-DST/AIDS, Tabela IV, Casos de Aids, segundo ano de diagnóstico e categoria de exposição hierarquizada. Brasil, 1980-2002. Brasília, Ano XVI, nº 1, apr/02 to dec/02

1990 para 29,3% em 2001, na cidade de São Paulo¹⁰. Apesar dessa mudança significativa, a população de HSH mantém um índice expressivo nos índices de infecção por HIV. Essa realidade deveria torná-la alvo preferencial para ações preventivas constantes, no sentido de aumentar a prevalência da prática de sexo mais seguro. Dados recentes colhidos entre usuários de Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) na cidade de São Paulo com resultado positivo para o HIV mostram um grande percentual de pessoas que não adotam o uso de preservativo em todas as relações sexuais, (apenas 35% dos homens referiram-se ao preservativo em todas as relações sexuais), sendo que 49% dos homens que compuseram a amostra denominaram-se homo-bissexuais¹¹. Na época de elaboração e execução deste projeto não havia estatísticas sobre a retomada do aumento dos níveis de infecção nesta população¹², nem registros mais esclarecedores sobre o fenômeno do barebacking¹³ que atualmente preocupa sobremaneira as autoridades sanitárias americanas e ativistas políticos, tal como nos descreve Halkitis (2003). Estes fenômenos lançam desafios para a prevenção num nível de complexidade que exige um repensar profundo e urgente sobre novas abordagens e estratégias de prevenção que subsidiem as políticas e as práticas de prevenção para que, de alguma forma, dêem conta de reter o alastramento da epidemia.

Todas essas considerações sobre o histórico da epidemia, conceitos e proposições de estratégias que têm sido adotadas para combatê-la e especialmente a discussão sobre a noção de sujeito que se adota no desenvolvimento de pesquisas e nas práticas em saúde são

¹⁰ Boletim Epidemiológico de Aids do Município de São Paulo, DST/Aids Cidade de São Paulo, Tabela III, Casos de Aids em maiores de 13 anos, do sexo masculino, segundo categoria e exposição hierarquizada e ano de diagnóstico. 1980-2002.

¹¹ Veras, M.A.; Bassichetto, K.C. et al. Infecção pelo HIV em usuário dos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), da rede municipal de saúde de São Paulo, 2000-2001: diferenças entre os gêneros. In: Boletim Epidemiológico de Aids, Coordenação de DST/Aids Cidade de São Paulo SMS/SUS – PMSP, São Paulo, maio 2002, pp.29-30.

¹² Coordenação Nacional de DST/Aids. Pesquisa Nacional com Homossexuais em Sete Capitais Brasileiras. CN/IBOPE, Brasil, 2001. Disponível em: <http://www.aids.gov.br>.

¹³ Traduz-se esse termo por uma ação deliberada entre homens e jovens homossexuais de praticar sexo anal sem a proteção de preservativos. Há relatos de sessões de soroconversão, nas quais portadores do HIV praticam sexo desprotegido com pessoas não portadoras com o propósito de transmitir-lhes o HIV

importantes para pensar-se sobre qual contribuição a psicologia e a psicanálise podem dar para o enfrentamento dessa dura questão em saúde pública.

A primeira proposição que se faz nesse sentido é da importância do trabalho de prevenção em grupos. Segundo KAËS (2000), o interesse pelo trabalho com grupos, particularmente em psicanálise, nasceu associado a grandes catástrofes sociais na primeira metade do século XX, entre as grandes guerras; momentos de crise e ruptura nos quais um grande trabalho de elaboração psíquica e cultural foram requisitados para superar a destruição voluntária e sistemática de setores inteiros da civilização. A crise generalizada instalada nos meios científicos e de práticas em saúde com o advento da aids é reconhecida por todos os setores da sociedade. O resgate da idéia de multidisciplinaridade neste campo certamente está associado às funções organizadoras, de desenvolvimento e manutenção da vida psíquica e social que o grupo proporciona. Segundo KAËS (2000), o grupo oferece um sistema de proteção e defesa em troca de um contrato de pertencimento permanente, o qual está fundado sobre identificações mútuas, representações e ideais comuns, alianças conjuntas e sobre renunciamentos recíprocos às satisfações pulsionais imediatas e aos ideais pessoais. Atua também com um “papel intermediário decisivo nas relações e nos movimento de equilíbrio e de transformação que afetam a sociedade nas diversas dimensões de sua organização social, cultural e política. Obtém dessas funções intermediárias seu valor de instrumento da socialização, na medida em que asseguram a continuidade e a passagem entre o grupo primário (a família), os grupos secundários (grupos de pares, grupos de aprendizagem, grupos de pressão) e o corpo social. É nesses grupos que se estabelecem e transmitem-se os contratos que organizam os saberes comuns, os ideais compartilhados, os sistemas de defesas e proteção mútuos.¹⁴ (KAËS, 2000, p.13-14). É por todas essas funções organizadoras, desenvolventes,

¹⁴ “papel intermediario decisivo em las relaciones y los movimientos de equilibrio y de transformación que afectan a la sociedad em las diversas dimensiones de su organización social, cultural, económica y política. Obtiene de esas funciones intermediárias su valor de instrumento de la socialización, en la medida en que asegura la continuidad y el pasaje entre el grupo primário (la familia), los grupos secundários (grupos de pares,

mantenedoras, protetoras e, especialmente, intermediárias que se resguarda, no grupo, a possibilidade de mobilização de processos psíquicos e dimensões da subjetividade sobre os quais os dispositivos individuais não o fazem da mesma maneira nem com a mesma intensidade. Grupo é, portanto, o lugar privilegiado para a investigação do sujeito psíquico (KAËS, 2000) e o lugar possível de mediação para a investigação das relações intersubjetivas (FERNANDES, 1999).

A modalidade de trabalho que se propõe à área da prevenção de DST/aids refere-se ao Grupo Operativo, tal como definido por Pichon-Rivière, cujas características metodológicas permitem realizar simultaneamente um trabalho investigativo e terapêutico-aprendizagem, pois possibilita o acesso às representações individuais e coletivas, conscientes e inconscientes, acionadas pelo impacto da epidemia na vida dos sujeitos e dos grupos sociais, ao mesmo tempo em que permite acolhê-las e ressignificá-las coletivamente; o que significa reduzir a distância entre os componentes racionais e afetivos do processo de conhecimento.

Este trabalho pretende estudar o sujeito inserido em um grupo social, numa cultura específica, a partir do qual procurará encontrar um caminho que venha a constituir uma forma de abordar a prevenção de forma que contribua na promoção da adoção de sexo mais seguro do grupo estudado (HSH), e, conseqüentemente, na diminuição de sua vulnerabilidade ao HIV e outras DST.

No próximo capítulo abordaremos as questões da teoria e técnica de Grupos Operativos e da sua possibilidade de abrir um processo de resignificação das representações nos grupos, assim, como conseqüência, permitir o acesso a conteúdos inconscientes presentes no campo consciente da circulação de idéias (novas e ressignificadas) sobre como decidir e estabelecer estratégias pelo segmento HSH no processo de proteger-se contra a infecção de HIV e outras DST. É a partir da análise do material proveniente das transcrições das sessões

grupos de aprendizaje, grupos de presión) y el “cuerpo” social. En esos grupos donde se establecen y transmiten los contratos que organizan los saberes comunes, los ideales compartidos, los sistemas de defensa y de protección mutuos.” (KAËS, 2000, p.13-14)

de grupo que procuraremos demonstrar como se opera o processo de ressignificação das representações que lá emergiram e, desse modo, demonstrar a operatividade¹⁵ do Grupo Operativo para o trabalho de prevenção de DST/aids.

¹⁵ No sentido dado por Pichon-Rivière de um procedimento que conduza a uma adaptação ativa à realidade, tanto interna como externa, na qual o interjogo sujeito e contexto vincular social apareça como mutuamente transformador, no sentido de uma relação aberta, dialética, não dilemática, não enrijecida nem congelada pelo estereótipo que estanca o processo de aprendizagem.

CAPÍTULO II

MÉTODO

A) A PROPOSTA

As questões levantadas na introdução deste estudo acerca das noções de sujeito que têm sustentado ou determinado a pesquisa e a definição de políticas públicas de saúde são fundamentais para considerarmos o lugar e a forma como a psicologia social e a psicanálise podem contribuir para o trabalho de enfrentamento da epidemia. Essa tarefa realiza-se ao ser proposta para essa discussão a consideração da noção de um sujeito constituído por várias dimensões que se entrelaçam na construção de sua subjetividade, ou seja, na sua maneira de ser e estar no mundo, de determiná-lo e ser determinado por ele; de reagir e sofrer seus desafios e oportunidades de crescimento.

A dimensão principal que se propõe neste estudo, como fundamental a ser considerada no trabalho de grupos, é originária da psicanálise e de sua hipótese fundamental, qual seja, o estatuto do inconsciente. Como já anunciado na introdução deste estudo, o inconsciente é uma instância psíquica construída e determinada pela linguagem, em seu sentido mais amplo. Essa condição é central para a psicanálise e a psicologia social enquanto condição fundamental na construção de agrupamentos humanos e a cultura. Por esses desdobramentos o sujeito ganha um novo atributo: é o sujeito da palavra, do discurso. Essa condição se desdobra numa outra dimensão, também fundamental a ser considerada neste estudo, pois foi a partir dela que todo o trabalho de intervenção foi desenvolvido: a palavra é considerada como determinante e determinada pelas representações internas e externas geradas nos sujeitos e nos seus grupos e têm suas raízes fincadas tanto no plano racional quanto no plano do afetivo, nas dimensões do consciente e do inconsciente. Ressalte-se que a questão do afeto é uma outra dimensão trazida para este debate que pouco lugar e/ou cuidado encontra nas redes de assistência e prevenção no âmbito da saúde pública.

Ainda uma outra dimensão, é fundamental que se considere o sujeito no contexto de sua vida cotidiana, atravessado por influências e determinações das mais diversas ordens (sociais, econômicas, históricas, culturais etc) e, especialmente, daquilo que é da ordem da psicanálise e da psicologia social, ou seja, do entrecruzamento entre os níveis que se referem à dimensão psíquica interna (intrapísica), da relação com o outro (intersubjetiva), assim como daquilo que se herda psiquicamente da família e da cultura (transubjetiva); níveis constituintes da estrutura da psíquica do sujeito na intersubjetividade, onde se forma o sujeito psicossocial.

A questão da representação terá doravante, neste estudo, um lugar especial de discussão, pois é sobre a sua revelação e a possibilidade de sua ressignificação, acionada pela técnica de Grupo Operativo, que trataremos no espaço de proposição deste projeto, ou seja, na (re)construção de representações que poderiam vir favorecer a adoção de um comportamento protetor frente à possibilidade de infecção pelo vírus HIV, tanto pelo sujeito do grupo, quanto pelo grupo pensado como coletivo.

Na seqüência, serão apresentados pontos fundamentais da teoria e técnica de Grupo Operativo dentro de um contexto básico sobre os princípios e procedimentos a partir dos quais se desenvolve o trabalho com grupos nesta perspectiva.

Finalmente, será apresentado o desenvolvimento deste estudo em sua fase de campo, o qual foi dirigido ao segmento de HSH (homens que fazem sexo com homens) usuário do serviço público de saúde.

B) O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO E O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO:

O conceito de representação é matéria para uma elaboração cuidadosa e bem demarcada, pois atravessa diversos campos do conhecimento (biologia, sociologia, arquitetura, antropologia, matemática etc) e aparece especialmente em áreas e autores da psicologia (Piaget, Freud, Kurt Lewin, Moscovici, Pichon-Rivière, etc). No campo da

filosofia, LEFÈVRE (1980), faz uma abordagem pormenorizada do conceito, a partir de sua história, pela qual mostra como cada autor tem uma concepção diferenciada a seu respeito. Para Heidegger, por exemplo, é o duplo ou o re-duplo, a sombra ou o eco de uma presença perdida; assim a “re-presentação” é uma apresentação debilitada e, assim, ocultada”. Ao referir-se a Freud, aponta que na representação há uma reprodução da percepção, mas que nem sempre é um regresso fiel a esta, pois pode ser modificada por omissões ou mudada pela emergência de diversos elementos. Cita ainda, como fundamental, a consideração do pensamento de Hegel como aquele que elaborou a teoria mais sutil das representações, qual seja, como uma etapa, um nível, um momento de conhecimento, a partir do qual é preciso passar por ela (representação), para dela sair, superando-a. A reflexão sempre pode voltar a cair neste nível médio (mediador) entre o sensível e a abstração verdadeira, conceito e idéia. A partir dessas considerações sobre a representação, LEFÈVRE define-a, genericamente, como “um fato ou fenômeno de consciência, individual e social que acompanha em uma sociedade determinada (e uma língua) tal palavra ou tal série de palavras, por uma parte, e por outra tal objeto ou constelação de objetos. Outras vezes é uma coisa ou um conjunto de coisas correspondentes a relações que essas coisas encarnam contendo-as ou velando-as.”(LEFÈVRE, 1980, p.23)¹⁶

Vê-se que a representação não consiste em uma imaginação, num reflexo ou numa abstração qualquer, mas assume um verdadeiro papel de mediação entre os elementos da realidade (representado) e o sujeito da percepção (representante - naquilo que ele carrega do seu lugar social e da sua cultura), mas sem reduzir-se a eles, pois “as representações sempre têm um suporte social e um conteúdo prático irreduzível (...) As representações não são simples fatos, nem resultados compreensíveis por suas causas nem simples efeitos. São fatos

¹⁶ “um hecho o fenómeno de consciencia, individual y social que acompaña en una sociedad determinada (y una lengua) tal palabra o tal serie de palabras, por una parte, y por otra tal objeto o constelación de objetos. Otras veces es una cosa o un conjunto de cosas correspondiente a relaciones que esas cosas encarnan contenteniéndolas o velándolas.”(p.23)

de palavra (ou se preferir, de discurso) e de prática social. Portanto, as representações e suas tendências provêm de 'sujeitos' sem reduzir-se a uma subjetividade e têm uma objetividade sem reduzir-se a objetos sensíveis ou sociais, muito menos a 'coisas'." (LEFÈVRE 1980, p.95)¹⁷. Disso temos: uma produção de lastro social, psíquico, cultural e político que ocupa os intervalos e os interstícios entre o sujeito e o objeto, entre a presença e a ausência, entre o vivido e o concebido.

Embora sejam elementos dinâmicos e construídos no momento e para além da relação sujeito-objeto - daí seu caráter de fluidez -, "as representações circulam, mas em torno à fixidez: as instituições, os símbolos e arquétipos. Interpretam a vivência e a prática; intervêm nelas sem por isso conhecê-las nem dominá-las. Formam parte delas, somente as distingue a análise"¹⁸ (LEFÈVRE, 1980, p.28)

Neste ponto é importante apresentar o conceito de formações e processos intermediários elaborado por KAËS (1997), como forma de caracterizar mais claramente a função das representações na relação do sujeito com o mundo social, da cultura e os grupos aos quais ele se liga. Segundo este autor, a categoria de intermediário se manifestaria como "as formações e processos psíquicos de ligação, de passagem de um elemento a outro, seja no espaço intrapsíquico (formação de compromisso, pensamento de ligação, Eu, metáfora...), seja no espaço interpessoal (mediadores, representantes, delegados, objetos transicionais, portavoz...) seja na articulação entre esses dois espaços. Sua função é tornar possível a continuidade da vida psíquica, sua complexidade, sua regulação, sua representação por ela própria (auto-representação) e sua representação para outros sujeitos (alo-representação). (...)

As formações e os processos psíquicos intermediários entre os sujeitos singulares e o grupo,

¹⁷ "las representaciones siempre tienen un soporte social y un contenido práctico irreductible (...) Las representaciones no son simples hechos, ni resultados comprensibles por sus causas ni simples efectos. Son hechos de palabra (o si prefiere de discurso) y de práctica social. Por tanto, las representaciones y sus tendencias provienen de 'sujetos' sin reducirse a una subjetividad, y tienen una objetividad sin reducirse a objetos sensibles o sociales, mucho menos a 'cosas'. "(p.95)

¹⁸ "las representaciones circulan, pero en torno a fijeza: las instituciones, los símbolos y arquetipos. Interpretan la vivencia y la práctica; intervienen en ellas sin por ello conocerlas ni dominarlas. Forman parte de ellas, sólo las distingue el análisis" (p.28)

comuns a seus membros, asseguram a continuidade e a articulação entre a psique dos sujeitos e a do grupo, mas se formam e se realizam segundo modalidades próprias em cada um desses espaços psíquicos” (KAËS, 1997, p.224).

O autor mostra neste parágrafo que os intermediários (cita as representações, como também poderiam ser o Ego, os objetos transicionais etc) contribuem para a formação e manutenção das bases de psique humana e dos conjuntos sociais, mas não se localizam ou pertencem exatamente nem a um, nem a outro, nem ao sujeito singular nem ao agrupamento; faz o trabalho de vinculação, de ponte – unir e separar ao mesmo tempo – e, por isso, é uma instância de articulação, de diferenciação, um lugar de simbolização. Ocupa o lugar onde se articulam o psíquico e o social.

Como exemplo, cita a feitiçaria e o pensamento mágico na África como mecanismos de auto-regulação (intermediários) individuais e coletivos que limitam, como uma de suas funções, o desenvolvimento de uma patologia. Neste contexto cultural, a doença é concebida como resultado de relações perturbadas no que se refere à ordem estabelecida ou a vários membros do grupo; a feitiçaria tem um papel de regulação individual e social. Rituais de passagem também são freqüentes em outras culturas, como forma de assinalamento da transição de um dos membros da sociedade, de uma condição a outra; como, por exemplo, as cerimônias de casamento, de aprovação no vestibular e de formatura, de batismo etc que, em geral, são acompanhadas por festas e abundantes alusões (representações) sobre os deveres e regalias da nova condição social.

Do mesmo modo, em Pichon-Rivière, a loucura em um dos membros de uma família nunca é um acontecimento isolado, à parte do contexto familiar e social; mas é aquele que anuncia, um emergente que expressa e toma para si a enfermidade mental de toda a família - o porta-voz de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo. O delírio construído por um membro da família deve ser compreendido como a tentativa de reconstruir, não somente seu

mundo individual, mas, principalmente, o do seu grupo familiar; incluso, secundariamente, o social. KAËS (2000). Tem-se neste processo a loucura como elemento intermediário, de ligação entre várias instâncias.

O processo de constituição e estruturação do mundo interno é importante para que se compreenda a intermediação que as representações cumprem no processo de desenvolvimento psíquico e social, na perspectiva da dialética estabelecida entre sujeitos no jogo interacional, dos vínculos que funda em seu grupo primário (família) e social. Nessa linha de análise, QUIROGA (1992), pesquisadora da obra de Pichon-Rivière, estabelece como importante a compreensão de que a conduta humana é um conjunto de operações materiais e simbólicas pelas quais o organismo, em situação de necessidade, tende a realizar como forma de reduzir as tensões (satisfação) que o motivam e ameaçam sua unidade interna. Esse processo faz do indivíduo o *sujeito da necessidade*. O interjogo interno (necessidade – satisfação) experimentado no sujeito, como tensão, lança-o num outro interjogo, agora externo, (sujeito – contexto vincular-social) em busca de satisfação, ou seja, para a ação. Este processo, no entanto, exige uma sucessão complexa, um mecanismo de modificações internas e externas que objetivam a satisfação de suas necessidades, uma ação concreta, transformadora que modifica tanto o contexto como também o protagonista. Esta é a *condição da aprendizagem*.

Esse processo fica mais claro pela análise da interação mãe-bebê. O bebê, ao sentir o desprazer provocado pela fome, chora. Esta reação atua como redução da tensão interna, mas como acontece num contexto social atua como um disparador (comunicacional) da ação da mãe que prontamente atribui um sentido, um nome ao choro, entre tantos sinais, como fome (necessidade). Na amamentação o bebê experimenta calor, tato, cheiro e o sabor do leite que acalma sua fome. A cada restabelecimento do ato de amamentar, há uma transformação e um estreitamento do vínculo mãe-bebê que segue de uma dimensão corporal (associação de sensações e experiências em torno da boca – primeiras modalidades de inscrição psíquica,

denominadas como imagos) para uma dimensão de representação de objeto, cuja função seria uma evocação do objeto quando do reaparecimento da tensão da necessidade ou quando o bebê quer reeditar a experiência do objeto de forma alucinatória. Nesta última situação aparece o desejo (como noção psíquica) ligado a um objeto, a uma *representação*, estágio que reflete uma nova dimensão do sujeito e do seu comportamento.

Num próximo momento de ganhos e transformações – processo de aprendizagem – o bebê passa a uma possibilidade de recriação do objeto sem sua presença, de reconstrução no mundo interno da realidade externa, e, neste “novo cenário”, a modificação do destino da necessidade nessa realidade externa. O resultado deste trabalho representacional que expressa um nível de registro e expressão de uma necessidade (a mais primária das atividades ideativas – relativas à formação das idéias) desdobra-se numa estratégia por satisfazê-la, denominado por Pichon-Rivière como *fantasias inconscientes*. Ela tem por característica ser um elemento de argumentação pelo qual se dramatiza um desejo com os recursos que o bebê conta para desenvolvê-lo. Em sua evolução, parte das sensações, passa pela imagem plástica, figurativa, até enriquecer-se definitivamente com as palavras.

Essa atividade representacional primária, diferente da representação no adulto, incorpora gradualmente um novo elemento neste processo com a gradual emergência da fantasia como atividade ideativa, representacional. Há uma modificação na relação com o objeto, que até este ponto tinha apenas uma inscrição corporal. Nesta fase, aprofunda-se a complexidade do processo, pois o par dialético se dá entre o mundo interno e o mundo externo. Essa descrição mostra como a relação mãe-bebê mobiliza a resolução de exigências adaptativas de vários níveis: a sensação, a motricidade, o comunicacional, o representacional, os quais mostram como o biológico e o vínculo social formam a base material na constituição do psíquico.

Pela mecanismo psíquico da introjeção (escola kleiniana), o qual se configura nos primeiros estágios de desenvolvimento, a função material da incorporação (de mamar, “colocar para dentro do corpo”) assume a função de passagem do fantasiado de “fora” para o “dentro” de um objeto, de partes desse objeto, de qualidades desse objeto. Neste momento é que nasce o mundo interno, obra da fantasia inconsciente do bebê, o qual “sente” haver dentro de si objetos, partes de pessoas e pessoas inteiras que estão vivas, ativas e, desse modo, fazem parte da trama, do drama, de cenários e cenas que aos poucos, ao longo do desenvolvimento físico-psíquico-social da criança, passa de uma relação egocêntrica em relação ao mundo (nos primeiros estágios, o outro para o bebê é só um apoio para as atividades projetivas e introjetivas) para uma relação na qual conta com recursos cada vez mais interativos e integrados ao mundo social. É importante citar que junto ao mecanismo de introjeção, atua o mecanismo de projeção, cuja função é exatamente oposta ao primeiro ao expulsar para o mundo externo, aspectos do mundo interno que são sentidos como hostis, perigosos e destruidores pelo bebê. Ambos os mecanismos, primeiros, primitivos, estão na base da estruturação e desdobramento do mundo interno e externo. O mundo interno está, dessa forma, constituído por objetos parciais (bons e maus), pois as partes boas são introjetadas, enquanto as ruins são projetadas para o ambiente. As sucessivas experiências com a mãe introduzem, aos poucos, variantes, modificações nesses objetos internos. Gradualmente, há uma diminuição da intensidade do mecanismo de dissociação à medida que cresce sua capacidade de integração de percepções e a tolerância à ambivalência. Essas mudanças são a condição para o salto de qualidade em direção à integração desses objetos parciais até um objeto total - reflexo de uma situação mais “ajustada” à realidade externa, do objeto externo que é a mãe.

Para Pichon-Rivière, é a partir da experiência concreta que se constitui a fantasia de um objeto bom (ligado à gratificação e à introjeção) e de um objeto mau, odiado (ligado à

frustração e à projeção). A sensação e a experiência são o fundamento da crônica da realidade, da interpretação da realidade criada pelo bebê. Temos neste ponto o momento central da formação das representações, pois o mundo interno toma parte da relação do bebê com seu ambiente; ele é mobilizado tanto pelas atividades e afetos dos objetos internos – criados por ele – como pelas pessoas ‘reais’, existentes no mundo externo. Por exemplo, muitos medos persecutórios em crianças pequenas estão, na maioria dos casos, ligados a fantasias criadas a partir de objetos internalizados. O medo, a dor, o prazer, a euforia, ou seja, uma gama complexa e variada de sentimentos junta-se às representações de objeto, no acontecer do teatro do mundo interno. Outro aspecto importante é que as fantasias do mundo interno estão na base das relações do bebê com as pessoas “reais” e, por isso, determinam permanentemente essa relação; num primeiro momento com o grupo primário (família) e, posteriormente, com o grupo social, em todo seu processo de desenvolvimento e pela vida adulta afora.

Para Pichon-Rivière, o mundo interno é a reconstrução da rede vincular externa, aquilo que o sujeito internaliza e configura como mundo interno.”Esse mundo interno, como um sistema de vínculos, é um sistema de interação, um sistema de relações dialéticas mutuamente modificantes entre o sujeito e os outros sujeitos. Esse grupo interno se configura tendo como referente central ao sujeito, mas não somente desde sua significação, mas também desde a ação significativa do outro que se move à gratificação ou à frustração.”¹⁹ (QUIROGA, 1992, P.35).

É importante assinalar neste ponto outra hipótese fundamental da psicanálise, a qual se refere ao fenômeno da transferência; cuja definição é “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecidas com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica (...) trata-se aqui de

¹⁹ “Esse mundo interno, como um sistema de vínculo es, precisamente eso: um sistema de interacción, um sistema de relaciones dialécticas mutuamente modificantes entre el sujeto y los otros sujetos. Y ese grupo interno se configura teniendo como referente central al sujeto, pero no sólo desde su signifcación sino también desde la acción significativa del otro que se mueve hacia la gratificación o hacia la frustración.” (QUIROGA, 1992, p.35).

uma repetição de protótipos infantis, vivida com um sentimento de atualidade acentuada.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992, p.514). Isso se refere ao fenômeno que se manifesta no trabalho clínico de atendimento quando do surgimento na situação de análise psicanalítica de sentimentos e desejos (inconscientes) pelo paciente em relação ao analista; mas que se refere fundamentalmente à relação do sujeito com as figuras (objetos) internalizadas dos pais quando da configuração de seu mundo interno.

Para Pichon-Rivière, há uma diferença na consideração sobre a transferência, pois se trata da atualização de fantasias e desejos na forma de uma expectativa em relação ao objeto, configura-se assim uma modalidade que se relaciona com o outro e esperar uma determinada resposta dele. Este movimento de um sujeito em relação a outro é denominado atribuição de papéis, o qual se configura numa analogia emocional de uma relação histórica do sujeito a cenas e experiências inscritas a partir da trajetória vincular com os pais. Um “como se” fosse em relação aos pais. Transferir justamente significa levar de um lugar a outro, disso temos que a atribuição de papéis significa que é um processo pelo qual desejos, emoções, fantasias etc são deslocadas de um vínculo a outro, de um objeto a outro, de um tempo a outro. O processo de atribuição de papéis gera-se a cada novo contato, a cada nova relação com o outro, pois é sempre o mundo interno em articulação com o externo. Neste momento, o sujeito constrói um novo vínculo, mas a partir da reconstrução da trama de relações, de vínculos na qual ele emergiu. A trama é o cenário das experiências consciente/inconsciente vividas pelo sujeito em seus primeiros contatos com o mundo externo.

A importância de entender a transferência e o processo de atribuição de papéis centra-se na questão de que são fenômenos decifráveis, compreensíveis, os quais remetem ao mundo interno do sujeito, em sua estrutura dramática - aquela configurada nos primeiros meses de vida do bebê e permanentemente reconstruída nos novos contatos. O mundo interno é um sistema aberto e em permanente interação com a realidade exterior, caminho pelo qual é

possível uma reconfiguração da realidade, uma reparação dos objetos e vínculos internos, e uma reestruturação permanente do mundo interno (QUIROGA, 1992).

Assim, podemos resumir representação, a partir da Teoria do Vínculo de Pichon-Rivière, como a associação entre o registro psíquico inconsciente e o registro cognitivo consciente resultante da atividade psíquica interna (intrapíquica – o interjogo dialético das experiências inscritas no mundo interno, os objetos internos, os quais constituem a infraestrutura inconsciente que liga pensamentos e carga afetiva) que se dá quando em interação do sujeito com o mundo físico e social (o mundo externo), no momento de desenvolvimento de uma determinada experiência. A articulação entre esses registros está na base da formação do conceito que o sujeito desenvolve sobre o mundo ou sobre uma determinada questão, sobre prevenção de aids, por exemplo.

Como já citado, o desenvolvimento de uma criança implica na ação articulada e interdependente entre o biológico, o social, o psíquico, o cognitivo etc. Como ilustração, o desenvolvimento da linguagem numa criança depende de uma maturação (biológica) em nível de memória que lhe propicie evocar cenas (cognitivo) de sua vida familiar (social) como forma de dramatização para a superação de alguma angústia ou conflito (psíquico). É a partir dessa capacidade de representar (no sentido piagetiano de re-apresentar) que a criança torna-se capaz de evocar e prever. Paralelamente ao contato com a linguagem adulta, social; a criança desenvolve um sistema próprio de significados e estruturas. Conforme avança em seu desenvolvimento como um todo, passa a realizar aquilo que Pichon-Rivière se refere a uma adaptação ativa à realidade, ou seja, integrar-se cada vez mais ao seu mundo na dupla articulação de agente/paciente dos processos sociais e aos sistemas de representações que nele circulam. É importante ressaltar esse aspecto cognitivo do processo de desenvolvimento, pois é neste nível que se articulam gradualmente às representações sociais à medida que a criança entra no domínio da linguagem, da cultura, da escola, dos costumes, das interdições etc.

Segundo MOSCOVICI (1976), nossa atividade representativa possui o poder de criar objetos e acontecimentos, mas essas representações não são cópias precisas de objetos reais e de acontecimentos, como as imagens que podemos compartilhar na tela de um cinema. Por outro lado, o sujeito é constituído, localizado pelo universo social e material no qual ele se proporciona ou aceita. Desse modo, a representação social é uma “preparação para a ação, não apenas porque guia o comportamento, mas principalmente porque reestrutura e remodela os elementos do ambiente no qual o comportamento emerge. A representação social provê um significado para o comportamento “integrando-o numa rede de relações que o vincula ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os pontos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes” (MOSCOVICI, 1976, p. 48). É importante ressaltar que o autor neste ponto refere-se à função das representações no campo social enquanto organizadora, em forma de discursos e ideologias, sem entrar no mérito da discussão sobre poder e dominação. Esse é um outro campo de discussão amplamente explorado por autores já citados neste estudo, como FOUCAULT (poder), FERNANDES (ideologia), DELEUZE (subjetividades), PARKER (políticas públicas). É importante, no entanto, citar o trabalho de PAIVA (2000), no qual discute a importância da questão de gênero – representações cultural e socialmente construídas para regulação das atividades sexuais entre as pessoas – para o desenvolvimento do trabalho de prevenção, especialmente entre jovens. Este estudo foi também uma importante referência para o projeto desta dissertação ao propor o trabalho de resignificação das representações sobre sexualidade e prevenção pelo trabalho coletivo, em grupo. As diferenças entre as abordagens serão discutidas na parte final deste trabalho.

Aproveita-se aqui a referência ao instrumento de intervenção em grupo adotado no trabalho acima citado, denominado como “oficina de sexo seguro, reprodução e Aids”, para, enfim, concluir e exemplificar o conceito de representação. A grande maioria das pessoas tem uma idéia sobre o que é uma oficina. Compartilham a definição (significação) que pode ser

encontrada no dicionário de sua língua (signo), porém cada um tem uma experiência, uma vivência (consciente e inconsciente) sobre o que significa para si este termo (uma pessoa cujo pai foi mecânico ou a mãe costureira, provavelmente tem uma representação diferenciada sobre o termo, pois nele estão envolvidas questões históricas, sociais, cognitivas e afetivas muito particulares). Quando convidadas a participar de uma oficina, mesmo na forma como anunciada acima, não deixam de recorrer ao que “sabem” sobre o assunto, como forma de criar um sentido (organização) frente ao desconhecido, ao fato novo, cuja função varia do ponto a aliviar uma angústia (pavores inconscientes ligados à figura parterna e/ou materna) até aplacar uma intensa curiosidade (ansiedade paranóide) sobre o que está por vir. Da mesma forma, outras idéias podem referir-se à função da oficina “consertar alguma coisa”, “colocar algo em funcionamento”. Todas essas idéias e muitas outras estão em circulação no momento da reunião dessas pessoas, referem-se ao conceito de Pichon-Rivière, já citado, denominado como ECRO (Esquema Conceitual e Referencial Operativo). Do primeiro contato entre essas pessoas até o estabelecimento do grupo como operativo (aqui no sentido pichoniano de superação dos mecanismos de estagnação e enrijecimento do grupo em direção à realização de um projeto), cada participante tomará contato com outros esquemas, diferentes e/ou mais úteis quanto o seu na leitura da realidade. Este momento possibilita uma mudança, a reconstrução da ECRO de cada participante e da construção de uma ECRO grupal; proporcionada pela reestruturação dos esquemas conceituais dos sujeitos envolvidos na relação e acionada pelo processo de ressignificação.

Mais especificamente, a partir da perspectiva psicanalítica, o processo de ressignificação implica necessariamente na passagem da representação inconsciente para a representação consciente. Segundo BIRMAN (1991) este processo está baseado na hipótese de dupla inscrição, ou seja, toda a representação consciente tem o seu registro correspondente no inconsciente. “A inscrição consciente ao ser interpretada na análise corresponderia à cena

traumática que marca o inconsciente do sujeito, que deveria ser conscientizada por este através do procedimento analítico (isto é, caberia inscrever no registro das palavras o que estava aquém do falar, no registro do cenário visual).” (BIRMAN, 1991, p.226).

Esse processo, no entanto, engendra algumas complexidades. Com as reformulações constantes de sua teoria, Freud estendeu sua análise à hipótese funcional, a qual considera o fenômeno da transferência, e, a partir disso, passa a considerar que a passagem do sistema inconsciente para o sistema pré-consciente/consciente se realiza por uma transformação no estado da inscrição, ou seja, em suas relações a partir das quais ela se insere num contexto e nas formas de investimento que circulariam através dela. Assim, para que se revele uma inscrição inconsciente não basta dizer algo ao sujeito, explicar o que está por trás (inconsciente) do seu comportamento. É preciso reviver, no espaço analítico, as situações inscritas, para que estas possam adquirir a dimensão da palavra e possam falar, não como palavra racional, mas como palavra encarnada. (BIRMAN, 1991)

O trabalho realizado pelo psicanalista segue na linha da análise insistente das resistências, o que cria uma possibilidade de ruptura do automatismo da repetição²⁰, na quebra de estruturas enrijecidas de pensamento, na criação de cadeias associativas (infinitamente multiplicadas pela presença e inter-relação dos outros membros do grupo) que acabam por constituir uma rede de sentidos que envolve a representação coisa (denominação dada por Freud à representação inconsciente) e por promover sua transposição de registro inconsciente para registro consciente (representação da palavra). A repetição de estruturas, esquemas, comportamentos ou mesmo idéias e ações das quais o sujeito não sabe muito bem porque faz e refaz, está ligada a fenômenos psíquicos que nunca receberam uma operação de sentido e por isso não se encontram inscritos no espaço de circulação de significados, mas que insistem

²⁰ Aqui num sentido próximo àquele dado à compulsão à repetição que implica num processo sobre o qual não se tem controle e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992).

à procura de sua significação, sua ordenação no universo da representação. (BIRMAN, 1991, p. 230).

No trabalho com os grupos de abordagem psicanalítica dá-se processo semelhante ao da clínica psicanalítica tradicional (deve-se guardar as diferenças entre a situação de duplo vínculo da situação analítica e múltiplo vínculo da situação de grupo). O coordenador de grupo operativo tem seu trabalho dirigido no sentido de promover a articulação entre pensamento e afeto pelo apontamento das fantasias inconscientes e a ação dos mecanismos de cisão e enrijecimento no grupo. Esse trabalho, adequadamente realizado, possibilitará a abertura de um espaço no qual se desenvolverão processos associativos. Segundo KAËS (2000), cada pessoa carrega para o espaço do grupo seus próprios significados (sua ECRO, como denominaria Pichon-Rivière), os quais são determinados pela fantasias inconscientes de cada um. Esses significados articulam-se às representações associadas ao organizador grupal inconsciente que mantém juntas, combina e associa as psiques. A diversidade de sujeitos e a singularidade de cada um cria certa tensão com relação a essas representações(meta) individuais e comuns (ao grupo). O processo de associação é imprevisível e surpreendente, pode funcionar como um dispositivo de metabolização, transformação e ascensão das representações inconscientes à consciência. KAËS cita, como exemplo, a situação na qual um membro traz para o grupo uma representação enigmática (ligada a uma inscrição inconsciente, de caráter possivelmente traumático). A possibilidade de desenvolvimento de associações dos outros membros do grupo em torno desse enigma pode mobilizar em cada um representações de nível igualmente inconscientes (ligadas àquela situação dramática referida na relação mãe-bebê). Esse movimento abre uma via de acesso na qual cada membro pode, pela escuta de expectativa (écoute d'attente), encontrar em suas associações o significante que lhe falta. Segundo KAËS, esse efeito do processo de ressignificação é uma experiência constante e se

dá de maneira específica no trabalho psicanalítico de grupo, ou seja, a palavra de uns abre aos outros a via de retorno do recalçado.

Finalizando, é importante assinalar o efeito que o paradoxo estabelece no processo de ressignificação. Essa é uma discussão complexa, conduzida especialmente por DELEUZE (1974), necessária para uma (re)construção de novas relações com o poder e o conhecimento. Paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo (ser e não ser, estar e não estar etc), sem, no entanto, significar contradição. Ele se opõe ao bom senso (afirmação de um sentido único e determinável para todas as coisas), ao saber cuja essência é o da singularidade, do nome próprio, da identidade: “Este saber é encarnado em nomes gerais que designam paradas e repousos, substantivos e adjetivos, com os quais o próprio conserva uma relação constante. Assim, o eu pessoal tem necessidade de Deus e do mundo geral. Mas quando os substantivos e adjetivos começam a fundir, quando os nomes de parada e repouso são arrastados pelos verbos de puro devir e deslizam na linguagem dos acontecimentos, toda identidade se perde para o eu, o mundo e Deus.” (DELEUZE, 1974, p.3). A potência do paradoxo está em expor a contradição e, neste sentido, romper, fazer descolar afeto de uma idéia ou o sentido atribuído a uma representação. Assim, fazer circular e possibilitar novas associações de sentidos para novas representações. Segundo KAËS (2000), “o grupo não é somente considerado como um continente de inconscientes ‘individuais’; a atenção se orienta às alianças inconscientes, quer dizer, aos atos psíquicos de produção conjunta do inconsciente, no vínculo mesmo entre os sujeitos em um grupo. A base clínica destas investigações é a análise das modalidades de retorno do reprimido, das transferências, da formação de sintomas e do discurso associativo: nelas o efeito das alianças constitutivas do vínculo de grupo é constante. Cada conjunto se organiza *positivamente* sobre investidas mútuas, sobre identificações comuns, sobre uma comunidade de ideais e crenças, sobre modalidades toleráveis de realização de desejos. Cada conjunto se organiza, além disso, *negativamente*,

sobre uma comunidade de renúncias e sacrifícios, sobre apagamentos, sobre rechaços e repressões, sobre um “deixado de lado” e sobre restos.” (KAËS, 2000, p. 113) ²¹. É a partir dessa estrutura de forças dinâmicas de positivities e negatividades que se manifesta o processo dialético, a partir do entrecruzamento dos vários níveis de circulação de energia psíquica (intrapíquico, interpíquico e o transpíquico) no contexto imprevisível do acontecer grupal.

C) TEORIA E TÉCNICA DO GRUPO OPERATIVO

A proposição do Grupo Operativo para o trabalho de prevenção em DST/Aids, tal como definido por Pichon-Rivière, tem como objetivo colocar em questão, tanto na investigação quanto na intervenção, uma linha de pensamento cujo núcleo é idêntico ao da psicologia social, ou seja, o caráter determinante da experiência vincular social na constituição da subjetividade. Segundo FERNANDES (1989) “a perspectiva específica em psicologia social, proposta por Pichon-Rivière, é intersubjetiva, analisa o interjogo entre sujeitos, por um interacionismo que não desdenha a análise do acontecer intra-subjetivo, a eficácia dos processos inconscientes” (p.40). Nesta perspectiva, a dimensão intra-sujeito (referente aos processos psíquicos internos) não é compreensível “per se”, isolada da dinâmica vincular. Os processos intersubjetivos também não podem ser compreendidos sem análise da estrutura do mundo interno. Essa postura fundamenta-se no conceito de estrutura, como um conjunto de relações em permanente transformação. Relações mutuamente determinadas entre sujeito-objeto, mundo externo e mundo interno. (FERNANDES, 1989).

²¹ “el grupo no es sólo considerado como un continente de inconscientes ‘individuales’; la atención se orienta hacia las alianzas inconscientes, es decir, hacia los actos psíquicos de producción conjunta del inconsciente, en el vínculo mismo entre los sujetos en un grupo. La base clínica de estas investigaciones es el análisis de las modalidades del retorno de lo reprimido, de las transferencias, de la formación de síntomas y del discurso asociativo: en ellas el efecto de las alianzas constitutivas del vínculo de grupo es constante. Cada conjunto se organiza *positivamente* sobre investiduras mutuas, sobre identificaciones comunes, sobre una comunidad de ideales y de creencias, sobre modalidades tolerables de realización de deseos. Cada conjunto se organiza además *negativamente*, sobre una comunidad de renunciamentos y de sacrificios, sobre borramientos, sobre rechazos y represiones, sobre un ‘dejado de lado’ y sobre restos.”

A perspectiva da psicologia social postulada por Pichon-Rivière tem como objeto de estudo o desenvolvimento e transformação que se dá, pela relação dialética, entre o mundo externo (estrutura social) e mundo interno (fantasia inconsciente) do sujeito, fundada sobre suas relações de necessidade e analisada pela teoria do vínculo (PICHON-RIVIÈRE, 1986). Desse modo, a abordagem pichoniana considera que “a subjetividade está determinada histórica e socialmente, enquanto o sujeito se constitui como tal no processo de interação, em uma dialética ou interjogo entre sujeitos, da qual o vínculo, como relação bi-corporal e o grupo, como rede vincular, constituem unidades de análise.” (QUIROGA, 1984, p.37).

O sujeito para Pichon-Rivière aparece com o duplo caráter: agente e ator do processo interacional, isso significa também que ao mesmo tempo em que emerge ele também é determinado, processo pelo qual se constituem suas relações concretas de existência. Este é um ponto central no desenvolvimento da sua Teoria do Vínculo e que se refere à estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto, as reações do sujeito frente ao objeto, as reações do objeto frente ao sujeito, e a relação que se estabelece entre ambos. Refere-se ainda ao sujeito vincular como o “sujeito da necessidade”. Como já referido, o bebê diante do desprazer frente à fome, chora. Esse é um recurso do qual lança mão para satisfazer suas necessidades. À medida que cresce e desenvolve-se, o sujeito experimenta outras modalidades e intensidades de “necessidades que se satisfazem apenas socialmente, em relações que o determinam”. (PICHON-RIVIÈRE, 1986). É pela necessidade que se estabelece a ação entre sujeito e o mundo externo, pois ela é vivenciada como “tensão interna e o envia ao mundo externo em busca de gratificação. Ela determina a primeira contradição experimentada pelo sujeito: necessidade X satisfação. Para superá-la, este ‘sujeito da necessidade’ opera sobre a realidade, material e simbolicamente e se transforma, transformando também o contexto externo.” (FERNANDES, 1989, p.43). Desse processo resulta que a vida psíquica somente poderá se constituir a partir da experiência, de relações concretas. Ela não se desenvolve

desvinculada de uma relação experiencial e social, pois o “sujeito não é só um sujeito relacionado, é um sujeito produzido em uma práxis. Nele não há nada que não seja resultante da interação entre indivíduo, grupos e classes” (PICHON-RIVIÈRE, 1986).

Nesse sentido, a investigação no campo da psicologia social proposta por Pichon-Rivière é possível ser realizada em três dimensões interdependentes, a saber: a) a psicossocial, analisadora da parte do sujeito que se dirige aos diferentes membros que o rodeiam; b) a sociodinâmica, que analisa o grupo como estrutura; c) a institucional, que consiste na investigação dos grandes grupos (sua estrutura, origem, composição, história, economia, política, ideologia etc.). A interdependência de cada uma das dimensões se dá por conta de que a cada manifestação do sujeito, no grupo, na instituição ou na comunidade, traz consigo elementos das outras dimensões; como em olhares diferenciados e privilegiados, de acordo com a posição que ocupa o analisador.

A partir dessa concepção pode-se então considerar que “o grupo é objeto de estudo para a compreensão desse sujeito e da articulação entre suas determinações internas e as determinações externas. O grupo passa a ser a unidade de interação, a unidade de análise”(FERNANDES, 1989, p. 45). Em Pichon-Rivière, a organização do campo social, suas estruturas e funcionamento, dá-se num intercâmbio permanente, pois “todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, configura uma situação grupal. Tal situação está sustentada por uma rede de motivações e nela interagem entre si, por meio de um complexo mecanismo de assunção e adjudicação de papéis. É neste processo que deverá surgir o reconhecimento de si e do outro, no diálogo e no intercâmbio permanente. Esta situação grupal constitui o instrumento mais adequado para essa aprendizagem de papéis (aprendizagem social), em que consiste a internalização operativa da realidade.” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p.116).

O princípio regulador do processo interacional, aqueles que definem a estrutura do grupo, são esclarecidos por FERNANDES (1989) na seguinte passagem: “numa situação de interação, se estabelece um processo de comunicação, uma troca de signos (de um código), através dos quais se descrevem e se expressam emoções. Dá-se a interação quando a resposta do outro é incluída e antecipada na conduta de cada sujeito. Inclusão e antecipação definem o processo de interação. ‘O desenvolvimento de expectativas recíprocas, o intercâmbio de mensagens, permitem afirmar que interação implica em processos de comunicação, ao mesmo tempo que fenômenos de aprendizagem, enquanto se dá uma modificação interna de cada um dos atores, modificação emergente do reconhecimento do outro, de sua incorporação, o que terá como efeito um ajuste em maior ou em menor grau – do comportamento de ambos a essa realidade que significa a presença concreta do outro.’” (QUIROGA apud FERNANDES, 1989, p. 46).

Neste parágrafo nota-se como o processo de aprendizagem mobiliza níveis que não se restringem ao cognitivo, ao arquivamento na memória de alguma informação, mas a um processo interacional que transita incessantemente entre mundo externo e interno, regidos pela necessidade. Por esse motivo, ele não se dá sem a presença do outro, pois é “do fato desse outro aparecer como significativo que se pode falar de uma ação direcional, como coloca Pichon-Rivière. Há uma unidade interacional que se caracteriza por uma integração de tempo, espaço e sujeitos que se percebem mutuamente, articulados por leis definidas nessa estrutura. Nesse sentido, cabe afirmar que essa unidade interacional pode ser definida como um sistema. Assim, o grupo é um sistema, no sentido de possuir organização interna que articula suas partes, como por exemplo, o grupo familiar, o casal etc... É fundamental perceber que compartilhar tempo, espaço e até objetivo, não permite defini-los como condições suficientes para o estabelecimento de uma relação vincular. É necessário haver uma organização interna (...) que requer um fundamento motivacional, ou seja, a necessidade (...)

que está na base, é o 'motor' da relação com o outro, é o que lhe confere sentido. Ela coloca a idéia da ação direcional (mútua internalização), que nasce com uma tarefa. Segundo Pichon-Rivière, não há vínculo (e, como conseqüência, não há grupo) sem tarefa, já que em toda relação há operatividade, ação de intervenção." (FERNANDES, 1989, p. 45-46).

A partir do exposto acima se define um dos princípios organizadores do grupo, aquilo que FERNANDES (1989) define como a tríade *necessidade – objetivo – tarefa*; sendo que a tarefa é o conjunto de ações que permite chegar ao objetivo e satisfazer a necessidade. A tarefa é transformação de uma ausência, representada pela necessidade. Outro organizador é definido pela *mútua representação interna*, a qual se refere à internalização recíproca ou inscrição intra-sujeito da trama interacional. Articulados esses princípios por Pichon-Rivière, temos a definição de grupo como "o conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa, que constitui sua finalidade. (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p.177).

No que se refere à técnica de intervenção, desenvolvida a partir das teorizações de Pichon-Rivière sobre campo grupal e sua experiência no campo da saúde mental, denominada por ele como Grupo Operativo (operativo por fundamentar-se na concepção de grupo como unidade operacional). O processo de desenvolvimento do grupo volta-se essencialmente para a tarefa na busca por potencializar a ação grupal de forma que sejam identificados e resolvidos os obstáculos que surgem no caminho que conduz ao alcance dos objetivos. É parte da função do grupo fazer uma análise sistemática das suas dificuldades frente à tarefa, as quais estão relacionadas com a mobilização de estruturas e condutas estereotipadas que imobilizam a sua realização. Essas estruturas estereotipadas são determinadas pelas ansiedades despertadas pelas mudanças que uma tarefa impõe ao grupo. Pichon-Rivière, inspirado na teoria dos mecanismos de defesa primitivos de Melanie Klein, identificou duas

modalidades básicas de ansiedades que podem paralisar a atividade grupal: (a) ansiedade depressiva, determinada pelo abandono do vínculo que o grupo mantinha com uma tarefa anterior; (b) ansiedade paranóide, criada pelo novo vínculo que o grupo deverá manter com a outra atividade a que estará submetida. É por essas características que no Grupo Operativo possui uma característica terapêutica, na medida em que diminui os medos básicos [ataque ao Ego (ansiedade paranóide) e perda do objeto (ansiedade depressiva)], cujos efeitos podem paralisar a ação do Ego, tornando o grupo, uma estrutura imobilizada e as modalidades de comunicação entre seus membros, enrijecidas. Simultaneamente, o Grupo Operativo possui uma característica comunicacional, na medida em que esclarecimento, comunicação, aprendizagem e a resolução de objetivos possam tomar o espaço de trabalho do grupo, após superadas as situações de ansiedade.

A tarefa prioritária no grupo refere-se à elaboração de um *Esquema Conceitual Referencial Operativo* (ECRO) comum. Como visto na abordagem do conceito de representação, cada participante do grupo tem um esquema referencial próprio que se constitui por um conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com os quais o indivíduo pensa e age. Na medida em que cada participante entra em contato com outros esquemas que possam ser tão úteis quanto o seu na leitura da realidade, há uma possibilidade de mudança.. A construção desse ECRO comum, grupal, se dará a partir da reestruturação, do reajuste dos esquemas conceituais dos sujeitos envolvidos na relação, o que implica em superação e, conseqüentemente, mudança da situação estabelecida. Embora a palavra esquema possa ter um sentido de rigidez, na verdade ela a um movimento dinâmico na medida em que permite a cada participante modificar o esquema que traz ao grupo. Por esse motivo é interessante que a composição dos grupos seja tão heterogênea quanto possível de forma que adquira um caráter de interdisciplinaridade na abordagem da problemática em questão no grupo: maior interação e integração dão maior homogeneidade à tarefa.

Para Pichon-Rivière, abordar as dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal é uma forma de aprender a pensar, “não no campo de cada um de seus integrantes, o que seria uma psicanálise individual em grupo. Entretanto, também não está centrado exclusivamente no grupo, como nas concepções gestálticas, mas sim em cada aqui – agora – comigo na tarefa, que se opera em duas dimensões, constituindo, de certa forma, uma síntese de todas as correntes. Consideramos o doente que enuncia um acontecimento como o porta-voz de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo.” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, 105).

Além disso, aprender a pensar em grupo implica não somente vencer um obstáculo racional ou pedagógico; mas também superar as dificuldades ligadas ao conhecimento que têm suas raízes no inconsciente e se manifesta pela atitude de resistência à mudança geradas pelos medos básicos emergentes nas situações de mudança. É somente pela explicitação do que se manifesta e pela interpretação ou assinalamento dos pontos de resistência é que se cria a oportunidade para que surja o elemento novo, seja no conhecimento, seja naquilo que constitui a tarefa do grupo. Esta é a função do coordenador do grupo, cujo papel, segundo FERNANDES (1989), é buscar “pela análise da transferência, identificar as fantasias que emergem nesse confronto com as contradições. Sua ação permite a abordagem e elaboração das ansiedades o que, por sua vez, leva à emergência de uma posição depressiva, na qual o objeto de conhecimento se faz penetrável pela ruptura dos padrões (condutas) estereotipados e dissociados que funcionaram inicialmente como fator de estancamento da aprendizagem e de prejuízo na comunicação. Na passagem de um momento a outro desse processo de elaboração, observa-se um salto qualitativo, tanto em relação à apropriação do objeto de conhecimento das relações entre si, no grupo. Ao analista (coordenador) cabe a função de promover um ajuste entre os momentos de divergência (fragmentação) e de convergência (integração).” (FERNANDES, 1989, P.52).

Disso resulta que a tarefa implícita do grupo está voltada para a elaboração de ansiedades e quebra da atitude de resistência à mudança manifestada pelo estereótipo, pela reprodução cristalizada de situações e de papéis vividos pelos membros do grupo (adaptação passiva). O rompimento da estereotipia permite a mobilidade de papéis no grupo, momento de aprendizagem (adaptação ativa). Adaptação ativa à realidade e aprendizagem são elementos de um mesmo processo, pois à medida que o sujeito apreende o objeto e o transforma, “modifica-se também a si mesmo, entrando em um interjogo dialético com o mundo no qual a síntese que resolve uma situação dialética transforma-se no ponto inicial ou tese de uma antinomia, que deverá se resolvida neste contínuo processo em espiral. À medida que se cumpre este itinerário - objetivo e do grupo -, a rede de comunicações é constantemente reajustada, e só assim é possível re-elaborar um pensamento capaz do diálogo e de enfrentar a mudança.” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p.127). O papel do coordenador dá-se especialmente na primeira fase de desenvolvimento do grupo, a *pré-tarefa*, subseqüentemente a *tarefa* e o *projeto*. “Por *pré-tarefa*, entende-se a posição do grupo no sentido do apelo a todos os mecanismos de cisão, com uma instrumentação das técnicas da posição esquizoparanóide²². A presença destas gera uma dissociação entre o sentir, o pensar e o agir. A intervenção aqui busca, ao identificar as fantasias presentes no momento, impedir que essas técnicas defensivas se enrijeçam e estanquem o processo de crescimento do grupo. Por *tarefa*, entende-se o momento de elaboração propriamente dito, ou seja, o momento de penetração naquilo que se deseja conhecer, no objeto do conhecimento. Em função da compreensão alcançada, fruto desse aprofundamento no conhecimento, o grupo pode entrar no momento do *projeto*, ou seja, no momento de reorientar sua ação, de se redefinir e de redefinir o próprio objeto” (FERNANDES, 1989, P.51).

²² Por “técnicas da posição esquizoparanóide” entende-se o uso combinado de mecanismos de defesa do ego definidos pelo Melanie Klein (que está na base do desenvolvimento da técnica de Grupo Operativo elaborada por Pichon-Rivière) tais como a introjeção de objetos bons e a negação, divisão e projeção dos aspectos maus do eu como defesa contra a culpa, a ansiedade e a depressão.

A teoria e a técnica elaboradas por Pichon-Rivière têm uma concepção complexa, especialmente por estar fundamentada pela psicanálise, e o espaço neste estudo é exíguo para explaná-la completamente. Alguns outros conceitos da teoria pichoniana, no entanto, são fundamentais para a compreensão de como se desenvolve o trabalho em grupo. A noção de *papel*, por exemplo, expressa a mútua determinação entre relações sociais concretas e constituição da subjetividade. Entende-se que papéis em interação, são apreendidos de um modo especial pelo sujeito e será traduzido em atitudes, numa maneira peculiar de se vincular ao mundo. Estas atitudes poderão trazer novas qualidades às relações sociais estabelecidas. Como já assinalado, os processos intersubjetivos não se podem estabelecer sem a análise do mundo interno e, do mesmo modo, essa dimensão intra-sujeito não pode ser compreendida se isolada do contexto vincular. É por esse motivo que a investigação no campo grupo dá-se tanto pelo observável (explícito) e o das fantasias inconscientes (implícito) presentes no processo de interação.

De acordo com Pichon-Rivière, todo processo implícito manifesta-se, no campo da observação, pelo surgimento de uma qualidade nova que será denominada como *emergente*. Esse conceito é fundamental na teoria pichoniana por representar a articulação possível entre os âmbitos da intra e intersubjetividade. Manifesta-se por um conjunto de fantasias inconscientes explicitadas através do processo de atribuição e assunção de papéis. Articula-se-lhe diretamente o conceito de *porta-voz*. Na definição de Pichon-Rivière “porta-voz de um grupo é o membro que em um momento denuncia o acontecer grupal, as fantasias que o movem, as ansiedades e necessidades da totalidade do grupo. Mas o porta-voz não fala só por si, mas por todos; nele se conjugam o que chamamos verticalidade e horizontalidade grupal, entendendo-se por verticalidade aquilo que se refere à história pessoal do sujeito, e por horizontalidade o processo atual que acontece no aqui e agora, na totalidade dos membros. O porta-voz pode desempenhar seu papel porque nele se dá uma articulação entre sua fantasia

inconsciente - fantasia que segue um modelo primário - e o acontecer do grupo em que se insere. Esse encaixe permite a emergência do material que deve ser interpretado. A interpretação utilizará esses dois elementos; o vertical e o horizontal.” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, P.129). O papel de interpretação antes referido cabe ao coordenador do grupo, psicólogo ou psicanalista versado em psicanálise e na teoria e técnica de Grupo Operativo, pois deverá estar atento à emergência desse material e do estabelecimento do fenômeno da transferência. Este último, uma hipótese da psicanálise, é entendida por Pichon-Rivière como “uma ‘conduta réplica’, uma ‘analogia emocional’, em um ‘como se’”. Em outros termos a transferência é um processo de adjudicação de papéis inscritos no mundo interno de cada sujeito. Os indícios das diferentes adjudicações devem ser decodificados, e a interpretação consiste nessa decodificação: ou seja, a transformação do implícito, do inconsciente, em consciente. A transferência deve ser entendida como a manifestação de sentimentos inconscientes que apontam para a reprodução estereotipada de situações, características da adaptação passiva. Esta reprodução está a serviço da resistência à mudança, da evitação de um reconhecimento doloroso, do controle das ansiedades básicas (medo da perda, medo do ataque).” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p. 163).

A importância do conceito de porta-voz também se expressa por ser o quiasma (o cruzamento de duas formações) entre o vertical do sujeito e horizontal do grupo, revelador da dialética indivíduo-grupo. O sujeito que assume o papel do porta-voz expressa um conflito vivido como seu, mas não exclusivamente, pois denuncia um conflito existente na situação interativa com o grupo e da relação com a tarefa. Ele é “veículo de uma qualidade emergente que afeta toda a estrutura grupal e que, como sinal, nos remete às relações infra-estruturais, implícitas, nas quais estão comprometidos todos os integrantes do grupo.” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p.169).

A partir dos conceitos e formulações constituintes da teoria pichoniana foi elaborada uma proposta de prevenção em DST/Aids a partir do trabalho em grupo. A consideração básica para esse trabalho é de que o processo de aprendizagem não se restringe nem ao trabalho racional nem ao afetivo, desarticuladamente, mas na conjugação dessas duas instâncias, tanto na sua dimensão consciente quanto inconsciente, no sentido da integração do potencial afetivo/cognitivo dos participantes do grupo a um efetivo processo de mudança. Por esse motivo, em GO não há proposição de atividades, nem condução do trabalho do grupo pelos coordenadores, mas uma abordagem interpretativa e interativa sobre os mecanismos psíquicos que interatuam no momento da discussão e que possibilitam (ou impedem) o processo de ressignificação das representações sobre a aids, assim como as formas dela se defender.

D) PROCEDIMENTO DE PESQUISA:

A questão que motivou a elaboração do primeiro protocolo desta pesquisa (descrita no capítulo I, sobre os modelos que orientam o trabalho de prevenção nos serviços públicos de saúde) despertou, entre os pesquisadores envolvidos no projeto, a necessidade de propor uma forma de trabalho em intervenção que rompesse com a perspectiva individualizada (sujeitos agrupados numa sala de aula), pedagógica (recepção de informações sobre prevenção), desarticulada (elaborada exclusivamente a partir do conhecimento biomédico) e “surda” (no sentido de pouco espaço dar a manifestações outras que esclarecer dúvidas). Antes disso, foi importante chamar à baila uma proposição mais efetiva da psicanálise na área de prevenção, como colocado na introdução desta dissertação. Desse modo, foi considerado o Grupo Operativo, definido por Pichon-Rivière por atender adequadamente aos propósitos deste estudo, ao conjugar o trabalho de intervenção ao de investigação científica.

Desse modo, a partir da definição da população-alvo de HSH, especialmente pelas indicações epidemiológicas que a colocavam como prioritária para o trabalho de prevenção, foram estabelecidos contatos com a coordenação do Projeto Bela Vista, no segundo semestre de 2000. Na qualidade de uma coorte preparatória de voluntários para estudos de testagem de vacina, mantinha um acompanhamento sistemático com seus voluntários (entrevistas periódicas, duas vezes por ano, nas quais eram colhidas informações sobre prática sexual do voluntário nos seis meses anteriores a cada entrevista), o que facilitaria a realização da parte quantitativa deste estudo que se daria pela proposição de questionários com perguntas igualmente referentes a práticas sexuais, crenças, idéias e conhecimentos a respeito da infecção pelo HIV. Esse tratamento quantitativo da intervenção foi tratado separadamente em forma de artigo, pois nele foram feitas análises a partir das respostas obtidas pelos questionários aplicados aos três grupos realizados. Nesta dissertação, a estratégia de análise centrou-se sobre um dos grupos de pesquisa. As questões que motivaram essa separação serão apresentadas como ponto de discussão na parte final desta dissertação.

Após dois meses de parceria, o Projeto Bela Vista foi desativado pela Secretaria Estadual de Saúde por mudanças em suas diretrizes quanto à questão da testagem de vacinas. Esse foi um fator que retardou longamente o desenvolvimento do campo da pesquisa, o qual só foi retomado no primeiro semestre de 2001 com a recondução do projeto a dois centros escolhidos dentre os serviços de maior procura pela população de HSH na cidade de São Paulo: Centro de Testagem e Aconselhamento Henfil e Santo Amaro, da Área Temática DST/Aids da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de São Paulo. O projeto deste estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade da Califórnia – São Francisco e ao Centro de Referência do Programa Estadual DST/AIDS de São Paulo (CRT), onde a etapa de intervenção foi desenvolvida.

Os voluntários foram convidados a participar do estudo após serem identificados como parte da população HSH, a partir de questões específicas de prática sexual com homens (formuladas dessa forma e sem alusão a denominações como gay ou homossexual), parte de um questionário aplicado de rotina pelo serviço. Em entrevista individual, foram fornecidas explicações sobre como ele seria desenvolvido, seguidas da apresentação e colhimento de assinaturas do termo de consentimento informado (anexo II).

No primeiro semestre de 2001, foi dado início à primeira etapa de campo da pesquisa, a partir da instalação do primeiro grupo de trabalho. Apesar desse grupo ter sido tomado como pré-teste, no que se refere aos procedimentos de coleta de dados via questionário; ele foi formado e conduzido dentro do enquadre estabelecido para Grupo Operativo e exatamente na mesma configuração adotada para os dois outros grupos seguintes, realizados no período de junho de 2002 a fevereiro de 2003. Cada grupo desenvolveu-se em 5 sessões semanais e consecutivas de uma hora e trinta minutos. O trabalho foi conduzido por dois coordenadores, psicólogos especializados, e um observador, autor desta dissertação (cuja tarefa era fazer anotações de tudo que se passara no grupo, para posterior trabalho de supervisão, realizado por uma psicanalista especializada em grupos). Todas as sessões foram registradas em fita-cassete e transcritas. Os coordenadores, ao início dos trabalhos de cada grupo, esclareceram aos participantes os objetivos e dúvidas sobre a pesquisa, assim como lhes apresentou a *tarefa*, qual seja, discutir sobre “proteção e sexualidade”.

Para o primeiro grupo, quinze voluntários foram convidados, dos quais doze confirmaram presença e sete compareceram. O texto de referência de análise apresentado neste trabalho refere-se a esse primeiro grupo estudado. No próximo capítulo será apresentada uma possibilidade de análise a partir das transcrições das cinco sessões de grupo e que privilegia o estudo das representações nele emergentes e o contexto no qual elas aparecem, assim como a forma como evoluíram no desenvolvimento dos trabalhos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO

A análise do material coletado, transcrições de registros em fita cassete e protocolos de observação das sessões de grupo, será apresentada a seguir. Cada grupo reuniu-se por um período de cinco sessões semanais e consecutivas, pelo tempo de uma hora e meia cada. Do método que sustentou a técnica de grupo operativo, apresentado em capítulo anterior, desdobra-se uma proposta de análise, na qual se procura identificar as representações relacionadas ao tema da prevenção de DST/Aids emergentes no grupo, considerando-se a tarefa proposta e a seqüência de seu aparecimento no decorrer das sessões. Esse método de análise procura acompanhar o desenvolvimento do processo de ressignificação dessas representações. A análise aqui destacada tomará apenas um dos grupos realizados (do total de três) por considerá-la emblemática de como o processo de ressignificação é acionado e desenvolvido pela proposta de trabalho de grupo operativo, assim como pelo desenvolvimento bastante peculiar e rico no que se refere às possibilidades de configuração de um grupo.

É importante lembrar que a instalação deste grupo teve caráter de pré-teste; cuja convocação e realização seguiram os mesmos procedimentos dos grupos seguintes. A análise das representações (conscientes e inconscientes) emergentes será apresentada pelo seu caráter contraditório, como estratégia para facilitar a compreensão dos significados e do processo de transformação, assim como acompanhar o movimento dialético no qual se manifestam, transformam-se e permitem a construção de um novo sentido no grupo.

Na primeira sessão, as palavras iniciais dirigidas ao grupo referiram-se às instituições envolvidas na pesquisa (USP, UCSF, CRT e SMS)²³, aos seus objetivos (que consta no

²³ USP: Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids, NEPAIDS; Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social, LAPSO; da Universidade de São Paulo. UCSF: *Center for Aids Prevention Studies, CAPS* da *University of California – San Francisco*. CRT: Centro de Referência e Treinamento, CRT, do Programa Estadual de DST/Aids de São Paulo. SMS: Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo.

consentimento informado), ao enquadre²⁴ do grupo (data, hora, local e frequência e condições – duas pessoas no mínimo para início da sessão), à *tarefa* (“questões que se relacionam com proteção ligadas à sexualidade”) e, finalmente, aos pesquisadores e à função de cada um. Em seguida, os participantes foram convidados a apresentar-se.

É importante assinalar que, em geral, é possível observar nos grupos uma sucessão de momentos de desenvolvimento (pré-tarefa, tarefa e projeto), os quais não são lineares, nem unidirecionais. A todo momento, eles podem se suceder, avançar ou retroceder, de acordo com os elementos (novos ou não suficientemente elaborados) que surgem no grupo e a capacidade que têm de mobilizar os medos básicos (pré-tarefa), promover a integração do grupo na discussão de um determinado tópico (tarefa) ou estimulá-lo a pensar sobre temas para além da tarefa (projeto).

No primeiro momento de instalação deste grupo, a curiosidade, o interesse, a expectativa sobre a pesquisa e os pesquisadores aparecem como emergentes [W – *Vocês são psicólogas? O quê?... O que vocês esperam do grupo?*]²⁵. Em seguida, percebe-se uma expressão de ansiedade [S – *Mas esse ponto precisa ser claro... O que seria, o que esperava da gente? Cada um definiu o que é, o que não...*], a qual se presta como exemplo, logo no início dos trabalhos, de técnicas defensivas que poderiam estruturar um enrijecimento do grupo e resistência à mudança. S conclama a cada membro do grupo a “*definir o que é*”²⁶ e pela necessidade de uma diretriz. [S – *...todo mundo daqui não se conhece, ninguém vai se abrir...*]. Essa fala revela o primeiro emergente, ou seja, a primeira representação desencadeada pela tarefa explícita e que se refere à pesquisa. Nela junta-se a idéia do “abrir-

²⁴ O conceito de enquadre é fundamental na teoria e prática da psicanálise, pois além de referir às constantes (data, hora, local, duração, etc.) no qual o processo psicanalítico se dá, refere-se também ao lugar de deposição da parte psicótica, indiferenciada e não resolvida dos vínculos primitivos do sujeito e do grupo. (BLEGER, 1988, P.325).

²⁵ Cada participante será referido pela primeira letra de seu nome. Note-se que “I” e “C”, referem-se às coordenadoras do grupo, psicólogas especializadas em Grupo Operativo.

²⁶ Expressões entre aspas (“”) referem-se a trechos retirados das falas dos participantes.

se” ligada ao afeto, ao sentimento de medo, inibição, “retranca” A intervenção imediata das coordenadoras faz uma interpretação do sentimento (medo) e o objeto que o disparou:

[C- ... *pelo que você está falando, daria uma sensação... de maior proteção (...), Eu acho que tem este cuidado... qual é o nosso papel... se a gente vai estar julgando...*]

A coordenadora recoloca o enquadre no qual a pesquisa se dará, reconhece a amplidão da tarefa e a reconduz por uma outra perspectiva: sobre a motivação dos voluntários (mobilização) para a pesquisa. Esses esclarecimentos e a diretriz dada a partir da solicitação do grupo pôde, neste momento, localizá-los e diminuir-lhes a ansiedade sobre a solicitação feita com a proposição da tarefa (não podemos deixar de notar as repercussões inconscientes que uma dupla de coordenadoras pode gerar frente a uma solicitação dirigida a um grupo de HSH. Essas fantasias aparecerão várias vezes no decorrer das sessões).

Com a diminuição do grau de ansiedade (“quebrando o gelo”), surgiu a possibilidade do contato com a tarefa:

[S - ... *uma coisa que me motivou a vir aqui é desmistificar que todo gay é promíscuo. Todo mundo transa com todo mundo, que é aquela festa, é um bacanal, por que não é.*] (AI,p.2).

Aqui temos uma representação social expressa por S (do homossexual ligada à promiscuidade) e outra individual (do homossexual ligada à fidelidade), em oposição.

[S: ... *Assim como que quando eu fui pegar o meu exame de aids, a mulher perguntou assim “você transa com camisinha?”, respondi que com meu parceiro não. “Por que?” Porque não, eu confio. “Você confia?” Confio, mas você deveria... vou devolver a pergunta: A senhora transa com preservativo com o marido da senhora? “Eu não”. Mas não é a mesma coisa?... É uma questão de confiança, (...)] (AI,p.3).*

Apesar do pressuposto do pacto de uso da camisinha ser de todos os grupos sociais, a representação social que se revela nesta fala é de que isso não é uma condição para os casais heterossexuais – pelo que parece, não há uma vigilância social sobre essa população no que se refere ao uso da camisinha. A associação que se faz aqui é de que a falta de proteção está

ligada à promiscuidade, mas apenas para homossexuais, como se ela só existisse no mundo gay (não se proteger é promíscuo quando é homossexual, quando heterossexual, não se proteger não é promíscuo).

Seguem-se outras representações que se opõem, mas que já sinalizam a instalação de um importante eixo estruturante que aparece no grupo no sentido da formação de um ECRO Grupal: o discernimento entre o *fora* (mundo externo, realidade, as representações sociais, as pessoas que estão fora do grupo, os elementos relativos ao mundo externo – no sentido dado por Pichon-Rivière) e o *dentro* (mundo interno, o que é do sujeito, deste grupo, suas crenças – representações individuais – valores, desejos).

Na seqüência, aparecem representações (*fora*) sobre uma homossexualidade ligada à afetação, à caricatura:

[S – *como aquele idiota do Tom Cavalcanti, que todo mundo usava cueca de couro...*] (AI,p.2).

Em oposição a uma homossexualidade (*dentro*) sem trejeitos, não afetada, discreta:

[S – *...acho que deveria haver mais desses papos aqui. Envolver um pouco mais da sociedade para perceber que todo mundo é normal*] (AI,p.2).

Aparecem também representações de uma homossexualidade amaldiçoada [S - *...aquela coisa de colocar toda a culpa, como a esposa de um amigo meu “a aids veio para acabar com vocês, bem feito”*]; mas que são contrapostas por uma representação de heterossexualidade hipócrita:

[S – *... passa na Rua Augusta às três horas da manhã, você vai ver um monte de mulheres hétero também promíscuas (...)* Promiscuidade tem, assim como tem em qualquer lugar] (AI,p.3).

No campo político, no que tange à defesa de direitos, aparecem representações no grupo da seguinte forma: homossexual consciente (“uma minoria que bota a cara para bater”) e de outro lado, aquela que “não levanta bandeiras”:

[S – se você pensa que eu vou falar alguma coisa de racismo (...) eu vou falar para você: acho que o ser humano é ser humano, independente da cor, de raça, de pele, de opção sexual. Não tem que ficar levantando bandeira para o direito de ninguém, eu acho que ninguém deveria ficar levantando direito se fosse o direito de todo mundo respeitado] (AI,p.3).

Neste ponto aparece uma contradição, pois, embora possa configurar-se numa estratégia política “não levantar bandeiras”, esta não condiz com a ação daquele que “põe a cara para bater”. A homogeneização do “fora”, no que se refere ao respeito aos direitos de todos, sem a discriminação das necessidades de cada segmento social, pode estar ligada a uma repercussão daquilo que se passa no grupo (pré-tarefa), ou seja, uma homogeneização do “dentro” pelo estabelecimento de um pacto²⁷, pelo qual o diferente deve ser expulso.

[S – olha, quando eu inicio um relacionamento eu deixo muito bem claro os meus objetivos. E quando eu fui percebendo alguma coisa, eu digo, olha eu não traio, eu não gosto disso, você pode aprontar por fora, eu não vou ficar com você 24h... eu só quero que você saiba de uma coisa: se você prometeu e acontecer alguma coisa, a responsabilidade é sua. As pessoas que eu tenho relacionamento são mais velhas...] (AI,p.3).

A idéia de estabelecimento de pacto é reforçada pelo aparecimento da representação do velho associada ao responsável em oposição ao novo que quer experimentar. Isso se dá no momento em que é retomada a tarefa explícita (“questões que se relacionam com proteção ligadas à sexualidade”). Este é um momento típico de pré-tarefa, pois além do que circula entre os participantes sobre relacionamentos, circula nas entrelinhas que para eles estabelecerem um vínculo no grupo é necessário haver fidelidade e indiscriminação.

A idéia de pacto como proteção de relacionamento mantém-se em pauta, mas agora associada à possibilidade de traição e à impossibilidade de confiança irrestrita. Assim, há o retorno à representação do homossexual promíscuo, no qual não se pode confiar.

²⁷ Este ponto refere-se ao exposto no capítulo anterior sobre os processos que organizam o funcionamento e os vínculos que são estabelecidos no grupo que possibilitam sua existência. Kaës assinala a importância das alianças inconscientes no estabelecimento do vínculo entre os sujeitos. Refere-se à organização do grupo que se dá de um lado positivamente (por investimentos mútuos, identificações comuns, sobre ideais e crenças, sobre modalidade toleráveis de realização de desejos) e negativamente (por renúncias, sacrifícios, embaralhamentos, rechaços, repressões, um “deixar de lado” e restos). Para estar juntos num grupo é necessário um pacto, do qual parte está manifesta, pela positividade, e parte está implícita (inconsciente), pela negatividade.

[Se - ...sempre tem que haver confiança, meu namorado em si, ele não sei, mas eu acho que ele poderá trair. Eu não sei assim 100%, mas eu acho que a maioria, acho 99% traem] (AI,p.4).

Na ausência do 100%, aparece a solidão apoiada na impossibilidade de confiar [Se – ... *por isso que eu estou só, porque eu tenho essa desconfiança*]. Neste momento, as representações que surgiram polarizam-se: confiar totalmente e desconfiar totalmente. Até o momento, **S** tem assumido o papel de porta-voz do grupo no sentido de uma tentativa de enrijecimento do grupo como forma de evitar entrar em contato com a tarefa (uma análise deste componente do grupo poderia ser realizada em sua dimensão intrapsíquica, pois ele se coloca com muita evidência no grupo e, às vezes, de forma bastante ansiosa; a perspectiva de análise deste trabalho, porém, é sobre o movimento grupal). A profusão de representações que traz em seu discurso refere-se à diretriz, à delimitação, ao julgamento e, especialmente, à confiança; ao mesmo tempo, refere-se à tarefa. A intervenção das coordenadoras no apontamento de uma outra possibilidade desse enrijecimento permitiu a retomada da tarefa e a abertura da cadeia associativa. A seqüência de associações amplia e gera possibilidade de ressignificação.

[C - ... eu acho que aqui está podendo ser mostrado isto, né, igualdades e diferenças que fazem com que o grupo possa dizer: a gente está estabelecendo uma confiança, neste grupo, este contato de confiança para ser mostrado, e para poder falar daquela sexualidade... tudo nesse... é tão amplo, este pedaço que a gente escolhe para poder dizer]. (AI,p.5).

Logo em seguida aparece a representação da confiança ligada ao amor e à possibilidade de um pacto de proteção no qual não está garantida a inclusão do preservativo. É importante notar que no grupo permitiu-se tocar na questão do pacto que exclui o preservativo, assim como nas representações da camisinha associada ao incômodo e à impotência; temas muitas vezes banido de alguns programas de prevenção. Mais interessante é o surgimento da representação do “psicológico” como forma de proteção **S** - ... *pela cara da pessoa você sabe, tem aquele estalo... você percebe pela desculpa, sem dizer como, nem*

quais as desculpas]. A onipotência de um olho que detecta o perigo contra a impotência que a camisinha gera. Na seqüência, nota-se que a abertura no campo associativo grupal, para o preservativo e o psicológico, promoveu mudança de postura em S (que até aqui mantém-se como porta-voz do grupo), de uma posição de rigidez, controle, certificação da confiança para a entrega ao impulso, ao descontrole:

[S - ... mas tem pessoas que você olha, porque... aquela coisa é um tesão, é uma coisa tão impressionante, tão, sabe, que por mais que a pessoa se guarda na hora ali, se a pessoa pegar e “não vamos usar camisinha”, você está no momento ali, vai, não adianta falar que não vai por que vai...” (...) Transar sem camisinha, vai na sorte, entrega pra Deus e fala “seja o que Deus quiser”. (AI,p.7).

A proteção ora está na confiança, ora no pacto, ora no “fora” (no destino, no divino). O olho mágico que “protege” pela discriminação entre os “decentes” e os “não decentes” é também o olho do estigma, o mesmo processo que acontece no sentido “fora-dentro” (sociedade contra homossexuais) e que se reproduz no “dentro-dentro” (homossexuais que se discriminam). Os sistemas que pareciam fechados, “fora” e “dentro”, agora se encontram expostos a semelhanças, mecanismos parecidos e a modelos consagrados:

[I - ... parece que o tesão a gente não controla, a gente, a gente tenta controlar, e a gente tenta controlar algumas coisa por aquilo que a gente acha que eu posso conhecer do outro mas que isto também, às vezes, não é muito confiável, entende, então eu estou pensando que isto acaba rolando um pouco aqui, né? Então, eu estava pensando que tem coisas que parecem que vão se reproduzindo, assim que a gente tenta e que faz parte, que estão circulando dentro da sociedade, estão circulando aqui dentro também...] (AI,p.8).

O apontamento pela coordenadora do paradoxo do homossexual discriminado como discriminador, a partir da alusão do “olho mágico”, é um importante momento de redirecionamento do processo associativo. Novas representações surgem acerca do “perverso”, tanto no que se refere a práticas sexuais, quanto a modalidades de relacionamento.

[S - ... o ex-caso dele queria transar a três, são fantasias, eu topo, eu tolero, eu também... não que este prazer seja pervertido, não. De

repente, tem gente que tem vontade de sentar em cima de coisa de borracha, o “fist fucker”...]²⁸ (AI,p.8).

É notável o movimento da negação na citação acima, pois, na seqüência, S “topa”, depois “tolera”, depois faz uma dupla negação “não que...seja pervertido, não” (aqui há uma dupla afirmação pelo negativo: “ele é pervertido!”) e, por último, “de repente” (imprevisibilidade do acontecer) cede aos instintos e “senta na borracha”. A negação como processo psíquico será fundamental na compreensão dos mecanismos de discriminação relativos à proteção e que serão descritos mais à frente.

Outros desdobramentos se manifestam, o “fora” e o “dentro” também aparecem na figura do heterossexual e do homossexual, mas aqui pela figura de um novo emergente, a questão da traição ligada à falta e à culpa:

[R - ... quando falta alguma coisa, a gente procura sair fora do relacionamento(...) ela não sabia da minha posição, de sair com homens. Eu saía com homens não com a intenção de trair, mas quando acontecia isso eu inventava uma desculpa, usava camisinha com ela (...) às vezes ela também usava camisinha para poder evitar gravidez. Eu acho que quando a gente trai é porque a gente está, alguma coisa esta faltando.] (AI,p.9).

Nesta fala, o pacto inconsciente da traição evidencia-se como forma de garantir o casamento (a negatividade, da qual se refere Kaës, sustenta o pacto da traição). O pacto que antes protegia o casamento, surge, neste momento, protegido pelo preservativo naquelas situações em que não é possível mantê-lo (do inevitável, da falta de controle e de suas conseqüências - a doença e a gravidez). A representação embutida neste emaranhado de relações é da camisinha como reveladora da traição.

Na seqüência da cadeia associativa, aparece um novo elemento para o “inevitável”, uma nova representação, agora associada ao pacto dialogado:

²⁸ É interessante notar nesta fala aquilo que Freud denominou como negação, “processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992, p.293).

[W - *Eu diria que pra mim é uma situação diferente da que você está falando. Porque eu não fiz um pacto, nas relações que eu tive, tive liberdade de dizer assim, entendeu, de querer outra pessoa...*] (AI,p.9).

... e que provoca reações:

[S – *Se fala isso pra mim eu quebro a cara...*] (AI,p.9).

É justamente essa heterogeneidade, pluralidade de oposições e complementaridades, da qual fala Pichon-Rivière, que garante a abertura do campo associativo para novas e diferentes modalidades de associações e a novas representações. O choque pela divergência, pelas similaridades, pela consistência dos argumentos, etc; possibilita a ressignificação ao promover um “descolar” o afeto da idéia de uma representação enrijecida para uma outra possibilidade de associação ou, em última análise, estabelecer uma nova relação com o meio, daquilo que o referido autor denominava como “adaptação ativa à realidade” ou “aprendizagem”.

Apesar das resistências, a representação do pacto dialogado ganha novas associações no que concerne à confiança: além de reconhecer a possibilidade de desejo por um outro (o impulso entra na consideração do pacto), afasta-se do modelo heterossexual (ou pelo menos naquele que se baseia num relacionamento exclusivamente a dois). Esse modelo poderia ter significado um grande momento de construção do grupo, sobre possibilidades de formas de relacionamento próprias para homossexuais, fora do modelo heterossexual; mas não lhe foi dado seguimento.

A relação de confiança ganha a dimensão do reconhecimento do terceiro (do manifesto e do oculto). Mais importante, ela ganha a dimensão de *construção* que se realiza com o tempo [R – *Eu acho que a confiança você vai adquirindo com o tempo.*]. Como a construção de sentidos pressupõe o aparecimento de contradição, a representação do relacionamento com liberdade, ganha ao mesmo tempo a dimensão do efeito reverso “para ter-se liberdade é

preciso dar liberdade” e sobre o quanto isso é perigoso quando se trata da outra parte (do parceiro). Esta é uma situação semelhante à que se reproduz na relação hierárquica de gêneros entre heterossexuais pela qual se atribuiu, historicamente, maior poder aos homens em relação às mulheres e que tanto prejuízo acumulou ao universo feminino. Até este momento não se apresentou uma questão relacionada à possibilidade de “diferença de gêneros” entre homossexuais (ativo-passivo, masculino-feminino, etc), apesar de ser um tema importante que determina a constituição de muitos relacionamentos homossexuais. A denominação HSH tenta incluir justamente aqueles homens que não se identificam como gays, mas que mantêm seu status de heterossexual dominante por tomar sempre o papel ativo/masculino na relação homossexual. As analogias, com o que acontece entre os heterossexuais, são apontada pela coordenadora, a qual reforça a dimensão da reprodução do modelo, assim como um tipo de idealização sobre ele:

[I - ... são coisas que vão aparecendo e que parece que estão presentes em todos os relacionamentos, não que existe um bom e um mal, mas é que eu acho que fica uma idealização ou uma idéia do que é bom e mal em função daquilo que já foi padronizado em relação ao que é o relacionamento por exemplo do heterossexual, é isso que é a impressão que está passando] (AI,p.13)..

Reconhece-se a partir disso que há diferentes modalidades de pacto consciente, do “sangüíneo” ao dialogado, comuns entre heterossexuais e homossexuais. O movimento do grupo ascende, mas, como já anunciado, ele não se dá na linearidade, na sucessão de aberturas que leva a outras mais amplas. Para Pichon-Rivière, o movimento do grupo operativo dá-se em espiral dialética, a superação das contradições estabelece patamares de evolução sucessiva entre situações de abertura (transformação/mudança) e de fechamento (estereotipia). O sujeito quando em contato com o novo, dependendo dos vínculos no cenário do seu mundo interno e do cenário externo (aqui uma possível relação com o conceito de cena sexual, quando nesta situação), pode continuar aberto e seguir, através dos mecanismos de introjeção e projeção, no caminho da ressignificação ou fechar-se na estereotipia (enrijecimento). Daí a alternância dos

momentos de pré-tarefa, tarefa e projeto. Esta explicação, neste momento, é importante para assinalar uma repentina retomada das representações de fidelidade irrestrita pelo porta-voz (S), mas agora com aspectos de compulsividade (ligar todo dia, em determinados horários; saber onde companheiro está, etc). Assinala-se também uma forte associação de promiscuidade àqueles que não assumem um relacionamento, o pacto consciente. Ao mesmo, o porta-voz fala do pacto inconsciente do grupo, como apontado acima, de fidelidade e indiscriminação.

[S – É que tem gente que quer gozar não importa como, entendeu, o negocio dele é gozar, seja com fulano ou com cicrano ele quer gozar, não tem relacionamento. Eu conheço várias pessoas que são assim, “eu não gosto de relacionamento, eu quero transar com um, quero transar com outro, eu quero transar quando sentir tesão, eu não tenho intenção de usar aquela coisa”, eu respeito, não vou recriminar, eu também não vou chamar de promiscuo, acho que sei lá, acho até que foi meio injusto usar este termo, eu acho que aqui cada um é cada um.] (AI,p.13).

Um pouco antes, havia sido feita uma associação da promiscuidade ao michê (prostituto) que transaria sem camisinha dependendo da quantia oferecida. Mas a essa representação do transar sem compromisso, emparelhado ao do michê sem escrúpulos, acaba por receber um julgamento, parcialmente velado pelo recurso da negação:

[S - ... não é o tipo ideal para um relacionamento. Não que eu chego lá e fico apontando o dedo ou jogando tomate ou ovo podre, eu acho que cada um é cada um. Eu aprendi a respeitar o ser humano.] (AI,p.14).

Esse movimento do grupo é, de alguma forma, apontado pela coordenadora quando retoma as falas sobre a diversidade de modalidades de relacionamento. Evidencia-se neste ponto a retomada de um momento de pré-tarefa quando o porta-voz (S) anuncia ter descoberto o objetivo da pesquisa no grupo “*entender as diversas, a gama que existe entre a sexualidade envolvida em cada tipo de relacionamento*”(sic). Daí o tema da confiança/desconfiança ser retomado e generalizado a todos, às pessoas dentro ou fora do grupo, em relação às coordenadoras, etc. Toda retomada não significa um retrocesso, pois novos significados vão

se agregando aos novos emergentes. Neste momento, surge como emergente o sentimento de estar vulnerável, do “ter exposto muita coisa”.

A segunda sessão foi marcada pelo não comparecimento de quatro dos sete participantes. Algumas hipóteses foram levantadas pelos próprios componentes do grupo, entre elas, a de que esperavam por uma palestra em vez de uma abordagem de “psicoterapia em grupo”.

A retomada dos trabalhos paralisa-se num breve momento pela falta de “algo estabelecido”. A reapresentação da tarefa é sempre uma ação importante na condução do grupo operativo, pois ela funciona como um elemento organizador do trabalho do grupo que opera em nível explícito, o tratamento do tema proposto; e em nível implícito, no qual as resistências, dificuldades, obstáculos podem ser, em nível inconsciente, elaborados. O resultado desse processo pode levar a um novo estabelecimento de vínculo no grupo e determinar o progresso no cumprimento da tarefa (explícita/implícita), cujo estabelecimento é sempre expresso por uma anunciação (“questões que se relacionam com proteção ligadas à sexualidade”).

Na seqüência, a oposição dentro/fora ganha uma nova dimensão neste momento do grupo: primeiro pela discussão sobre a questão das normas e categorias que a sociedade estabelece que ora aparece como protetora (dá regras, roteiros, papéis), ora aparece como repressora (padrões rígidos, o que pode ser “dito e não dito”, etc). Segundo, pelo olhar “de fora” da pesquisa e do caráter possivelmente *voyeur* das pesquisadoras-coordenadoras, quando percebido como um olhar de interesse para dentro do grupo: [W – *É muito confuso isso, muito difícil discutir quando eu não tenho qual é a ordem...*]. É interessante assinalar que, no momento da fala acima, havia chegado somente dois participantes (S chegou um pouco mais tarde), o que pode ter gerado uma sensação de desproteção frente ao olhar da pesquisa. O reconhecimento desse emergente via interpretação das coordenadoras [C - ... *fica*

meio desprotegido, deve se sentir meio... sente meio sozinho, vocês dois.] pôde garantir uma abertura para um outro momento, novas e importantes representações.

O tema da proteção, que se refere à tarefa, passa a ganhar novos significados: a proteção da individualidade (assumir ou não assumir uma identidade gay), do relacionamento com o outro (a questão da traição, do pacto de fidelidade, do amor romântico como proteção), do relacionamento com os amigos (confidentes, “as gays amigas”, da discriminação de “quem é do bem, do mal”), sobretudo ao que se refere à família, isto é, sobre sua aceitação ou não da homossexualidade do filho.

Quando **P** fala sobre sua mãe:

[P - Eu sempre tenho que dar satisfação pra ela, do que eu estou indo fazer, está difícil arrumar um namorado (...) Eles já passam por uma certa idade, acham que você tem que casar, que formar a sua família, e nem todo mundo quer casar Eu conheço alguns amigos que casaram por imposição da família e da religião. Então, como desde criança eles já se conhecem gays, então agora tem que abrir mão da sexualidade (...) ou me submeto a casar e a formar família ou saio de casa. O que eu não quero é falar para minha mãe. Por mais que ela desconfie, tenha quase certeza, mas eu não quero falar nada para ela, pela idade dela.] (AI,p.18).

Fala-se o tempo todo no grupo sobre proteção. Protege-se da curiosidade da mãe pelo sigilo, ou melhor, protege sua mãe de uma revelação que lhe pode ser “muito pesada; sua idade é a justificativa. Recusa a “proteção” da opção do casamento, o que lhe custaria abrir mão da sexualidade que lhe foi revelada desde cedo e a seus amigos também.

Mais adiante diz:

[P - Eu quero começar do zero, alguns amigos falam que eu preciso sair da minha casa, mas eu não quero sair da minha casa para ficar na dependência dos outros.]

Pensa-se no grupo que a proteção está na saída de casa, mas, ao mesmo tempo, revela-se falta de condições, pois, num sentido mais amplo, além do econômico, pode-se cair novamente na dependência dos outros. O porta-voz (**P**) assinala o desejo de emancipar-se, mas as soluções possíveis levam ao zero, à possível anulação de sua história: ou anula sua sexualidade ou começa do zero, sem sua família. Nesta fala, apresentam-se vários significados

para a representação sobre proteção, os quais se embaralham pela profusão de sentidos opostos que se manifestam no grupo, pelos quais fica difícil decidir a quem proteger e como proteger-se. Nisso, provavelmente, inclui-se o embaralhamento da decisão de proteger-se pelo uso do preservativo.

A contradição que aparece neste momento é apontada pela coordenadora quando mostra que, de um lado “não contar para proteger” e “o que tem a ver com a sexualidade não diz respeito a ninguém”. Surge no grupo uma posição intermediária, negociada, entre essas duas posições que se resume em: “falo sobre minha sexualidade, mas sem falar da minha intimidade”. O conflito então não reside na revelação da sexualidade, mas da intimidade. Essa revelação também ganha sentidos contraditórios, como desproteção (exposição ao julgamento moral) ou como proteção (pelo acolhimento da família). A consideração de que a intimidade do quarto dos pais é também protegida, ajuda a descolar o sentimento de desproteção do medo da revelação.

A representação da revelação ganha mais significados a partir da associação com a máscara, tema introdutório de uma outra importante representação que é a função do gueto:

[S - ... li a frase de uma amiga minha, ela trabalha numa boate (...) ela fez um discurso no final da apresentação (...) ‘muita gente pensa que a gente vem aqui para usar a máscara, e no entanto, é ao contrário, a gente vem aqui tirar. Então, aqui a gente pode ser o que a gente quer’.] (AI,p.20).

O jogo fora/dentro causa confusão e angústia em função das dificuldades, no processo de identificação do sujeito, de localização dos elementos, das categorias, dos esquemas (ECRO Grupal/Social), rótulos, etc, - constituídos pelas sociedades ao longo da história e do desenvolvimento social e cultural que enquadram experiências sexuais e afetivas dos sujeitos e grupos sociais - que tenham correspondência ao que representam de si mesmo enquanto homossexuais. O sujeito é aquilo que não é fantasia (representação social), mas ao mesmo tempo é a fantasia (aquilo que deseja ser ou como deseja ser reconhecido). A

representação social do homossexual não comporta uma perspectiva de um “bom homossexual”, como também para um “bom heterossexual”, pois a heterossexualidade está sempre “embutida” nas definições para “bom homem”, “bom marido”, “bom pai”, etc. Essa desorientação se estende sobre os substantivos comumente usados para se referir à homossexualidade como “orientação” e “opção” [S – *nenhum pai quer ver seu filho ou orienta seu filho a ser gay e opção sexual, eu nunca vou ter, eu nunca vou falar “eu vou ser viado”*].

A revelação aparece fortemente associada à exposição, à caricatura de um tipo de identidade gay que por mais que escondida pode, a qualquer momento, ser revelada por um descuido, um olhar ou um trejeito. A representação que surge é a de que todo o homossexual de uma forma ou de outra tem trejeitos que lhe são muito particulares e que alguns demonstram mais e outros menos. Retoma-se a questão dos objetivos da pesquisa (pré-trefa) num momento em que o tema da revelação coloca os participantes numa encruzilhada: revelar ou não sua intimidade. A isso se coloca:

[C - ... *quem é o interlocutor? Que vai ouvir esta minha intimidade? Este segredo que é algo a ser revelado. Que pode segurar, que pode dar sustentação. É de confiança? Tem competência?...*] (AI,p.25).

A ausência de alguns participantes liga-se à representação do fora/dentro, a qual ganha sentidos diversos (bom/mau), como se o que é bom estivesse fora (a sociedade, a pesquisa, os outros participantes) e o que está dentro é mau. A representação anuncia que se o grupo fosse bom, as pessoas estariam dentro. Considerou-se até a possibilidade de transformá-lo (no caso citado, um grupo de “bailão”²⁹) ele poderá se tornar um grupo bom. Isso suscita a pergunta: “o grupo bom está dentro ou fora?”. A hipótese que se coloca neste momento é a de que os participantes que restam, os de dentro, de alguma forma se sentem responsabilizados pela

²⁹ “Bailão” refere-se a uma casa noturna tradicional de homossexuais. Anunciou-se por S que se a pesquisa distribuisse entradas gratuitas o grupo ficaria cheio de participantes.

cisão criada no grupo e que repercutiu na expulsão de uma parte sua. Segundo elaboração dos participantes no grupo, no final da última sessão marcou-se com muita intensidade a representação de falta de compromisso (transar por transar) com promiscuidade, com a figura do michê. Essa associação pode ter repercutido na mensagem subliminar de que no grupo não caberia outro tipo de relacionamento que não estivesse ligado à fidelidade, ao amor, ao compromisso. Esse sentimento de inadequação é manifestado pela retomada dos objetivos da pesquisa no final da sessão e a tentativa de “satisfazer” a curiosidade das pesquisadoras. **S** - ... então é essa a dúvida que... você se interessa saber sobre o que a gente fala...]. O acolhimento da dúvida, a interpretação da angústia configura-se num caminho para reassuramento do espaço como possivelmente bom e passível de ser ocupado da forma como puder:

[C - Então talvez não seja só uma questão de informação, o que é que a pesquisa vai se ocupar, mas um pouco da certeza do que é que cabe neste espaço, se vai ser aceito, se as coisas vão ser aceitas aqui do jeito que elas estão, elas vão ser aceitas com o conteúdo que elas trazem, eu acho que tem essa vigília de um sinal, se o sinal é verde, ou se o sinal está vermelho, para as pessoas poderem colocar aqui as coisas de exuberância, ou a sua descrição, a sua gaveta remexida, ou a lagartixa na parede, a sua intimidade mais preservada ou a sua intimidade mais vasculhada, porque veio estes dois aspectos polarizados, por mais que eu tenha um livro em branco ou tenha algumas páginas arrancadas, ou 20% é segredo, da mesma veio a imagem de que poxa, nem um beijo, nem uma gaveta remexida, nem um chacoalhão, que são os extremos, eu acho que tem um pedido, por eu devo estar aqui, para ver, estes dois pedaços da mesma moeda, a exuberância, e a descrição, a intimidade guardada e a intimidade exposta...]. (AI,p.28).

O retorno sobre essa colocação, nos instantes finais da sessão, expressa-se num jargão de programa religioso “Fala que eu te escuto” que, em última análise, revela um desejo de escuta e de acolhimento.

Na terceira sessão, o grupo aparece mais consistente como espaço de escuta e acolhimento. Após uma leve hesitação (como um reassuramento dessa condição) entra-se num tema mais íntimo da atividade sexual, do “caçar”. **S** faz um relato bastante significativo:

[S – *Estava na discoteca no sábado, bebi que nem uma porra, estava passando mal, acho que colocaram alguma coisa na minha bebida. Eu nunca vi cara tão mal como eu. A figura se apresentou e eu levei pra casa, tá bom. Ficou falando que queria casar comigo, falei pra ele: “Deixa eu dormir, abre aí dentro e pega a chave e vai embora”. Pegou a chave e foi... pegou a cópia.]*

[W - *Foi um anjo que te preveniu de alguma coisa.*]

[S - *Não, ele não estava me enganando, por outro lado tinha que acontecer. Você já sabe.(...) .Não roubou nada Então eu acho que a gente sabe... A gente fica meio abandonado (...)].(AI,p.29).*

A questão da representação fora-dentro continua muito importante nas discussões que se sucedem, especialmente naquilo que se refere à identidade do sujeito, daquilo que ele é ou não é. Na passagem acima, o elemento que separa o dentro e o fora (a porta), revela um embaralhamento dessa representação, pois os mesmos significados ora aparecem dentro, ora aparecem fora. A proteção ora está dentro (a casa) ora está fora (pelo estranho que protege). O embaralhamento ora é por causa da bebida ou de algo que nela poderiam ter colocado ou, ainda, pelo “sentir-se abandonado”. A dificuldade reside no ponto que o sujeito não consegue se situar, não há clareza na distinção, até no que se refere a proteger-se. O porta-voz (S) demonstra não conseguir discriminar o que é bom do que é mal, especialmente por sempre se colocar com muita ansiedade nas situações: ora identifica um mesmo elemento como proteção ora como não proteção (a chave na mão do estranho: protegeu-o num primeiro momento; mas ameaça-o pela possibilidade da sua volta).

O emergente do roubo é apontado pela coordenadora como também tendo o sentido daquilo que não se manifestou no grupo, daquilo que não apareceu. Esse apontamento foi imediatamente associado à parte do grupo que não compareceu, que não ficou para manifestar-se, para falar, ou então à parte “que não teve paciência de esperar (...) para ver o que acontece”. Outras associações foram feitas a esse elemento: como a parte jovem do grupo, “que está começando agora”, que está “na idade da flor” (aqui uma colocação jocosa que inverte o sentido de juventude para deslumbramento), que não se revela e não assume

compromisso e que provoca raiva por não aproveitar a oportunidade para aprender. Este primeiro momento é sobreposto por outro que surge da expectativa em relação ao grupo em poder melhorar e ser acolhedor o suficiente para servir de apoio aos mais jovens aprenderem com os mais velhos. Essa expectativa vai mais além, na expectativa de que a pesquisa possa desestigmatizar, quebrar preconceito, mostrar que os de dentro não são “bichos, monstros, mas iguais a todas as pessoas”. O que era raiva (dirigida à parte que ficou fora), tornou-se culpa (originada na parte de dentro) pelo esvaziamento do grupo. Nota-se que as representações do fora/dentro ganham novas associações, pois a parte que estava dentro, agora está fora. Isso modifica consistentemente o conjunto de significações da relação fora/dentro. Neste momento há um salto na espiral dialética.

A discussão sobre a Parada do Orgulho Gay (que se sucedeu entre a terceira e quarta sessão de grupo) é um tema importante, pois se inverte a lógica da revelação - agora do dentro para o fora. Daí, as associações com proteção/desproteção se mostram bastante instigantes. Antes, porém, uma nova e interessante associação para a representação do relacionamento com compromisso surge no grupo ao ser revelado o outro lado da condição “abrir mão de tudo para o amor”, do compromisso que, a todo momento, precisa ser reconfirmado trazida por **S**, mas que é contraposta por **W** :

[W – Está parecendo aquela reação heterossexual, que o namorado fala para a namorada: “você tem que transar comigo para provar que me ama” ou aquela coisa assim, tem que transar primeiro com ele senão...”] (AI,p.3). (AI,p.33).

O lado da chantagem e da obsessão, por cuidados e justificações constantes, manifestados no grupo, revelam a forma como protegem seus relacionamentos mais íntimos, como um lugar sagrado, o qual foi quase “maculado” por uma traição que não chegou a se concretizar. Revela uma idealização pelo controle de purificar o espaço íntimo e expulsar o que não é bom. Isso colaborou por polarizar o grupo. A raiva manifestada pelo porta-voz (**S**) a propósito da saída da parte jovem do grupo, manifesta-se também pela mácula gerada no seu

espaço íntimo, por ter sido penetrado por estranhos que se instalaram à revelia de sua vontade (a parte jovem, determinada pela pesquisa; e o visitante do seu quarto que poderia ter colocado algo em sua bebida).

Reconhecer essa fantasia inconsciente que é projetada na parte jovem, irresponsável e descompromissada, é um momento importante da intervenção das coordenadoras pela interpretação:

[I – ... mas eu acho que fica esse mal estar mesmo de talvez... é como se estivesse destruído o grupo, ter colocada uma coisa muito firme que fosse excludente (...) Então, eu acho que é esse o mal estar que talvez fique, mas a pessoa pode dar um silêncio, e a gente não sabe o que é, eu acho que isto também nos tira a verdade.]

[C – Na verdade, o conteúdo dos que não estão está remetendo muito mais ao conteúdo do desconhecido que está. Então, parece que a dificuldade, que aqui se instala, é de olhar para coisas diferentes, então quantos que vieram, se é do mesmo nível, sobrou, o que é igual? Parece que dá uma certa tranqüilidade. Então, a diferença, o que é desconhecido é o que assusta, é o que intranqüiliza. Independente do que é o conteúdo, a gente não sabe qual é.] (AI,p.39).

Após esse momento, há um intenso trabalho de reconstituição do grupo. Tenta-se recuperar as contribuições que a parte não presente do grupo poderia contribuir; reflete-se sobre qual seria o ponto de rompimento “batendo na tecla do que é promíscuo” e constrói-se a hipótese sobre a razão da cisão: “Ah, não espera aí, se aquilo que eles estão falando que isso é promíscuo, então não sirvo pra eles”. A culpa pela cisão no grupo encontra assim uma possibilidade de ser representada e por isso, superada a contradição que gerava o sentimento de angústia entre os participantes de dentro.

[C- esta ausência, ela está presente, e ela pode estar presente, o que eles representam, pode estar presente dentro de cada um que está aqui. Esta representação está colocada fora, o diferente, as penas, da imaturidade, o novinho, a irresponsabilidade, o não pacto, o não amor, são pedaços que compõem aquele quebra cabeça que está procurando por um lugar, está procurando para onde é que está este desconhecido, ele foi embora, ele foi excluído ou ele está aqui para ser considerado, não destruído”. (AI,p.39).

Nota-se aqui, mas uma vez, que a função de porta-voz se traduz por seu discurso nunca ser um acontecimento isolado, à parte do contexto grupal; mas é aquele que anuncia, um emergente, que expressa e toma para si o conflito gerado no grupo - o porta-voz de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo. O emergente trazido pelo porta-voz deve ser compreendido como a tentativa de reconstruir, não somente seu mundo intrapsíquico, mas, principalmente, o do seu grupo. O movimento de **S** é bastante ilustrativo nesse sentido, pois ao mesmo tempo em que tenta reconstruir o grupo em função dos ataques e críticas que fizera à parte nova, pôde reconstruir-se internamente ao amenizar a invasão (pelo menos, naquilo que se refere aos ex-participantes) realizada pelos “de fora”.

No início da quarta sessão repete-se o jargão “fala que eu te escuto”, dessa vez expressa por **W**. Após um trabalho de reconstrução, a reafirmação de compromisso (escuta e acolhimento) parece apropriada. Acrescente-se a isso que o grupo registra mais uma ausência (**P**) e o reassguramento de ser um grupo bom parece necessário neste momento. É importante que os momentos de pré-tarefa sucedam-se dessa forma no grupo, pois garante a manutenção e/ou rearticulação do enquadre.

Esta sessão acontece após o evento da Parada do Orgulho Gay que ocorrera na Paulista no domingo anterior. As considerações sobre o tom festivo do evento em detrimento ao político foram intensas, ao ponto de depreciá-lo como “coisa de boiola”, pois assumir publicamente sua condição só teve lugar no período da semana e, depois, tudo se perdeu. As polarizações que se colocam a seguir, na reflexão sobre o evento, contrapõem-se pela comparação com o carnaval, de um lado, e o trabalho de evangelização, de outro (profano e sagrado). Do carnaval ressaltam a semelhança com o descompromisso, da festa sem o trabalho político (de valor histórico, popular). Do evangélico tem o trabalho de catequização, “pacífico”, que “não prejudica”, “traz um conceito... está plantada uma sementinha”. As comparações polarizadas são interessantes em vários aspectos, além do sagrado e profano já

apontados; elas se referem ao trabalho em bloco de um lado (“você vão ter que nos engolir”, como se fosse possível numa parada resolver todo a questão da invisibilidade e do preconceito) e o trabalho da sementinha que é realizado aos poucos, a cada evento e “regado 24 horas” por dia. Essas polarizações, ainda que produto de um embate no grupo, expressos entre **W** e **S**, são capazes de gerar cadeias associativas de muita riqueza. O trabalho de alinhavo de intervenção pela interpretação das coordenadoras, ajuda o grupo a articular-se num processo de escuta mútua e permitir-lhes avanços no interjogo fora/dentro.

Aspectos de revelação, de reconstrução de conceitos e idéias começam a ser reconhecidos como também pertencentes aos efeitos que a parada promove:

[S – Tenho um grupo de amigos que saíram, mas não só tinha gay no meio, não, tinha hétero, não sei porque. (...) Eu acho que até foi intenção deles, aí, eu acho que o interessante que é colocado dos hétero terem ido, como “pô, eu sou hétero, eu sou diferente deles em alguma coisa... quer dizer, eu tenho uma esposa, eu tenho minha filha, convictamente hétero, então, o que acontece não me agride em nada”. Eu acho que até é uma questão de conscientização que fica legal.] (AI,p.41).

Da noção de ruptura passa-se à noção de processo que a “mistura” pode promover, na transformação sobre como a sociedade vê o homossexual (como o fora olha para o dentro). Essa mistura também aparece na fala de **W** quando mistura o profano da parada ao sagrado de Jesus:

[W - ... quando se mistura não sabe se é gay ou não. Que aí é uma discriminação, se alguém ficou com você, sabe, declarando que é hétero, que não é homossexual e, de repente, está ali junto, brincando ou participando daquilo. Isto mostra que ele é mais uma pessoa que não tem preconceito. É a mesma coisa que um crente, este já está ao lado de Jesus, já não é mais o único. Então, quer dizer (...) quanto mais as pessoas participarem mais vai crescendo o movimento e, assim, vai num ponto que ela própria vai poder fazer com que as pessoas de consciência que o gay não é um bicho, um extraterrestre, é uma pessoa como qualquer outra.] (AI,p.41).

O interjogo fora/dentro muda seus vetores. A proteção que, num primeiro momento, estava no fora (nas regras sociais, no modelo heterossexual, no divino, etc) passa a ganhar

também um aspecto positivo quando se volta para o dentro, pelo olhar revelador de que lá não há “bicho, ET”, mas “pessoa como qualquer outra”. A questão do embaralhamento (indiscriminação entre bem e mal) dilui-se entre as possibilidades de “ser hétero”, “ser homossexual” e estarem “todos juntos”, todos dentro³⁰.

Segue a discussão na recuperação do sagrado personificado pela igreja, informa-se da possibilidade que ela aceite homossexuais em seus quadros (no caso, presbiteriana). Neste ponto, apresenta-se um novo momento do grupo, no qual pensa as relações fora/dentro a partir de uma outra perspectiva, a partir de um outro dentro (a comunidade religiosa), cujo funcionamento também pressupõe a assunção de máscaras, de rituais, crenças, discriminações e indiscriminações que atuam entre si na manutenção de um pacto (no sentido dado por Kaës, como já anunciado, sobre alianças inconscientes). Por não chegarem a elaborar um pensamento crítico em relação à dissolução do pacto como perspectiva de mudança acionada pelos movimentos sociais (no caso a parada), permanecem na posição dúbia, segmentada e confusa entre a exceção (a parada) e a rotina (o dia-a-dia), no colocar e tirar a máscara.. Isso fica mais claro nas palavras de **W**, como porta-voz.

[W - Você vai na igreja para ficar lá orando, estar lá rezando, mas quando saiu da igreja, você vai viver a sua vida, não é que você está deixando de acreditar na palavra de Deus, deixando de acreditar num monte de coisas, que é da igreja, no máximo você tem uma, outras coisas que também fazem parte da sua vida, não precisa ficar rezando, orando, o tempo todo, você pode fazer muitas coisas, não é

³⁰ A idéia da parada como um grupo ressalta os aspectos que movimentos como este podem cumprir uma função de disparadores de processos de ressignificação em grande massa, talvez numa versão multimídia, na qual a palavra divide espaço com o ato, a criação, a música, a exceção, o escárnio, a revelação, a máscara, a nudez, o burlesco, o bizarro etc. O movimento na rua agita e arrasta, coloca a velinha alquebrada de cara com a travesti rosada, o segurança do banco vexado com a “barbie” em branco, o adolescente assustado pelos trejeitos do velho safado... todos os tipos, todos os gostos, todas as combinações matemáticas possíveis para nas quais o pobre conheça o rico, o bonito e o feio, o tímido e o grotesco, o velho e o glamour, o pobre e o bonito, o tímido e o alto, o feio e o rico etc; mas, especialmente, o fora e o dentro (e vice-versa). Agita e arrasta não somente pelo ritmo da música que a todos faz balançar (misturar, romper, rearticular), mas pelo ritmo psíquico e social que de maneira imprevisível pode promover mudança (também imprevisível) pela heterogeneidade arregaçada. Tudo se mistura e bate forte, bate estaca e martela o pensamento, os sentimentos, o desejo de quem pela primeira ou décima vez comparece na avenida. O interjogo entre discriminar/indiscriminar se embaralha de tal forma que como resultante resta o humano, “como qualquer outro”.

isso que eu critico. E também de alguma forma, você não vai ficar só você, e todo mundo já foi embora, a festa acabou.] (AI,p.42).

Aqui o tema da proteção é tratado em e como “partes” que parecem mais competir do que articularem entre si. A possibilidade de mudança pela parada desperta ao mesmo tempo a proteção pela mudança do olhar de fora para dentro, mas a desproteção de “ficar só quando todo mundo já foi embora, a festa acabou”. Esse sentimento também aparece nas palavras de **S** em **[S – tão rápido. A gente não esperava tão rápido]**. A representação do sagrado pela referência à igreja ganha um sentido especial de proteção neste momento do grupo como forma de asseguramento de espaços de apoios psíquicos³¹ aos processos identitários. Nisso se inclui a questão do gueto e a reafirmação dos espaços sagrados **[W – Só Jesus salva]** como forma de proteção. O apontamento desse impasse e embaralhamento frente à possibilidade de mudança³² realizado pelas coordenadoras é contraposto por:

[W – Eu sinto nas tuas palavras que, não só hoje, mas em outras sessões, que você puxa muito para a questão da proteção em alguma coisa, seja lá gay, seja lá aceitação de idéias, seja através de alguns itens que nós discutimos anteriormente. Eu não... vamos supor, toda vez que eu ouço falar sobre isto... o que é que ela quer mostrar com isto? Por que ela questiona tanto esta proteção? Que raio de proteção é essa que ela quer que a gente se manifeste aqui? Que na realidade eu não procuro nenhuma proteção em nada, eu cuido da minha vida, da forma mais natural possível (...) mas não seria como no sentido da proteção para poder ser gay, aceitar ser gay, precisar dessa proteção, mas sim por ser humano, necessita de proteção, seja ela...] (AI,p.46).

Não se pode esquecer que “proteção” é um dos temas da tarefa e sempre permeará (consciente e inconscientemente) o trabalho do grupo. Nesta fala, **W** manifesta (com irritação: “raios”!) uma postura de indignação quanto à discriminação no tratamento dado pela coordenadora à questão da proteção. Relativiza a proteção como algo de qualquer pessoa, do humano; no momento em que o foco de discussão referia-se a uma outra representação que

³¹ Para KAËS, da mesma forma que o psíquico se apóia sobre funções bio-fisiológicas corporais, existe um apoio de formações psíquicas sobre o grupo e sobre as instituições; em especial sobre os representantes e as formas mais carregadas de significação: a família e a mãe. (KAËS, 1997, p.191)

³² Como já referido, o acionamento de mecanismos de defesa quando mobilizados os medos básicos: ansiedade paranóide (ataque ao ego) pelo medo do desconhecido; e ansiedade paranóide (perda do objeto), pelo medo de perder o que se conhece, o que possui.

começava a emergir pela alusão ao sagrado, em contraposição ao sentimento de desproteção gerado pela abertura promovida pela parada. Isto remete à discussão sobre a associação entre a proteção e promiscuidade (na fala sobre testagem de HIV de S), pois, se num determinado ponto da discussão proteção associou-se com equivalência à promiscuidade (na situação de pacto), neste momento, a associação estabelece-se noutra pólo, entre proteção e indiscriminação (“é humano”) e entre proteção e fragilidade. Assumir a proteção é assumir a fragilidade. Revela-se o sentimento de estar desprotegido no grupo. Este parece ser um outro momento de elaboração, pois a questão da proteção vem ligada à fragilidade humana (proteger-se significa assumir a fragilidade).

O grupo mostra-se instável neste momento e retoma uma postura inversa à indiscriminação.

[W – é saber onde está pisando, não se arriscar sexualmente, evitar o mundo da promiscuidade, é esta a coisa que eu posso falar da doença ou usar a camisinha, sei lá. Essas proteções dentro da sexualidade, essas são válidas. Agora, isto aqui, que você está levantando, de igreja, de aceitação, de hétero, não vejo.]

... mas ao mesmo tempo não foge da questão da fragilidade...

[W – você viu o que ele falou que o padre queria pegar o rapaz. Quer dizer, a proteção... não dá pra desviar de uma situação, né? Jamais que eu ia imaginar, que eu vou chegar lá e o padre vai me cantar e vai querer ter uma relação comigo.] (AI,p.46).

... o lugar seguro é o bom senso:

[S - ... eu acho que a proteção em si, que a gente tem é pura e simplesmente o bom senso, seja ele, você sabe... que transar sem camisinha você pegar Aids? Sei. Com uma pessoa estranha? Sei. Você vai transar? Eu não. Com meu parceiro, sim.] (AI,p.47).

Neste momento instala-se um nível de discussão mais complexo, no qual aparecem questões de discriminações e indiscriminações que oscilam em relação ao ato de proteger-se. As figuras de Cinderela e Alice³³ nas falas ilustram bem o aspecto de da dificuldade de

³³ Cinderela refere-se a um tipo de golpe (“Boa Noite Cinderela”), outrora comum na comunidade gay, no qual substâncias psicotrópicas eram depositadas na bebida da vítima, que, em consequência, perdia totalmente a capacidade de julgamento de seus atos, mas cumpria-os, como se fosse um sonâmbulo, sob ordens de outrem,

discernimento no enfrentamento de uma variedade de situações imprevisíveis e incontroláveis (o padre que assedia, a droga que um estranho coloca no copo, a reação a um sorriso feminino, etc.) O bom senso de não “transar com um estranho”, não pressupõe o parceiro tornar-se o próprio estranho. O bom senso é o controle constante (os reassseguramentos que S manifestou em parte das discussões) e o não descuidar um minuto, discriminar sempre. Mas este também se revela como o lugar da falta, da falha:

[W – Muitas vezes o golpe cinderela, muitas não, eu acho que todas, aí a pessoa não percebe, por mais que a pessoa tenha bom senso, aí é uma questão de ter um descuido um minuto.] (AI,p.47).

A lembrança da chave, da história contada por S no início das sessões aparece “espontaneamente” (as aspas frisam o trabalho do implícito para tornar-se explícito) e provoca a seguinte colocação:

[C - ... talvez falte uma chave para entender como é que abre esta porta para o entendimento da discriminação e da indiscriminação. Tem mais, estamos percebendo que a discriminação do outro, de quem está fora, o hétero, ela está diminuindo, eles estão participando, tanto das boates quanto dos espaços das festas, e mesmo, e nesse mesmo tema surge todos esses contos de fada, para localizar dentro do mundo gay momentos onde existem os descuidos e as tontices que fazem com que não discrimine, não se perceba, não se faça diferença do que é que está surgindo, dos riscos. Então de pensar um pouco, se essa indiscriminação tem haver com essa identidade que também está querendo se discriminar, se diferenciar]. (AI,p.48).

O tema do relacionamento de quem está dentro toma centro nas discussões até que novamente a questão da mistura retorna à baila, agora na figura da mulher e do desejo a partir da situação que S conta sobre uma garota que lhe fez uma solicitação:

[S - ... eu sei que ela quer outra coisa, também. Não vou quebrar a cristaleira com ela, de jeito nenhum. Não dá. Chegar em casa, você pega os pratos e eu os talheres. Um fica olhando para o outro... e

cujo propósito era roubo. Daí o nome Cinderela, pois a recuperação dava-se após um longo período de letargia. Sobre Alice, refere-se à pessoa perdida, que não consegue escolher entre as possibilidades que lhe são propostas. É interessante notar, que toda construção teórica elaborada por Deleuze em “A lógica do sentido” é baseada justamente na discussão sobre o conto de Lewis Carrol, “Alice no país das maravilhas”, no qual a questão do paradoxo coloca-se continuamente à personagem em contraposição ao mundo do bom-senso em que vivia.

assim eu fui fazer uma poesia para ela. Ela ficou até contente.]
(AI,p.52).

A questão do não discernimento volta e persiste na definição das relações, na exatidão do desejo do outro, dos significados da pesquisa, sobre o que é ser gay ou ser heterossexual; uma situação definida pela imagem de S nas cores do arco-íris “todo mundo vê somente a última cor e esquece das intermediárias”. A solução parece residir num outro momento, num outro lugar, em outras condições [S – *se a gente vivesse num mundo, vai, na Holanda*]. Entra em consideração neste momento outros fatores que participam desses entrecruzamentos que definem o cotidiano das pessoas, ou seja, aspectos de desenvolvimento econômico, social e cultural (sem discriminação social, de cor, de origem etc); nos níveis que se encontra na Holanda. Afirma-se que as condições para firmar-se como homossexual no Brasil são menos favoráveis do que na Holanda.

O olhar do fora quando referido sobre a parada e que tomou aspectos de desproteção, agora é reconhecido estar dentro do grupo pelo olhar das pesquisadoras, num movimento próximo aos efeitos que a parada causaria, ou seja, do julgamento. A esse momento, o grupo se contrapõe em proteção e precisa garantir a si mesmo de que não será criticado [W - ... *a gente vai deixar para criticar só no último dia*] ... [C - ... *pra não correr o risco de ser criticado.*].

Neste ponto surge uma outra representação, a da complementaridade (o olhar de fora que ajuda a discriminar a identidade do homossexual pela discriminação do que é “ser gay” do “não ser gay”), isso gera uma certa angústia no grupo.

[C - que lugar que a gente ocupa, neste grupo, que de alguma forma, ele é semelhante ao que ocorre lá fora, que lugar, que outras pessoas ocupam essa complementaridade, para poder entender o que é ser gay, o que é essa identidade. Se da para ela estar tão, esta indiscriminação, esta mistura, ela facilita, ou não ser menos discriminado, é o tema que está sendo trazido aqui. Será, olha vamos festejar a não discriminação. E ao mesmo tempo, puxa se pudesse ser um Amsterdã, como é que seria isto, da não discriminação, o quanto que isto está tão próximo de ser discriminado, ou não ser

discriminado, pelo outro que está fora, está tão próximo, a possibilidade de ser ou não ser gay.]

colocação à qual **W** reage...

[W - Nós não vamos chegar a uma conclusão ou uma regra ou definir algo aqui a respeito de... da sociedade, da discriminação. Nós vamos ficar falando a respeito simplesmente, vai se falar de um assunto, esse assunto vai buscar outro, vai trazer outro, e esses outros vão se complementando aquele, mas os novos assuntos podem estar, mudando toda aquela imagem que tinha do assunto inicial, já não é mais aquilo, já é outra coisa, porque cada parte, eles caminham num caminho diferente. Quer falar de discriminação, quer falar de homossexualidade, se vai falar de outras coisas, cada caminho tem a sua diretriz, o seu fim, . se você falar todos esse assuntos ... nós não vamos chegar a nada mesmo...] (AI,p.54).

Este final de sessão caracteriza-se por uma retomada da pré-tarefa, que neste grupo se caracterizou pelas questões dos objetivos da pesquisa, para questões que são mais conhecidas, para o discernível, o “discriminado”, o menos desprotegido. Novamente, um retorno nunca se dá da mesma forma, **S** se refere ao seu comportamento ciumento relacionado a uma forma de proteção de seus sentimentos. Não chega a formular uma explicação, mas faz a relação.

O início da última sessão é marcado por várias referências a perdas: de objetos, de partidas e manifestamente por **W** ao discorrer longamente sobre espaços de convivência e relações pessoais que são sentidas e valorizadas com a dimensão do tempo. A aproximação do final do grupo retoma o tema da proteção, agora com o sentimento de que ficará desprotegido. Revela-se, neste ponto, o grupo como espaço efetivo de escuta e acolhimento refletido no sentimento de sua perda (fim do grupo). Esse momento aproxima-se ao tema da última sessão, da proteção associada à fragilidade. Esta representação encontrou melhor repercussão no grupo quando foi relacionada ao que chamaram de “fase de abismo” (depressão), a fase de revelação para si da sexualidade; da reclusão, do esconder da família, da procura por apoios (**S** o encontra primeiro na figura de uma prima lésbica e depois na própria família), a dificuldade em estabelecer uma identidade a partir de uma representação social que coloca o homossexual como algo pervertido, caricato, desequilibrado, promíscuo, cheio de plumas e

enfeitado, etc. Ela, ao mesmo tempo, associa-se ao estupor da revelação em função de histórias semelhantes que aparecem no grupo, nas quais a revelação da homossexualidade se dá a partir de um beijo roubado, circunstância de surpresa e falta de oportunidade para proteger-se.

O tempo que se acaba para o grupo é recuperado agora na história de cada um, sobre como se desenvolveram seus primeiros encontros. Nessas histórias de desproteção pelo beijo roubado, pelo abandono sem explicação (relatado por **W**), é possível encontrar o lugar para retomar as histórias, fortalecer-se pela ação do tempo, e recuperar, após 13 anos, os sentidos (ou diluição deles) para fechamento de uma história. Da mesma forma, **S** refere-se a mudanças que se processam com o decorrer do tempo. Nota-se, mais uma vez, que o conteúdo das histórias relatadas são também o conteúdo do que se passa inconscientemente, da possibilidade de elaboração pelo grupo da perda do seu espaço e da sua própria existência, mas também da continuidade de suas construções, marcas e lembranças, e permanência dos sentidos ali gerados que vão além do tratamento de informações e aprendizados. A dimensão do tempo e da forma de apropriar-se dos temas e dos objetos ressalta-se neste final.

[C - ... parece que não é de informação, não é de uma resposta, o papel de se apropriar de um novo sentido para a vida, uma mudança uma coisa que de repente eu tenho que fazer um sentido tão grande, hoje faz um sentido diferente, parece que não foi a informação que mudou, mas foi o jeito de viver determinadas coisas.] (AI,p.66).

A consistência do ato de proteger-se também se liga ao tempo, à vivência de experiências importantes, intensas e dialogadas que se consolidam numa espécie de “armário sempre presente”³⁴, cuja função parece exercer um apoio psíquico no qual o sujeito pode sustentar-se contra os efeitos de situações de quebra de relacionamentos, angústia pela perda, ansiedades que levam a situações de desproteção e desafios à morte. É interessante notar que,

³⁴ Esta é uma expressão bastante rica, cheia de significados, tanto para o mundo gay, por marcar o espaço de proteção da identidade, da intimidade; mas também para a psicanálise ao aproximar-se da função do pré-consciente de manutenção da memória e das recordações que podem ser evocadas.

neste momento, a promiscuidade associa-se à proteção na medida em que protege as pessoas das frustrações da quebra de relacionamentos e quando não se tem um “armário de memórias” para protegê-los dessa postura.

A construção do armário enquanto representação da maturidade é contraposta com a retomada da parte jovem descompromissada com a proteção, diante da qual o grupo passa a pensar sobre as formas que as políticas públicas de prevenção deveriam ser pensadas, mais abertas e diretas à questão, não somente da informação, mas de como elas devem ser incorporadas à vida biológica (não ligada à morte), às suas experiências pessoais e sociais (psicossociais), aos armários dos quais cada um dispõe para se proteger. Este momento do grupo pode ser caracterizado como um passo além da tarefa, rumo ao projeto (repensar a própria tarefa e tornar-se, talvez num grupo de discussão sobre campanhas de prevenção).

Na parte final do grupo, retoma-se as partes que não seguiram todas as sessões, mas que estão presentes neste trabalho e no mundo gay e reforçam a idéia de como é possível a construção de sentidos pelo diálogo em diferentes níveis de realidade.

[W - Então, para fechar a questão, o grupo começou com mais pessoas, e mesmo que não comparecendo às sessões eles sempre fizeram parte de nossas conversas, fizeram parte de um todo independente da presença física.] (AI,p.70).

As frases finais da sessão verbalizadas por C expressam muito da diversidade e dos momentos que se alternam num grupo. Pouco antes havia aparecido a figura do beijo roubado que se presta mais pelo roubo do que pelo beijo. O roubo em si não mata, exceto pelo beijo da mulher aranha ou da viúva negra (duas figuras femininas). A morte por vários momentos permeou o grupo no sentido do risco, da perda, da depressão, da angústia; mas sempre com a possibilidade de reconstrução e fortalecimento, como passagem para um outro estágio.

[C - acho que de alguma forma, pode fazer algum sentido, eu acho que também teve presente esta polarização, eu acho que de idealizar como é que poderia ser esta, este mundo gay, ou esta ligação sexual, e o quanto que vocês trazem esta vinda, da sedução à morte, da festa à dor, daí o que me chama a atenção é esta imagem final que vem, do

beijo da mulher aranha, então é um beijo esperado, é um beijo criado, erótico, seduzido, mas que pode estar cheio de veneno, então do quanto que estas coisas não são, no grupo elas não foram absolutizadas, não foram absolutas ou a vida ou a morte, ou a festa ou o fim de festa. O quanto que estas coisas que vocês trouxeram todo tempo muito misturada, e o quanto esta mistura ela estava muito parecida quando vocês traziam no dia a dia dessa vivência do ser gay, esta mistura é algo que acompanha, e que em alguns momentos dá prazer e em outros momentos dá dor. Obrigada!] (AI,p.74).

Finalizando, como resumo dos temas e das representações que surgiram nas discussões deste grupo, poderia-se destacar:

- A ampliação da noção de compromisso rígido, controlado pela fidelidade para as possibilidades de relacionamento dialogada, na qual a franqueza do desejo (do impulso) pode estar presente nas relações entre HSH, inclusive como forma diferenciada (a três, por exemplo) do que se encontra normalmente nos padrões sexuais vigentes.
- A idéia de que o trabalho de prevenção não se restringe ao uso da camisinha, mas para além disso, na discussão sistemática do que é proteger-se ligada a questões de identidade, da revelação, da questão do preconceito e da dissolução de espaços (entre guetos e “realidade”). Inclua-se neste lista, a possibilidade de descarte do preservativo como forma de proteção.
- A questão das representações sociais enrijecidas e desarticuladas do que é homossexualidade, mas especialmente de como elas afetam funções psíquicas importantes e diretamente relacionadas ao ato de proteger-se, as quais se referem à negação, ao ato de discriminar o que é de si e o que é do outro.
- Nota-se também associações reveladoras da variedade de sentidos que o preservativo pode estar associado na relação entre duas pessoas e que precisam ser levados em conta nos programas de prevenção: a camisinha ligada à homossexualidade promíscua, como

reveladora de promiscuidade em pactos, como moeda de barganha para asseguramento de relações afetivas.

- Sobre a necessidade de discussões em contextos mais amplos (afirmada pelo próprio grupo), que não se restrinjam a modelos consagrados (palestras), a questão da defesa de direitos e sobre a politização de movimentos de abertura e quebra de preconceito, como a parada.
- A questão sobre como o diálogo dentro e fora da comunidade é fundamental para a criação de espaços não só de discussão, mas de vivência de experiências psicologicamente importantes como preparação para a proteção (criação de armários). A função da tradição, do gueto e a troca entre mais velhos e mais jovens que, de alguma forma, representam espaços sagrados (apoio psíquico) à construção de uma identidade gay apoiada em aspectos “positivos” para uma representação social menos paranóica e depreciativa.
- Uma questão que não apareceu como emergente refere-se à diferenciação entre ativo-passivo, muito forte no estereótipo do gay. Ela que pode estar embutido no binômio coroa-carinha, no que se refere à observação de que os carinhas não ficaram no grupo para receber o que os coroas tinham para oferecer.

É importante também fazer nota sobre a forma de construção, daquilo que Pichon-Rivière estabelece como um ECRO Grupal. Num primeiro momento, as discussões que se sucederam a partir de uma *diferenciação fora-dentro*, relacionadas às discussões sobre:

- 1) a questão da pesquisa, do olhar preconceituoso da sociedade que sempre manifesta aspectos negativos em relação ao homossexual: promíscuo, pronto a fazer baixarias, afetados, etc.
- 2) a existência de uma identidade gay e se ela deve e como ser revelada.

- 3) a relação entre padronização e regras, como proteção, e o desconhecido, como desproteção. As coisas ditadas, as regras, que podem ser proteção, porém a contrapartida também deve ser considerada: excesso de regras, a camisa de força que impulsiona à transgressão, e uma possível desproteção.
- 4) a imagem da máscara que esconde e mostra é ilustrativa dos conflitos entre o assumir ou esconder a identidade. Os traços, trejeitos, adereços, etc, associam-se a formas de categorizar os iguais: “certo x errado”, as categorias dentro do próprio grupo de homossexuais.

Num segundo momento, o processo estabelece-se pela *diferenciação dentro-dentro*, ou seja, as questões relacionadas às diferenças dentro do próprio grupo que se manifestam a partir da ausência de parte dos membros do grupo, à qual se atribuiu a representação do lado de risco, de exibição que se remete ao desconhecido de cada um. Essa diferenciação versou sobre:

- 1) A mistura de sentimentos (vergonha, culpa, abandono, fragilidade) expressa a possibilidade de risco, apesar da tentativa de manter a racionalidade e a consciência de posições tomadas, que seriam próprias e/ou revelariam maturidade e, conseqüentemente, proteção. À desproteção contrapõe-se a idéia de maturidade como proteção. Essa representação se manifesta do grupo pelo lamento da ausência de outros membros identificados como mais novos e que deveriam aproveitar o espaço de grupo para adquirirem uma suposta maturidade que poderia ser viabilizada pela passagem da experiência dos mais velhos aos mais novos (“criação de armários”). A tradição surge como possibilidade de extirpar o estigma do gay exibicionista, liberado. O lamento da ausência de parte dos membros identifica algumas expectativas associadas ao grupo aparecem em imagens de escancaramento (“na parede como lagartixa”, “virar pelo

avesso”), como expectativa de que o apoio do grupo pudesse estimular a situação de revelação, de superação do conflito “exposição x recato”.

- 2) A expectativa em relação ao grupo na função de ocupar um lugar de apoio para a revelação do mundo gay, discutiu-se que nem o gueto (guetificação) ou nem um grupo terapêutico (medicalização, psicologização) seriam as únicas possibilidades de apoio. As políticas públicas poderiam apresentar propostas nessa direção da construção de outras possibilidades de apoio social que não se restringissem a esses dois pólos.
- 3) A relação estabelecida entre as representações do que é risco, do que é prazer, do que é assepsia, do que é proteção se entrecruzam gerando como efeito sentidos no quais o prazer fica ligado a situações de risco, assim, a proteção, na questão da assepsia, se distanciaria do prazer.
- 4) A expectativa em relação ao grupo também aparece na possibilidade de exposição, na esperança de que o grupo possa ser apoio para experimentar essa situação sem ocupar o lugar do “desacreditado” na sociedade. A expectativa parece ir mais além, ou seja, a esperança de que a pesquisa possa desestigmatizar, quebrar preconceitos, que mostre que não são “bichos, monstros”, mas sim que são iguais a todas pessoas. Essa expectativa aparece por parte dos mais velhos, supostamente mais experientes, e com essa vontade de que houvesse o compromisso de todos. Essa situação se mostra relevante para ater-se momentaneamente ao movimento do grupo (discussão sobre a forma de participação e as deposições feitas aos membros que estão presentes ou ausentes), ou seja, os mais jovens não voltaram aos encontros do grupo e neles ficou depositada a parte do descompromisso com o grupo e do compromisso com a festa, com o carnaval, com o exibicionismo (exposição momentânea que não mudaria a condição no cotidiano, de exposição com proteção efêmera). Ao mesmo tempo em que há por parte dos mais velhos (aqueles que

ficaram no grupo) uma culpabilização dos mais novos devido ao seu comportamento, há um sentimento de culpa dos que ficam pelo esvaziamento do grupo.

- 5) Parece haver um distanciamento entre seriedade e comportamento festivo. Uma forma de ligação entre os velhos e os novos se dá no espaço público de um gueto: o “Bailão” (discoteca de frequência de gays maduros) que é um lugar excelente para “coroas” e “carinhas”. O lamento de abandono dos outros membros do grupo por não terem a expectativa correspondida ou a falta dos outros deixa fora do grupo a imaturidade, a fraqueza, a inexperiências, o exibicionismo (as “penas” das fantasias).
- 6) A temática da fantasia parece ser significativa para essa discussão com seus vários sentidos: exposição que denuncia promiscuidade (“vestir-se de mulher e subir no palco é ‘putaria’”); desejo (“nesse caso não tem plumas... A maioria anda sem fantasia, sem fantasia externa, a interna é constante”).
- 7) A temática do amor como proteção retorna: o compromisso com o parceiro deve prevalecer sobre a vontade que se tem de experimentar novas possibilidades. O não à promiscuidade se faz por imposição externa: não ferir o outro. Usar a caminha seria ferir o outro, pois o fantasma da traição estaria presente. Proteção parece significar tolhimento.

Outro momento do grupo, deu-se a partir da *diferenciação pela complementaridade*. Isso se refere à questão da associação de homens mais velhos com homens mais novos (os coroas e os carinhas). A questão da diferença de idade, do que se relaciona à tradição, de continuidade da vivência do gueto e ao ritual da passagem ao mundo homossexual, coordenado pelo mais velho e dirigido ao mais novo que garantiria a identidade do grupo. Mas essa parte mais jovem não teve paciência e nem deu tempo ao grupo para aproveitar das coisas que os mais velhos teriam a passar-lhes. Na mesma linha, outras referências foram feitas no mesmo sentido da complementaridade, na referência às coordenadoras mulheres na

condução do grupo com eles, homens. Da mesma forma, da importância de distinguirem-se para poderem sobreviver enquanto identidade como forma de se proteger do risco. Dessa forma, a necessidade de distinções para haver a possibilidade de complementaridade (velho-novo, homem mulher, gay-mulher etc), ou seja, discernir para não ser estigmatizado.

A complementaridade também se expressa na crítica às campanhas preventivas que são feitas normalmente, como, por exemplo, em relação ao termo sexo seguro, pois parece tomar asséptica a relação amorosa, o sexo, a paixão. A idéia que se contrapõe ao termo é de que correr riscos também faz parte da emoção. As concepções de saúde que daí derivam são pautadas nas resoluções de problemas de forma imediata, as teorias e as técnicas delas decorrentes carregam ideologias contraditórias: a questão da mercadoria e do consumo que está associada à efemeridade das relações.

O gueto aparece nas discussões como lugar de apoio na medida em que possibilita a revelação e desmascaramento, que em grande parte é impossibilitado até mesmo na família (“o que vai pensar meu pai, minha mãe, meu irmão”). Quando a pessoa encontra o gueto, ela tem a possibilidade de quebrar do estereótipo (ele não é o monstro ou o outro não é o monstro). No grupo aparece, inclusive a reprodução da estrutura da família no gueto (uma família ideal) que se contrapõe à família real. Há um movimento da construção da identidade por aquilo que a pessoa é e não pelo que lhe é determinado pelos estereótipos sociais, movimento inverso ao verificado nas primeiras sessões que caracterizou a identidade pelo que lhe é atribuído de fora. A importância da parada demonstrada pelo grupo revela a valorização da saída do gueto, que por mais arriscada, dolorida, implica perdas e ganhos. Há o fortalecimento do gueto, mas com a crescente necessidade do fora, um emergente que revela, neste momento do grupo a questão da identidade e proteção como metáfora da relação fora e dentro.

Outro emergente refere-se à contraposição entre o profano e o sagrado. Daquilo que é possível extravasar, do uso de plumas, do sexo, da transgressão; relacionado a um risco que pudesse ser punido. As penas, muito referidas nas sessões, no amplo sentido de plumas para a fantasia e para penalidades. Nas referências de um determinado momento entre as sessões, o Carnaval citado como profano, a parada como possibilidade de profanação, seguindo-se ao tema da religião; sempre associado com a possibilidade de revelar aquilo que nunca é revelado. Esses significados nesses emergentes são construções possíveis, interpretáveis, que não vêm explicitados na fala dos participantes. O trabalho da construção de sentidos segue na linha de mostrar o caminho entre aquilo que é dito, o que não é dito e depois o novo sentido. Esse é o processo de interpretação dos sentidos no campo hermenêutico.

Outro momento que se refere à construção da Ecro Grupal diz respeito à diferenciação dentro do dentro (do gueto) que seria o homem que quer ser (vestir-se) de mulher e o homem que quer estar com outro homem. Esse momento mostra um medo de associação, que causa mal estar por associar o desejo de ser mulher e ser gay ao mesmo tempo, indistintamente. O medo dessa associação diz respeito a um começo de diferenciação dentro do gueto. Isto é, há dois momentos claros no desenvolvimento do grupo que, num primeiro, da identidade ser constituída por aquilo que é depositado de fora para dentro (pelos estereótipos) e num segundo momento, impulsionado por um processo de elaboração, começa a aparecer uma diferenciação dentro do próprio gueto.

CONCLUSÃO

A elaboração de uma conclusão apresenta-se na parte final deste estudo como solicitação acadêmica, a qual se relaciona ao conjunto como um lugar, ao mesmo tempo necessário e acessório, pois se trata de um trabalho aberto, de uma leitura possível, e que se refere a sistemas abertos do universo dos significados e dos sentidos, das possibilidades de construção em campos e áreas que se entrecruzam, interdependem-se e interdeterminam-se.

Mesmo com os dados estatísticos à mão que indicam efeitos favoráveis do trabalho em grupo operativo, oriundos da análise quantitativa de dados dos questionários, tratados separadamente em artigo; não há possibilidade de fechar e concluir com afirmações justas e precisas como preconizam algumas áreas da ciência. Pretende-se neste espaço, propor algumas discussões, pelas quais se espera poder contribuir para a mudança e o aperfeiçoamento das políticas públicas para a área de prevenção de DST/Aids.

O primeiro ponto a destacar é justamente sobre os resultados obtidos com a parte quantitativa do projeto original. Foi importante abordar a questão das diferenças entre estratégias de investigação (quantitativo x qualitativo) e paradigmas de investigação (em geral, materialista na saúde e estruturalista na psicologia), conforme SILVA (1998). Das possibilidades de escolher uma forma de avaliação do efeito da intervenção com Grupo Operativo que atendesse as exigências e necessidades das estratégias de intervenção, mas também das instituições de saúde, do comitê de ética de pesquisa, do agente financiador do projeto (CAPS-UCSF), assim como de uma parte dos profissionais de saúde; consideramos, dentre as estratégias metodológicas estudadas e reconhecidas pela comunidade científica internacional, que a aplicação de questionários (como proposto pelo modelo ARRM), por um lado, seria a mais viável para coleta de dados quantitativos. De outro lado, que a análise a partir da transcrição dos registros das sessões de grupo atenderia à avaliação qualitativa do projeto. Esta também foi uma recomendação de SILVA (1998) que não considera um

impedimento que estratégias quantitativas e qualitativas participem de um mesmo projeto de investigação, como partes complementares, numa triangulação metodológica. A utilização de questionários, no entanto, apresentou limitações importantes ao longo do desenvolvimento do projeto e, por isso, determinou a separação das partes quantitativa e qualitativa deste estudo. A razão principal para essa decisão coincide com as avaliações de PAIVA (2000) que considera: “modelos como o ARRM são limitados porque têm uma visão de mudança de comportamento que focaliza apenas o indivíduo, acham que as escolhas são racionais, ou que a intenção prévia é o determinante das práticas sexuais, além de serem muito comprometidos pela idéia de que todos esses estágios podem ser treinados, ensinados, modelados por um modelo educacional de mesma base teórica.”. O “paradoxo” instalado neste projeto, por uma avaliação individual para uma proposta de trabalho em grupo, a propósito da utilização dos questionários, somente foi percebida ao longo do seu desenvolvimento, a partir das discussões e supervisões da equipe que se formou em torno do projeto após sua aprovação pela instituição financiadora, comitês de ética e pesquisa.

O projeto original deste estudo não tinha como objetivo discutir e/ou superar as dificuldades metodológicas entre duas áreas distintas do conhecimento (saúde e psicologia), mas também não deixou de enfrentar o que SILVA (1998) aponta sobre as questões básicas da prática em pesquisa, herdeiras do positivismo clássico, que regem a utilização de questionários, ao se oporem ao tipo de trabalho que considera como resultados de mudança (de intervenção) a análise das formas culturais da criação dos significados e o lugar que elas ocupam na ação humana. A autora ainda afirma que "as atividades simbólicas que os seres humanos empregam na construção e criação dos sentidos para a vida incitam a Psicologia a unir forças com as disciplinas interpretativas nas humanidades e nas Ciências Sociais" (SILVA, 1998, p.5). Essa discussão vai ao encontro da perspectiva teórica e metodológica

deste projeto que se apóia na psicologia social e na psicanálise, cujo método fundamental de análise e pesquisa é hermenêutico, ou seja, interpretativo.

É neste sentido também que o trabalho de Paulo Freire toma relevância junto às outras possibilidades de trabalho com pequenos e grandes grupos, por promover diálogo e priorizar o discurso dos participantes dos grupos, a partir da sua cultura local relacionada a uma cultura padrão; condições básicas para que se faça circular o motor do processo de ressignificação. Segundo QUIROGA (2001), há vários pontos de convergência de pensamento entre Pichon-Rivière e Paulo Freire, entre os quais se destacam a concepção de aprender e do processo de conhecimento, concebido como uma relação dialética, de mútua transformação entre o homem e o mundo. Ambos os autores concordam em fixar o eixo do processo de conhecimento na práxis, nos processos de transformação, uma vez que atribuem a esse conhecimento uma direcionalidade. A concepção de aprender é vista como uma unidade de contrários, isto é, ensinar e aprender fazem parte de um movimento não estático, nem alternante entre quem ensina e quem aprende, ao contrário, são funções que circulam no vínculo entre ambos. Isso se dá a partir da consideração, em comum em ambos os autores, de que todas as pessoas possuem saberes valiosos, “leituras do mundo” (segundo Paulo Freire) ou ECROs (Esquema Conceitual Referencial Operativo, segundo Pichon-Rivière) que podem ser compartilhados com os outros. Para ambos, ensinar não é comunicar saberes, é um processo que possui outras significações e formas: “é impulsionar a reflexão, promover o interrogante, o pensamento. Em uma relação de aprendizagem quem promove o pensamento, o interrogar-se? O aluno, a partir da pergunta, a dúvida e ainda a dificuldade; mobiliza a aprendizagem dos docentes – se este é sensível ao acontecer da pessoa diante de si. Por isso é fundamental o trabalho do vínculo na aprendizagem.”³⁵ (QUIROGA, 2001). Neste aspecto,

³⁵ “es impulsar la reflexión, promover el interrogante, el pensamiento. Y en una relación de aprendizaje, ¿quién promueve el pensamiento, el interrogarse? El alumno, quién desde la pregunta, la duda, aun la dificultad,

Pichon-Rivière desenvolve o conceito de emergente no processo de aprendizagem, o qual aparece como indicador de movimento, as alternativas e mudanças qualitativas neste acontecer. Considera a pergunta, assim como a dúvida, o erro, a confusão, a elaboração conceitual e o descobrimento como emergentes; mas também conceitualiza o “obstáculo” à aprendizagem como uma dificuldade de origem emocional relacionada ao objeto de conhecimento e que se manifesta por uma excessiva distância do objeto ou sua fragmentação, unilateralidade. Essa concepção privilegia tanto os aspectos racionais do processo de aprendizagem quanto os emocionais, assim como suas inter-relações.

Em ambos, o cotidiano adquire um lugar central em termos de objeto de conhecimento. Paulo Freire, em função da tarefa alfabetizadora, parte da quotidianidade do sujeito, o qual logrará o poder de colocar escritura na leitura que faz do mundo desde seus primeiros momentos de vida. Ressalte-se que quotidianidade, em psicologia social, quer dizer “uma multiplicidade heterogênea de fatos que configuram nossa experiência, nossos cenários vitais. Fatos quase banais, considerados óbvios e desdenhados como objetos de conhecimento. Essa multiplicidade, porém, encerra algo fundamental: aquilo que chamamos quotidianidade, aquilo que aparece como natural, é a forma de nossa relação imediata, com uma ordem sócio-histórica que constitui nossas condições concretas de existência.”³⁶ (QUIROGA, 2001). É essa análise, a crítica da quotidianidade, na qual se funda o trabalho de Pichon-Rivière. Entende-se por ela uma atitude aberta ao conhecimento da realidade, ao conhecimento de si mesmo nessa realidade. Aprender implica quase sempre, em algum nível, crise subjetiva, pois neste processo estabelece-se um jogo de equilíbrios e desequilíbrios no qual o novo, o não conhecido se manifesta. O novo é sempre um impacto na estrutura prévia de organização, o

moviliza el aprendizaje del docente – si éste es sensible al acontecer de la persona que tiene delante -. Por eso es fundamental el trabajo del vínculo en el aprendizaje.”

³⁶ “una multiplicidad heterogénea de hechos que configuran nuestra experiencia, nuestros escenarios vitales. Hechos casi banales, considerados obvios y desdeñados como objetos de conocimiento. Pero esa multiplicidad encierra algo fundamental: lo que llamamos cotidianidad, aquello que aparece como natural, es la forma de nuestra relación inmediata, con un orden sociohistórico que constituye nuestras condiciones concretas de existencia

que gera um certo grau de desestruturação e a conseqüente necessidade de reorganizar-se. Neste aspecto é que o grupo aparece como lugar privilegiado, pois é um lugar de “sustentação” ao processo de mudança, assim como lugar de diversidade (heterogeneidade) e criação, garantidas pelas múltiplas visões de mundo que, pelo seu caráter de confronto e atrito, ajuda a promover o processo de desestruturação e reconstrução do objeto de conhecimento. Funciona como um lugar de suporte para mudança e análise das ansiedades que mobilizam o aprender e o campo de conhecimento.

É a partir dessas concepções que os trabalhos desenvolvidos pelas abordagens freiriana ou pichoniana ganham sentido especial, no que se refere a novas perspectivas de trabalho em saúde pública. O trabalho de DÍAZ (1998), por exemplo, baseado na abordagem da Transformação Social (*Collective Empowerment*), de fundamentação freiriana, tem concepções e metodologia semelhantes às concebidas a Grupos Operativos. Sintoniza-se à proposta deste estudo no que se refere a não transmitir informações (a menos que solicitados pelos participantes) ou fórmulas pré-concebidas sobre prevenção de infecção pelo HIV. Diferencia-se, porém, em alguns pontos: o trabalho de Díaz procura motivar os participantes do grupo ao diálogo reflexivo que promova um pensamento crítico e de auto-observação sobre questões de crucial importância ao grupo. Além disso, dá um retorno ao grupo sobre os pontos de convergência nas questões propostas e a apresentação do que consideram como "fatos" - índices, pesquisas, documentos. Este é um tipo de orientação que privilegia a razão, a reflexão e convencimento dos participantes via dados empíricos e conclusões lógicas. O Grupo Operativo atém-se, especialmente, ao trabalho de uma leitura dos processos explícitos e implícitos presentes no momento do acontecer grupal, a qual retorna ao grupo em forma de interpretação desses processos. Dessa forma, não há proposição de atividades (a tarefa proposta funciona como eixo organizador), nem condução da “dinâmica do grupo”; mas uma abordagem interpretativa dos instrumentos de acesso à realidade (“mecanismos de defesa”) e

fantasias inconscientes, mobilizados no estabelecimento do grupo e da tarefa de forma que possibilite a supressão da ansiedade, da angústia e da ação de fantasias que impedem o grupo de se constituir e estabelecer vínculos intra e intersíquicos. Essa é a condição pela qual seria possível, a partir das hipóteses da psicanálise, a articulação entre as representações inconscientes (pela liberação ao plano do consciente) e representações conscientes, como forma do surgimento de novas representações e sentidos, no que diz respeito à preservação da vida e da proteção contra as DST/Aids.

Em consideração ao trabalho de prevenção de PAIVA (2000), cuja orientação também se inspira nas concepções freirianas e do psicodrama, a postura dos educadores não se realiza pelo lugar da autoridade do saber e nem da imposição do seu próprio discurso. Ao contrário, trabalho no sentido de permitir que os participantes dos grupos manifestem-se pela fala, gestos, expressões e criações; as suas próprias palavras, seus próprios significados e sentidos, particulares da cultura de sua região, da sua história e também da cultura dominante que se lhes sobrepõe de alguma forma. É um processo de construção coletiva que trabalha no sentido da superação de um modelo convencional de conhecimento, de repensar e reconstruir questões relacionadas aos papéis sexuais, o poder de gênero rumo à construção de um sujeito sexual. Diferencia-se tanto do trabalho de Díaz quanto de Pichon-Rivière por contemplar em suas atividades um inventário de dúvidas sobre aids, utilizar estratégias de intervenção oriundas do psicodrama (*role playin, roda viva*), técnicas de criação de histórias (labirinto), utilização de massa de modelar; enfim, uma série de recursos de palavra, de atuação, cinestésicos, táteis que têm por objetivo estimular a formação do sujeito sexual que permita aos participantes dos grupos a viver positivamente seus valores e opções, a defenderem-se do abuso e do sexo indesejado, a escolherem quando e como ter filhos e a se protegerem de doenças” (PAIVA, 2000).

A técnica de psicodrama, mais conhecido por ter sido desenvolvido por Moreno, tem sua vertente no campo psicanalítico, desenvolvida por Anzieu. KAËS informa: “Moreno em sua concepção inaugural sublinhou: o psicodrama é ação. As cenas representadas não são construídas sobre temas abstratos: há um sujeito, um verbo, um objeto. Age-se sobre eles de maneira direta ou retensiva. No psicodrama psicanalítico de grupo processa-se o mesmo. Mas a situação que origina o tema é diferente: ela é “originária”, tomando suas fontes, às vezes na psique daqueles que a criam e conduzem e daqueles que dela participam; ela se desenvolve num enquadre definido pelos analistas. No psicodrama psicanalítico de grupo, a ação não é somente aquela da cena representada: ela tem origens que a ultrapassam; ela procede da dinâmica da situação. Nela, as diferentes partes da psique de cada um são concernentes e tomadas na ação, tanto em nível individual quanto grupal (no pequeno grupo) e coletivo³⁷. (KAES, 1999, p.5).

A partir dessa exposição é possível constatar que as técnicas de intervenção, assim como o conceito de vulnerabilidade, promoção da saúde, saúde da família, etc, as quais valorizam o contexto grupal e o privilégio da palavra e do discurso dos sujeitos na ação de transformação são perspectivas fundamentais a serem consideradas pelas políticas públicas de saúde como forma de conceber ações realmente efetivas e abrangentes. Da mesma forma, é fundamental que se considere as questões trazidas pela psicanálise, sobre a determinação dos processos inconscientes que se manifestam nos entrelaçamentos sociais e do cotidiano, no qual sujeitos, grupos e sociedade estão inseridos. Essa constatação também não pode deixar de levar em conta os alertas de FERNANDES (2003), apontados na introdução deste estudo,

³⁷ “Moreno dans sa conception inaugurale l’avait de premier souligné: le psychodrame est action. Et, en effet, les scènes jouées ne sont pas construites sur des thèmes abstraits: il y a un sujet, un verbe, un objet. On y agit, que ce soit de manière directe ou retenue. Dans le psychodrame psychanalytique de groupe il en va de même. Mais la situation qui donne naissance au thème est différente: elle est “originaria”, prenant ses sources à la fois dans la psyché de ceux qui la créent et la conduisent, et de ceux qui y participent; elle se déroule dans un cadre établi et défini par les analystes. Dans le psychodrame psychanalytique de groupe l’action n’est pas seulement celle de la scène jouée: elle a des origines qui débordent celle-ci; elle procède de la dynamique de la situation. Et là, les différentes parts de la psyché de chacun sont concernées et prises dans l’action, tant au niveau individuel que groupal (dans le petit groupe) et collectif.” (KAËS, 1999, p.5).

sobre os riscos que todo o conhecimento corre de transformar-se em ideologia, assim como sobre os conceitos e práticas que se autonomizam em saberes descomprometidos de sua herança teórica – o que releva o papel fundamental da universidade na formulação de políticas públicas.

A questão sobre o lastro teórico das práticas de intervenção é fundamental também na geração de novos saberes e trocas entre as perspectivas teóricas. Há uma coerência, por exemplo, nas concepções da psicanálise e psicologia social de Pichon-Rivière quanto às perspectivas do construcionismo social, cuja perspectiva considera os discursos, as relações de poder e o contexto histórico na construção das identidades sociais e culturais como fatores essenciais para a compreensão das práticas sociais e culturais. Da mesma forma como são construídas as identidades sexuais, por exemplo, elas podem ser desconstruídas e reconstruídas. As diferenças se concentram na abordagem desse processo de transformação. Em psicanálise não há possibilidade de que ele se estabeleça sem o trabalho sobre as representações inconscientes, no sentido de possibilitar-lhes o acesso à consciência e assim rearticular e reconstruir um novo repertório para o sujeito e o grupo de como se proteger das DST/Aids.

PAIVA (2000) aponta que “o primeiro passo na construção do sujeito, inclusive de sujeitos sexuais, sempre depende de conscientizar as fontes de opressão e os obstáculos para a condição de agente” (PAIVA, 2000, p. 175). Para a psicanálise essa conscientização passa também pelo nível inconsciente, especialmente no que se refere à formação de alianças inconscientes nos grupos, as quais se referem ao cumprimento de uma função co-recalcante, a qual garante a possibilidade de manutenção do vínculo, seja no nível intra, inter e transpsíquico.

O trabalho de DÍAZ (1998) é ilustrativo nesse sentido ao apontar as dificuldades mais acentuadas que americanos de origem latina têm para se proteger da transmissão do HIV.

Aponta o processo de socialização (machismo, silêncio sobre questões sexuais e homossexualidade, a forte representação do macho latino). Pensar sobre a questão da identidade como algo construído socialmente, mas que também respeita um contrato intersubjetivo inconscientemente, estabelecido e mantido pelas alianças inconscientes é uma forma de abordar a questão sobre as diferentes formas de pacto que se estabelecem na cultura americana, por exemplo. Das diferenças entre latinos, que “negociam” pelo silêncio no que concerne a questões de (homo)sexualidade, provavelmente ameaçadoras à manutenção ao vínculo familiar, e anglo-saxões que se colocam mais freqüentemente numa postura de enfrentamento e enrijecimento no que se refere à exposição de sua sexualidade. Neste ponto, contribuiriam, para compreensão dessas diferenças, outros aspectos como as diferenças de origem, de herança religiosa, econômica, etc; todas elas formadoras das diversas modalidades de pacto. Campo de estudo semelhante foi tratado por FERNANDES (2003), na abordagem da questão da mestiçagem enquanto ideologia, pela qual aponta: “Considerar a realidade humana e social como imposição, leva-nos a refletir sobre a guerra, a violência e sua gestão, suas estratégias, sua logística. A problemática inerente à articulação indivíduo-sociedade é aquela dos laços sustentados por **pactos e acordos inconscientes** que, em certos momentos da vida se mantêm mudos restando, no entanto, ativos. São eles que fixam a identidade transcendental do sujeito humano. Eles dão facilmente lugar à instauração de *acordos repetitivos históricos* e a pactos corrompidos que se expressam pelas várias formas da violência: das discriminações, contra a pessoa, no trabalho, no trânsito, na escola, nos esportes, no âmbito policial . Praticamente todas as áreas da vida das pessoas, seja com o mundo das coisas ou dos objetos, seja das pessoas entre si e consigo mesma são invadidas.” (FERNANDES, 2003, p.24).

As perspectivas de novos campos e fronteiras de estudo indicam também para o aprofundamento de questões no que se refere à teoria em psicologia, metapsicologia, cuja

função também se estabelece em ampliar a geração de saberes que sustentem firmemente as práticas e ações em saúde. Nesse sentido, dos pontos levantados para discussão na análise do cap. III, um merece especial destaque que ora se apresenta-se nesta conclusão como hipótese de trabalho para futuros estudos. O eixo organizador do ECRO Grupal formalizado na figura do fora/dentro, apresentado pelo grupo em diversas circunstâncias [sociedade x gueto, pesquisa x grupo, jovens x maduros, o uso da camisinha que por vezes pode significar proteção (cuidado/defesa do pacto) ou desproteção (promiscuidade)etc]. O “embaralhamento” fora/dentro, apontado especialmente na questão do uso do preservativo (a proteção da casa, quando um estranho tem a chave da porta), pode ter relação com questões de vida e morte. Os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, numa análise metapsicológica, poderiam ser neste momento solicitados. Supondo-se que psiquicamente existe um embaralhamento, o qual impede o sujeito de discernir o que é bom/mau no “fora”, pode levá-lo a expor-se ao risco, pois não há condições claras para proteger-se. Esse pode ser um dos múltiplos aspectos que giram em torno do fora/dentro. A hipótese discutida por Freud em “O problema econômico do masoquismo”, quando se refere ao que é pulsão de morte e pulsão de vida, leva em consideração que essas forças poderiam agir em função de uma não discriminação, da condição de o sujeito não poder negar (como função psíquica da negação, da forma elaborada por Freud); assim, impediria ao sujeito a capacidade de discriminar o que é seu (próprio de si, de seu desejo) e o que não é seu (o que está fora de si, desejo do outro). Essa investigação dessa hipótese poderia apontar para um mecanismo psíquico que agiria, entre outras circunstâncias, no malogro na incorporação de informação e adoção de práticas de sexo mais seguro pelo sujeito. Nesse sentido, também seria importante considerar a influência das representações sociais sobre o homossexual no processo de sua identificação enquanto tal. Supõe essa hipótese que representações depreciativas, patologizantes, discriminadoras dirigidas a homossexuais ou, de outro lado, mas igualmente preconceituosas, como pessoas

especiais, naturalmente engraçadas, talentosas e sensíveis; não oferecem possibilidades de construção de papéis sexuais ou sociais que sejam aceitos como bons pela sociedade. Neste impasse, a ação das representações poderiam, como efeito, perturbar a função da negação e, assim, prejudicar o processo de discernimento, como acima apontado. Esta é uma possibilidade de pesquisa e que pode fazer sentido teórico e prático se adequadamente avaliado.

Finalizando, é oportuno tomar emprestadas as palavras de um dos componentes do grupo, na hipótese de que o Brasil fosse uma Holanda, talvez, não somente homossexuais, mas mulheres, negros, velhos, crianças... e todos os segmentos marginalizados da população pudessem gozar de uma vida mais digna e de respeito aos seus direitos. Neste ideal de circunstância, não haveria necessidade de “levantar bandeiras”, pois o direito de todos seria contemplado naturalmente, antes de qualquer ação. Essa utopia parece estar muito longe de ser alcançada, especialmente porque talvez nem na Holanda ela se cumpra. Utopias não devem ser desprezadas, no entanto; elas cumprem, entre outras coisas, uma função psíquica, de sentido para a vida, organizadora de trabalho e passos a serem cumpridos. O caminho da heterogeneidade (do qual tanto fala Pichon-Rivière), talvez se apresente, neste momento, como um referencial organizador apropriado, no sentido da construção de um ECRO Grupal e Social, de convergência de abordagens, teorias, intervenções, etc; que promovam a construção de políticas públicas de saúde mais abrangentes e justas.

Transcrições das sessões de Grupo Operativo

GRUPO OPERATIVO I - Sessão 1

- C Este trabalho faz parte de um grupo, faz parte de um projeto de pesquisa que está sendo realizada pela Universidade de São Paulo, Califórnia, Centro de Referência e a Secretaria Municipal da Saúde. Tudo o que acontecer aqui será sigiloso e mesmo as anotações que vão, que venham a ser feitas e a gravação vai ter esse compromisso e este cuidado que vocês já devem ter tido conhecimento, discutiui e consentiu em nossa pesquisa, nossos encontros vão ter uma hora e meia de duração, mais um encontro no final, para o retorno, para vocês responderem os questionários que já foi também citado.
- I A Cristina. está dizendo que o grupo é de uma hora e meia, então a idéia é sempre a gente poder começar as 20:00 e terminar as 21:30 horas e a gente inicia a partir do momento que estiver dois ou três componentes do grupo, a gente não vai começar com uma pessoa só, tá. Então assim mesmo que não estejam umas duas pessoas, nós vamos estar aqui, sempre das 20:00 as 21:30 disponíveis até a hora que estiver as pessoas para que possamos fazer o grupo. Então a gente tem um objetivo aqui a tarefa da gente vai ter, é discutir, é falar sobre questões que se relacionam com proteção ligadas à sexualidade. Então é essa a nossa tarefa o nosso objetivo. Então a gente vai se encontrar as cinco vezes pensando neste tema e que estarei aberta para vocês aí, estamos (...) principalmente se vocês se manifestarem, ver se tem mais alguma coisa neste relacionamento.
- C A forma de intervenção é a mesma, se pronunciando. Alguém gostaria de se apresentar ao grupo?
(Apresentam-se na seqüência: W, S, R, M, Se, G – um último participante (D) chegou pouco antes do final do grupo).
- W Vocês são psicólogas? São o quê?
- I Somos psicólogas que trabalham com grupo normalmente. O Robson é o coordenador da pesquisa, mas a gente tem um papel definido aqui e ele é observador. Quem vai estar falando aqui somos nós duas. Ele vai estar anotando conforme a gente vai falando. E são anotações que fazem parte do nosso jeito de trabalhar mesmo, né que servir estas anotações para gente logicamente, tá.
- W O que vocês esperam do grupo?
- S Elas esperam que a gente fale e aí fala tá... (risos)
- C A tarefa que a gente tem aqui é justamente essa, de bem estar a sexualidade quantos, justamente dos campos a dar a margem a cada um poder trazer o que achar mais interessante...
- S Mas esse ponto precisa ser claro... O que seria, o que se esperava da gente? Cada um definisse o que é, o que não é...
- C Você acha que seja isso.
- S Não, eu acho que quando se abre um debate, que todo mundo daqui não se conhece, ninguém vai se abrir, então não é fácil chegar e... Deveria partir de um princípio de vocês estipularem algum tipo, alguma diretriz para o pessoal seguir se... sei lá, de repente entrar, numa...
- C Você acha que daria uma sensação, pelo que você está falando, de maior proteção, né?
- S É muito difícil a gente chegar, dificilmente, a pessoa chega e fala eu so isso, isso, isso, eu faço isso, isso, entendeu? Eu acho que todo mundo já parte do princípio, já sai de casa mais ou menos armado para falar que o que eu faço é problema meu, ninguém tem

- nada com isso. Então é difícil você chegar e abrir o debate esperando que a pessoa se abra. Pelo menos todo mundo aqui é, você vai esperar uma meia hora
- C Eu acho que tem este cuidado que você disse, de qual é o nosso papel, né, se a gente vai estar julgando...
- S Não, não tenho nenhum medo de contar, acho que aqui ninguém está preocupado. Desde que todo mundo se prontificou a responder a pesquisa, para participar do grupo, a preocupação é está mais uma questão de estar inibido mesmo, estar na retranca, estar retraído.
- W Pensando nesse sentido acho que deveria direcionar, para direcionar a discussão...
- S Também acho
- W (...) olhando pra aquele...
- C Mas acho que a gente já está fazendo.
- S Quebrando o gelo só.
- I Na verdade, acho que vocês estão falando assim, né que a questão que a gente sabe que acontece. A sexualidade é um tema extremamente amplo, é isto que vocês estão falando né, amplo demais, vasto é assim, o que acaba sendo aquela coisa muito vetada, para muitas pessoas, assim, meio que a gente precisaria de certa forma, então vamos tentar escolher. Mas você levantou o seguinte: O que é que vocês estão esperando da gente? Né? Acho que tem esta questão da pesquisa a gente está perguntando, então talvez a gente pudesse pensar por um outro ponto de vista. Que a gente tem essa tarefa tão ampla, mas de repente inverter e pensar o que é que mobilizou vocês a ponto de estar participando disso, acho que a gente poderia começar por aí.
- S Olha. Bom a partir disso. Uma coisa que me motivou aqui, é desmistificar que todo gay é promiscuo. Todo mundo transa com todo mundo, que é aquela festa, é um bacanal, por que não é . Todo mundo só tem um grupo estritamente definido, tem que ser definido, o que ele quer ou que não quer. Assim como que quando eu fui pegar o meu exame de aids, a mulher perguntou assim “você transa com camisinha?”, respondi que com meu parceiro não. “Por que?” Porque não, eu confio. “Você confia?” Confio, mas você deveria... vou devolver a pergunta: A senhora transa com preservativo com o marido da senhora? “Eu não”. Mas não é a mesma coisa? É uma questão de confiança, (...). Eu parto da premissa de que a coisa é o seguinte: Eu só tenho relacionamento com a pessoa do mesmo sexo. Eu vou Ter um carinho, um afeto, aquela coisa, só que não sou de ficar dando escândalo, sou muito na minha, mas tenho a minha preferência do mesmo sexo, independente ou não do que é. Eu acho que pelo menos por aí, (...)
- I De pensar nessa ... desestigmatização.
- S É por que eu achei tão estranho quando, o dia que eu fui pegar o meu resultado, porque veio um aqui, falou que nesse mundo todo mundo transa com todo mundo e não é assim. Eu estou cansado também de olhar e todo mundo me comparar, tem as pessoas que sabem, os amigos, as pessoas que sabem e imagina, como aquele idiota do Tom Cavalcanti, que todo mundo usava a cueca de couro. Eu não sou. Tem esses caricatas? Tem, mas eu não sou. Quem sabe, pelo menos eu acho que deveria ter mais desses papos aqui. Envolver um pouco mais da sociedade para perceber que todo mundo é normal. A questão da sexualidade em quê para que essas pessoas poderem se conscientizarem que o grupo de pessoas que tem o vírus de aids entre homossexuais caiu, e aumentou em mulher. O grupo que está em perigo são eles, nós não. Quem tá pulando a cerca, que tá transando são eles. A gente está muito bem esclarecido sobre o que a gente quer, o que a gente faz e o que deixa de fazer.
- W Acho que partiu...
- S Quebrou o gelo heim? (risos)

- M Mesmo assim tem uma grande parte dos homossexuais que é sempre promíscua, né? Que como posso dizer, a gente sempre vê esses caras por aí..
- S Analisa uma coisa, passa lá um crítico amanhã, para generalizar como se fossem todos, passa na Rua Augusta as três horas da manhã você vai ver um monte de mulheres hetero também promíscuas. Ou seja, não é aquela coisa de que, de colocar toda a culpa, como a esposa de um amigo meu “ah, a aids veio parar acabar com vocês, bem feito”. Por que acabar com a gente? Pera aí, não saiu ainda a coisa do triângulo rosa nem a estrela de Davi das costas para falar, entendeu? A gente não é Hitler. Promiscuidade tem, assim como tem em qualquer lugar.
- M Mas tem um papo que isso é minoria
- S Que esse papo é minoria (risos)
- M Mas tem o papo...
- S De chegar e colocar a cara para bater é a minoria mesmo, mas que não é a minoria, não é mesmo
- M Não, sim a gente sabe que não é minoria , mas pelo menos aqueles que se assumem...
- S Eu não sou de ficar levantando bandeira de um movimento, pelo menos eu não tenho que ficar falando: viva o gay, viva o negro. Eu acho que uma coisa que eu estava comentando com o meu atual parceiro, ele é austríaco, eu não levanto bandeira, não levanto para ninguém. Se você pensa que eu vou falar alguma coisa de racismo (...). eu vou falar para você: acho que o ser humano é ser humano, independente do cor, de raça, de pele, de opção sexual. Não tem que ficar levantando bandeira para direito de ninguém, eu acho que ninguém deveria ficar levantando direito se fosse o direito de todo mundo respeitado. Não precisaria estar fazendo movimento...
- I Mas de certa forma tem essa preocupação que você estava trazendo da desestigmatização, o fato de você estar vindo aqui, te mobilizou tem um sentido de poder quebrar preconceitos e é uma forma de trabalhar por alguma coisa, pelos direitos na verdade.
- S Não a gente sabe que tem uma pesquisa na realidade, pelo fato de eu ser ligado ao CRT, é uma pesquisa que está diretamente ligada à sexualidade e doenças transmissíveis, a gente está querendo saber, fazer uma análise psicológica de cada indivíduo. Eu acho que partindo daí a minha intenção é aquela coisa, pelo menos ninguém que está aqui sabe... do mesmo jeito que existe a promiscuidade entre os homossexuais existe também entre os héteros. Vamos desgeneralizar a coisa. Então é esse, é esse ou aquele ou aquele. Acho a intenção, sei lá, desse ponto é partir para um outro lado, do nível do assunto que está aqui, para mostrar a minha intenção. Porque que a gente resolveu falar. Fiz exame de aids porque saí de um relacionamento de oito anos, no qual eu nunca traí, para entrar num outro... porque só às vezes a preocupação que eu tive com o outro é um motivo para eu estar aqui.
- I Você está falando que para a gente realizar o nosso objetivo aqui, que a gente precisa pensar que se aparece a sexualidade e forma de proteção ligada à sexualidade, você está fazendo um tipo de proteção que é essa de você ter ficado com o seu parceiro oito anos sem trair, de ter um determinado tipo de compromisso com esse novo de se mostrar e dizer olha aqui está tudo OK, a gente vai poder estar junto, mais ou menos isso?
- C Encarra isso é uma forma de proteção...
- S Olha quando eu inicio um relacionamento eu deixo muito bem claro os meus objetivos. E quando eu fui percebendo alguma coisa, eu digo, olha eu não traio, eu não gosto disso você pode aprontar por fora, eu não vou ficar com você 24h ... eu só quero que você saiba de uma coisa: se você prometeu e acontecer alguma coisa a responsabilidade é sua. As pessoas que eu tenho relacionamento são mais velhas, não tem uma preocupação de experimentar,. para ficar sossegado. Então eu gosto desse tipo, pelo

menos do relacionamento de que as pessoas pedem e procuram é mais uma coisa de ... é um tipo de pessoa que já viveu tudo, não que eu tenha quarenta anos, tenho 32, mas eu não sou muito de... eu acho que talvez essa seja uma outra forma de proteção.

R Eu participo do Projeto Bela Vista, eu estava no programa neste meu último relacionamento. A gente fez um pacto quatro anos atrás... eu descobri aonde ... parece uma pessoa, conheci através dela .. a gente no dia que fomos fazer o teste do HIV, a gente se condicionou a usar camisinha, mas também ele queria mais coisas, transar a três, a quatro pessoas (...)

C Como você está se sentindo?

R Uma que estou aliviado (...)

I (...) sugeriu que viesse ao Bela Vista (...)

S Mas por um lado quando a gente se propõe o outro (...) quando a pessoa . complica (...) por que eu trabalho O meu caso mora na Áustria, eu estou indo para lá em agosto. Ele trabalha no Ministério da educação lá.. Ele conseguiu uma bolsa, tem uns seis meses, para eu fazer o curso de alemão.

C Este é um outro fator de proteção para vocês que é não Ter concorrente

S Neste caso né quer dizer, neste caso específico, ele vem para o Brasil eu chamo atenção (...).

M Pra mim , já... é meio complicado. A não ser que você realmente encontre uma pessoa, que seja totalmente diferente, mas acho que é meio difícil.

S (...) Alguma coisa, não sei, conhece hoje, e namora amanhã, e foi para cama ontem, para satisfazer (...) eu diria que a cama é a segunda opção. O que ele tá falando é bem um pouco... A primeira vez que eu transei com um homem (...)

R Você transou?

S Com o austríaco? Não. Ele nem sabe.A gente transou, e quando transou foi com camisinha, e fiz foi... (...) Um monte de outros fatores, também quando a gente transou foi com camisinha, não foi uma noite só. A última vez que aqui, saímos para um motel, eu acho que sem morar num mesmo teto, ou na mesma cama, eu acho, eu espero que ele faça.

C O que te ocorre? Qual seu sentimento?

Se Tipo assim a confiança tem que ter, mas ser mais se cumprir, mas eu jamais transarei com ele sem camisinha.

C Pacto para você...

Se Eu acho que fica errado, sempre tem que haver confiança, meu namorado em si, ele não sei mas eu acho que ele poderá trair. Eu não sei assim 100%, mas eu acho que a maioria, acho que 99% traem

C O pacto pra você não serve de proteção.

Se Eu acho que não.

M Então você trairia?

Se Não, se estou com uma pessoa e não traio, mas aí, você vai ficar sempre pensando, será que ele me trai? Eu acho que é assim.

S Mas sem confiança não dá para ter um relacionamento.

Se Aí é que está, melhor ficar sozinho

S É a melhor coisa, sinceramente, você já teve relacionamento

Se Já, por isso que eu estou só, porque eu tenho essa desconfiança

M Mas se você colocar isso sem saber se acontece não acontece, você vai ficar sozinho

S Eu acho que a partir do momento, que eu acho que a partir do momento que você gosta de uma pessoa, a pessoa percebe que gosta de você, também tem certa dedicação, não vai aprontar, se ela aprontar, aquilo que eu sempre cheguei e falei, se você tiver a fim

que aprontar alguma coisa por fora, você me fala, se você está procurando alguma coisa fora, e por que alguma coisa esta falhando aqui dentro, então vamos conversar, vamos ver onde esta falhando, se for dentro então vamos chegar, vamos parar por aqui, por mais que a pessoa sofra. Eu terminei um relacionamento de oito anos, e vou te dizer ainda tenho, ainda carrego a foto do cara na carteira. Nós terminamos, uma briga besta, só que a partir do momento que esta briga besta fez terminar o relacionamento, eu acho que a gente não tinha mais nada. Pode ter carinho, afeto, Ter convivido durante oito anos, e aí?

I Ou não foi tão besta assim, né?

S Não, foi besta. Se eu te contar você vai dar risada, eu estava tomando cerveja no dia do meu aniversário, eu estava tomando cerveja eu tinha marcado um jantar, e ai eu falei vamos, to indo por minha conta vamos para um lugar mais sofisticado, convidei dois casais amigos meus que são hetero, que não tem nada a ver, não mas eu quero ir tomar cerveja, não mas não vai ninguém tomar cerveja, que quero saber o que comprar para gente. Se não for assim eu vou sair. Eu falei Então saia. E Ele saiu. No meu aniversário chegaram os convidados, e eu na saia justa para explicar o meu caso, chegou um amigo do trabalho, com a família dele. Fiquei sabendo quatro dias depois, se os seus amigos são mais importantes do que eu, do que o meu aniversário, então fica com eles.

Algum comentário, risos

S Eu descobri até que ele guardava uma parte da carteira um cartão escondido..São segredinhos. São posições diferentes, aí

I Pode Ter cerveja, pode Ter vinho,

C Pode Ter confiança ou pode não Ter confiança, pode Ter casinhos, pode não Ter casinhos, que você traz é uma polarização que aparece aqui também. Pode parecer simples esta cerveja e o vinho, mas você pode ir para outros campos da polarização de confiar ou não confia, quem faz o exame, ou os dois fazem o exame, né, usa a camisinha ou não usa. Eu acho que são processos polarizados que estão aqui também .

R Meu caso.. só que eles trabalhavam juntos, então eu confiava porque eles trabalhavam juntos com ele, então quer dizer ele não confiava por que se ele confiasse, ele teria outra pessoa, ele só confiava porque trabalhava com o cara.

I Mas agora esta parecendo coisa nova, né, são as coisas novas que estão aparecendo que acaba com um certo conflito

R Ele foi muito franco, eu tenho fantasias, eu tenho vontade de expor essa fantasia de relação a três a quatro pessoas e eu gostaria que você fosse a minha namorada. Achei que ele foi muito legal, foi direto objetivo, mas como acho que pra mais serio, ele sempre foi muito sincero, um com o outro

S (...) Ele tinha as fantasias dele, nunca me expôs.

C O grupo podia falar um pouco disto, né destas diferenças, quando elas são explicitadas, a confiança se estabelece, né até para se escolher se vai ficar junto ou se não quer, se quer topa uma proposta, se não quer, eu acho que isto também remete a este nosso primeiro momento aqui, de grupo. Até que ponto poder expressar tudo isto pode, fazer com que a gente estabeleça uma confiança de vocês conosco, da gente com vocês, nesse momento do trabalho do próprio grupo, né. A gente está também tentando se mostrar nas diferenças, de apontar uma diferença, mas com o cuidado de dizer, eu faço diferente mas eu sei o que você faz, né. Da mesma forma, você disse agora, de uma diferença que você disse comigo é da mesma maneira, né a gente pensa semelhantemente. Então eu acho que aqui está podendo ser mostrado isto, né, igualdades e diferenças que fazem com que o grupo possa dizer: a gente está estabelecendo uma confiança, neste grupo, este contato de confiança para ser mostrado, e para poder falar daquela sexualidade... tudo nesse... é tão amplo, este pedaço que a gente escolhe pra poder dizer.

S Agora fala aí, eu já falei demais.
(Risos)

S Eu acho que basicamente é isto eu acho que não tenho o porque mentir, quando existe uma confiança, eu acho que não tem porque, é a mesma coisa quando é um caso que aparece. Chega um momento que a pessoa tem que, se você gosta mesmo e você resolve, ficar numa vida a dois, acho que não tem um porque, não dar este valor.

C Que sentimento traz esta, opção de ser, preestabelecida a confiança de não usar de uma forma definida.

S Não sei, realmente eu não sei.

R Eu acho assim, que a partir do momento que a pessoa te ama, eu você ama a pessoa, eu acho que é aí que está a confiança. Saber que ele te ama, e ela demonstrar que te ama.

C Este sentimento é de demonstração de amor.

R Para mim é.

S Pra você

R E quando eu me inscrevi no projeto Bela Vista a gente estava há um ano e oito meses, são cinco meses que ele já era do Bela Vista a partir do momento que a gente fez os exames, OK a gente fez um pacto da confiança, uma coisa de sinceridade.

M Quando ele usava camisinha, as coisas não funcionavam, aí ele topou de não usar. Daí eu briguei peguei e deitei, aí eu não quis, de forma alguma transar com ele sem camisinha, por mais que não funcionasse.

C Por que não funcionava com camisinha

M Incomodava.

C Completamente uma alergia, ou era de uma sensação?

M Eu acho que é uma sensação, porque no início funcionou normalmente sem problemas depois começou a aparecer este problema

S Olha eu vou falar aqui, no tempo que transei com camisinha, sem querer te cortar, primeira noite que a gente transou foi com camisinha, só que ele brochou, não sei se...

C Tinha a ver com a camisinha?

S Tinha

C Não tinha a ver com a primeira noite?

S Não

M Mas isso não é alguma coisa psicológica?

S Não sei porque eu nunca tive problemas com camisinha ou sem camisinha do mesmo jeito. Não sei dizer o que era, o porque se passa pelo psicológico. Cada um é cada um, eu não sei o que falar.

C O que seria psicológico?

M Não sei não tipo a ante premeditar, um encontro marcado mais ou menos.

C Tem uma coisa que as pessoas falam e isso incomoda

M Pra mim incomoda

C Mas ouvir estas coisas incomoda?

M (...) não vou comer nada aqui em casa, eu não vou transar sem camisinha, a pessoa acha que não é a mesma coisa...

I Parece ser alguma coisa de impotência. A camisinha tiraria a potência

M Isso.

S (...) pela cara da pessoa você sabe, tem aquele estalo ... você percebe pela desculpa, sem dizer como, nem quais as desculpas.

C Você acha que isto, todo mundo pode perceber, e já é um dado de proteção.

S Não é um dado de proteção porque, este, neste caso, uma das inúmeras vezes que, uma das coisas que a gente fez antes de fazer o teste, eu fui fazer e ele também, eu lembro do dia que a gente foi junto. Ele teve um relacionamento de dois anos com uma pessoa que

pegou AIDS. Eles ficaram um ano juntos. Só que ele não pegou. Ninguém sabe porque, na época isso foi logo que apareceu AIDS, inclusive ele fez o teste no COAS, na Galeria Prestes Maia, depois encaminharam ele para o Emílio Ribas, pegaram o sangue dele e mandaram para análise nos Estados Unidos, para saber o porquê. Mas por que dele não. Depois de um ano só. E realmente não manifestou. O ex-caso dele mora no Recife, está doente e ele ainda está inteiro. A gente fez junto o exame, ele não tinha nada. Nesta época aí ele teve um amigo, um companheiro da turma que ele andava, e o cara pegou AIDS, ele contou assim, eu também vou morrer disso, vou levar um monte de gente comigo... e feito. As pessoas... comigo eu tenho este sentido, eu olho para a cara da pessoa, opa me deu um estalo.

C A gente parece que está entre a impotência que a camisinha pode provocar e a onipotência de um olho que as vezes bate...

S Pode ser que falhe também, não vamos falar que...

C Assim como a camisinha pode falhar, o homem também pode.

S Comigo até hoje nunca rolou e mesmo funcionando, e mesmo quando eu achei que a pessoa era decente eu nunca transei a primeira vez sem camisinha. Depois de oficializar o relacionamento...

C Então você não vai 100 por cento no seu olho.

S Ah não, mas tem as pessoas que você olha, porque... e aquela coisa um tesão, é uma coisa tão impressionante, tão, sabe, que por mais que a pessoa se guarda na hora ali, se a pessoa pegar e “não vamos usar camisinha”, você está no momento ali, vai, não adianta falar que não vai por que vai...

C Vai o quê?

S Transar sem camisinha, vai na sorte, entrega para Deus e fala “seja o que Deus quiser”.

C O tesão se sobrepõem à necessidade da camisinha

S Sobrepõe

C (...)

S É não a própria, pra eu chegar no fato de eu ir transar com a pessoa confiando no meu olho clínico, pode se dizer, o que não é confiável, (risos) é o seguinte, eu já estou pré dispondo que aquela pessoa, seja uma pessoa decente, mesmo assim eu ainda transo com camisinha. Eu não confio no olho só.

C Eu queria entender um pouco dessa decência e do estar infectado, é indecente estar infectado?

S Não, por exemplo, analisando um fato, está aqui é uma coisa que falha, vamos supor, usando o grupo que está aqui, de repente todo mundo se conhece aqui, eu olho para ele e já começa a me chamar atenção, a gente começa a bater papo só que tem, dá um cinco minuto, alguma coisa que me fala pra eu sair de perto, sai que não é por aí. Para que você vai se estrear aí. Mas existem pessoas que você vai, por exemplo eu posso chegar e conhecer ele, tá vamos transar? Vamos transar. Bateu o papo não deu aquele meu sexto sentido, aquele meu instinto de chegar a falar sai fora, não bateu aí, mas mesmo assim sou pé atrás.

C Isto tem a ver com tesão ou tem a ver com outras coisas?

S Acho que tesão é se a pessoa vai poder.

I Mas sabe o que estava me chamando a atenção, vamos pensar um pouco nisso é, a fala como você trouxe, eu acho que ela é bem significativa, né naquele sentido de que, de desestigmatizar, tirar o preconceito com uma ação a uma comunidade gay, né porque esse preconceito na verdade existe porque as pessoas imaginam coisas em relação a comunidade gay, né, e assim já “ah, eles funcionam desse jeito, eles são promíscuos assim, assado”, mas eu fico pensando se este tipo de mecanismo, de pensamento ele não acaba se reproduzindo em outras coisas, na vida da gente. Então, eu estou perguntando

para vocês o seguinte: será que também o fato de, como você está trazendo de olhar para o outro e achar que olha essa pessoa é confiável, ou ela não é confiável, será que não passaria um pouco por este tipo de mecanismo também. Não estaria ligado com alguma coisa que a gente olha, e (preconceita?), esse eu acho que, talvez ele vai ser confiável ou vai ser menos, será que não tem a ver com algumas idéias que a gente tem também que acaba passando por alguma coisa racional entende?

S Não, não porque na minha época de adolescente, o problema era a gonorréia. Eu tive namorada, eu transei com garotas e é a mesma coisa, você olhava e falava essa daí não presta. Mas também não vou fazer um x nas costas de ninguém...

I É porque eu estava pensando, que assim tem algumas coisas que parece que vão ficando meio separadas, meio cindidas, se a gente pudesse estar falando por que olha só a gente está falando de um lado, fala do tesão e se tiver tesão, acho que não consigo segurar, mas ao mesmo tempo fica uma idéia, né, sabe essa onipotência do jeito que C estava colocando de, eu consigo perceber, eu consigo controlar aquilo que é o meu tesão, e na verdade parece que estes dois lados, eles são colocados na gente, esta parecendo aqui no grupo e esta colocado nos relacionamentos da gente, com as pessoas, na vida, que estas duas coisas se confundem, que ao mesmo tempo que eu acho que eu posso ter controle, deixa que a razão aqui me controla, eu consigo perceber mais tem um outro receio de a coisa também falhar de que vai vim um tesão e pode ser que eu não consiga. Então não sei se está muito confuso isto que eu estou falando para vocês, aqui que é o que estava em dúvida, que é esta cisão mesmo algumas coisas que a gente não consegue muito juntar na vida da gente. E que está aparecendo aqui no grupo. Porque parece que o tesão a gente não controla, a gente tenta controlar, e a gente tenta controlar algumas coisas por aquilo que ela acha que eu posso conhecer do outro, mas que isto também, às vezes, não é muito confiável, entende então eu estou pensando que isto acaba rolando um pouco aqui, né? Então eu estava pensando que tem coisas que parecem que vão se reproduzindo, assim que a gente tenta e que faz parte, que estão circulando dentro da sociedade, estão circulando aqui dentro, né? Então eu estava pensando nessa história de apesar de um pouco dessa cisão aí, pensando nisto que vocês estão falando ai de relação, os relacionamentos, fiquei pensando se não seria prova de amor eu retirar a camisinha do meu relacionamento? Dentre os casais heterossexuais, eles não utilizam, o marido e a mulher não utilizam a camisinha, apesar disso, tem se falado para todos os casais estarem utilizando, não importa se teve homossexual, ou heterossexual, para todo mundo estar utilizando, e que nos relacionamento heterossexuais a gente sabe que tem bastante traição, por exemplo, e vocês estão falando de traição, aqui né, traição não dá. E aí eu estava tentando pensar afinal de contas o que é que é essa traição, será que é uma tentativa de modelo, de se basear no modelo do relacionamento homossexual, tem que ser meio parecido com o do heterossexual. Ou tem outros tipos de modalidades, coisas que vão surgindo.

S Eu acho que como ele falou 90% dos homens traem, então o meu relacionamento heterossexual, entre um homem e mulher, sendo o homossexual é dois homens, ou seja, se 90 por cento dos homens traem, essa traição vai ocorrer tanto no caso de homossexual como o de hetero. Essa coisa de chegar ao extremo, a traição, eu acho que por exemplo o que acontece com a gente, a gente deve chegar e falar assim, quando você resolver que sentiu tesão por uma pessoa, que você resolver pensar em trair, vamos chegar e conversar, se você trair é porque a pessoa tem alguma coisa que chama a atenção, que eu não tenho. Então vamos conversar e ver aonde está o problema em casa, se por ventura for uma coisa que não tem, que não dá para suprir, então é melhor a gente terminar, por que eu não traio, mas eu também não admito que a pessoa me traia. Eu

- acho que se eu me casto com ele, se eu me dedico totalmente a um relacionamento, se eu me casto dessas coisas eu acho que a pessoa também
- S ... você está na sua casa, está do seu lado assim como a gente tem amante, está lá, “não eu amo minha esposa”, só que eu não consigo, entendeu, eu acho que a convivência, ela se dá com um monte de pessoas, de você gostar daquela pessoa, você querer ficar com aquela pessoa, agora existe atração física que é o que rola. Você falou, o ex. caso dele queria transar a três, são fantasias, eu topo, eu tolero... eu também, não que este prazer seja pervertido, não. De repente tem gente que tem vontade de sentar em cima de coisa de borracha, o “fist fucker”.
- R Às vezes quando falta alguma coisa a gente procura sair fora do relacionamento(...) ela não sabia da minha posição, de sair com homens. Eu saia com homens não com a intenção de trair, mas quando acontecia isso eu inventava uma desculpa, usava camisinha com ela (...) às vezes ela também usava camisinha para poder evitar gravidez. Eu acho que quando a gente trai é porque a gente está, alguma coisa esta faltando.
- S O compromisso deixa de... ultrapassa a barreira do amar, aí a coisa vai mais sexual, aí a vontade de experimentar uma outra coisa.
- C É nesse momento que o pacto para vocês, ele vem de alguma maneira ...salvaguardar esse vício?
- S Se vai guardar eu não sei depende do compromisso que a gente faz
- C Mas ele ocupa que lugar nesse espaço, se a traição você está dizendo que é inevitável?
- S Não, é evitável, nestes oito anos eu nunca trai, e eu sei também que ele nunca me traiu.
- C Então ela é evitável.
- R Eu acho assim, a partir do momento que a pessoa nunca é traída, por exemplo, se eu não quiser trair eu não traio. É uma opção de cada pessoa, se eu não quiser trair eu não vou trair. Se eu quiser trair eu vou trair. Eu acho que tua opção.
- C E isto está sob seu controle?
- R É, eu não digo aí no meu controle, entendeu, porque a partir do momento que você ama uma pessoa, e a pessoa te ama e demonstra que te ama, então há fidelidade, e você não vai trair. Eu penso dessa maneira,
- C Eu queria entender porque acho que a gente acabou tendo um entendimento, que o fato de traição e furo de pacto no uso por exemplo de uma proteção, no caso de camisinha, entendendo como a mesma coisa. E agora eu acho que vocês estão sinalizando diferente, né acho que eu entendi de um jeito e agora estou concluindo melhor o que vocês estão dizendo. Na verdade é possível se fazer um pacto de uso por exemplo de camisinha ou um pacto de fidelidade até fidelidade mútua, mas que a traição, a vontade de pintar uma outra pessoa, se isso surgir é possível de se conversar ou é possível de não se conversar, no caso o que fez a sua esposa, não conversou mas o pacto de camisinha manteve. Então existe uma proteção da camisinha no caso. E foi pactuada e que esta fura menos do que o pacto da fidelidade na relação, é isso. Não sei se pra todos, mas é o que está ...
- W Eu diria que pra mim é uma situação diferente da que você está falando. Porque eu não fiz um pacto, nas relações que eu tive, tive liberdade de dizer assim, entendeu, de querer outra pessoa...
- S Se fala isso pra mim eu quebro a cara...
(risos)
- W Porque eu penso assim que o fato de eu estar liberado para poder fazer com outro, traz mais confiabilidade, do que eu fazer um pacto. Falar que eu vou usar camisinha ou não vamos usar camisinha. Porque nós vamos pertencer um ao outro. Isto me dá mais garantia, essa de estar livre, de saber que eu posso sair com outro, mas eu não tenho a necessidade de sair com outro. Que essa é uma coisa que a gente não pede. Eu posso

sair com alguém, agora vai depender muito da cabeça da gente de saber se esse sair com outro alguém, o que é que fez eu sair com outro alguém.

C O que é que fez? O que é que levou?

W Exato.

C Esta é questão...

W Porque não há a necessidade... eu não vejo, quando começo a relacionar com uma pessoa, eu não vejo, eu não me relacionaria com alguém, ou não teria um amor, ou moraria com uma pessoa, simplesmente para poder sair com outra. Eu penso desta forma e procuro pessoas que tenham o comportamento, o pensamento igual o meu.

C Então você parte do pressuposto que não é uma necessidade levar...

W Eu acho que a pessoa que vai procurar outros parceiros, porque tem um relacionamento sério com alguém? Sei lá, uma pessoa que pensa nesse sentido, ela não vai ter um relacionamento sério, ela vai ficar na cassação. Vai buscar um relacionamento com outros e assim por diante. Então a partir do momento que duas pessoas, elas passam a dizer: olha eu quero ficar com você, você quer ficar comigo? Passam até a morar juntos, não há a necessidade de procurar outro. E se houver a necessidade, tem que ver o porque que está havendo a necessidade, porque você está precisando procurar o outro, não tem porque ficar junto se você não gosta daquela pessoa, não tenho que falar isso se eu amo o parceiro...

S (...)

W ... mas só que eu não gosto de gente que faz declarar assim, eu sou fiel a você, você vai ser fiel a mim (...) Eu acho que a confiança vem do diálogo, da forma como duas pessoas se relacionam (...)

R Essa relação de confiança é muito importante (...)

S Só complementando isto que você está falando, geralmente, quando você conhece uma pessoa, você até vai para cama com ela depois, mas antes você tem um bate papo, você conversa com, você já procura a pessoas com o mesmo perfil, quer dizer, independente do lugar, não de vez em quando eu gosto de sair para dançar, e tomar uma cervejinha, tá eu também gosto, tá beleza, a gente procura pessoas com o mesmo perfil, você sabe que andando na Rua do Arouche, às três horas da manhã, você não vai encontrar pessoas na rua.

W Por que não?

S Por que ali só tem michê

W Não é só...

S É só ir lá

W Mas não são todas as pessoas...

S A maioria fazendo ponto

C Pessoa que faz ponto, que é michê, que caça, não é confiável?

S Eu não confio.

C Eu acho que a gente também está podendo entender que a confiança...

W Esse tipo não faz o meu perfil de pessoas que eu vou procurar

C Você pode não querer este tipo de pessoa para você,

W Eu não vou colocar um rótulo (...) ela está fazendo o trabalho dela Ela está ali fazendo um trabalho, uma forma de ganhar dinheiro, no meu ponto de ver, mas até aí...

R Existem pessoas na rua que você pode dizer que são promiscuas, e não promiscuas independente de hetero, homo, ou bissexual, independente de trabalho, acho que qualquer lugar que você pode encontrar pessoas legais ou não

C Isto que vocês estão dizendo é que a confiança quando estabelecida, ela pode se dar nesses diferentes pessoas, diferentes situações, diferentes condições.

R Eu acho que a confiança você vai adquirindo com o tempo

- C Eu acho que é esse o tema que de alguma forma mobilizou, esse momento, eu acho que até agora, como é possível estabelecer a confiança com pedaços tão diferentes. Então mesmo sendo dois homens iguais, em termos de sexo, quantas diferenças existem, passou um rol de diferenças entre as pessoas, que independem se é um homem ou uma mulher, dois homens ou duas mulheres, acho que o que está sendo colocado é que a confiança entre humanos, ela pode se dar a partir de uma porção de condições, que a condições de um tem a ver com , quem ele quer do lado, gosto... se eu prefiro mais velho ou mais novo, mais alto ou mais baixo, que tipo de profissão, eu acho que vocês estão podendo dizer que esta confiança a ser construída, ser estabelecida ela não é tão simples e linear, né. O jeito que serve para todo mundo, ela pode se dar de diversas maneiras. Agora tem algo que me chama atenção que juntos com o aspecto da confiança é que mesmo estabelecido a confiança, fazendo-se ou não o pacto vocês trazem alguns dados de que mesmo com a confiança estabelecida, alguns sinais de proteção vocês buscam. (...), seja um olhar clínico, entre aspas, que dá uma segurança ou não, seja este amor incondicional que pode se colocar no lugar que estava definido, seja a própria camisinha. Acho que aqui foram alentados vários sinais daquilo que vem junto com a confiança, essa liberdade do outro poder ir e vir, mais que de alguma forma esta, esta acordado. Esta liberdade de ir e vir mais que te preserva a tua integridade.
- W A questão não é bem esta da liberdade de ir e vir, é mais como um pacto, que de certa forma (...) há uma liberdade sim, ela é baseada no diálogo sadio. Eu no meu ponto de ver as coisas, acho que fazer isso, assim, eu acredito (...) mas quando eu me coloco numa relação, eu me coloco para confiar naquela pessoa. Eu me dou até o pescoço para aquela pessoa que eu escolhi. Isto funciona não só no meu caso em relação com homem mas como com relação a mulher, eu já fui casado também. Eu já tive um casamento de quatro anos e dentro desse meu casamento, houve todo um relacionamento de confiabilidade de diálogo, onde quando eu me decidi por ser homossexual, eu conversei com minha esposa, eu falei para ela, falei olha, está acontecendo isso, isso, eu tive uma relação com um homem e eu estou contando isso para você, eu tive uma relação com homem. Aquilo foi um choque para ela muito grande, no momento, ela não esperava isso, mas eu abri o jogo com ela, eu falei tudo o que estava acontecendo e isto a gente estava com quatro anos, três anos de casado, e passei um ano de casado, eu não tive relacionamento fora, não saía com outro homem mesmo tendo atração, mas conversando com ela até o momento em que eu encontrei um rapaz ao qual me interessei por ele e cheguei para ela conheci um cara e eu vou morar com ele. Ela falou tudo bem. Sempre acreditei, em minha vida heterossexual, na convivência com minha esposa que a liberdade de se falar e de que se entregar e se envolver, no tempo em que fui casado com ela eu fui um homem pra ela como tinha que ser e quando me percebi com um sentimento por pessoas do mesmo sexo, eu também falei isto para ela, e mesmo assim ela continuou, mesmo ela sabendo do meu sentimento. Foi mais de um ano até que eu realmente, acabou o casamento, para eu viver uma relação com um homem, ao qual eu me (...)
- S Você tem contato com ele?
- W Não, não estou com esse rapaz (...)
- S Ficou muito tempo?
- W Não, três meses.
- S Mas tem essa teoria...
- W ... Você não sabe o motivo...
- S Não, mas que nem deve expor
- W Mas não tem como expor, na realidade foi forte, ele era uma pessoa muito ciumenta e aquilo foi despertando um medo (...) ele tinha fantasias enormes de que eu estava

traindo. Ai a gente foi se tocando, mas não porque a liberdade nossa pagou muito caro ou ele mesmo ter saído com outra pessoa. Mas foi simplesmente que nestes três meses ele se (...) tanto comigo, aquela coisa, eu tinha um trabalho com público, faz tempo eu trabalhava com pessoas, e ele sempre via a possibilidade de acontecer alguma coisa com essas pessoas.

S A partir do momento que você chegou a dizer você está livre para fazer acontecer, claro que você vai dar essa dúvida, você vai plantar essa semente da dúvida.

W Com certeza. Eu entendo isso, mas eu confio mais nesta liberdade do que no fato de você ficar fazendo pacto. É esse o meu ponto de vista

S Por exemplo, eu chego para a pessoa, olha eu não traio, se você pensar em fazer isso venha, chega para mim e vamos conversar, que alguma coisa está errada, aqui, eu não vou te dar motivos para você fazer isto. Só que se por ventura acontecer, eu acho que está faltando alguma coisa aqui, então vamos conversar neste sentido, tentar melhorar isto. Acontece ninguém é perfeito, só que eu acho que a partir do momento que a pessoa chegou a dizer eu te dou a liberdade para você sair, com quem você quer, vamos procurar uma saída, olha chegar um dia às 10:30h, tá acostumado a chegar às 9:30h, e se (...) eu quebro a tua cara.

W Três princípios que uma vez eu li num livro que achei interessante, o que um pai falava para o filho quando ele estava para casar, primeiro que ele nunca chegasse primeiro lá, segundo que ele nunca dessa satisfação de quanto ele ganha e toda vez que ele fosse bom de cama, ele falasse para a mulher que ele era homem (...) Quando você sabe o horário que a pessoa chega, você não sabe o que está acontecendo lá fora, pô se chega tarde você vai brigar... Não estou te questionando, nem to colocando a coisa nesses três (...) se ele tem algum problema e falar que não tem dinheiro, eu não vou ficar perguntando onde é que o dinheiro dele foi.

S Eu também não sou uma pessoa paranóica, também, todo mundo deve estar pensando que ó, que é isso que se passa na minha casa, ainda mais que da essa corrente, não é por aí, eu acho que é o seguinte, se a pessoa, está acostumada a chegar tal hora, Po já não era para você estar em casa, geralmente eu espero a pessoa para jantar juntos, para fazer alguma coisa, oh eu não vou porque eu tenho que resolver um problema ou alguma coisa ou não deu para passar ou mesmo se acontecer alguma coisa e não deu para ligar, pelo menos eu quero ter a liberdade de se por ventura ela chegou e falou para mim, olha eu, como já tive um caso, pode ser até uma tentativa de ser, olha eu não consigo ser fiel, porque ser a pessoa chegasse para mim, oh eu te dou liberdade mas eu também quero ter liberdade, a gente pode fazer, se por ventura tá que eu vá ficar cronometrando mas você sabe mais ou menos o que está acontecendo. Se você chegasse para mim e falasse olha, sinceramente (...) não que eu fosse castra a pessoa, ela realmente tem direito, mas eu não gostaria de ficar com esta dúvida.

W Você tem esse direito.

(chega mais um participante do grupo)

I Só antes de falar algumas coisas, a gente, entrou uma pessoa nova, não imagina, não mas é a gente acaba colocando no início o objetivo do grupo para te uma noção

D (justifica alguma coisa)

I Imagina, só pra elucidar uma noção do que a gente está fazendo. É que assim a gente vai se encontrar cinco vezes aqui sempre das oito as nove e meia, e nós temos uma tarefa aqui que discutir o tema que tenha a ver com as questões ligadas a sexualidade, as questões ligadas a proteção que tem a ver com a sexualidade, então é um assunto aberto, as pessoas estão se colocando, e a gente tem um teto aqui, tá bom que depois a gente recoloca, e a gente sempre vai começar o grupo se tiver duas pessoas, tendo duas pessoas a gente começa, e aí, tá bom! Então agora eu estava pensando em cima,

algumas coisas neste sentido, na verdade eu acho que o que vai sendo colocado aqui, são coisas que parece que estão presentes em todos os relacionamentos, eu não fico, é por que é assim, eu estou percebendo que existem regras diferenciadas para cada tipo de relacionamento, eu acho que quando é pacto que vocês estavam dizendo, tal parece que ele vai variando, na verdade tem algumas regras que acabam sendo um pacto aí, que olha a gente vai, tem uma certa liberdade então se acontecer vem e fala, que é um tipo de pacto, é uma regra, é isto que eu estou pensando. Que então cada tipo de relacionamento acaba tendo um tipo de modalidade aí de funcionamento e que ..

W Quer dizer que isso acontece não só no homossexualismo, na heterossexualidade também.

I Exatamente.

W (...)

S Pacto também sangüíneo.

I Exatamente, é que na verdade carrega um peso muito grande, já tentamos pensar nesta questão de par, o que parece que vai ocorrendo nas falas, que vai aparecendo aqui é que existe assim uma contradição, um conflito, quando a gente fala nesta relação, na relação, no seguinte sentido, de um lado fica uma vontade de, uma idéia, uma idealização, uma coisa que fosse ideal num relacionamento, que tem a questão do amor da fidelidade, do relacionamento longo, isto que está ficando também, está pegando também aqui de certa forma, o relacionamento longo talvez fosse o mais ideal, isso daí a cara do relacionamento que está dando certo. Versos uma outra, um outro lado que vai aparecendo que seria alguma coisa um pouco mais ruim, entre aspas, vou até focalizar este lado ideal como bom, e o outro que parecia não muito bom assim, que seria um relacionamento que tem traição, um relacionamento que tem insegurança, tem hora que me passa, que a promiscuidade passaria por ai, por esta coisa curta, que tem traição, então ficou muito claro também esta questão, do que é que se entende por promiscuidade, porque é assim, são coisas que vão aparecendo e que parece que estão presentes em todos os relacionamentos, não que existe um bom e um mal, mas é que eu acho que fica uma idealização ou uma idéia do que é bom e mal em função daquilo que já foi padronizado em relação ao que é o relacionamento por exemplo do heterossexual, é isso que é a impressão que está passando.

S Pessoas são pessoas, sabe eu concordo com o que ele está falando, toda essa liberdade, dessa conversa até eu acho que, bom eu tenho um prima que ela é lésbica, esta há catorze anos com a parceira dela, esta totalmente baseada no diálogo, eu acho que o relacionamento heterossexual também tem que ter diálogo, assim como também o relacionamento gay, eu acho que partindo, o pacto em si, vamos colocar já que está se utilizando a palavra pacto, eu usaria mais como um compromisso, seria essa de ter liberdade de se conversar, de se dar a liberdade de se conversar, não ser uma coisa castrativa, eu faço você obedece. Eu acho que por exemplo no caso dele, dele dar toda a liberdade, mas ele já conversou. A gente também, vamos sentar e conversar, no caso dele, eu chegar e aprontar isso, eu quero fazer isso, chegou e conversou, eu acho que tudo daí vai da outra pessoa aceitar ou não, mas todo o relacionamento em si, a sexualidade em si tem que ser calcada numa conversa num diálogo franco, pelo menos eu ajo assim.

I Só para tentar entender, se ela faz disto, passaria por aí esta idéia de promiscuidade, porque esta palavra apareceu varias vezes aqui, e parece que tem uma idéia diferente em relação a isto. Eu fico pensando

S É que tem gente que quer gozar não importa como, entendeu, o negocio dele é gozar, seja com fulano ou com ciclano ele quer gozar, não tem relacionamento. Eu conheço várias pessoas que são assim, eu não gosto de relacionamento, eu quero transar com um,

quero transar com outro, eu quero transar quando sentir tesão, eu não tenho intenção de usar aquela coisa, eu respeito, não vou recriminar, eu também não vou chamar de promiscuo, acho que sei lá, acho até que foi meio injusto usar este termo, eu acho que aqui cada um é cada um.

I Quer dizer na verdade, o que você está dizendo é o seguinte que cabe tudo, né, cabe tudo desde que cada um vai escolher aquilo..

S Para mim não seria um tipo de pessoa.

I Então e aí a gente apareceu uma polarização, por exemplo apareceu a figura do michê que acho que é aquele que encarna melhor, talvez a idéia da promiscuidade, por exemplo sem taxar.

S Eu tenho um amigo que mora em Guarulhos, que ele é michê, ele vive disso, ele diz: tem dia que eu não consigo nada, e tem dias que eu saio seis, sete vezes na noite. Tá e se o cara te pedisse para transar sem camisinha? Se ele me pagar mais eu transo. Então ele não está muito preocupado com o que vai acontecer. Por exemplo ele está montando uma roleta russa, aquilo que eu falei pra você tem um a Rua do Arouche três horas da manhã, é por que geralmente, eu moro ali do lado, eu moro no Largo do Arouche, três horas da manhã, ou só tem michê fazendo o ponto ou tem o pessoal passando, não é o tipo ideal de pessoa para um relacionamento. Não que eu chego lá e fico apontando o dedo ou jogando tomate, ou ovo podre, eu acho que cada um é cada um. Eu aprendi a respeitar o ser humano, eu não levanto bandeira para ninguém, a partir do momento que todo mundo respeitar todo mundo, acaba com este tipo de coisa, só que não é o tipo de relacionamento que eu gostaria. Que eu não aceitaria que o meu parceiro saísse com outra pessoa, mesmo que fosse por dinheiro, mesmo que a gente estivesse na merda. Mas eu não topo fazer, se está comigo vai ficar comigo, se estando comigo não é bom, não é suficiente para você, então paciência, eu quero uma pessoa que eu possa chegar em casa, ou que esta pessoa possa chegar em casa e me encontrar. Ou que se não me encontrar, para alguma coisa, ou pelo menos eu estou confiante, como confio em você, meu parceiro está na aula, só que eu estou super tranquilo, quando ele me ligou hoje eu falei, eu estou indo para um grupo, tudo bem para você? Sem problema nenhum. Porque eu acho que pelo fato de a gente estar longe, eu acho que a situação é essa, está acontecendo isso, eu acho que é um ponto de eu chegar e transmitir uma certa confiança porque assim como ele precisou viajar para um lugar que é longe da onde ele mora, eu estou indo, não vou poder te ligar todos os dias, ele liga quatro, cinco vezes por dia, eu não vou poder te ligar toda hora por que eu vou estar no congresso, mas eu vou estar em tal lugar, tudo bem para você. Se eu não te ligar todos os dias? Tudo bem é claro que tudo bem, pelo menos teve aquela coisa de chegar e comentar o que se vai fazer, e eu chegar e comentar onde eu estou indo. Porque eu sei que as nove e meia da noite, ele sempre me liga para me dar boa noite, se ele me ligasse em casa e eu não tivesse lá, com certeza eu diria não eu fui em tal lugar, tudo bem para você? Tudo bem.

C Eu acho que esta modalidade que você traz, de uma relação que te dá segurança, te dá paz, que você busca, não necessariamente precisa ser modelo ideal para todos. Que é isto que está sendo colocado

S Não pessoa são pessoas, cada um tem o seu tipo

C O modelo de confiança ou de sentir prazeroso na relação ou acolhido na relação, está sendo pontuado que ele pode ser muito diverso muito distinto, e a gente aqui também não está no papel de dizer qual é o melhor modelo, de quem é que está certo nas sua escolha, o quanto que cada expressão aqui é a expressão de um jeito de estar no mundo, de um jeito de se relacionar, e o quanto isto pode estar expressando para cada um maior ou menor segurança na relação, maior ou menor prazer.

- S Porque eu acho que, só querendo entender um pouco a pesquisa acho que até está ficando mais claro, agora tentando entender as diversas, a gama que existe entre a sexualidade envolvida em cada tipo de relacionamento.
- C Independe de ser hétero ou homossexual, mas o tanto que esta sexualidade ela é plural, o quanto que cada um pode expressar, de um jeito a sua confiança ou o seu ideal de parceiro, né e o quanto isso pode estar trazendo para cada um, mais ou menos prazer né, mais ou menos sentimento de tristeza, de desconfiança, ou sentimento de mais ou menos proteção, foram as coisas que foram aparecendo, você diz o tanto, logo que você começa, o quanto você estava triste, né você traz isto, e que tem a ver com as escolhas, o modelo de relação, que parceiro eu queria, enquanto que outros modelos podem deixa-lo mais feliz, a você , mas a outro não. E este conflito que gera dentro de cada um estas escolhas diferentes, então a gente não esta aqui para dizer se um ou outro está mais perto ou esta próximo do que é ideal, agora a gente quer pensar junto o quanto que cada escolha pode expor mais ou menos cada um a se sentir mais vulnerável ou menos vulnerável, a se proteger ou a deixar de proteger ou a contrair uma doença, acho que essa preocupação todos temos, todos os indivíduos, todos os seres humanos, acho que um pouco isto que I estava colocando. Independe da condição de escolha dos parceiros, esta questão está presente hoje para a humanidade, e hoje aqui a gente esta pensando na sexualidade para saber se as nossas escolhas, se a forma que a gente escolhe esta modalidade de estar com o outro e não quem é o outro, o quanto que isto nos faz sentir mais feliz ou menos feliz, mais prazeroso, menos prazeroso, enfim eu acho que foi este o tema hoje que aqui transitaram.
- I Eu só queria falar uma outra coisa, ainda em relação ao conteúdo, eu estava pensando ainda em uma outra coisa, porque o tema ele esta rolando muito e relação a confiança e desconfiança, ai eu estava até me perguntando aqui, o quanto na verdade, eu estou pensando, se poderia confiar na gente que está aqui, coordenando este grupo, eu acho que aparece esta questão da confiança eu estava tentando pensar isso, qual que seria a confiança que poderia ter em relação a gente ou a desconfiança?
- W (...) Nada (risos) Eu já falei bastante, para poder confiar em vocês,
- I Eu acho que para você, nós estamos rolando aqui
- S Sinceramente, com o que está rolando aí eu não tenho problemas nenhum.
- W Eu acho que confiança a gente adquire com o tempo , quem sabe na última a gente vai...
- S ...a gente já expôs muita coisa,
- C Este não é o jeito de experimentar aquilo que se experimenta fora daqui? Eu acho que o que a gente está experimentando na relação coordenação do grupo e cada um aqui que está trazendo sua história é um pouco o jeito de experimentar o que faz fora daqui. Nas relações. Se sente confiança, se sente desconfiança, tem um tempo para se construir essa confiança, aqui não é uma situação totalmente atípica.
- I Eu fico pensando assim, será que essa pessoa vai querer transar comigo só para transar e abusar, eu acho que dá pra pensar como, nos estamos com uma pesquisa a gente esta podendo a final de contas, o que é que elas estão querendo aqui. O inicio de qualquer relacionamento que vai ser impermeado com aquilo que a gente coloca como objetivo, se tiver uma conotação sexual a gente vai querer saber até eu vou estar sendo, eu posso confiar ou não. Então a gente só vai construir o que você disse no decorrer, e sabendo quem é que pensa o que, como é que pensa até onde eu vou, até onde eu posso não ir eu acho que é disso que vocês estão falando dos relacionamentos separadamente que cada um teve, mas eu acho que tem a ver diretamente com a gente aqui.
- W Como um dia não é igual ao outro (...)
- S Cada um absorve da experiência de cada um

- C Acho que esta idéia de que é possível trocar , é possível absorver, e possível se fazer diferente, acho que já é gostoso de poder ouvir. Tanto que esta possibilidade abre caminhos aonde aparentemente a gente olhava e falava poxa, fechou não tem alternativa
- S Analisa por um ponto, todos aqui tiveram um tipo de relacionamento, todos eles baseado no diálogo, apesar de todas as diferenças, que houve entre um relacionamento e outro, todo mundo teve aquela coisa de falar, chegou sentou e conversou.
- C Assim como aqui todo mundo chegou
- I Mas que em alguns momentos desse relacionamento que não foi falado no grupo, teve esse momento de relacionamento que não teve conversa, acho que você estava contando do seu relacionamento, nisso ele está presente, às vezes a gente fica meio presa, ou a gente vai ser fiel o tempo inteiro, tem que ser bom o tempo inteiro ou se sair fora acabou e a gente vê que tem momentos, e tem alguns tipos de modalidade de relacionamento, ou mesmo dentro de troca de relacionamentos que parece que isto não vai dar, até por causa de alguma coisa nova que surge, eu fico pensando na história do relacionamento heterossexual e de repente aparece uma coisa nova, que é eu estou interessado agora por alguém do mesmo sexo, como é que isto fica no primeiro momento, como é que se cria este diálogo acho que não é uma coisa fácil.
- W (...)
- I É difícil, porque vai fazendo outras coisas, começa, vem a culpa, e isto pode acontecer com outro tipo de relacionamento, que não seja por esta via, pode não ter a ver diretamente com a questão sexual. Mas o que dá para a gente perceber que isto vai estar colocado. E as vezes a gente fica preso neste tipo de modalidade. E as vezes isto traz um conflito muito grande. Eu acho que é isto uma hora a gente confia, outra hora não confia. Claro que a idéia pelo que vocês vão trazendo aqui esta vontade, os relacionamentos vão circulando, de ter um tempo maior de ter uma confiança, de ser uma coisa que traz segurança, que é o que parece que uma grande parte busca. É possível isso mas não significa que dentro disso não tenha estes períodos dessa desconfiança, que alguma coisa de desconfiança vai haver .
- W Eu confio, eu confio, mas as vezes a gente tem que dar uma de desconfiança, vamos conversar (...) eu estou confiando em você (...) é importante que ela tem , a partir do momento que confia mesmo, você ficar falando que confia mesmo, alguma coisa está errada. Alguma coisa para cutucar de vez em quando, para quebrar um pouco a rotina.
- C De qualquer forma isto é um jeito, é um jeito que você está apresentando, não necessariamente precisa ser o jeito para todos, eu acho que é isto que está, que está sendo possível ser tocado, mesmo a confiança ou a desconfiança, a forma que ela se apresenta, ou a forma que ela é compromissada, se é compromisso ou não, isso não é a priori nosso, nos coordenadoras, de ter aqui um modelo que a gente vai falar esse esta dentro, este esta fora, no que diz respeito a essas formas de se viver esta sexualidade e proteção também em termos da confiança em termos da desconfiança ou o critério quem estabelece é cada um né e os riscos, para estes critério que é importante podermos estar conversando, explicitando neste espaço, na medida que vocês acharem importante, mas não partimos de um pressuposto de julgamento de qual é bom de qual é ruim, qual é certo de qual é errado.
- I Gente nós estamos atrasadas. Nove e meia, a gente espera vocês na semana que vem aqui neste mesmo horário, as oito horas, quarta feira, e aí pode vir direto que as oito horas a sala vai estar preparada.
- W Vou colocar uma coisa aqui para o nosso amigo Robson, deixou um recado na secretária eletrônica comprometedor demais. É assim: Olha aqui é o Robson, aquele compromisso que falei na quarta feira passada está mantido? Dá licença, meu namorado comentou.

(risos e confusão)

- I A liberdade e a não liberdade e a confiança e a não confiança a gente traz aqui na semana que vem de novo.

GRUPO OPERATIVO I - Sessão 2

- C Como colocamos na sessão anterior, estamos aqui para lidar com as questões sobre como lidar com a sexualidade e as formas de protegê-la. Havíamos combinado que só começaríamos com no mínimo duas pessoas... Está aberta a palavra.

(Alguns comentários, risos)

- I Fica estranho com pouca gente?

- W É estranho falar sobre sexualidade. Sobre o que eu vou falar?
(pausa longa)

- I Fica uma coisa como se fosse forçada, assim...

- W Fica um algo a falar.

- C Como esperamos o quórum, podemos esperar o que falar.

- W Nunca me senti nessa situação assim, não algo estabelecido (...)

- I De qualquer forma, nós estamos numa situação diferente, porque não tem um assunto. Assunto tem, o que não tem, é então vamos falar sobre este pedaço, vamos discutir sobre isso, e ficar, aqui se pode tudo, não se pode tudo.

- W ... É por aí, não tem molde, as pessoas estão mal acostumadas, fica iniciativa, faça isso, faça aquilo, ... fazer algo, ... a sociedade é muito alheia com o que você faz ou deixa de fazer. Nessa situação é difícil de ter partida. Diz exatamente o que você tem que fazer o que é bom para você, tem que usar camisinha, você deve tomar cuidado com isso, deve tomar cuidado com aquilo, né, então isso são coisas que...

- C As proibições?

- W Não exatamente falar de camisinha. Você tem que ver o que é bom para você, nunca o que é bom para ela, o que é bom para você. ...Você faz isso ou aquilo, independente do que é se ela faz ou não faz, faça o que eu mando mas não faça o que eu faço, estas coisas assim. Como é difícil estar falando de um assunto que não tem .. vamos falar de camisinha agora, vamos falar de sexo homem com homem, vamos falar de sexo em geral, então fica assim, está tudo ali.

- C De certa forma já esta sendo falado, de alguma maneira este recorte já está sendo dado, agora o difícil falar das coisas, quando essas coisas já são ditas em diversos valores, pela sociedade.

- I Eu estou pensando numa outra coisa, estou pensando que de certa forma, tem esse monte de coisa que é ditada, então a gente tem uma coisa que para se falar que na verdade as coisas que são ditadas acabam sendo protetora da gente, por mais, protetora no seguinte sentido, pensando, porque quando tem alguma coisa que está direcionada, a gente já tem sobre o que falar, então não tem que se haver com aquilo que eu penso, exatamente o que é que eu vou escolher. Então eu fico pensando se não é esta a insegurança que dá quando eu não tenho exatamente o que é que eu vou dizer agora, não tem nem nada aqui, para a gente dizer: olha, sou contra isso. Que até isso, compete a gente, sou contra a camisinha, não vou usar camisinha, ela está lá, é uma forma que eu falo vou aceitar ou não vou aceitar esta proteção.

- W Nós vamos saber qual é a verdade do outro e qual é a verdade da gente também. Aquilo que ele estava dizendo é verdade ou simplesmente é, eu tenho que aceitar aqui como verdade minha também, passar isto para frente, para outro, e assim por diante, formar um ciclo de informação naquele mesmo padrão. Quer dizer padronizar as coisas, como se todas as coisas são iguais, isso padrão, isso é certo, isso é correto.

- C Qual é o correto? Ninguém, as duas coordenadoras tem, né. Talvez fique isso, Como é que eu vou falar de algo. Qual é o valor que está aqui? É o mesmo valor que está lá fora na sociedade? Até que ponto...
- W Esse negócio de valores não existe padrão, para mim isto (...) .. de padrões, os participantes aqui ninguém pode falar de tudo, desde eu sair no início, ... na entrada do prédio, falar sobre comportamento não é local adequado. Então quer dizer, quem disse isso para mim? A própria conduta das pessoas, o fato de somente as pessoas grifarem as coisas como devem ser feitas, como os locais, ... quando as coisas podem ser ditas ou não ditas, né. E acabam levando a gente a se fechar, a gente está aqui para discutir um assunto, este é um assunto que todos devem discutir, não é só nós. De repente nós estamos aqui sem assunto, com tantas coisas, do que se pode se falar do que posso falar do que não posso. Se você me falar assim: me fale sobre a sua vida sexual. Ai eu pego e falo, você esta me direcionando, eu vou falar sobre a minha vida sexual. Agora eu quero que você me fale sobre a sua vida sentimental, agora eu quero sua vida familiar, você está me direcionando, a forma como eu penso as coisas. É como se falasse assim eu não posso fazer por fora, mas tem tantas coisas em áreas (...) É muito confuso isso, muito difícil discutir quando eu não tenho qual é a ordem, é mais...
- I Desprotegida (risos)
- W Porque a cada, as vezes quando se pode perder, as vezes, alguém vem toma, dá.. Daquele comentário que a enfermeira fala dele (...) muitas vezes está colocando (...)
- C Fica meio desprotegido, deve se sentir meio, sente meio sozinho, vocês dois..
- P Eu tenho um problema em casa, meus pais não sabem. Não sabem, mas desconfiam. 80% de certo que sabem. Eu fico nessa situação, então eu posso ter um relacionamento assim, que eu posso levar para casa e evito conversar pelo telefone, tal porque ela fica ali na espreita, sempre tem alguma coisa. Eu sempre tenta fugir do assunto, então eu acho que esta na hora de tomar um rumo da minha vida, estou pensando em sair de casa, pelo menos assim ninguém mais vai ter que dar satisfação para ela, quando eu tiver que sair, para ver se melhora um pouquinho. Porque, é praticamente intolerável ficar dando sempre o porque, eu, meu pai e minha mãe, praticamente moram em casa. Então eu sempre tenho que dar satisfação para ela, do que eu estou indo fazer, está difícil de eu arrumar um, sei lá, namorado. Geralmente quando dá um ou dois meses, daí não dá para esperar continuar. E aí fico pensando na questão da religião. Eles já passam por uma certa idade, acham que você tem que casar, que formar a sua família, e nem todo mundo quer casar. Eu conheço alguns amigos que casaram por imposição da família e da religião. Então como que desde criança eles já se conhecem gays, então agora abrir mão da sexualidade não (...) ... Então você ... ou me submeto a casar, e a formar a família, ou saio de casa. O que eu não quero é falar para minha mãe. Por mais que ela desconfie, tenha quase certeza, mas eu não quero falar nada para ela pela idade dela.
- I Seu desejo é submetido ao desejo dos outros.
- P É por mais que eu, seja como visto, cada um tem sua vida, faz o que quiser, mas hoje, eu tenho a sensação que a situação assim que a gente tem que se submeter, para não magoar a família.
- W Então você está protegendo a sua família, ou você.
- P A família.
(pausa longa)
- C É novamente a proteção que está em jogo?
- P É, quer dizer ..
- C Qual seria ?

- P Sei lá, hoje ainda ser um homossexual é (o fim do mundo, uma tragédia), pelo menos assim. Ter uma certa distância da família, aos poucos a gente para poder ter até uma visão mais ...
- C Você faria uma opção de se afastar da família...
- P Eu acho, é a melhor maneira, eu optei por isso...
- W O que é a homossexualidade para você?
- P Para mim? (risos)
- W É assim logo de cara, mas é isso.
- P Não, eu digo assim para meu pai e minha mãe porque, isso aos setenta anos, para eles, não ocorre de forma alguma. Pode aceitar o filho ...
- W Mas muitas vezes ter que ficar contando para todo mundo (...) não tem nenhum problema que é relacionado à família, aos amigos. Eu não tenho que contar pra família se eu tenho desejo por homem, não sou afeminado (...). Então de repente se eu faço ou não faço, eu não acredito que estou fazendo a família sofrer ou coisa assim...
- P Sim, mas sei lá, eu vejo assim o pensamento deles, só pelo fato de gostar de homem, já é complicado isso.
- W Mas com 80% que já sabem disso, já não dá para... trabalhar esses 20%?
- P Não.
- W É complicado, né. Ter que fingir ainda (...)
- P Eu não tenho outra opção.
- W Mas não é um opção?
- P Eu quero começar do zero, alguns amigos falam que eu preciso sair da minha casa, mas eu não quero sair da minha casa para ficar na dependência dos outros.
- I E o que é que você quer? (risos)
- P Quero começar a minha vida do início, do que ficar dependendo de pai e mãe.
(pausa longa)
- C A família não protege o homossexual.
- P Não, no meu caso não. Mesmo porque minha mãe e pai ignoram, não querem saber. O que falar isso causa. Até por razão que sabem que em casa não (...).
- C Quando você fala, entende assim os riscos, que ser homossexual é o fim da picada, na visão de pai e mãe neste caso, o grupo traz novamente o que cada... o que seria, quem é esse homossexual, qual é a imagem que fica para a família? Como é que fica neste caso. Eu acho que para cada um aqui tem um sentido.
- P Para mim é normal. Não sou assim pelo lado da visão dos meus pais, isso é o cúmulo
- W Você tem irmãos que são casados?
- P São casados. O meu irmão caçula vai casar.
- W Cobram casamento?
- P Tem que casar, tem que formar uma família, tem ter filhos, tem que dar netos, tem fazer as coisas da família (...) Eu tenho um amigo, que vive com uma mulher, são pessoas que eu converso com ele. Eu converso com ele e fala para mim, tenta arrumar uma menina quem sabe você consegue, mas sei lá, no meu subconsciente não é isso que eu quero. Eu vou esconder de mulher, eu admiro é claro, mas eu não sinto atração, então de repente eu arrumar uma menina só para manter as aparências, mas eu tenho..
- I E fica uma preocupação do que é que vai causar para o pai ou a mãe, que tivesse um limite, né?
- P Eu nem penso em meus irmãos, mas .. se souber, fazer o quê.
(S chega)
- I Mas assim, de como é que a sua imagem vai ficar, ou alguma coisa neste sentido, e assim, eu acho que em relação a ele, o seu pai e a sua mãe, um jeito de tentar proteger para que eles não sofram, porque assumir um determinado tipo de identidade sexual, por

em risco aquilo, o que você disse o fim da picada. Vamos tentar proteger o pai e a mãe. (pausa). E aí a sua questão é agora, como é que eu vou resolver ...

P É como é que eu vou resolver?

S Por que? Eles não sabem ainda?

P Não.

S Eu também pensei que fosse o fim quando eu contei, sinceramente. O pessoal sempre reage da melhor maneira possível. Eu saí enganado com um coisa, e não era nada disso (...) não posso garantir a coisa não é (...)

P Não sabe o que acontece mesmo, além do que tem a religião (...). mas o problema não está aí, também né. Sabe que vai...

C O que você pensa que pode acontecer com eles?

P Bem é isso...

W Com você?

P É de eu tomar um rumo para minha vida.

S Acha que eles vão te botar pra fora de casa?

P Não eu acho que ela não faria isto, realmente minha mãe não faria isto.

S Você está pensando na sua mãe.

P É

S Eles vão tentar achar que é espírito que incorporou. É alguma coisa assim, do gênero.

P É

S Isso com certeza.

(pausa)

C E aí pelo esforço de proteger.

P Sim

S Eu confesso que tive coragem de contar para o meu pai e minha mãe.

(Risos)

P E também depende de como você vê, desde os dezoito anos, eu tento ser o máximo indiferente em casa, não estar, não levar problemas para eles, para quando chegar nesta hora, eles não terem o que falar.

I Eu acho que de qualquer forma, tem duas coisas, que foram levantadas aqui, e eu acho que é isso que é a contradição, sabe, é o conflito que aparece, porque de um lado está aparecendo assim, eu tenho que, eu devo contar, eu não vou contar para proteger, mas de outro tem uma posição aqui colocada que é o seguinte, o que tem a ver com a minha sexualidade não diz respeito as pessoas. Então estas duas posições que estão colocadas aqui, que acho que apareceu na tua fala, então ninguém tem nada a ver com o que, como é que eu vivo, a minha sexualidade.

W De certa forma, causa qualquer mal a ele pelo fato de ele tentar viver sua sexualidade. Não ficar preocupado pelo o fato de se falar ou não falar, se vou fazer. Não preciso chegar lá e beijar o meu namorado na frente deles ou esse tipo de coisa. O fato deles saberem que eu sou homossexual já basta, acabou. Acaba o assunto ali, não precisa mais, não tem, acabou.

S É isso que eu ia comentar. A posição que eu assumi perante a família é essa, vocês nunca viram algo que chocasse, eu beijar meu namorado na frente deles. Então, quer dizer, sabe que, sabia que a gente tinha relacionamento, a gente dormia no mesmo quarto quando eu ia para lá, mas dormia separados, mas dormíamos mesmo quarto, nunca viram nada. Nunca levamos problemas para eles. E aquela coisa, também... precisar saber, no meu ponto de vista, precisava, mas que de alguma forma, eu dei alguma satisfação. Então precisa ter, o fato de saber.

W Da mesma forma nossos pais a gente não vê o que eles fazem também. Então eles não tem que ver o que a gente faz também (Risos). Não vamos participar desse momento.

- C Então a sexualidade independe se é de homossexual, se é heterossexual, ela é segregada. Ela é íntima.
- W O que pega um pouco ainda, na relação, as vezes, assim, é a liberdade de dar um abraço, de dar um beijo, de atravessar o caminho, mas o homossexual não vai abraçar, dar um beijo e já .assim...
- S Onde nascem os guetos
- W (...)
- S Uma vez eu li uma frase de uma amiga minha, ela trabalha numa boate, que diz e ela vive num certo .. uma vez ela apresentou, a gente fez uma gincana, e o grupo que ela participava ganhou. Então ela fez um discurso, no final da apresentação, uma coisa mais ou menos assim, “muita gente pensa que a gente vem aqui para usar a máscara, e no entanto é ao contrário, a gente vem aqui tirar. Então aqui a gente pode ser o que a gente quer”. Eu achei isso legal.
- W Na realidade isso é muito legal.
- S Com certeza.
- W Pode ser quem for que esteja assistindo uma peça ou alguma coisa, eles vão ver qual é o assunto que esteve ali, no palco às vezes (...) as pessoas vem aqui como, quando elas saem de lá ficam transformadas. Mas elas não trabalham a informação daquilo que elas vêem e aí esquece, não trabalho. (...) O diálogo é a arma mais forte.
- S A pessoa chega de salto alto lá... A questão que a gente está colocando aqui, é que de repente você começar a mostrar, quando passa alguma coisa na TV, não olha isso é coisa, não você tem que tentar mostrar, que isso faz parte, entendeu, Não precisa se chegar, e falar olha eu sou gay, mas entendeu, eles mostrar, o quanto, o mais normal possível a situação, porque eu acho que se você começar preparar o campo, para sei lá, se você quiser contar, também se não quiser contar, é um direito que você tem, claro. Mas é, você começar a mostrar que, po isto está no mundo, há milhões de anos. Quer dizer, todo mundo fala, olha a igreja é contra, só que não é esta... um pouquinho antes da Babilônia (...). na história da cidade para, resolveram formar uma comunidade tipo eremitas, só que aí o pessoal está ficando velho, estão morrendo, eles precisavam de rapazes novos para assumirem o lugar deles e aí rolavam...isso não vai desonrar a igreja. Então eu acho isso é mostrar que uma coisa não é um...
- W Rolavam?
- S É, os padres com os coroinhas,
- W Eles não iam, assim colaborar com a ...
- S Claro que não
- W Não tiraria a cartola para os outros...
- S Sim , eles voltavam, eles recrutavam, novos padres, novos eremitas, só que as solteiros continuavam. Entendeu, na hora que acabava entre eles, ela percebia que um sexo. Eu acho que a questão não, o fato de se chegar nos seus pais e estar colocando, que felizmente ninguém pede para você, só que eu acho que as duas frases que eu acho super erradas, de serem usadas como orientação sexual e opções sexual. Orientação ninguém, nenhum pai quer ver seu filho, ou orienta o filho a ser gay, e opção sexual, eu nunca vou ter, eu nunca vou falar eu vou ser viado.
- P E talvez.
- S Então quer dizer, são duas palavras, ainda não se achou, uma palavra que serve fácil a este estilo, se é que é um estilo de vida
(risos)
- C De qualquer maneira, a identidade gay, a identidade do homossexual, esta fazendo, ela cria esse fenômeno disputado aqui, se é orientação, se é opção, se dá para falar, se não dá para falar. Fala, vocês dizem para ele, mas para o meu pai, eu não falei.

- W não falei para ele falar, é opção dele...
- S Não ele não falou. É opção dele. É questão dele mostrar o quanto, é o que eu faço com o meu pai. Quando ele vai me visitar, você mora neste lugar cheio de viado. Qual que é o problema? Ele tem a vida dele, eu também não mexe comigo, eu também não quero maltratar nem nada, acho que cada um é cada um. Só precisa o senhor precisa aprender a respeitar a outra pessoa. É não respeita, fica na dele. Só que não tenho muito, se eu falar para ele que não tenho muito que me criticar, por que a minha infância, toda a minha infância quem me criou foi a minha mãe. Ele nunca esteve presente. Então quer dizer se ele falar, é como você. Olha cara, você não esteve do meu lado para me mostrar o que era certo ou que era errado
- C Você está partindo do princípio de que todos são..
- W Não teve orientação sexual, participação..
- S Se na concepção dele é essa, se na concepção errônea dele.
- W Mas você acha que, o tratamento do seu pai nesta concepção mudaria sua concepção sexual?
- S Não, não espera aí, só que eu acho que ... tem gente que tem pai, tem mãe e não tem nada a ver. Eu acho que eu poderia passar menos problemas da minha vida com relação a descobrir que certas poderiam ser levadas a ele e que outras não, poderia até procurar.
- W E poderia até ser pior.
- S Eu até poderia se criar, não sei, mais é que eu acho esse desenvolvimento sexual...
- W Poderia, não poderia... como ele mesmo poderia.. tem que ser aquilo que é.
- S Deveria estar mais do meu lado, como poderia falar, olha eu não sabia que você ia ficar assim. Olha o senhor nem sabia que eu tinha nascido. Já falou enumeras vezes que já foi lá em casa, que você teria me procurado lá, é outra coisa, não é a sua mãe já se queixou. Meu amigo, a questão é a seguinte, você como pai também tem direitos (...) Com certeza o que você, .. só não sabia quem não estava do meu lado. Na casa dos pais dele eu era um amigo, só que na última vez que eu estive lá, ele me apresentou para o irmão, mas até eu gosto dele do mesmo jeito.
- W (...)
- S Saber sempre soube, só não sabia que eu tinha namorado.
- C Revelando ou não, o porquê aparece, é que existe uma identidade, e ela sofre para se instalar.
- S Olha, eu não sei quanto aos meus colegas aqui, mas eu na fase de descobrimento, descoberta da minha real sexualidade, sofri muito. Mesma coisa de auto se aceitar. Só que depois,.. na realidade eu tenho uma prima que ela é lésbica, ela me ajudou muito, sabe ela me arrumou um lugar na casa dela, ela trabalha aqui como discjockey, você vai ver que o mundo e as pessoas não são assim. É porque até então, eu, o homossexual na cabeça da gente é aquele estereótipo de, você possui aquela coisa do calção de couro, aquelas coisas que são causadas, Eu achava que se eu assumisse a minha homossexualidade, eu ia ter que ser aquilo, ou então eu seria visto como aquilo, aquela coisa caricata, o que não é. Como muita gente na semana passada teve dizer. Tem muita gente que nunca, ia entrar na cabeça, que não tem nada.
- C O que é ter alguma coisa?
- S Não, não é o estilo, não tem nenhum, algum trejeito, alguma coisa carregada, entendeu, então as pessoas comentam. Homossexual é uma opção mesmo, então é tem gente que gosta de se mostrar, quer dizer tem homens que querem ser assim. Então quem não quer ser assim
- W Não precisa, que fala é essa? Se ela tem os trejeitos afeminados, é jeito dela. Não tem aquela coisa eu vou ser assim...
- S Mas não nesse ponto...

- W ...vou sair toda enfeitada, é fashion, que eu me lembro que apareceu.
- S Não, você me entendeu errado, ou eu me fiz entender errado, por exemplo tocando, falando que eu seja agora, eu acho que por exemplo, como é que eu vou explicar de uma maneira, é que vamos supor, você não se vê daquele jeito, entendeu, você acha que no seu ponto de vista você se vestindo do jeito que você está, agindo do jeito que você está, é legal para você.
- W Bom eu não tenho este estereotipo.
- S Quer dizer, é mais ou menos é sexualmente, até o amor para cada um, tem gente que já gosta de se vestir mais fashion, com a corda toda, sabe eu não ... dependendo de cada um, mas eu acho que no meu ponto de vista, eu não precisava disso. Me desculpa se eu fiz um pouco, de me compreender mal. Eu acho que ele quer se mostrar. E faz questão de andar de mãos dadas, ele faz questão de dar escândalo na rua.
- W Ele não está buscando o lugar dele?
- S Até pode ser, até pode ser diferente, pode dizer espera aí, meu eu estou aqui,
- W .O que é que tem, o rapaz ficar andando de mãos dadas na rua. O que choca é nós olhando para eles, entende, criticando. O que você está fazendo, não ele em si fazendo. Ele está se sentindo bem
- S Não, para falar a verdade eu não critico.
- W Não, nós numa sociedade em geral, o que vai ficar de, passar está errado, porque falar mal todo mundo fala um do outro, isso é a coisa mais natural, o dia que não tiver alguém para falar mal é porque está todo mundo igual e aí. Triste, não ter o que contar, não ter nada para falar. Tem que ter as novidades, mudar a cabeça das pessoas, outras pessoas falarem a respeito, é o caso do apagão.
- C A novidade ao que se refere? Ao homossexualismo?
- W Qualquer coisa, diferente do que era normal, que as pessoas..
- C Mesmo essa novidade na história...
- S Não é que por exemplo, antigamente, eles não colocavam paetês, e não colocavam plumas, sapato alto, e nem calça brilhante, estas coisas, entendeu.
- W Não, você acordou agora...desde os homens lá das cavernas já tinha as paetês, a homossexualidade não começou há alguns anos atrás.
- S Não, não conheceu, mas por exemplo, vamos supor, ali na Vieira de Carvalho você vê uma drag queen de quase três metros de altura num salto deste tamanho, o que naquela época não tinha.
- W Tinha.
- S Com uma peruca deste tamanho?
- W Tinha até pior
(risos)
- S Não eu estou falando de uma coisa mais a sério.
- W Não é que, você vê hoje aquilo que já ... a questão e o problema da caça .
- S Então quer dizer(...) mas é aquela coisa, aqui hoje, quando a gente está falando , às vezes até a gente, como gay, mesmo, está sentado, passa uma coisa ridícula se ele está se sentindo bem, é problema dele. Hoje eu fui almoçar com meu filho, acabamos de sair ali em frente ao Mappim, ali ao lado, tinham quatro andando na frente de calça preta de microfibra, óculos vermelho, um óculos laranja, cabelos pintado,. um espetáculo. Ou seja, demonstração gay mesmo, e daí? Qual é o problema? Passado, preso num mundo, quer dizer eu não gostaria de me vestir deste modo, eu acho que não combina comigo,
- I Mas deixa eu pensar por outro ângulo, o que é que está acontecendo, resgatar um pouco aquilo que você estava trazendo, mas parece que fica um idéia, é o seguinte: estes que se mostram, as pessoas que se mostram no mundo, que fazem esta algazarra, seriam

aqueles que por exemplo, vão denegrir a imagem da comunidade gay? É a impressão que ficou para mim, por que ele estava saindo, numa das falas que estava, das falas não, da condição que acaba rolando neste grupo não é uma fala, não é uma pessoa, mas alguma coisa que parece que está presente dentro desta ou da tentativa, desta construção de fazer, de se ter esta identidade viva. Então a impressão que deu, que causou é a seguinte: usou algum tipo de roupa, ou tem algum determinado tipo de atitude que parece que parece que fica meio associado com promiscuidade, ela vai denegrir a imagem da comunidade gay. Uma imagem que ficou.

S De certo ponto, e como a gente fala, não incomoda a gente. Mas só que por exemplo, homossexual, ele só é apresentado, raras as exceções, como estrela O que não é verdade.

W Mas esse são os que dão a cara para bater

S Não, nem sempre.

W Na maior parte é.

S Eu ponho a minha cara a bater, eu acho que...

W Você dá a cara, mas quanto são os que não se traveste e fazem presença na mídia, presença em todos os locais, mostrando que eles são e assumem, e quantos são aqueles que não tem os trejeitos, estas coisas e que vão lá e falam. Por exemplo os atores, as atrizes, que são homossexuais que não declaram isto por quê? Vai atrapalhar o trabalho deles, quer dizer, existe uma coisa que é deles... Ou ele veste a roupa lá e mostra, eu sou e acabou, já solta os pareceres ou ele simplesmente fica na dele. Fica falando que não.

S Não, mas aí, tem muita gente que quando sai do armário que chega e fala eu sou qual é o problema, você pelo Sandrinho e aquele outro na novela que passou, (a Próxima Vítima) caso de homossexual, ele passa normal.

W Passa normal?

S Quer dizer todo mundo sabe, vai não é estereotipado, não era um ser tão exagerado nas loucas

W Mas é difícil passar esta imagem das pessoas

S por isso que eu estou falando, eu acho que deveria ser mostrado mais isto, e não só aquela coisa caricata.

W (...) Toda coisa, novela, enfim, sempre tem uma situação em que tanto o homossexualismo, pactuada igual, sempre é meio escondido, meio encoberta...

S Quem não tem? A dona Maria da esquina, a faxineira não tem visão, vamos colocar assim, para elas o que elas sabem de gay é aquela coisa caricata.

C E essa coisa caricata, exuberante ela é sinônimo de promiscuidade.

S Não, para muitos ainda é, eu acho que é aquela coisa, eu só não quero ser comparado àquilo.

W Promiscuidade está em qualquer lugar, tanto faz heterossexual, homossexual pode ser promiscuo, não quer dizer que somente o homossexual é ser promiscuo. Só porque eu tenho fantasia, sou transformista, não tem nada a ver, fantasiar com promiscuidade.

S Tem muito travesti, muito cara que se travesti para dar show, como o caso que eu conheço, tem um caso que foi namoradinho fixo dele, não sai fazendo. Então eu acho que isso é coisa do estereótipo, isso aí é mais ou menos aquela coisa. Eu não quero isso comigo, eu não quero ser comparado a isso. O pessoal precisa colocar na cabeça que homossexual, ele só gosta do mesmo sexo assim como por exemplo, vai a Elke Maravilha, eu não vou chegar e olhar para vocês e te comparar com a Elke Maravilha, ela é aquela coisa caricata natural, e ela é mulher, então tem muita gente, fala nossa que coisa estranha que é isso daí...

S (...) Vestida, exageradamente como um shopping.

- C Então a exuberância, que vocês estão colocando não é a identidade do ser gay
- W Não, com certeza. Precisa tomar cuidado com certos tipos de, qual é o estereótipo certo do gay (...). ela é, esse aqui não é. Então, não tem um estereótipo para aquele é ou aquele não é, o outro é homossexual...
- S Tem um monte de gente, que esta assim, conheço um rapaz também que falou que, está com vontade de boite gay há um ano. Para mim não parecia sabe. Então é aquela coisa, e quando a gente olha quem é gay sabe, não sei como.
- W Então eu sou cego. Então eu acho que é coisa de gay só de falar ou tomar alguma atitude
- S (...)
- C De alguma forma, tem um conflito misturado. É, existe esse desejo de olhar e falar, olha é normal, mas ao mesmo tempo tem um olhar que disse, eu sei que é diferente, como se esse diferente fosse anormal.
- S Não, a gente por exemplo, a gente conhece certos sinais, certos trejeitos. Quando a pessoa dá uma escorregadinha, por mais que ela que ela segura, ah esse aí é.
- C Então a escorregadinha depende de segurar, você tem que se proteger.
- S Tem gente que se protege, senão não tem jeito, é aquela coisa. Eu tenho um rapaz que trabalha comigo, trabalhava por que eu sai da firma agora, sexta feira, e ele é da Universal, mas .era assim todo... e ele casou agora, ele resolveu casar, Agora é ex, que na universal é ex, é ex-viado. Ele estava assistindo o jogo do Guga, na sexta feira passada, eu estava esperando o meu chefe e estava passando o jogo do Guga, olha lá trás, esta vendo, olha que beleza, ele faz aquela bagunça, não pode vê festa que ele já chega, quer dizer deu uma soltada de franga, segura a franga, senão você está ferrado, você está casado agora. Quer dizer então tem algumas coisinhas que a pessoa deixa escapar.
- W Tem pessoas delicadas, que tem alguns trejeitos e não são. Algumas outras gostam de brincar, são pessoas que são bastante humoradas, ...
- S Por exemplo, existem situações, ali ele mesmo deu uma declaração na igreja que ele era e que agora ele está salvo pelo senhor Jesus. E mais, existem certos tópicos que quando vem na verdade, mas é aquela coisa que...eu não vou chegar para ele e falar o meu amigo, sem essa de viado, não é problema meu. Mas a gente também tem que analisar. Certas pessoas tem (...) que não vão falar, com por exemplo ele não tem (W) o meu ex-caso não tem trejeito nenhum..
- C Eles tem que segurar em mais porque as pessoas escondem, para se proteger, como você estava colocando, é uma identidade que é difícil de assumir, quer dizer...
- S Não, não é difícil de assumir, mas por exemplo, existem certas pessoas que, por exemplo elas pegam tipo, mais que as outras, elas pegam trejeitos mais que as outras, até involuntariamente, entendeu não sei porque, por exemplo, eu acho que as vezes eu exagero em certos gestos, não é que exagero. Muita gente fala que isso aqui é coisa de gay, eu não acho. Entendeu, mas , e é essa coisa de por exemplo, você está perguntando se é difícil assumir, eu acho que não, eu não sou daquele jeito, que está na tua mente. Eu fiz certos gestos que, as vezes eu acho que são exagerados.
- W Toda pesquisa procura buscar o motivo pelo qual é gay, então tem um tipo de idéia e ai o que elas fazem, tem identificar o que é gay, e o que não é, a gente tem que identificar padrões para eles, este comportamento, então se você fizer o contrário neste caso é gay. (...) Não acho que isso vai mudar nada, nem vai fazer nada de novo.
- C O que será que é a pesquisa...(..)
- W Em primeiro lugar, toda pesquisa para mim, ela sempre pega, uma amostragem, então isso vai ser estudado, por esta amostragem. Só que esta amostragem não pode ser padrão para um todo. Por que São Paulo tem um comportamento x, os cariocas tem um

comportamento y, os mineiros tem um outro comportamento. São três comportamentos diferentes dentro do mesmo país. Então o que acontece, eu tenho um modo de vida paulista, sei lá, um grupo, grupo carioca, que o gay carioca, o gay mineiro e o gay paulista tem o mesmo comportamento, será que as mesmas pesquisas, (...) então para que uma pesquisa desta feita aqui, validada, não uma meia dúzia de gays falando da sexualidade, vai levar como uma verdade...

S Eu acho que neste caso aqui, você não está querendo saber que tipo de gay que não é..

C Mas também não está claro qual é a pergunta. Então a gente vai falando aquilo que da vontade de falar

S É eu acho legal, quer dizer, na realidade é uma terapia em grupo, por que uma coisa que ele esta falando que até é certa, que por exemplo, aqui, eu tiro como base meu namorado, na cidade que ele mora, na Áustria são 20.000 habitantes O comportamento (...). . dia 17 tem parada gay, então vamos fazer uma parada gay, Eu posso te ajudar mas eu não posso aparecer, por que eu trabalho para o governo. Na China por exemplo, onde a homossexualidade está proibida, quer dizer, o comportamento não vai ser caricata. No Japão onde o pessoal odeia viado. (...) Então eu acho que essa pesquisa para descobrir a sexualidade tem que ser, mais muito ampla, porque acho que pelo fato da gente estar fazendo. A gente está aqui, num certo ponto a gente descobrir, que a gente fala mesmo, então parece que a homossexualidade em si, eu acho que ela atribui.. ou sei, você vai descobrir.

I De qualquer forma, é como se estivesse um segredo colocado aqui, mas se eu disser, nós estamos escondendo o jogo

W Me parece o seguinte, vocês não sabem o que vocês estão buscando, e sim o que de material vai ser muito melhor, vai se trabalhar assim.

S Ou até sabem, mas não querem falar. (Risos)

W Sinceramente é uma coisa que vocês, pode virar tudo numa idéia do que ...se ela não estiver com a cabeça aberta para fazer essa pesquisa, o que vai acontecer? Ela vai ficar centrada no que, afim de, mudou o parâmetro das coisas, ela se perde. Ou ela tem confiança no que esta fazendo e também tem uma cabeça aberta para poder deixar as coisas fluírem, e trazer um material alem daquilo que ela esta propondo, ou vai acabar se perdendo...eu penso assim, a pesquisa tem que estar de mente aberta e encontrar o material, porque todo pesquisador que ele vai no objetivo dele, ele sabe o que vai fazer, mas ele tem que ficar aberto para que ele, pode mudar o rumo, e ele pode chegar ao objetivo dele.

C De qualquer maneira, o que me sugere diante do que vocês estão colocando, é que este segredo, existe aqui dentro, existe lá fora, e algo a ser revelado e que fica uma abertura quem é o interlocutor? Que vai ouvir esta minha intimidade? Este segredo que é algo a ser revelado. Que pode segurar, que pode dar sustentação. É de confiança? Tem competência? Que lugar que nos estamos, eu e a Iane, quando, ne neste grupo, é capaz ou não de segurar este segredo? Capaz ou não de descobrir esses segredos, fazendo este jogo de esconde e acha, esconde, esconde a gente tem um segredo, e 80% já está revelado, como está para as mães, mas será que estas mães aqui descobrem sem que a gente tenha que revelar os 20%. Será que elas são ponta firme ou elas são ..
(risos)

S Eu não sei, eu sempre falo minha vida é um livro aberto, tem algumas páginas arrancadas.

W A minha é um livro aberto com algumas páginas todas em branco.
(Risos)

S Mas eu não sei, sei lá, é aquela coisa pergunta que eu respondo, eu não tenho idéia de falar, de repente quer, eu sinceramente eu não sei até, quer dizer eu peguei o bonde

andando hoje, e cheguei muito atrasado, mas eu não sei até, sei lá, o que é que se pode falar, é meio difícil a gente chegar, e estar falando assim, é difícil a gente chegar e falar olha acontece isso, ou acontece aquilo, acontece aquilo outro, você esta me perguntando da nossa relação, eu não sei, eu não sei o que envolve a pesquisa, sei lá, a sexualidade em si, sei lá é uma coisa estranha.

C O que move você?

S Eu acho um papo agradável, sinceramente

W Eu vou para conhecer. Você me convida eu vou. Vou para conhecer. (...)

S Papo agradável pois são coisas que não são discutidas normalmente. Não coloca muito em peso isso. Eu acho que nós três aqui para discutir a sexualidade de cada um, ninguém estaria cobrando para fazer uma coisa dessa, eu acho que de certa maneira, a gente (...)

C Então necessariamente você revelará segredos para a gente poder trabalhar

I Mas eu acho que uma parte do desconhecido que está sendo colocado aqui, tem a ver com nós, aqui, com nós três aqui... eu estou querendo que uma parte deste segredo, deste desconhecido, desses 20% talvez, mas assim 50% entre aspas, porque acho que tem uma outra parte que está ausente mas transmite a verdade, mas assim a gente, eu acho que está nisso mesmo, nosso histórico está na pesquisa, nos vamos fazer isso, e afinal de contas o que é que a gente pensa, o que a gente afinal de contas é o que aqui, entendeu, eu fico pensando como, eu estava colocando assim, se nós três estivéssemos num outro lugar, a gente estaria colocando de uma forma, sem uma pressão, então de repente nos estamos, numa situação que é, tem uma parte de desconhecido, tem três pessoas aqui, duas que falam, e uma que não fala.

W Que a gente nem sabe a sexualidade... (risos)

I Exatamente, é sinal de que falta

S a gente está analisando por um ângulo, sei lá, já com saborzinho, p. Estou em dúvida, entendeu. Da pesquisa, do que rola, e não, não será que por exemplo, eu não devo pisar um pouco no freio, por que até agora não ficou claro, é por isso que nós estamos aqui, e que a gente não sabe nada, a gente só esta sabendo, só estão sabendo, até que ponto a gente está seguro. Então, e ai conto não conto, eu falo: eu faço sexo seguro.

C E isso é um jeito de se proteger?

S Evitar comentários, minha vida particular é minha Sei lá, eu acho que... não que aqui, eu acho que até aqui a gente pisou num pedaço seguro, num ambiente tranquilo, fora dessa área de pesquisa. Meu trabalho não é (...)

W Uma coisa interessante que você no papel que assim para participar de um grupo, você vai discutir sobre como é a relação de homem com homem, e de que vão ser perguntas que podem constranger. Isso gerar uma pressão, me joga na parede, me chama de lagartixa,

S Sabe gente o que é que vocês querem saber?

C Estão sendo feitos questionários, que é referido no consentimento, e que ele não foi aplicado e que vai ser apresentado para vocês no final do grupo, esse questionário, tem perguntas que podem nos ajudar, não é o momento do grupo, que se refere, no consentimento.

I De qualquer forma a expectativa é essa, tem uma pressão aqui, então aí .

C Essa é a questão, eu tenho preparado.

W Vim pressionado, sem ser jogado na parede, nem um beijo

S Deixa comigo.

W Então quer dizer, no caso seria a expectativa, bastante de minha.

C Então era excitante, a fantasia.

- S Saiu uma vez publicado, fez uma pesquisa São Paulo, acho que ninguém vai saber. Quem fez e quem não fez;
- C Então excita esta história de saber ou não saber, ser uma identidade, esta pesquisa famosa fez parte, mas ninguém faz pergunta.
- S Eu respondi uma vez um questionário, de uma pesquisa que estava sendo feita, até foi num bar no bairro do Arouche, e era em parceria com a Universidade São Francisco, que era Monte Castelo, na época, e estava lendo uma vez, na G Magazine, que saiu a pesquisa, esta matéria. Não é que eu vou sair gritando.
- C Dá prazer, dá satisfação?
- W Eu nunca respondi uma pesquisa (...) a minha ansiedade de participar de uma pesquisa... Eu já vi tanta pesquisa, mas ninguém nunca perguntou nada para mim.
- C Aí chega aqui e ninguém pergunta nada.
- W (...)
- C Será que estas três pessoas aqui são mágicas, que vão descobrir as coisas, sem que elas sejam reveladas, ler o livro que tem páginas só em branco
- W Tem como, as pessoas quando elas falam, transmitem as coisas.
- C As suas páginas em branco aqui... independente disso que você nos coloca, que você vê pesquisa como capacidade de ver o que não está sendo dito, as suas páginas não estão em branco, elas estão sendo preenchidas, você está se mostrando, todos aqui estão.
- W Há coisas que não notamos. Pensar em coisas, sobre padrões abertos para (...)
- C Você tem disponibilidade para mostrar aos poucos, você somente, sem que as pessoas, precisem ser mágicas para descobrir
- W (...) algo que eu não consigo ver . Muitas vezes falam certo ou errado, mas (...) psicólogo fala alguma coisa, a não saí tão frustrado de lá, este grandalhão com 23 anos de idade, (...)
- S (...) você está falando com meias palavras, mas olha o comportamento dela,...
- I É engraçado, eu acho que a confiança ou a desconfiança, assim de um lado a relação a pesquisa, em relação a gente, em relação aos vários temas que vão aparecendo, independentemente de estar aqui ou não Estava pensando assim fora, esta pesquisa é o seguinte, a gente está aqui a gente vai falando, e só de estar aqui vai surgindo alguma coisa, por outro vem a desconfiança que é o seguinte, quem está de fora, no caso de que seria a gente, estar de fora em relação a questão do que é que a gente está fazendo, desde que nós começamos a questão da homossexualidade, da própria comunidade gay, estava pensando isso, e que gente não está conseguindo captar, entendeu, a pesquisa ela não nivela, ela não traz, ela é meio furada, as pesquisas de um modo geral, então ao mesmo tempo fica assim, parece que é um negocio da gente poder apreender ou ter algum tipo de troco, então existe, uma cisão, cada seu rumo mas também tem aquele outro lado, que talvez a gente consiga descrever, esse grupo, essa página juntos, que acho que é aquilo que tem a ver com o nosso mundo, que tem a ver com a semana passada, que tem a ver com um pouco do que a gente lida com as coisas. Outra questão também está aparecendo, é o seguinte o assunto, sempre a gente dá aqui, vamos falar tudo, só um pouco, vamos falar alguma coisa que não tem a ver, que tenha a ver com os assuntos que está aparecendo, que é o seguinte, vamos falar da minha casa, devo assumir, não devo, será que eu preciso falar de tudo, para que as coisas possam, que tem a ver com a minha realidade ou será que eu não preciso passar tanto, para as pessoas estarem podendo me aceitar. Eu acho que isto está presente aqui com a gente, é a impressão que está me dando, essa confiança e desconfiança, falo não falo, e assim e acho que as vezes fica, formado uma coisa muito forte, apesar de ter estes dois lados, a gente fala ou não fala, de que um ideal certo talvez, seria a gente poder se abrir ao máximo, porque quanto mais eu abrir, mais eu consigo fugir do... alguém com receio, e

ai é a questão da intimidade, e ai entra de novo, até que ponto, e olha que você está vendo, eu abrir toda a minha intimidade, então seria estas duas coisas, que estão rolando aqui.

S Porque é o seguinte uma coisa que rola, uma duvida que rola entre a gente, a gente não sabe o que é interessante, o que é que está sendo registrado, do que se trata para a gente poder falar. Então é a gente começa a chegar aqui, sem a . pudesse falar, falar, falar, Então mas será que era isso mesmo que eu gostaria de saber.

I Será que vai dar certo a pesquisa desse jeito?

S Sobre sexualidade, da impressão de falar num dia só, nos outro quatro dias, não sei as vezes vai ser pouco... porque não era bem isso que você esta procurando, então é essa a dúvida que... você se interessa saber sobre o que a gente fala. Sabe a gente responde a pesquisa no começo, depois tá, ter que tratar do assunto, eu queria saber muito, até chegar esta hora.

C Eu acho que é um dado importante, de informação, de consentimento tinha, esclarecia sobre o objetivo da pesquisa, no consentimento. Então talvez não seja só uma questão de informação, o que é que a pesquisa vai se ocupar, mas um pouco da certeza do que é que cabe neste espaço, se vai ser aceito, se as coisas vão ser aceitas aqui do jeito que elas estão, elas vão ser aceitas com o conteúdo que elas trazem, eu acho que tem essa vigília de um sinal, se o sinal é verde, ou se o sinal está vermelho, para as pessoas poderem colocar aqui as coisas de exuberância, ou a sua discrição, a sua gaveta remexida, ou a lagartixa na parede, a sua intimidade mais preservada ou a sua intimidade mais vasculhada, porque veio estes dois aspectos polarizados, por mais que eu tenha um livro em branco ou tenha algumas páginas arrancadas, ou 20% é segredo, da mesma veio a imagem de que poxa, nem um beijo, nem uma gaveta remexida, nem um chacoalhão, que são os extremos, eu acho que tem um pedido, po eu devo estar aqui, para ver, estes dois pedaços da mesma moeda, a exuberância, e a discrição, a intimidade guardada e a intimidade exposta... Acabou o tempo.

(Risos)

W Vinte dias atrás foi me pedido para fazer um trabalho sobre adolescentes (...) Imagine falar sobre sexualidade com adolescente, há tanto material que fala sobre tudo...

C De qualquer forma nós temos mais três minutos para terminar.

(Risos)

S Fala que eu te escuto.

GRUPO OPERATIVO I - Sessão 3

(sessão começa com 20 minutos de atraso de W)

S Ele começa.

W Deixa eu respirar...

S Você estava caçando no metrô...

W Que é isso? ...

S (...) no metrô?

W (...) aconteceu de eu encontrar (...) Eu entrei na estação e quando eu estava descendo as escadas, ele estava subindo. Eu olhei pra ele, ele olhou. So que eu continuei que eu estava indo trabalhar e ele voltou, entrou no trem e fomos embora.

S Aconteceu comigo, na banda do Redondo, eu estava na Republica, na República não, na Sé, aí passou uma figura e ficou olhando, peguei e olhei. Aí parou, aí (...) peguei o primeiro vagão. Entrei no vagão no vagão, ele numa porta eu na outra, e fica aquele olhar, aquela coisa, ele desceu no Carandiru e eu ia seguir reto. Aí desceu, antes de ir

embora eu fiz assim com a mão. Aí ele fez sinal pra eu descer (...) conversamos e nunca mais eu vi... Aquela coisa de... acho que foi a única vez...

W A cassação está fácil (...) tem uns entusiasmados por aí...

S Aconteceu algo comigo nesse fim de semana que eu fiquei...

W Passado (ri)

S Nem vou contar que eu tenho vergonha.

W (...) vergonha na cara...

S É podre mesmo (longa pausa) Não vou falar. (risos)

W Está criando um suspense aqui.

S Não vou contar.

W Não sei o que faço pra ele contar.

S Então vou contar. Estava na discoteca no Sábado, bebi que nem uma porra, estava passando mal, acho que colocaram alguma coisa na minha bebida. Eu nunca vi cara tão mal como eu. A figura se apresentou e eu levei pra casa, tá bom. Ficou falando que queria casar comigo, falei pra ele: Deixa eu dormir, abre aí dentro pega a chave e vai embora. Pegou a chave e foi ... pegou a cópia

W Foi um anjo que te previniu de alguma coisa.

S Não, ele não estava me enganando, por outro lado tinha que acontecer. Você já sabe.(...)
.Não roubou nada Então eu acho que a gente sabe... A gente fica meio abandonado (...)

C O que te assusta do fato de estar frágil?

S Não, não é uma fragilidade, mas é... no momento, eu estava conversando com um amigo na discoteca e aí chegou um carinha, a gente começou a bater papo, e pensei até que fosse amigo dele, pegou e saiu e disse pra ele “vou ao banheiro e já volto”, voltei, voltamos a continuar a bater papo e ele foi embora. Eu fiquei encanado, porque eu nunca fiquei tão mal daquele jeito, eu não tinha bebido o suficiente para ficar como eu fiquei. O que eu estou preocupado é o seguinte, a chave da minha casa esta com outra pessoa. Apesar de que se ele tentou abrir, ele quebrou a cara, como é uma tetra chave e tem a chave de baixo.

W Isso acontece.

S Foi isso que aconteceu comigo. Foi a primeira vez que saí sozinho.

W Esperava mais, algo podre.

S Ele pode Ter tentado ligar, mas não me achou. Vou até a discoteca, quem sabe o jeito. Lá também não tem nada para roubar.

W Se acontecesse tudo, aí tudo bem.

S Não é bem assim, como estou me mudando, não teria problema... Estou me sentindo culpado.

W Culpa pelo que não fez?

S É pelo meu caso. Agora só bebo água com gás.

W Isso acontece muito... Boa Noite Cinderela...

I A gente pode pensar uma coisa, eu acho que tem um certa reclamação, mas pode ter sido roubado em algum pedaço do tempo, eu estou pensando assim, a história é temos vinte minutos para começar, então o que é que estes vinte minutos experimentados aqui estão fazendo nas ruas, na verdade.. e que de repente eles tenham prazer de estar aqui, porque é que a gente não começa, uma coisa assim, eu quero pensar numa coisa assim.

S Não, comigo eu não, eu vou falar a verdade, fiquei bravo mesmo que nenhum apareceu, ele sim (W) que está levando a sério.

W Estou sim

S Não é que eu estava aqui comentando com elas aqui, há pouco tempo atrás, aquelas duas lesadas que ficam “aí eu me descobri há um ano, eu me descobri há três meses”,

- que deviam estar aqui interessadas em saber o porque que está acontecendo isto, não está, aquela fantasia está preparando para a parada gay, Domingo, mas não está aqui.
- C De qualquer maneira tem um julgamento de quem é bom, de quem é sério, tem um lado, que tem um peso...
- S Eu acho que não é serio, é irresponsável. A gente fica conversando, a gente sempre vai no metrô. A gente vai conversando...
- C A gente quem?
- S Eu e ele. Vai conversando não sei, sei lá, ouve ela, então quer dizer, explica por que é que eu sou viado, ou alguma coisa assim.
- W Eu vim para cá pensando, sobre a participação do grupo todo, o que leva as pessoas a pensarem num determinado assunto, e eu lembrei daquele, da questão anterior, sobre a expectativa de vir aqui, você pode chegar aqui, você vai pegar, jogar na parede, chamar de lagartixa e aquela coisa toda, né. Talvez todas essas pessoas não tiveram paciência de esperar, se não aconteceu assim num primeiro encontro. Não tiveram a paciência de esperar uma semana, uma terceira para ver o que acontece.
- S Eu acho que elas pensaram que era uma terapia em grupo
- W Isso tem a ver com a expectativa de cada um...
- C Como é esta expectativa, de lagartixa?
- W É aquilo que eu te falei, você recebe um cara lá, para participar, as pessoas ficam curiosas. Você dá um papel para ela assinar e diz para você que, que não é obrigado a responder e de repente as pessoas sente um carinho por você... de preparar, sei lá, de chegar, como é que eu fico como é que eu não fico, de repente não é isso.
- S Olha se esse rapaz....
- W As pessoas respondem, e muitas ficam na dela.
- S Na próxima pesquisa colocar em baixo, assim depois de terminar ganha três entradas para o Bailão. Aí ferve de viado. Eu acho que esse pessoal estava pensando que era outra coisa, que era terapia em grupo.
- C E você, a gente esta falando dos que faltam, o que vocês pensam?
- W Eu costumo não julgar o que as pessoas fazem ou deixam de fazer. Eu vejo o meu lado (...)
- S Olha, neste ponto eu sou meio pragmático, sabe eu toquei...
- C Será que alguém sugere de alguma maneira, que esse pedaço que não está é um pedaço que faz parte? Que pedaço está ausente?
- W Eu acho que é muito difícil ...
- S Desde que o grupo está reunido aqui, nós somos os gays mais velhos do grupo. A gente tem uma cabeça, tem um ritmo, conhece o que é a vida. Eles tão começando agora, tá na idade da flor. Está se descobrindo agora, eu acho que seria interessante para eles estar aqui, fazendo esta troca de informação, esse bate papo, ver o que cada um pensa, para cada um depois, sabe, traçar o perfil dele mesmo, e descobrir o que ele quer..Sabe eu topei dizer que eu sou gay, eu acho que é uma falta de responsabilidade, você assumir um compromisso, e não comparecer.
- W As pessoas não são obrigadas a participar.
- S Não, tudo bem, mas já que se prontificou, então assuma.
- W Não dá prá obrigar as pessoas...
- C O grupo está existindo neste momento, com ou sem os outros pedaços, mas o outro pedaço, ele está aqui, mesmo ausente, é dele que vocês estão solicitando agora parece que o pedaço que falta, fica com a imaturidade, a fraqueza, a inexperiência, as penas...
- I E até mais uma coisa que você estava dizendo, para eu contar as minhas fantasias .. para aparar as penas

- C Para mim, como se este pedaço não fizesse parte do que a gente esta trazendo, é que esta parte não está ausente, e parece estar aqui ..
- S Sabe que dá a impressão...
- W Mas o ausente era presente, isso na nossa memória, porque lembra o contato com essas pessoas
- S Esta aqui no momento de raiva.
- W Quem está no momento de raiva?
- S Eles estão aqui num momento de raiva, senão não está. Mas sinceramente na minha opinião, o que acontece neste povo é que no final das contas se descobre que eles só querem festa. Não está a fim de discutir uma coisa séria, então sei lá, é aquela coisa, eu não gosto de julgar as pessoas, eu fico P da vida...
- I E também é uma coisa que eu acho que fica no ar, uma sensação, não sei para onde a gente dá isso, mas..
- W de vazio...
- I Não, de vazio é concreto, né eu acho que até o grupo por aí, mas assim, vocês vem aqui, tem uma parte do grupo, que está, uma parte que está aqui, esta colocando, considerando um lugar importante, para a questão discutir, por isso são importantes, tem a questão da identidade, que tem a ver com as questões, com o problemas, com os prazeres, e por ai vai, e aí fica uma dúvida, a parte que não está aqui, é porque assim, de certa forma é como se estivesse desvalorizando, este espaço, e ai o que é que faz com que vocês valorizem. Não sei se isso acaba não pesando muito. A parte que não está, desvalorizou, afinal de contas, o que é que é importante, além disso, tem duas sessões, do que está colocado.
- S Então, mas usando o tema da pesquisa, por exemplo: se eles não estão aqui, mas estiverem no meio da Paulista, na Parada do Orgulho Gay, que orgulho ele vão poder apresentar, a troco de que, do que é que eles querem reivindicar, na igualdade, igualdade, então vocês ainda, vamos procurar essa igualdade como base, vamos tentar mostrar, através de uma pesquisa, se for, se vai dar certo, se não dá, vocês vão saber porque é que nós estamos exigindo esta igualdade, não tem nenhum bicho, não tem nenhum animal, a gente é igual a todo mundo, se através dessa pesquisa, ajudar ele se mostra, aí sim, saindo daqui, eles vão erguer a cabeça lá na Paulista, e falar eu fiz alguma coisa para mudar isto,
- C Sabe o que me sugere?...
- S Eu acho que na concepção deles, a parada aqui é não é nada menos do que uma discoteca ao ar livre com aquele bando... igual carnaval, um desfile de escola de samba, (...)a gente não tem proteção nenhuma e não precisa aparecer (?)
- C Me sugere o seguinte aqui, nestas colocações, que esta parte que está fora, este pedaço que esta fora, a ausência, ao mesmo tempo, que há uma reclamação pela ausência, há uma satisfação pela exclusão, “ah excluímos o pedaço”, está excluído o pedaço que representa as penas, que representa essa necessidade de ir para a Paulista, de ir ao Orgulho Gay, este pedaço que parece que não pode fazer parte da identidade gay.
- S Não de maneira alguma, na minha concepção, para mim eu acho, eu gostaria que aqui estivesse lotado, as oito pessoas que estiveram aqui no primeiro dia, eu acho que ia ser melhor, eu acho que ia ser muito mais proveitoso.
- C Seria mais proveitoso para eles, a gente estar aqui...
- S Tanto para eles, como para nós, porque por exemplo, a gente já vem de uma outra cena deles, de um outro tempo, de uma outra época. Se pegar por exemplo, meu namorado que está com cinquenta anos, ele já é de uma outra época, de uma outra geração, então é legal a gente estar trocando as figurinhas com diversas camadas, diversas faixas

etárias, isso aí é super interessante que estivesse todo mundo, não, eu estou P. da vida, pelo fato de ele não ter a consciência disso.

C Por não ter a consciência disso, e por escolher estar na Para Gay, e não aqui.

S Não, a Parada Gay foi...

(comentários)

S Amanhã tem a feirinha na Vieira de Carvalho, eles fecharam tudo

C E o que é isso, fecharam a Vieira de Carvalho?

W (...)

S O movimento é grande, eles vão modificar todo o lpercurso do Largo do Arouche até a Ipiranga, vão fechar aquela área. Isso num Sábado que o comércio ferve ali. Amanhã é feriado, não deixa de ser um lugar central... que a Paulista tem mais alternativa para sair do que ali. Ali vai Ter uma rua só pra feira...

C Que força que tem este pedaço da expressão da identidade gay que consegue puxar, (...) deste pedaço que tem rua, tem penas,

W Nesse caso não tem plumas, tem algumas. A maioria anda sem fantasia, sem fantasia externa, a interna é constante.

C Como é a fantasia interna?

W (...) aquilo que predomina, que são vários barzinhos (...)

C Você está falando de uma fantasia de um desejo...

S Não isso aí é putaria, o que ele está querendo dizer, tem alguns lugares que é gente normal, vestem-se normalmente mas numa festa são loucos para botar um vestido e subir no palco para fazer show.

W (...) Odeio homem que se veste de mulher Ele sabe que eu não gosto de mulher, agora vai se vestir de mulher...Não a fantasia é dele. Dá uma louca, vai se montar e vai prá Paulista. Uma coisa assim, tem pessoas que gostam de estar com homens mas não gostam disso (...) são essas fantasias externas, fantasias eróticas do mundo interno.

S Em geral, no carnaval, tem essas coisas, que é homem, no centro há várias travestis, sabe tem essas fantasias.mas o medo de se apresentar numa casa noturna, tipo na calçada do meu prédio tem duas, o lugar que mais tem viado por metro. quadrado, mais que os Jardins.

C Ali onde você mora?

S É., ... no Largo do Arouche, se fosse São Francisco, seria a Castro, o bairro gay de SF. Você não vai lá não? (p/W)

W Vou.

S Nunca te vi lá?

W Vou no Habeas Copus

S Hoje por exemplo é dia.

C Parece que vocês estão marcando um encontro.

S Não a gente se respeito, sou comprometido. Costumo ir no HC. Costuma ir quando? Eu vou nos sábados no Bailão.

W Eu vou na Sexta.

C Bailão?

S Bailão é o seguinte, tem uma discoteca que só tem “techno”que só dá ‘drag queen’ que é a Salvation. Virando a rua tem outa na Amaral Gurgel tem outra que não sei o nome. (...) Aí subindo a rua de casa, tem uma que ali também não sei, no mesmo percurso, tem o Bailão, Bailão é a famosa porque toca de tudo e é excelente para os coroas e os carinhas. Toca de tudo. Agora abriram o Studio 720... Sentirei falta de tudo isso, vou morar numa cidade bucólica, medieval. Importante é Ter alguém que me ama... Já abri mão de tudo...

I Abriu mão para o amor?

- S Isso mesmo
- W Só soma.
- S É uma forma de proteção. Se você gosta de uma pessoa você não vai querer ferir ela
- W Você não precisa se submeter a pessoa
- S Não, não é submeter, é você, sei lá,
- W Você tem que abrir mão para ficar com a pessoa, eu acho que está errado. Começa errado aí, porque é que eu tenho que abrir mão, do que eu gosto de fazer, e não vou fazer mais por que vou ferir o amor daquela pessoa.
- S Não, nunca me pediram para fazer isto, eu acho que deveria fazer.
- W Uma posição sua...
- S Uma posição minha minha, não uma imposição.
- W Eu acho que quando você faz isso, você acaba, depois se não dá certo o relacionamento, você joga na cara da pessoa, você fala, deixei de fazer isso, deixei de fazer coisas, dá aquela impressão de que você está numa relação imprópria. Olha vou deixar de fazer isso por causa de você, tá. Eu acho muito folgado isso.
- S Mas há também uma certa maturidade para saber que aí quem abriu mão fui eu, não a outra pessoa que me pediu para fazer.
- W Mas se é contra essa pessoa mentir (...) Deixar de fazer algo que você gosta porque uma outra pessoa está com você.
- S Olha, por exemplo, meu ex.-caso, era pra Ter ido embora para os Estados Unidos, ele deu toda força, me ajudou a preparar todas as coisas..mas o negócio deu errado. Então se você quiser ir, você vai, e eu te encontro lá depois, você vai prepara as coisas, me espera que eu já estou chegando, quer dizer depois de tudo, eu não vou te largar, por que eu não consigo ficar longe de você, eu também, mas nunca em momento algum eu falei que não iria, então, nesse ponto eu não reclamo. Como minha mãe fala, nem sempre o que pede ganha. Quem pede pede, quem ganha ganha. Nem sempre quem cede é o perdedor.
- W Eu não gosto muito desse negócio de troca. Amar tem complementar..Se a pessoa me ama, se eu amo alguém, .acrescentar sempre, tirar nunca.
- S Você não acha melhor a pessoa falar para você, não chegar e falar...
- W Não precisa, o que você prova?
- S Você não é romântico?
- S Eu sou romântico, mas eu não preciso ficar provando nada
- S Não, não é questão de provar, é questão de chegar e falar para você, ou melhor, não falar para você, deixa demonstrar coisinhas, que ela prefere fazer para estar ao seu lado. Ela prefere deixar de fazer para estar do seu lado.
- W Você quer trocar a alma para poder mostrar para o outro
- S Não, eu gosto disso.
- W Está parecendo aquela reação heterossexual, que o namorado fala para a namorada você tem que transar comigo, para provar que me ama ou aquela coisa assim, tem que transar primeiro com ele senão ...
- S E quem disse nosso relacionamento está baseado no relacionamento heterossexual?
- W No sentido dessa forma, não no sentido, não como uma relação heterossexual. Esse negócio de trocar de... calça a meia só para provar que ama o cara, só para provar algo pra ele? Não é prova nenhuma
- S Prova de amor.
- C É ridículo porque é heterossexual?
- W Não é ridículo porque não precisa forçar, independente se é gay ou hetero.
- S Sabe perder a virgindade, transar com a pessoa pra provar que você ama. De repente Entendeu, se eu estou fazendo isto daí de uma maneira cômoda, pressionada, é que não

vai ser legal, vai acabar destruindo. Quando acontece de você se entregar, para a pessoa, a coisa flui bem melhor. Independente de uma relação, de um relacionamento gay ou hetero. Esse tipo de coisa melhor, mas se for ver, por exemplo, (...) você deixou de fazer, não mostrar, mas você deixou de fazer para ficar junto com ela. Numa relação para o futuro vão fazer junto aquilo.

C Até que ponto isso pode chegar, se a gente for pensar em termos de proteção, de proteção de viver a sexualidade, até que ponto se chega com as trocas, com as provas, com as sombras das explicações?

S Nesse ponto, para mim, por exemplo, no meu caso que está na Austria. Eu deixei de sair, para te mostrar o quanto eu quero estar com você. Então é uma maneira de você... você pode até medir por isso, no meu ponto de vista, eu acho que, puxa, sabe, deixei de fazer isto porque eu quero estar com você, gosto de ficar com você. Nisso em relação a sexualidade, que está sendo discutido aqui, acho que quando você realmente prova para uma pessoa que você realmente gosta dela a ponto de deixar de fazer algumas coisas que você gosta, para estar com ela, ela coloca muito na balança isso do que ela vai pensar em traição. Para mim, este negocio é meio subjetivo (...)

C E é isto que garante a proteção na relação?

S Neste caso sim, não, entenda que toda regra tem suas exceções. Não aconteceu comigo ainda.

W Isso não fica assim como uma chantagem ?

S Ah...

W Não vai fazer porque deixou de fazer tal coisa, então vai ficar assim com aquela chantagem emocional na pessoa... vai abrir mão disso, daquilo...

S Alias, me diz uma coisa, por exemplo, num relacionamento, na minha concepção você tem que conviver com duas pessoas diferentes. Você gosta de tomar café com chantilly, ele gosta de tomar chocolate. Eu acho que pelo fato de você encontrar pessoas diferentes, eu acho que estas duas pessoas tem que ceder de alguma maneira, vão ter que abrir mão de alguma, que você sabe que você não gosta, ela deixa de fazer, ou então tenta ponderar, ou fazer menos, sabendo que você não gosta, e vice e versa. Então é, tem assim uma coisa de adequação à situação até os dois estarem equiparados, não adianta nada o relacionamento. Uma pessoa num degrau acima outra embaixo. E sempre gostei de fazer isto eu vou fazer, mas só que se a pessoa quiser alguma coisa não vai ter o direito de reclamar. E aí vai aquela coisa, que a gente falou aqui uma vez, eu tenho liberdade eu faço o que quero. Eu acho que não é, eu vejo num relacionamento eu gosto de dar segurança e de pedir segurança.

C É por isso que você chegou com muita dificuldade de contar o que tinha te acontecido, porque você experimentou um limite, aquilo que você tinha, por não fazer. Aquele desejo de fazer.

S Não, eu não tive o desejo de fazer, aconteceu que eu estava dançando, daí eu ia embora para casa, daí o que eu ia fazer? Porque eu não apronto, não apronto mesmo. Aconteceu o que aconteceu, eu não traio, vou até o fim do relacionamento. Só pelo fato de ter uma pessoa estranha, dentro da minha casa eu já me senti mal. Embora não tenha acontecido nada, sinceramente. Não tenha acontecido nada, mas eu me senti mal, fiquei com complexo de culpa. Puxa vida! você está... eu maculei um lugar que é só para mim e para mais ninguém, para o meu companheiro. Porque fiquei com sentimento de culpa a semana inteira.

(pausa longa)

C Uma sensação de esse limite do amor, que é colocado, muitas vezes como proteção, dessa possibilidade dessa sexualidade, o amor sendo a proteção, muitas vezes dá uma certa insegurança, uma certa fragilidade, por ser algo tão fluido.

- S O amor? É a coisa mais forte... Se eu amo a pessoa, eu não tenho o porque estar procurando. Concordo com ele cem, duzentas, trezentas (%) Pelo amor que sinto pelo Herman é que eu consigo(...). eu acho que se eu não tivesse nada, apaixonado por ele, nem estaria preocupado com isso. O que aconteceu, aconteceu. Acabou. Ele está lá, eu estou aqui.
- W Mas o que aconteceu, até agora eu não consegui entender. Depois que vocês saíram de lá, você ficou em casa sozinho. Não aconteceu nada...
- S Na minha concepção, no meu lar, na minha casa, as pessoas que, eu conheço, eu acho que é tão, eu gosto tanto do meu lugar, que eu não não sacanearia eu, não levaria uma pessoa estranha para casa.
- W Sentiu-se invadido.
- S É, me senti uma puta (pausa) Acho que o problema era esse, eu precisava falar com alguém
- W (...)
- S É, foi coincidência. Não via a hora de começar esse momento.
- W É importante quando colocamos para fora(...).tão importante para os outros mas para mim. ...
- S No final de semana eu não saí, eu tive na chácara de um casal amigo meu, que deu uma festa de aniversário, um casal hetero que sabia da minha história (...). Voltei no Domingo, eu dormi e na segunda feira tinha um monte de coisa pra resolver, fui dormir. Terça-feira eu fui dormi, então eu não conversei com ninguém.
- C Isso só risco de uma possibilidade de outra relação, parece que inscreve a promiscuidade de sentir puto.
- S É, acho engraçado, esse ponto é engraçado, me pegou mesmo.
- C Como se esta promiscuidade não pudesse fazer parte. Ela está fora, assim como está fora deste grupo uma parte do grupo que é imatura, que é irresponsável, que é localizada nesta parte a imaturidade, a irresponsabilidade, as penas, a promiscuidade...
- S Olha para mim, este ato por mais que envolve, ou seja, para gente as pessoas podem não ser nada, mas para gente sabe qual é esse valor. Para mim, esta coisa de promiscuidade é muito forte. Falo para todo mundo.
- I Fico pensando que são varias coisas que estão em jogo, tem algumas coisas meio contraditórias, e que com isso da para gente encaixar algumas coisa que parecem extremamente opostas. Você falou, quando vem a idéia de amor sólido, para mim a impressão que dá é a seguinte: por um lado, de ter alguma coisa que pudesse definir exatamente o que é o amor, tudo, quais são as possibilidades e que isso tem que ser fechado, por que se alguma coisa sai dessa, daquilo que foi mais ou menos foi dito, é como se desvinculasse e perdesse a sua vivência. Por outro lado, são duas coisas que vão aparecendo aqui. Eu acho que esse mal estar que dá, esta história, desse sentimento de promiscuidade, alguma coisa por ai, porque assim tem um outro lado que é aquele que apareceu no grupo e que a impressão que dá é que está presente, pra todo mundo na verdade e assim, tem várias outras coisas que a gente não controla, e que, como é que isto se liga num amor sólido, por exemplo...
- S Ah...
- I Então assim, eu estou pensando na história que você contou do metrô, de repente eu cruzo com alguém, esta é uma possibilidade. E aí como é que a gente faz, e aí como é que faz para conseguir segurar o desejo. Se tem desejo, será que isto significa que o amor está, assim ruído, ele está perdendo a solidez, por exemplo, Então assim, como é que faz para conseguir manter esta solidez. Mas daí vem a outra questão, será que existe tanto essa solidez, você está sólido? Então pensando se tem a ver, são questões que estão circulando e que parece que ficam dúvidas que acabam ficando, que desde o

primeiro encontro, mesmo com todo mundo aqui, parecia, esta história do amor, esta história da, como é a palavra que vocês usaram, da, além da promiscuidade, era um lado da moeda e a outra era o não trair, a traição é um fato. Então estes dois lados estão muito, o tempo inteiro estão juntos, não tem como retirar...

S É aquilo que eu falo, pessoas são pessoas, certo? Essa história do metrô aconteceu, mas eu não estava com ninguém...

I Mas poderia ter acontecido...

S Não, aí é diferente.

I Não, só pra te falar uma coisa, tem a ver com o grupo. Quando vem a pergunta, é para a gente pensar um todo, não diz respeito a especificamente você. Quando vem a pergunta: “Você estava indo a caça?” Para alguém que também tem relacionamento, que pode ser lido. Então o que é que eu estou querendo dizer, que existe esta possibilidade. A possibilidade assim, será que, como é que cada um lida com isso, se aparecer e pintar alguma coisa assim, um desejo, ou alguma coisa que vá para este lado mais até, promíscuo, que é esse o nome que está se dando, como é que se lida com isso?

S Só trairia ele com o Sean Connery.

I Com quem?

S Com o Sean Connery, com mais ninguém (risos)

I Então tem essa possibilidade, é isto que eu estou querendo dizer. Eu acho que existem dados aqui no grupo que estão sendo representados, mas de um lado a gente tem o amor que tem que ser sólido e fechado, e assim a gente abre mão de tudo e por outro uma outra questão, até aonde, a gente abre mão de tudo, abre e tem uma liberdade e que isto é uma coisa que são duas condições que estão colocadas, mas que na verdade, elas Vão ser por em dúvida. Na hora que eu cruzar com o Sean Connery é porque existe desejo.

S Mas quando é que eu vou encontrar o Sean Connery? Ele é aquela coisa, sabe, sonho como todo mundo. É como se apaixonar pelo Fábio Júnior quando se está na adolescência. Entendeu? Quer dizer essa coisa eu fiquei imaginando, hoje, vamos supor, pode estar casados ou não, mas fica aquela coisa olhar e Oh! Mas é uma coisa que você vê lá longe, aquela coisa de intocável..

S aquela coisa de intocável, você está, por exemplo comigo, quando eu estou num relacionamento, que a gente passou, vamos supor, a fidelidade por exemplo, eu não gostaria que você fizesse, aquela coisa de adaptação, que a gente controla, então quer dizer, a gente tenta se habituar. Nesta adequação, isto não é a gente senta na mesa e escreve uma lista, a gente vai descobrindo dia a dia. Eu não gosto que você faça isso, nossa eu gosto quando você faz isso. Então estas coisas a gente vai descobrindo. Às vezes as pessoas nem falam, a gente percebe, nessa adequação. Chega num momento, que a partir daí a gente sabe o que cada um gosta, o que faz, ou o que deve fazer, e o que não deve fazer. Então, quer dizer, no momento que fechou este quadrado, o que vier de externo, para o que é externo vem a agredir esse relacionamento. A história do metrô por exemplo, aquele dia que você estava, aquele lance do primeiro dia, você tem que colocar, Pode ter certeza não vai acontecer (...) Então todo mundo, já aconteceu isso. Estar com uma pessoa, sabe, por mais forte que... Eu acho que comigo não aconteceu pelo fato de eu estar com uma pessoa que eu gosto, porque dificilmente eu vou para baile. Sozinho. Estou saindo agora, ele fala, “você não vai ficar em casa, porque você vai ficar deprimido, se você quer sair, você vai sair, tem os seus amigos” Não é aquela de eu sair sozinho, e sair a noite, eu vou sair daqui hoje, vou tomar um café, vou tomar uma cerveja, ou ir jantar fora, assim como por exemplo a gente poderia sair daqui e parar tomar uma cerveja com alguém para bater papo. Isto não vai dizer que na semana que vem, ah saímos juntos. Saíram e o que é que vocês fizeram. A gente tem limites,

agora entre eu sair para caçar, ah sei lá, para explorar a sua sexualidade, ou explorar o desejo. Comigo acontece isso.

- C O que estou dizendo é que, então um pedaço de idealização de controle, onde que é possível se controlar todos os atos, todos os sentimentos, os desejos, como se o pacto desse conta desse controle, e é muito interessante porque no grupo, neste momento do grupo, o grupo também apresenta esta polarização, entre vocês, apresenta esta polarização, que está presente no grupo, a ponto de checar um para o outro que se viu diante de um risco, de um desejo, ou de uma caçada, acontecer, mesmo tendo os pactos de não trair, os pactos de estar juntos, eu acho que quando pergunta. Porque atrasou? Estava na condição assim? Logo, não,
- S É brincadeira
- C Mesmo a brincadeira, aqui tem um sentido importante, ela não é desprezível. Da mesma maneira, que vem a brincadeira, vem um sentimento de muita dor, de você dizer, tenho algo a revelar, mas é difícil revelar. Então o grupo, a todo momento, está trazendo, aquilo que pode ser revelado, e aquilo que está encoberto. Porque aquilo que pode ser revelado na brincadeira, é a medida do controle, eu posso ir, eu estou seguro, e o controle ele se perde muitas vezes, e aí precisa se buscar o motivo fora de cada um, será que eu corro o risco de ser envenenado? De que botaram alguma coisa na cerveja?, Ou (...) Não é ... isto está presente nesta construção, que vocês estão fazendo dessa identidade que tem polarização, né. Então, será que a coisa é tão fechada que o meu controle só se abala se alguém vier, e furar este cerco de uma maneira tão, tão sacana, que foi o termo que vocês usaram, de botar alguma coisa na cerveja, ou de alterar o que está colocado, o que eu quero dizer com isto. Existe um controle, e ele só se perde se vier alguém, uma força maior ou uma figura hollywoodiana, Será que está tão fora, tanto o prazer, quanto o risco, o veneno na cerveja, o barbitúrico e o personagem do Arouche, para botar a perder aquilo que foi feito como um pacto interno. Isto não é um pouco duro demais? Será que é tão real isto?
- S Depende do ponto de vista, eu acho. Tem certas concessões que eu faço, que eu faço com amor, tanto que ...
- W Eu diria que quando eu amo alguém eu não penso em nada disso. Nada mais importa
- S Você usou um termo, a gente não tem uma fraqueza.
- W Não tenho medo de ser invadido (...) Ontem, dia dos namorados, recebi uma mensagem de uma amiga (que lhe mandou um cartão) Me senti invadido, mas foi gostoso por ela Ter me escolhido. Eu achei legal da parte dela. (...)
- S Pois é, neste ponto nesse termo que ele falou “eu sou cego” é isso não tenho necessidade de mais nada. Pelo menos comigo, entendeu, comigo tem um monte de gente que eu fazia isto. Então tá, quando eu tiver um relacionamento, nada mais interessa. tudo sempre... da pessoa, batendo um papo, jogando baralho em casa, olhando a TV, recebendo amigos, não tenho amizades, sem trabalho, olha vamos lá. Quer ficar mais? Não, já estou indo embora.
- W É o mesmo negócio que aparece na novela das 8:00h. A personagem Aida que ama o marido, ela faz tudo por ele. Não vê mais ninguém à volta. Eu sou como ela. Gosto daquela pessoa, não importa outro no mundo (...) enquanto a pessoa está me fazendo bem (...)
- C É que parece que esse amor incondicional, ele vem, é como se ele viesse, proteger a si e ao outro, como se esse amor incondicional provocasse no outro também a seu dispor. Então o meu amor incondicional faz com que o outro seja totalmente voltado para mim, inclusive, estou protegido, ele está protegido.
- S Olha pensando desse modo, tem um palavra que eu deteste é esse termo, pacto. Acho que é uma coisa meio demoníaca, de bruxa. Mas esta relação de amor e respeito, é, eu

acho que é a proteção maior que a gente tem. Que eu no meu relacionamento não uso camisinha, mas em virtude, desse respeito que eu dou e recebo, mas agora não é coisa de casto, não é um relacionamento castrante. Eu acho que é, como você está expondo, você coloca a mercê. Não, eu não coloco a mercê. E acho que quando ama, a pessoa sabe que a gente ama, e que a gente é doido, que é apaixonado por ele. É por isso que fala que há casos em que há exceção. Então esse caso que ela é doente pelo cara e ele é uma galinha.

C O que é que acontece com a Adma da novela.

S Não sei eu não assisto novela.

C A Adma, tem um amor passiona! pelo Felix, que tem um caso com uma outra pessoa.

W No caso ele não tinha até agora, agora é que vão acontecer os novos fatos. Ela já percebeu, agora ela vai se transformar numa bruxa. Ela vai contra atacar..ao amor dela, pois o amor dela está sendo roubado...(..)

I Mas agora de qualquer forma, isto volta como o seguinte, como se tivesse uma justificativa para a gente assim, olha, é assim que é assim ou assado, em função de alguma coisa que a gente estivesse colocando o que seria melhor, aqui , Essa é a impressão que está me dando também. Parece que vocês estão vindo justificar...

S Não.

W Não.

I ... em cima da gente está colocando, questionando, e tentando colocar um outro modelo de relacionamento, que na verdade eu acho que é importante, pela tentativa, de trazer um pouco, é esse lado mesmo que vão, que estão presentes, que vão circulando. Então assim, ora está muito apaixonado e não enxerga ninguém, mas olha, eu posso estar com este relacionamento, que eu não estou tão apaixonada assim, que talvez possa por outro tipo de regra, entende. Então estas coisas, por isto que estas coisas, a gente tenta trazer um pouco, pensando o seguinte, que parece que fica assim, aquilo que não bate, aquilo que fica muito diferente de uma ação, ao amor ideal, ao amor sólido, ele não pode caber. Existe uma necessidade de todo mundo... se não for desse jeito, não é amor. Parece que fica aqui, esse é o modelo para mim. É para mim, mas teria que ser para todo mundo, porque se não for, ele já valoriza. Esta é a impressão que está dando.

S Não, porque o mesmo carinha, daquele primeiro dia falou, do caso dele gostava dele, se gosta muito, mas o cara dele queria transar a três, é o jeito dele, então que esse modelo de amor que ele está passando, o amor dele que eu acho, que eu não consigo, entrar num relacionamento sem mergulhar de cabeça, sem ir até o fim, quando eu gosto da pessoa, eu gosto, e não e estou ficando, eu não consigo ficar, quer dizer, para mim, eu já até tentei, sabe dar uma freada nos meus sentimentos, eu já pastei muito, eu sofri muito por causa disto, pelo menos a minha mãe, e meus amigos falam assim, não adianta, que você não pode entrar muito de cabeça, eu não consigo, é o meu modo.

I Claro. Ficar representa perigo, ao contrário da proteção por exemplo do amor.

S Eu não sei. Não, não necessariamente eu leve a transa. Eu posso ficar a noite inteira com a pessoa, dá um beijo, dá um beijo e acabou, tchau. Encontra no outro dia dá um beijo, dá um beijo acabou, tchau, nem sempre teve entrega.

C Mas foi, o que está colocado de alguma forma, hoje, parece que é essa construção de amor, esse ideal de amor que protege, que ele não está aparecendo hoje, que o ideal de amor numa relação que faz parte, que assume o compromisso, mas que traz esse ideal de amor uma culpa tão absoluta, tão forte que protege de diversas pessoas.

S Não, que ver uma coisa, o que está acontecendo é o seguinte, a gente já chegou, o que infelizmente o que eu notei neste grupo, é que tem gente que vai dar um tipo de pensamento igual, neste tipo de coisa. Existem pessoas mais novas, que tem experiências que a gente já conhece, vai eu também sou assim. Tem esse tipo de

pensamento, então é que infelizmente, ficaram dois tipos de pensamento mais ou menos parecidos, você vai encontrar outros tipos de pessoas que trair no amor, é , “Ah não, eu gosto dessa maneira, eu sou apaixonado desta maneira”, Tudo bem, é que a gente não sei, tem um conhecido meu, o Toninho que ele está há doze anos com o caso dele, então o caso dele no final de semana viaja, e ele tem que sair catar outro carinha. E sabe que um trai o outro, e se toleram, só que eles não conseguem viver separados. Na verdade, passam por cima. Uma coisa que eu não faria, mas se é o jeito dele eu respeito.

- I Eu acho que de qualquer forma ficou uma curiosidade aqui, na verdade porque esta história da posição, muito parecida, que não teve muito teve uma posição tão discrepante, a não ser o silêncio, na verdade. Eu acho que talvez o que descreve, aqui seja um.(mal estar?)... em relação ao que a gente vai alimentando aqui, também as pessoas que estavam aqui no primeiro dia, não teve uma posição, que a gente teve aqui foi um silêncio que se calou mais ainda com a ausência e com curiosidade também em relação a saber, afinal de contas, o que é que se tem, que outras coisas, então, como é que as pessoas lidam, sentem em relação, a questão do amor, a questão da compreensão, da promiscuidade.
- S O que acontece, muita gente ficou quieto, a gente fala, ai será, não você falou isso, entendeu, o que ele acha não tem. Mas então eu acho que eu queria deixar explícito primeiro, no primeiro dia, ninguém está aqui para julgar ninguém, meu modo de pensar é esse, eu não posso julgar esse cara. Ele tem que deixar explícito isto no caso dele, só que ele mesmo declarou, quando eu encontro alguém, eu amo atualmente, eu sou sério, eu paro, não me interessa mais nada. Eu também sou sério, não me interessa mais nada mas em contrapartida eu quero ter segurança, e quero dar segurança. Que a prova da insegurança na minha vida é uma coisa que mexer na minha sensibilidade, é o meu modo de ser. Ele cativou, no caso dele está se dando bem.
- I Então, mas talvez , fica uma idéia aqui, que é assim o esvaziamento do grupo, e o silêncio tem a ver com as pessoas, que tem um outro tipo de posição, de visão, que não tiveram coragem de estar colocando por não ser aceita, mas nada garante que tenha sido isso, eu acho que esta sensação de um mal estar, aqui do grupo, porque na verdade não foi isso que apareceu. Cada um, que trazia um pouco daquele primeiro dia, que a pessoa estava, que ele pensa, é as pessoas foram colocando os seus relacionamentos aqui muito rapidamente, mas eu acho que fica esse mal estar mesmo de talvez, é como se estivesse destruído o grupo, ter colocado uma coisa muito firme que fosse excludente. Da para entender o que eu estou falando? Então eu acho que é esse o mal estar que talvez fique, mas a pessoa pode dar um silêncio, e a gente não sabe o que é, eu acho que isto também nos tira a verdade.
- W Não saber o que falar, cada um teve posição , trocar no primeiro encontro De qualquer maneira, . não tem condição de trocar, de trazer alguma coisa, que alguém.. que muitas vezes ele .(...)
- S Ficou muito latente...
- I De qualquer forma isto, que mostra para a gente, que a gente não tem como saber tudo, e ter controle das coisas, porque eu acho o fato da gente não saber o que é que eles pensavam, remetem outro lado da gente que a gente não conhece da gente mesmo.
- C Na verdade o conteúdo dos que não estão está remetendo muito mais ao conteúdo do desconhecido que está.. Então, parece que a dificuldade, que aqui se instala, é de olhar para coisas diferentes, então quantos que vieram, se é do mesmo nível, sobrou o que é igual? parece que dá uma certa tranquilidade Então a diferença, o que é desconhecido, .é o que assusta, é o que intranquiliza. Independente do que é o conteúdo, a gente não sabe qual é

- S Não, por incrível que pareça, é aquilo que eu comentei , é uma das coisas, sabe porque que é frustrante, o cara tem duas cabeças que pensam parecidas..É uma das coisas... foge dessa história é que a gente ficou muito batendo na tecla, do que é promíscuo, ou deixar de ser promíscuo, para mim ser promíscuo, na minha concepção o que na concepção dele, o que é na concepção do outro. Pode ser que muitos dos que estavam aqui , fosse daqueles que agita. A não espera ai, se aquilo que eles estão falando que isso é promíscuo, então eu não sirvo para eles.
- C Assim independente dos que não está, o que a gente está colocando, é que esta ausência, ela está presente, e ela pode estar presente, o que eles representam, pode estar presente dentro de cada um que está aqui. Esta representação está colocada fora, o diferente, as penas, da imaturidade, o novinho, a irresponsabilidade, o não pacto, o não amor incondicional sólido, ele pode estar dentro de cada um, são pedaços desconhecidos, ou são pedaços que compõem aquele quebra cabeça, que está procurando por um lugar, esta procurando para onde é que está este desconhecido, ele foi embora, ele foi excluído ou ele está aqui para ser considerado, não está destruído.
- I Com certeza não foram vocês que destruíram o grupo. Eu acho que fica esta situação, esta ausência de pessoas.
(Risos)
- C Esta discordância não destrói.

GRUPO OPERATIVO I - Sessão 4

- W Fala que eu te escuto...
- S Pelo amor de Deus... Por que tem que ser eu a começar? Fala alguma coisa aí, sempre eu que começo.
- W Já conversei demais hoje.
- S Então fala mais, sempre eu que começo. Estou inibido, em estado de graça ... pelo maravilhoso final de semana que se prolongou até ontem.
- W Que se prolongou até ontem? Entrou na passeata e já foi embora.
- S Não, eu não fui. Você foi? Para não falar que eu não vi, eu vi o encerramento ali na Republica(...). Nunca vi tanto viado na minha vida.
- W Tia Marta disse que no ano que vem vai ser uma semana...
- S De orgulho? É, nessa semana na quarta feira passada, no feriado, teve uma feira, lá no mercado Mundo Mix, passou aberta ali no Arouche, com show, começou ali. Pois é, usando esse toque da sexualidade, ela, retornando ao assunto, eu estava conversando com um amigo meu, hoje de manhã, e ele me falou um ponto de uma coisa que é verdade mesmo. Ali nesta semana passada, estava, esta semana do orgulho gay, todo mundo tinha orgulho de falar eu sou gay, não tinha vergonha, .. todo mundo. É comum a tarde você ver casal homossexual andando de mãos dada, abraçada, beijando eu não diria. Agora sumiu, como se, acabou a festa, deixaram de ser gay.
- W Acabou o orgulho.
- S Achei engraçado, será que precisam de um estímulo maior.
- C O que é que vocês acham
- W Eu acho que não precisa mostrar nada
- S Também não acho que precisa mostrar, mas é que aquela coisa que se expôs excessivamente, durante aquele período, em que tinha todo apoio, hoje já deixou de ser? Que causa é essa?

- W Se você vai num baile, você vai o que? Dançar. Tem gente que vai ao baile e não sabe dançar. Você vai numa festa, você curte a festa. O resto você gosta da sua vida normal. (...)eles estavam na festa deles, se divertiram, acabou a festa, cada um na sua.
- S Mas durante a semana não tinha festa.
- W Tinha, mas o pessoal que levanta a passeata vieram de outros estados, até de outros países, então eles estavam aqui há dias.
- S Não, sim já estavam há dias, mas por exemplo
- W Só no Hopi Hari (parque de diversões) foram cinco mil pessoas, no Sábado.
- S As festas fechadas,
- W Sim, mas teve vários eventos
- S Tinha, A mostra ... gay
- W Então, essas 5.000 pessoas já estavam circulando por aqui.
- S Tá, cadê o pessoal local? Se dependesse isso daí só das pessoas do nosso país...
- W O pessoal local estava justamente sendo cicerone dessas pessoas de fora, em companhia delas.
- S Eu não acho justo isto, sei lá, ou é ou não é. Por isso que não levanto bandeira prá ninguém.Coisa de...
- W Boiola
- S Ah?
- W Coisa de Boiola
- S Não, mas é a mesma coisa no carnaval, você vê, na época do carnaval, todo mundo naquele clima, de bermuda, alalao para cá, alalao para lá, passa os três dias acaba. Não mas aí acaba. Então só que aí a gente esta falando de uma festa, que não tem nenhum valor, a não ser histórico, a não ser popular, política, mas não tem nenhuma festa, para poder fazer com que alguém levante a cabeça e fale espera aí, a gente está aqui, a gente existe, vocês vão Ter que nos engolir. Agora esta festa, já diz o que é: o orgulho gay. Agora deixou de ser orgulho gay.
- W Vou colocar uma situação aqui, dos evangélicos, por exemplo, o que eles fazem, vem falam com você, transmitem a verdade. até que você adere ao grupo (...) você seguir o seu caminho. Por que fazer esses paralelos .. as pessoas não sabem como que é o trabalho deles, que é pacífico, de que ninguém vai prejudicar ninguém, ai vai trazendo um conceito para as pessoas que estão vendo isso e aí deste momento já está plantada uma sementinha para as pessoas não terem preconceito
- S Você acha que socialmente elas não deveriam ser regadas, pelo menos hoje
- W Mas ela é regada?
- S Ali no meu pedaço não é regada 24h, você acha que ela não deveria ser, vai...
- W Que, quando se fala não tem por que (...), a gente está falando, é obviamente fica mais claro de se ver, olha está acontecendo isto. Mas as coisas estão acontecendo (...) não tenho o porque comunicar o mundo interlor, pelo menos para mim, fica cansativo
- S Não, eu não acho que não tem sentido, só que eu acho que não deveria ter vergonha também.
- W Não sei, se é preciso ter vergonha, não vejo por aí não. Acho que cada um, foi lá numa boa, participou e agora vai viver a vida deles, com um pouco mais de orgulho, vamos dizer assim, pelo menos para ele, que curtiu a festa, que.... foi dar show, as pessoas que foram ver, como se sentiu, se ficou mal.
- S Tenho um grupo de amigos que saíram, mas não só tinha gay no meio, não, tinha hétero, não sei porque.
- C Então quando está fora, podemos mostrar que está todo mundo, fica mais parecido, fica todo mundo mais parecido?

- S Eu acho que até foi intenção deles, aí, eu acho que o interessante que é colocado dos hétero terem ido, como “pô, eu seou hétero, eu sou diferente deles em alguma coisa... quer dizer, eu tenho uma esposa, eu tenho minha filha, convictamente hétero, então, o que acontece não me agride em nada”. Eu acho que até é uma questão de conscientização que fica legal.
- C Então dá mais orgulho, quando é possível misturar?
- S É, não fica num tom de agressão. Quando minha mãe falou...
- W Como é? Quando se mistura não sabe se é gay ou não. Que aí é uma discriminação, se alguém ficou com você, sabe, declarando que é hétero, que não é homossexual e, de repente, está alí junto, brincando ou participando daquilo. Isto mostra que ele é mais uma pessoa que não tem preconceito. É a mesma coisa que um crente, este já está ao lado de Jesus, já não é mais o único. Então, quer dizer (...) quanto mais as pessoas participarem mais vai crescendo o movimento e, assim, vai num ponto que ela própria vai poder fazer com que as pessoas de consciência que o gay não é um bicho, um extraterrestre, é uma pessoa como qualquer outra.
- C Parece que isto não serve só para quem está fora, ne, dentro é quem é do mundo que não é do mundo gay. Traz., poxa foi surpresa isto, porque é interessante que aconteceu isto, que o S fala, então, parece até que para quem é do mundo gay, com festa, para quem é a festa objetivo, também se surpreende com esta possibilidade.
- S É, porque a gente olha, sinceramente, a gente é escorraçado tanto, é tão xingado, e sem fazer nada para os outros, que quando alguém, chega e estende a mão para a gente, a gente se surpreende. E acho que foi esse fato de alguém ter chegado e ter participado da passeata, chegado e falar não espera aí, estou do lado de vocês, eu não estou falando para ninguém virar gay, mas eu acho que todo mundo é igual aqui, surpreende a gente. O fato surpreende, sinceramente. Chega um certo momento que a gente deixa de acreditar um pouco nas coisas, nas pessoas.
- C Você está dizendo que não ficam estes dois mundos, quem vai para o evangelho, e quem não é o evangélico, de quem é do mundo gay, e quem não é do mundo gay. Você está dizendo agora que isto se aproxima é que cria uma outra possibilidade.
- S É.
- W Eu estava vendo na internet uma matéria que saiu sobre os presbiterianos que eles estão fazendo agora parada julho, um movimento para aceitar os homossexuais da igreja deles, pois quem trabalha lá não pode ser homossexual, tem uma lei que não aceita o homossexualismo. Há uma discussão para aceitar gay na liderança, para ser diácono. Os gays vêem isso, percebem o que é a própria igreja, dá uma abertura, é ótimo. Eu já escutei que o pastor, A igreja vai estar do seu lado, também
- S Eu já escutei de o pastor, que a AIDS é a praga divina contra essa raça. Muito me surpreende um pastor, que prega o amor fraternal estar falando isso. Eu já fui presbiteriano quando criança Não que a igreja seja bitolada, tem até gente de mente aberta, mas eu cansei de ver gente ali dentro cantando glória a Jesus, tinha até um caso meu, de uma bandeirola um dia e saí caçando para... saía do culto a noite para caçar.
- W Qual o problema?
- S Nenhum, Sabe é aquela coisa, lá dentro prega uma coisa, fala uma coisa, que é pecado, pede perdão a todos os pecados, se é que é pecado, pede perdão para os pecados, se é que é pecado mesmo...
- W Veja só, o padre fazia esta pregação, ir lá na frente e fazer estas declarações,
- S Não, fazer declaração todo mundo faz,
- W Olha o que eu estou te falando, estava fazendo louvores, estava fazendo a parte dele com Deus, e depois ele vai ter a vida dele lá, agora ele chegar lá na frente, fala um monte, contra o homossexualismo, e depois ele sai e aí assim,.... o fato dele não estar

julgando isso, não estar condenando; não quer dizer que esteja errado depois sair e fazer, mas ele não está falando isso, não discrimina ninguém... mas a vida dele é a vida dele.

S Concordo.

W (...) a Igreja Evangélica que... vão ficar neuróticos com isso. Se o padre sai pra caçar ou não sair..Sai para caçar ou não sai, mesmo ... não interessa o que falou, se ele é contra ou a favor, sabe, se a Bíblia está escrito lá, a homossexualidade é condenada, essa é a lei de Deus, somos todos iguais.

S É engraçado, quando eu trabalhava, eu trabalhava numa discoteca gay, no escritório, vinham dois seminaristas, eles pulavam o muro lá, ... a gente acabou pegando amizade, e tal, papo vem, e todos os dias, e o que você acha, um deles falou para mim, que gostaria de ser padre para usar saia, para ninguém falar nada. Ai meu Deus do céu.

I Mas eu acho que, fico pensando assim, todas estas coisas que estão aparecendo, eu acho que fica uma questão que é... parece que é uma falta de definição clara das coisas, e não uma questão da festa. Quando, que assim, quando a gente esta feliz por estar na festa, tudo está muito explicito, quando a festa acaba, já não tem mais aquele mesmo tipo de comportamento, na igreja vocês tem alguma coisa colocada assim, que te condenam mas ao mesmo tempo, quando se está fora, dentro da igreja está condenado, sai da igreja para fora tem um outro tipo de comportamento, então parece que fica meio que uma indiscriminação aí, segue, tem uma clareza, alguma coisa mais definida no sentido do comportamento, da identidade, e fica meio confuso, esta é a impressão assim que vocês estão demonstrando, estão trazendo, que..

W O que eu vejo é o momento, porque se tem uma festa, vamos festejar, acabou a festa todo mundo vai embora,

I Não, então.

W Você vai na igreja para ficar lá orando, estar lá rezando, mas quando saiu da igreja, você vai viver a sua vida, não é que você está deixando de acreditar na palavra de Deus, deixando de acreditar num monte de coisas, que é da igreja, no máximo você tem uma, outras coisas que também fazem parte da sua vida, não precisa ficar rezando, orando, o tempo todo, você pode fazer muitas coisas, não é isso que eu critico. E também de alguma forma, você não vai ficar só você, e todo mundo já foi embora, a festa acabou.

C Eu acho que esta, na semana passada, da fantasia de fora, então que, se bota a fantasia, como se fosse para este momento, como se foi para a festa e que mesmo retirando esta fantasia, essa roupagem, tem uma fantasia lá dentro, que essa ninguém tira.

W Nesta fantasia tem um durante e um depois.

C Esta te acompanha, e aí fica uma questão colocada, será que em alguns momentos, esta fantasia que está dentro, que são as fantasias dos desejos, das idéias a identidade, do ser gay, ela dentro, na intimidade, no pequinininho, ela pode se expressar, explicitar, ir fora, abertamente para o mundo, ela é toda mais cuidado, não é todo momento que ela pode aparecer, do jeito que as pessoas estão vivendo. Tem que ter hora marcada, porque a festa, então o momento, escolhido para isto aparecer. Então será que é esta a identidade que fica assim, de uma certa maneira, confusa, de ela não poder se mostrar do mesmo jeito, num momento mais íntimo, no momento mais público por exemplo?

W Eu diria que esta fantasia, ela não é específica do gay, (...) não tem hora nem lugar. Não consigo encaixar este ponto que você colocou, simplesmente em ser gay, isso é humano, é da pessoa, ..assim como pegar a festa da parada gay, tem o carnaval, que estas coisas de colocar a fantasia, aquela fantasia do carnaval, dos cara, aquela fantasia da vida toda, a gente nunca pois a fantasia, seja lá, sexual, seja lá trabalho de.. Fantasia é evidente no homem, acabou, não tem uma discriminação, não tem separação, não tem nada, que

possa dizer, não, este tem fantasia, este não tem fantasia, ou este é o caminho, ou eu vou por aquele.

C Então esta fantasia não esta...

W Todo mundo fala a mesma coisa quando se fala em fantasia.

C Ela não está funcionando como uma fantasia para proteger, não é uma fantasia para sair e proteger uma identidade.

W Eu estou falando da minha pessoa, talvez outras pessoas que pensam sobre isso, fantasia. Eu tenho um amigo que, ele nunca usou fantasia de mulher, ele assim um dia fomos em uma passeata, ele sentiu a felicidade de Ter essa vontade de ir à passeata. Todos nossos amigos foram contra, não você fazer isto, para que, você nunca fez isto. Não eu senti vontade eu vou, e foi.

S E o engraçado é que assim...

W Ele sentiu vontade de fazer a fantasia dele, acabou lá, tirou a fantasia e pronto.

S E isso não necessariamente é só do gay, porque em Ribeirão Preto tinha uma festa, chamada o Bloco das Piranhas, no Carnaval. Começou com uma brincadeira de universitários, em que as universitárias se vestiam de homem e os universitários se vestiam de mulher, só que a coisa se alastrou que virou um dia específico no final de semana. Era uma festa que a prefeitura encampou, e patrocina, não sei se até hoje ela patrocina, faz um bom tempo que eu não passo o carnaval em Ribeirão Preto, a prefeitura organizou, coloca o trio elétrico, sai maridos e mulheres, acho que é aquela coisa de se vestir de mulher, acho que todo mundo tem, assim como as mulheres também tem de se vestir de homem.

W Uma vez, os pais falaram uma coisa que... homens que se traveste de mulher ganha cinco anos de terapia. (...) ele se travesti, fazer como se fosse um prazer, então (...) para tomar, cinco anos de terapia, vai sair pronto de lá

I Mas uma coisa que me chama a atenção, é o seguinte, isto é uma coisa que está colocado lá, a fantasia é de todos, até a fantasia de se travestir de mulher, não é uma coisa específica do gay.

S Não.

I Então, mas acontece que aparece um certo incômodo, é isto que me chama a atenção, no sentido, assim, que o gay que se traveste e vai para avenida, assim, ele depois ele não vai assumir algumas coisas, não só o travesti, o travesti, a roupa, mas até a própria forma, o tipo de comportamento, essa coisa toda. Então assim, para o que não gay, o heterossexual, ele vai se travesti e volta tudo bem, agora, o gay ele vai, se travesti, vai e na hora que termina a festa, uma parte, uma questão que está aparecendo aqui é a seguinte, aí ele volta... então assim, aí eu estou tentando pensar, nesta indiscriminação, no sentido, que existe, é isto que eu estou pensando, se não tem uma cobrança, super grande de se ter esta definição, um pouco mais clara de que tipo de comportamento é esse, que tipo de identidade é essa, que o gay vai ter. Porque na verdade a gente está discutindo isto, o que, a mesma, as fantasias todos tem, os comportamentos muitos tem também, são todo mundo independentemente de que tipo de sexualidade é exercida aí, só que parece que fica uma certa preocupação, e é esse a fala, que aparece aqui, de que qual que é, então, afinal a do gay, entende, não sei se eu estou confundindo muito.

S Não.

I Fica uma dúvida em relação, o que é que seria esta diferença, e aí me chamou a atenção a história da surpresa, de ter muitos heterossexuais na passeata, porque assim é, então, está havendo um aceitação maior por parte da sociedade, na verdade. Então, eu fiquei até pensando, não se esperava, seria esperado, por exemplo que pudesse estar indo heterossexual, mas e que tem...

S Tão rápido. A gente não esperava tão rápido.

- I Porque na verdade, eu estou tentando pensar isto, na hora que vem os heteros muitos heterossexuais, muitas pessoas que não são da comunidade gay, a questão que aparece é a seguinte, olha está tendo uma aceitação maior, para gente que foi tão discriminado. Então eu fico tentando pensar, então esta discriminação que foi sendo sentida, que se por aí não vem uma certa cobrança, uma certa necessidade de ter algumas coisas um pouco mais definidas. Então afinal de contas, que comportamento é este que a gente tem que ter, então eu estou pensando em função das coisas que vem aparecendo aqui nos grupos, vamos, a gente se mostra, não se mostra, a gente vai ter... alguns comportamentos e alguns dos nossos sentimentos, eles vão ser vividos dentro de um determinado espaço, ou fora. Quando ele se mostra o que, que tipo de expressão pode se ter em relação aquilo, parecia muito aquela questão, de como, a questão da promiscuidade, que aparecia muito aqui, que era uma certa preocupação, então qual seria este tipo de comportamento, então fico pensando se é uma tentativa de se pensar o lado, um tipo de definição, entende?
- W Porque, eu não estou entendendo, porque é que não tem definição?
- I Não, eu não quero, mas eu não quero nada pelo amor de Deus... Eu estou só querendo trazer, fazer uma leitura das coisas que foram aparecendo aqui, que a impressão que dá, é assim, esta, alguma coisa que ela fica, em dois opostos, sabe, então assim, o que é que seria então melhor ou pior, o que é que está relacionado mais ao prazer e o que não está, então estas coisas que vão aparecendo. Então uma hora: ora a história da gente poder se travesti, de poder mostrar as plumas, as penas aparecem como ruim, ora como boa, sabe então a história da gente poder ter um comportamento íntimo, escondido. Um comportamento que não precisa, que está sendo solicitado, ora ele é visto como bom, ora ele é visto como mal, então assim, as coisas parecem que vão se misturando, então é nesse sentido que...
- S Não, as vezes pode ser que a gente esteja se expressando errado, ou mal ou bom. Seguinte, quanto ao lance da fantasia, que você está comentando, o que, é o seguinte, não tem a necessidade de ele viver fantasiado 365 dias por ano, mas que ele fala eu sou gay, e eu estou aqui, aceitem, assim como também por exemplo, eu não tenho a necessidade nenhuma de me fantasiar, não sinto, sabe, minha a vontade, mas eu gostaria, de caminhar com o meu namorado de mãos dada durante o dia, sem que ninguém olhasse para trás e falasse olha dois bichas aí. Mais ou menos eu acho que é essa coisa, que eu estou falando assim, que o ruim, sabe que até aí o ponto de ser ruim, é o seguinte é por que, que este caminhar de mãos dada não pode se prorrogar além da semana gay, como tem muita gente que anda, hoje não está nem aí, não precisa de orgulho gay, nem de data nenhuma para poder fazer isto. Mas agora quanto ao lance da aceitação que você estava falando, de a gente achar espantado, por exemplo, quando eu trabalhava na boate gay, era proibido entrar hetero, hoje já se mudou o nome, não existe um ambiente gay, o ambiente hoje é chamado GLBT ou GLS.
- I As coisas já estão se misturando, os guetos aí...
- S Já deixaram de ser guetos.
- I Tem essa mistura...
- S Que as pessoas, elas vão, semana retrasada eu fui para um sítio, de um amigo meu, tinha uma festa de aniversário, do filhinho do caseiro dele. Ele sabia, ele sabe que eu sou gay, ele conhecia eu, e meu ex-caso, a família inteira sabe, todo mundo na festa sabia, uma coisa que ela fala assim: meu amigo aqui é você, se eles quiserem frequentar aqui, eles vão ter que te aceitar do jeito que você é, ou eles vão embora. E terminando a noite, era uma festinha de criança, terminou cedo, a gente tomando cerveja, gente vamos para uma discoteca? Vamos. Aonde a gente vai? tem discoteca gay aqui? Não, tem uma, vamos? Foi a irmã da esposa do caseiro, a filha do casal e o ex-namorado dela, e um amigo

deles que estavam lá, entraram, as meninas nunca tinham ido, e um rapaz ainda nunca tinha ido, o outro já tinha ido, ele tocava em banda e fazia montagem e iluminação. Então ele já montou a boate gay, ele falou que eu já frequentei, já sei como é que é. E as meninas foram e acharam super divertido, então tirou aquela coisa de que a hora que, porque para o rapaz que estava indo lá, a impressão que se tem hoje, ou pelo menos que se tinha, é de que nossa, aí eu vou entrar num lugar desses eu vou ficar assim, não posso chegar lá assim que eles vão me agarrar, eu sou homem e todo mundo vai querer me agarrar, e não é assim, estava todo mundo lá dançando, do mesmo jeito que se eles por ventura te cantarem, e você falar, não é a minha praia, eles não vão mais mexer com você, ele vai perceber que errou, e o desculpa, tal. Que deu uma furada, mas que você está ali para se divertir. Se você entrar no ambiente, assim como se você, for como mulher, se você for numa boate hetero, dita como hetero, uma boate que não seja GLS. Se você estiver sozinha, ou com um grupo de mulheres, vai chegar um rapaz e vai te cantar do mesmo jeito, é a mesma coisa que vai acontecer. Você fala não, desculpa eu estou acompanhada, se ele tiver simancol, ele vai tomar chão e vai parar de te encher o saco, aliás, eu acho que é meio difícil, por que gay, nesse ponto se manca mais ainda. Só quando insiste, uma vez um amigo meu levou tanta porrada, apanhou tanto... (risos) É verdade, ele estava indo para casa e tinha um carinho sentado, sentado na esquina, ele parece o Horácio, . Então ele passou e perguntou as horas para o cara, e o cara falou as horas, e ele com o relógio no braço, aí o cara pediu um cigarro para ele, ele pediu um cigarro, po você pediu um cigarro, já ganhou, daí ele foi lá e cantou ele, o cara falou espera aí, fez assim como se fosse abrir a calça, tirou o cinto e pegou o lado da fivela e começou a bater nele, ele entrou dentro da igreja evangélica. Quer dizer aí eu acho que neste ponto, a pessoa tem que ter um pouco de senso, eu acho que se, por ventura, vai, num sorriso, você acha que nossa ganhei, não é bem por aí.

C Me ocorre o seguinte, eu acho que apesar das festas, das ruas, desse momento de final de passeata, tal, está me chamando a atenção, o quanto que hoje remexe, mexe e vira, desde o “Fala que eu te escuto” até passando pelas leis, até esse que acorda e vem para a igreja evangélica, se esse lugar sagrado, é um lugar de proteção, daqueles que sofrem tanta discriminação como vocês estão trazendo. Apesar dos avanços, vocês localizam, da não discriminação, ter os héteros em momentos importantes da passeata, como isso das boates específicas, de até um milhão de nós; o mundo seja de o de fora, seja aqui, na rua, seja dentro de uma boate, que pode correr perigos, vocês trazem, que de uma certa forma está exposto, precisa de um lugar de acolhida, me chama a atenção, que aparece este lugar, sacramentado, de Deus, assim este lugar de proteção.

S Não ele entrou correndo, mas ficou com dificuldade de pedir albergue. Disse para o padre que ele ia sair para o bar

W Só Jesus salva... (risos).

C Trauma de que? Que proteção é essa?

S ... ele estava comentando, isso foi há muitos anos atrás. Eu até morava em RP, há mais de doze, ou treze anos. Ele falou que, ele pegou e falou assim, que: vem passa aqui que eu preciso te mostrar. O que aconteceu? Passa em casa. Eu fui lá ver, as costas dele estava toda marcada. A partir desse tempo aí, eu passei a buscar ele na escola de inglês, eu saía do serviço e passava pegar ele na escola de inglês, era no caminho de casa, eu deixava ele na casa dele, e ia para casa. E ele contando, ele falou que o pastor queria catar ele, “não, deixa que eu te levo em casa”, e foi levar ele, os outros fieis segurando o cara lá, no meio do caminho ele cantou ele. Quer dizer então, aí você fala, como você falou na casa de Deus, de ele ter entrado na igreja evangélica, foi o lugar mais próximo que ele tinha, senão o cara ia matar ele de tanta porrada. Não que seja este o destino de salvação, eu acho que não.

- W Não foi isto que ele estava buscando, ele simplesmente..
- S Ele encontrou a porta aberta, urgente que pudesse tirar ele daquela situação que ele estava passando.
- W Eu sinto nas tuas palavras que, não só hoje, mas em outras sessões, que você puxa muito para a questão da proteção em alguma coisa, seja lá gay, seja lá aceitação de idéias, seja através de alguns ítems que nós discutimos anteriormente. Eu não... vamos supor, toda vez que eu ouço falar sobre isto... o que é que ela quer mostrar com isto? Por que ela questiona tanto esta proteção? Que raio de proteção é essa que ela quer que a gente se manifeste aqui? Que na realidade, eu não me procuro nenhuma proteção em nada, eu cuido da minha vida, da forma mais natural possível, dentro daquilo que eu acredito, daquilo que eu sinto. Não sei assim de apegar a isto, ou aquilo, ou a igreja, ou a aceitação dos heteros, ou aceitação, seja lá de quem for, eu não vejo esta questão da proteção em hipótese alguma, por mais que ela esteja, que ela exista, ela existe esta proteção aqui, porque todo o nosso, o ser humano tem necessidade de uma proteção, seja lá qual for, mas não seria como no sentido da proteção, para poder ser gay, aceitar ser gay, precisar dessa proteção, mas sim por ser humano, necessita de proteção, seja ela...
- I Agora o tema, por exemplo, se gente for pensar o tema que a gente propôs para a nossa discussão, da sexualidade, as formas de proteção, da sexualidade, nesse sentido é, não faz sentido? por exemplo, a proteção quando a gente fala em sexualidade.
- W Não veria assim, proteção para a sexualidade, não vejo a aceitação do heterossexual, não vai fazer que eu me proteja mais ou não. Não me dá nenhuma segurança não. Acho que a proteção deve ficar na minha cabeça, no meu conceito, no meu pensamento.
- C Como é que é essa proteção, que está na sua cabeça, para a sexualidade?
- W Eu tenho que me proteger, vamos supor em relação as doenças, em relação à situação que ele colocou, o rapaz ficou em uma situação de perigo, ele teria que ter um pouco de senso para poder abordar alguém, para não se machucar, então isto não é só o gay, mas até o rapaz que mexer com uma mulher casada, ele vai apanhar do marido dela, se ele estiver por perto, e pegar ou se a mulher for contar para o marido, que ele mexeu com ela, tudo isto pesa. Então é você que tem que pontuar o quê? tem que saber se proteger, é saber onde você está pisando...
- S Eu acho que a proteção maior...
- W É saber onde está pisando, não se arriscar sexualmente, evitar o mundo da promiscuidade, é esta a coisa que eu posso falar, da doença ou usar camisinha, sei lá. Essas proteções dentro da sexualidade, essas são válidas. Agora isto aqui, que você estava levantando, de igreja, de aceitação, de hétero, não vejo.
- S Eu acho que aceitação maior que todo gay tem...
- W Vejo mais a parte prática e do conhecimento que tenho... aceitar
- C Eu acho que as questões, que você localiza, é que elas não ocupam esse lugar de dar mais apoio ou proteção em si.
- S Não, proteção em si...
- W Você viu o que ele falou que o padre queria pegar o rapaz. Quer dizer a proteção... não dá pra desviar de uma situação, né? Jamais que eu ia imaginar, que eu vou chegar lá e o padre vai me cantar e vai querer ter uma relação comigo.
- S Porque eu acho que a questão da proteção...
- W Eu não vou aí para procurar proteção, não por ele Ter encontrado esse padre, não é aí que eu vou procurar esse tipo de proteção
- S Eu acho que a proteção em si, que a gente tem que se discutir, nem se discutir, eu acho que a proteção em si, que a gente tem é pura e simplesmente o bom senso, seja ele, você sabe que transar sem camisinha, você pode pegar AIDS? Sei, com uma pessoa estranha?

sei. Você vai transar? Eu não. Com meu parceiro sim. Mas eu não. Você sabe que você pode apanhar se você for mexer com o “skin red”, lá de cantar ele? Aí eu posso apanhar. Você vai mexer com ele? Eu não. Então quer dizer, é você colocar os pesos e as medidas nas coisas e ver até que ponto o carinho é viado. Que nem sempre, que muita gente, você está rindo para mim, você está rindo de mim ou você está sorrindo pra mim? Tem muita gente que vive, sabe, com um pouco Alice, que vive no país das maravilhas e acha que po, está passando na rua, olhou um cara, o cara pegou e deu um sorriso, nossa já me cantou, gente olha já me deu a chave do apartamento dele. Tem muita gente assim, e vai continuar apanhando na rua do mesmo jeito, se não mudar. Mas eu acho que a questão é o bom senso em si é a proteção. Sabe, acho que até o fato de usar a camisinha é a proteção, é a questão do bom senso. No caso de uma relação estranha, que sei lá, do meu parceiro, estou com exame de Aids na frente dele, aqui não tem porque temer.

C Não me ocorre outras coisa.

W Nada a ver, não fique tímida, a gente não vai criticar você.

C Sem problemas.

C O que me chamou atenção, é uma associação, de chamar a atenção, a Alice no país das maravilhas, em que ninguém ... , como Alice no país das maravilhas para correr o risco de entregar tudo, entregar as chaves, né?

S Eu falei que tem um monte de gente que é um pouco Alice, que acha que um simples sorriso o cara já está querendo entregar a chave, então quer dizer, ele não tem o senso de perceber até onde ele pode avançar o sinal. Não que todo mundo é Alice.

C Claro. E que esta dificuldade de discriminar, o que me chama a atenção, é que hoje apareceu muitas vezes o tema discriminação. A não discriminação, olha que interessante, os heteros estavam lá, para dizer não discriminamos, ou estamos aqui para não discriminar, e aí, agora que veio estas histórias que acho que elas são interessantes, quando se traz, aparece aqui a história, olha alguns vivem, Alice no país das maravilhas, e se deixam levar por um sorriso, entrega a chave e tal, e não discrimina o que vem de fora, assim como tantas estão se escondidos, você falava semana passada do boa noite cinderela, um outro conto de fadas, e que muitas vezes também pela não discriminação, do que pode acontecer se deixa levar e acaba sofrendo conseqüências, não é uma coisa...

S Muitas vezes o golpe cinderela, muitas não, eu acho que todas, aí a pessoa não percebe, por mais que a pessoa tenha bom senso, aí é uma questão de ter se descuido um minuto.

W Eu acho que o cara não vai contar que vai fazer.

S Com certeza, o cara não vai envenenar a maçã, não vai contar para a branca de neve. Muitas, muitas não, todas as boa noite cinderelas, é no sentido de roubar mesmo, já é uma coisa do mau, entendeu. Não é um atentado do bem. Agora a Alice, ela é essa bicha Alice ela é toda, eu falo para ela desce daí Alice, se você não sabe descer se joga, mas acorda para a vida.

C Então tem as tontas, que aqui são menos esperta

S É, não é que é menos esperta, por mais que você seja esperto, ela se descuida, por exemplo, eu sou super atento...

C Então as tontas e as descuidadas.

S Agora você me chamou de descuidada, aí.

C Não, você falou que não são tontas, vocês se descuidam.

S Não, eu não sei o que houve, eu me descuidei, naquele dia lá, e acabei tomando aquele chá,

C Independente do S, extrapolando esta história, para uma situação que dá prazer daqui, para o grupo, de pegarmos por aí, para entender e ver...

- S Aquela bicha não devolveu a minha chave
- C Esta questão da discriminação...
- W O que é que você falou?
- S Que ela não devolveu a minha chave, ainda, tenho que esperar
- C Talvez tenha, falta uma chave, talvez falte uma chave para entender como é que abre esta porta para o entendimento da discriminação e da indiscriminação. Tem mais, estamos percebendo que a discriminação do outro, de quem está fora, o hetero, ela está diminuindo, eles estão participando, tanto das boates quanto dos espaços das festas, e mesmo, e nesse mesmo tema surge todos esses contos de fada, para localizar dentro do mundo gay momentos onde existem os descuidos e as tontices que fazem com que não discrimine, não se perceba, não se faça diferença do que é que está surgindo, dos riscos. Então de pensar um pouco, se essa indiscriminação tem a ver com essa identidade que também está querendo se discriminar, se diferenciar.
- S Olha porque é uma coisa, eu tiro isso aí pela Salvation, pela própria discoteca da finada Andrea de Maio, é que nesse vácuo passou muita gente pela penumbra. Então entrou um bando de marginalzinho na história, o namorado daqueles travestis que tem lá, que entrou um monte de gente, a Vieira de Carvalho por exemplo, hoje você pode comprovar, não é a mesma de alguns anos atrás, passou um povinho muito estranho a freqüentar aquela área.
- C Então é isso que dificulta, se diferenciar, se discriminar, porque eu tenho os bons e os maus, os descuidados e as tontas.
- S Mas tem a bicha do mal também...
- C Então é do bem e do mal, essas coisas não se...
- S Não deveria, mas ...
- W (...) estão ali.
- S Como se chama o “Axe” novo? O bem convive convive com o mal, não tem jeito, eu acho que nunca uma campanha, foi tão perfeita como esta. Que até de uma boa intenção, talvez exista uma má intenção ou vice e versa.
- I Do que é que vocês estão falando
- S Do Axe.
- C Ah, do desodorante.
- S Mais ou menos esta situação, que está acontecendo agora, então passa naquela época do ponto em que “nossa, você não é gay, que legal você estar aqui com a gente”, mas nesse vácuo, não tenho nada contra, você pode ficar sossegado, e aí você acha, nossa esse cara é legal, e de repente você acaba tomando o chá, acaba tomando um tombo. Que esse vácuo veio muito bandido. Uma coisa que era antigamente, esses guetos é um ponto de proteção. Essa abertura foi ótimo, eu posso de garantir que muita gente que entrou, percebeu que nossa realmente, não tem um dragão escondido aqui dentro do armário.
- C Desprotegia, e ao mesmo tempo a abertura, tira o dragão do armário, e vê que não é dragão.
- S É, esta abertura deixa isto, deixa uma coisa mais, nossa realmente vocês são legais e não tem nada daquilo que todo mundo pensa.
- I Mas aí, também não se consegue mais discriminar claramente com quem ...
- S Quem é do bem e quem é do mal.
- S Eu até negocio, apenas com um....
- W Necessariamente esse mal não está dentro do grupo, ele está interagindo
- C Está entrando...
- W É, se juntar toda essa abertura que ele falou, antes era fechado e de repente abriu, todo mundo participa, mas dentro que era já tinha do mal e já tinha do bem, e a coisa só acrescentou, quando vieram as pessoas do bem, e estas pessoas do mal também.(...)

- C Dentro/fora tem bem/mau...
- W Esta questão da proteção, mais uma vez, eu não consigo ver que o gueto protegeu alguma coisa, acho que não existe proteção nenhuma em qualquer situação, desse tipo, eu tenho que acreditar na pessoa, na parte dela, ela saber o que ele deu para ela, o que é que ele vai dar, ou que ela pode pegar... o que não pode é sair atropelando tudo, não importa nunca, seja no ponto em que ela sinta aqui é o meu lugar, o lugar dela também existe
- S Sabe que é engraçado, domingo eu estava em uma discoteca, no Domingo eu fui ao Bailão, alias eu preciso (...) e tinha um cara com a camiseta do Brasil, uma camiseta da seleção de vôlei, que eu não estava achando aqui, e falei para ele, olha eu estou indo viajar, só que eu não queria levar uma camiseta da seleção de futebol, que eu estou de mal com eles, eu nem quero assistir o jogo e nem nada. E eu queria levar da seleção de basquete, de vôlei, de qualquer um, de peteca, de qualquer coisa.
- W Do Guga.
- S Do Guga, onde você comprou esta daí? A esta daqui eu comprei no Rio de Janeiro, em Copacabana, me interessou eu falei, ta obrigado. Por aqui São Paulo não foi, então não, daí o namorado dele falou: o que é que foi? Não o rapaz me perguntava da camiseta. É, ta bom. Como se, assim já veio te cantar. Daí eu cheguei perto do cara e falei, pode ficar sossegado que eu não estou afim do seu caso, que ele nem faz o meu tipo, eu ainda fui um pouco grosso. Ele nem faz o meu tipo, só perguntei da camiseta porque, só queria saber onde ele comprou, só isso. Então até no meio eles já ficam um pouco, não ele está protegendo o território dele, não porque eu também sou assim. Sei lá, talvez seja essa a proteção que exista entre o meio.
- W Isso não é proteção, é possessividade. (...) ninguém pega...
- S Você conhece aquela música, porque você me deixa tão solto, se eu me interessar por alguém, e se de repente ele me ganha.
- W Mas aquele tão solta, lá é muito solta, é muito longe, não é tão perto assim. É longe dos olhos e...
- S Assim como aquele, o cara saiu dançando com o caso dele, ficou a hora que ele olha para você, abraçado, o cara fica te piscando, e aí vai por baixo e dá o telefone, como aconteceu comigo, que vi um caso tão desesperado, cadê o telefone que o outro te deu. Está aqui, pronto.
- W Vou te contar, uma vez eu sai com o meu caso, estava assistindo um show e aí o cara encostou atrás, estava...
- S Onde você foi?
- W No, (...) aí eu estava vendo o show, e ele estava abraçado comigo assim, até que o rapaz encostou atrás de mim para ver o show, e eu vi que ele olhava do meu lado. Esse tá olhando alguma coisa, "depois eu te conto" Po, ele estava incomodado com um rapaz que estava atrás de mim. Em vez de na hora falar, ou trocar de posição, já que ele estava, eu estou querendo proteger, e ele não falava e ele ficou quase que acabou não vendo o show, só preocupado com o cara que estava lá atrás de mim, depois que a gente saiu é que ele foi falar. Quer dizer ele é que me protegeu, não ele não me protegeu não é verdade. Na questão de que se ele estava, então que evitasse essa situação.
- S Até aí tudo bem.
- W Provavelmente ele ficava lá protegendo
- S Até ai ele deu uma de Alice, escuta o que eu estou te falando, mas uma coisa é você pedir uma proteção...
- W Eu falei assim eu não posso, você não pode me tratar desse jeito, uma situação já bem definida. A liberdade, eu não estava fazendo nada e o rapaz também não estava. Era só coisa da sua cabeça. Ficou esta situação desagradável. Mas a questão da possibilidade

que estava sendo, aconteceu que eu estava próximo dele e poderia até encostar. Eu não fazer mais nada, e aí...

S Não, tem horas que você tem que ter um certo bom senso, entendeu, nesse ponto tem que ter um certo bom senso, mas as pessoas erram.

W Eu não entendo muito bem essas coisas não.

S Ah, eu sei lá, eu gosto que minhas coisas sejam muito bem claras, ou é ou não é.

W Claro é isso, você não precisa desconfiar do seu parceiro.

S Eu não estou desconfiando.

S Quer dizer você está lá no, você vai, você sai com ele, e foi em um barzinho buscar um refrigerante, uma cerveja, e deixa o seu parceiro lá, e do lado tem alguém conversando e você vai chegar brigando...

S Não, eu não vou chegar, espera, espera aí, eu vou chegar, oi, se ele chegar e falar olha esse aqui é o meu caso, oh beleza tudo bem, esse é meu amigo, oh desculpa, tal, não sabia que esse era o seu caso, está resolvido.

W Mas qual é o primeiro impacto, quando você vê a cena?

S Não, eu, se eu ver a cena, eu vou chegar perto e querer saber o que é que está acontecendo.

W Exato.

S Quem é que é?

W Em que sentido, o que é que é esse, o que passa para saber o que é que está acontecendo? Porque é que você tem que procurar saber o que está acontecendo?

S Claro. Opa,

W Não está acontecendo nada.

S Nada, eu não quero usar chapéu de vaca.

W Ele esta vendo o que está acontecendo.

S Não, eu não estou vendo o que está acontecendo, no momento eu estou vendo, mas eu não vi o que aconteceu.

C Você não quer usar chapéu de que?

S De vaca.

W Sim, mas se tem duas pessoas conversando, você está vendo elas estão conversando.

S Tá, estão conversando mas e aí,

W Não quer dizer nada.

S Ah de repente você está vendo o que eles estão conversando, você está ouvindo?

W Mas o que importa o que eles estão conversando?

S Para mim importa, se for tão importante, se não for importante eu posso participar também, porque?

W Sim, mas chega uma hora e participa.

S Sim, você acha que eu vou chegar lá e armar um barraco, imagina, não sou Angela Ro Ro, meu velho

W ... invadindo o meu espaço...

S E aí, você não sabe, a Zizi Possi, A Angela Ro Ro tem um dente quebrado, foi um quebra pau que ela teve com a Zizi Possi, quando elas eram namoradas. Não sou a Angela Ro Ro, também de chegar e, o que é que está acontecendo aí? Já fui, mas hoje eu sou seguro do que eu tenho, o que não significa que eu não seja ciumento.

W Eu sei lá, eu não penso assim. Eu não chego assim, dar bolacha. Está a fim ou não está a fim.

S Não, eu vou chegar, onde você vai? Você vai ficar aqui, eu vou pegar duas cervejas, para gente, você quer? Volto com as duas cervejas, está ele conversando com alguém. Toma está aqui a tua cerveja, tá, do jeito que eu ajo, bom esse daqui é meu caso, seria indelicadeza se ele não fizesse isto, me apresentar, o tal, tal, beleza, então tá, um abraço.

Quem era, não é um carinho que veio me cantar. E aí, no caso você chegou e acabou. Então está bom. Ah o meu ciúmes, me permite que eu pergunte, quem era, do que se tratava o assunto, se ele falar não é nada de importante, então tá, se não é nada importante, então pronto.

W Uma pergunta, você tem o ciúmes que leva você a questionar o que está acontecendo.

S Ah claro, com certeza. Eu pergunto mesmo.

W O fato aconteceu, fui cantado no metrô. Ele era bonito. Não, não era muito não. A então ta bom. É então é isso, vou fazer o que, fui cantado, vou fazer o que, vou bater nele.

S Não, espera aí, esse negocio de cantar aí, espera aí, primeiramente, você tem que analisar uma coisa, se ele já chegou falando para você, me cantaram no metrô, quer dizer que foi uma coisa que não interessou para ele. Sinceramente, se ele estivesse se interessado ele não teria chegado na sua cara e falado.

W Teria, por que não?

S Não sei, não sei como você adquire o relacionamento que você tem, eu sei que comigo é assim, se ele chegasse e falasse, ó me cantaram no metrô. Ta e aí, qual é o cara que falou isto, isso, isso. Chegou comentando, eu acho que se ele não comentasse, é que a coisa foi, entendeu.

W Na realidade, eu vejo a coisa de outra forma, pelo fato de ..

S Você é muito zen para o meu gosto sabia.

W A me contar o fato de que alguém cantou ele, não dei importância nenhuma, não muda nada na história, o fato de ele ter contado, quer dizer o seguinte, que ele estava tentando desviar, tentando ir a forra de certa forma, pelo fato de que uma, aconteceu aquele fato de ele achar que eu estava dando bola para o outro cara encostando em mim. Então de repente agora eu tenho que arranjar alguém.

S Ah, para que isso é paranóico também hein.

W Não, eu não estou, está afim, esta é a hipótese, não estou falando que existe, não é neurose... já passou, não deixa lá.

S Gente falando de cantar hoje, teve uma coisa que me surpreendeu.

W Ele ficou sem jeito, mas eu acho que ele tentou causar um impacto. Ou provocar em mim uma coisa mais.

S Ficou simplesmente, um simples comentário. Porque você não pode ter dado mais.

W Posso.. um monte de vezes, mas a que veio na minha cabeça foi essa.

S Hoje eu não tive muito tempo para falar, com o Herman, eu acho que é aquela coisa de um só, e não deu tempo, a gente fica horas no telefone, entendeu, não deu para a gente conversar muito, porque tinha chegado da auto-escola, aí ele ligou, e eu acabei me atrasando para chegar aqui. Mas uma situação engraçada que aconteceu comigo hoje, você conhece a Regina Rodrigues, a cantora, você viu este CD sou lindo dela, a musica sou lindo, ela coloca uma idéia, é uma poesia, eu fui pagar uma conta hoje, uma financeira, e estava escutando aquilo lá, e eu fiz um financiamento, e eu quero quitar isso aí, e chego, bom, então tá, vem aqui então. Peguei e fui lá, paguei o que tinha que pagar, e então o que você está escutando aí? Eu estou escutando Regina Rodrigues, a música um poesia até bonita. Então eu passei para ela o disc man. Nossa realmente é bonita, você gosta de poesia? Eu falei eu gosto. Então é que eu não conheço muito poesias, aí eu recitei um poema do Vinícius de Moraes que eu não me lembro agora, ficou assim encantada, nossa que bonito, estou encantada. Tem um livro, saiu um livro de vários poemas de vários autores brasileiros que seria interessante você comprar esse livro. Você procurar ler, e a gente começou a bater papo, a partir daí, a então ta bom, eu falei para ela que eu estava indo embora... mas você vai me mandar um cartão. Eu vou mandar um cartão para você, é só você me dar o cep que eu não tenho, eu tenho o endereço mas eu não tenho o cep. Eu te dou um cartãozinho, e colocou embaixo o

telefone da residência, então tá, pode deixar que eu escrevo, tem o cep. Tchau. Ah eu vou procurar ler a poesia, tal. Eu cheguei em casa, fiz umas coisas, estou no computador escutando Regina Rodrigues, toca o telefone. Pronto. Oi é a Ana, minha irmã chama Ana. Disse, “fala perua o que é que você quer, estou cansado”. “Nossa esse é jeito de tratar comigo?” Eu falei, quem está falando? É a Ana. Que é que há, não é a Ana. É a Ana. É a Ana, não é você. Ah não é a Ana Clara. Desculpa, minha irmã é Ana também, e a gente brinca, aquelas coisas em casa e tudo bem. E agora o que é que eu faço?

W Convida ela para tomar um chop.

S Eu não, eu sei que ela quer outra coisa, também. Não vou quebrar a cristaleira com ela, de jeito nenhum. Não dá. Chegar em casa, você pega os pratos e eu os talhares. Um fica olhando para o outro. E assim que até eu fui fazer uma poesia para ela. Ela ficou até contente...

C E dar pinta faz parte (?)

S Não de repente não, mas é que, eu não gosto. Como posso dizer, mais reservado, como falei para ela, de vez em quando escorrega. Dar pinta é aquela coisa de laço, é a ultima cor do arco-íris. Ultima coisa, todo mundo vê,. não vê as intermediárias. Não é o meu tipo, não é aquela, se fosse uma coisa reservada, mais tranquilo, eu achei interessante isso aí...

I Mas sabe o que é interessante, eu fico pensando o seguinte, a gente fica, nos dois pólos, assim, a tentativa daquela distinção, ela tem que deixar claro, o que é, e o que não é, essa tentativa de deixar claro o que é e o que não é, ela também é confusa, na verdade. Confunde várias coisas, aí, porque este claro, deixar alguma coisa bem definida, parece que cabe várias interpretações, aí para cada tipo de comportamento, de regras, que se coloca isso, para que causa uma certa confusão, na verdade, também, parece que esse, essa é uma questão que fica regente o tempo inteiro.

W Mas me diz uma coisa que é definitiva?

I Eu não estou propondo nada. Eu só estou tentando colocar mais uma vez, aquilo que eu estou querendo colocar mais uma vez...

S O que você está dizendo é o seguinte, e que a gente tente mostrar que é gay, mas...

I Mas eu estou querendo provar isto,

S Não, o que eu estou tentando entender é o que você está querendo entender. A gente está querendo passar para você, que a gente tem que mostrar que a gente é gay, que o mundo tem que aceitar, mas que por exemplo, desse lado eu já sou mais reservado, e não gosto de me expor, seria isto.

I Quer dizer vocês estão fazendo uma leitura de que a gente está querendo dizer, que precisa aceitar, de ter um determinado tipo de clareza em relação ao ser gay, é isso? E a gente está colocando isto?

S Não eu estou querendo entender, se é isto que vocês estão entendendo que a gente está falando.

C Eu acho que a confusão, ela está aqui dentro, e está lá fora, né? essa indiscriminação, do que as palavras querem dizer, do que, qual é o nosso desejo, ou qual é a nossa interpretação sobre proteção, sobre ser gay, sobre ser hetero, eu acho que isto que está se vivendo neste momento aqui,

S Mas aí sob este ponto de vista...

C Essa discriminação é da indiscriminação que se, de alguma forma não está só aqui dentro, está lá fora.

S Mas analisa deste ponto de vista, se por ventura, a gente vivesse num mundo, vai na Holanda, onde a moda é ser gay, é bonito, é verdade, até tem um monumento homossexual, se vivesse lá, e o povo não está nem aí para nada, se você é homossexual é problema seu, eu não teria, dúvida nenhuma de chegar para a menina e falar, olha me

desculpa mas eu sou gay. Só que nossa situação aqui, terra brasilis, terceiro mundo, eu chegar e me expor, olha gente eu sou gay, muitas vezes, pode falar tudo bem, você paga as suas contas, isso é problema seu, mas muita gente vai falar, olha o viado lá, e começar a pichar entendeu. Eu já fui tão pichado na minha vida, pelo fato de ser pobre, pelo fato de ser negro, e por ser gay ainda, tem aquele pessoal que fala, nossa mas você é gay, tão bonito assim, e eu falo minha filha, para ser gay tem que ser bonito, por que é muita desgraça, para um ser humano só, ser gay, e ser feio ao mesmo tempo, entenderam. Quer dizer analisa que uma desgraça, não que eu tenha, nossa eu estou falando mal do que eu sou, não, eu não tenho problema nenhum com isso, mas você pasta tanto na sua vida, pelo fato de você ser gay, que muita gente quer se esconder, a partir do momento que a sociedade, realmente for como Amsterdã, ou como a Holanda, eu não vou ter vergonha nenhuma de chegar e falar, é o que eu falei a vontade que eu tenho, é de estar com o meu namorado andando de mãos dadas no meio da rua, e que ninguém estivesse nem aí com isso. Então este perfil reservado, esse low profile que eu assumo, talvez seja, talvez não, é em função disso aí.

C Mas eu acho que esse é o tema que não é, fashion, é o tema que o grupo está de que sou, e o que não sou, o que é, e o que não é, então quando, W fala de um sentimento que bate, no seu companheiro, com relação a uma coisa que ele imagina, esse sentimento, está neste momento, sentimento que te bate, quando vem este telefonema, um convite, parece que esbarra, nessa indefinição. O que é .. e o que não é, aquilo que parece um fato para o outro, pode não ser, em situações do cotidiano, pode se falar, nossa isso é do dia a dia, do cotidiano, e quando isso pega situações, um pouco mais profunda que remete a identidade daquilo que se é sexualmente, parece que toma, passa a não ser uma coisa apenas do sentimento, do cotidiano, fica vivido como algo assim, é um julgamento, o que é que vocês estão fazendo, vocês duas, é um julgamento, ó a gente aqui não está para criticar, não fiquem tímidas, mas e vocês estão para criticar? estão para nos discriminar?, então reproduzindo aqui...

W .. na semana passada, olha a gente vai deixar para criticar só no último dia.
(Risos)

C Pra não correr o risco de ser criticado...

W Deixa pra gente pegá-las no último dia. Então pode esperar que os seus está guardado.

I Não, mas esta crítica já está muito presente aqui hoje, sinto ... bem presente, ela esta colocada, porque assim, esta discriminação, que
(todos falam ao mesmo tempo)

I ...é que a discriminação que está colocada fora, assim, ela está colocada aqui dentro, é essa a leitura que eu faço, a idéia que me vem, porque várias vezes foi levantado o seguinte, não mas fantasia todo mundo tem, né. Se vestir de mulher todo mundo tem vontade, como se a gente estivesse aqui colocando, tentando fazer uma diferenciação, que tem coisas que são específicas de gay, e que coisas que não são, é como se estivesse colocado aqui esta discriminação, então a pergunta que vem, as vezes, o que vocês estão querendo? Tem alguma coisa neste sentido? Porque isto circula, eu acho isto, que está acontecendo, é o que...

S Não, mas a questão é que, quando a gente foi, a questão da fantasia, não foi que o W.. ele estava chegando, ele chegou e quis explicar, e não mas isto, não foi uma tentativa de explicar, ele só complementou um idéia, eu pelo menos, interpretei dessa maneira, foi isso?

W Não lembro,

S Você falou assim, mas fantasia qualquer um tem.

W Sim.... a coisa que você falou eu não consegui encaixar...

- C De qualquer maneira, se é complementar, ou não o nosso papel, ao papel de vocês, o que aparece, aqui, eu estou pegando a fala, do complementar para a fantasia, se há uma complementaridade, que se dá neste momento, que lugar que a gente ocupa, neste grupo, que de alguma forma, ele é semelhante ao que ocorre lá fora, que lugar, que outras pessoas ocupam essa complementaridade, para poder entender o que é ser gay, o que é essa identidade. Se da para ela estar tão, esta indistinção, esta mistura, ela facilita, ou não ser menos discriminado, é o tema que está sendo trazido aqui. Será, olha vamos festejar a não discriminação. E ao mesmo tempo, puxa se pudesse ser um Amsterdã, como é que seria isto, da não discriminação, o quanto que isto está tão próximo de ser discriminado, ou não ser discriminado, pelo outro que está fora, está tão próximo, a possibilidade de ser ou não ser gay.
- W ... tudo que se fala muito erra mais, tudo que se fala muito se erra muito, se erra mais, então quanto mais nós falamos desse assunto, mas confuso ele vai ficar, ou seja
- C É melhor não falar.
- W Nós não vamos chegar a uma conclusão ou uma regra ou definir algo aqui a respeito de... da sociedade, da discriminação. Nós vamos ficar falando a respeito simplesmente, vai se falar de um assunto, esse assunto vai buscar outro, vai trazer outro, e esses outros vão se complementando aquele, mas os novos assuntos podem estar, mudando toda aquela imagem que tinha do assunto inicial, já não é mais aquilo, já é outra coisa, porque cada parte, eles caminham num caminho diferente. Quer falar de discriminação, quer falar de homossexualidade, se vai falar de outras coisas, cada caminho tem a sua diretriz, o seu fim, . se você falar todos esse assuntos ... nós não vamos chegar a nada mesmo...
- C Aí fica discriminado.
- W Fica uma indistinção indiscriminada. Porque não dá nem para discriminar, é complicado isso. São vários fatores, vários assuntos,. no caso aí o assunto é proteção.
- C Então voltamos a proteção.
- W Falar de proteção, falar de discriminação, falar dessa coisa toda, não sei, não me acho falar da proteção ou discriminação (...) da discriminação da questão da proteção. Não pelo fato de estar dando definições para as coisas do porque ser gay, do porque fazer isto ou porque ir naquele lugar, porque ela cantou ele...eu tive o meu caso, o problema de desencontro... Onde tudo isto vai gerar uma proteção, o que esta proteção tem a ver com toda esta questão de discriminação.
- I Você quer saber onde é que nós vamos chegar com tudo isso?
- S A gente está falando tudo isso e errando mais, é isso...
- S A gente começa falando muitas vertentes e acaba por perceber o que ele está falando mesmo, eu estava pensando agora a pouco, que você estava falando, porque o fato de eu ser ciumento tem a ver com proteção? Entendeu, não sei, a gente está tentando assim... Muitas vezes a gente começa, entra num assunto, talvez para vocês seja interessante, tem muito que está comendo bola aqui, se elas dão corda é porque alguma coisa tem.
- W Não é que elas dão corda, é verdade o que a gente fala, está certo.
- I Mas fica de qualquer forma, a idéia de que tem uma coisa, teria uma coisa certa para ser colocada.
- S Não, de repente, eu acho que nestas variações que a gente dá, tem algum fundo, tem alguma coisa que de repente, até interessa.
- W Mas você está preocupado com isso, eu não estou.
- S Não, eu não estou preocupado, sei lá,
- W Eu estou preocupado em relação a questão do assunto de proteção, e todo esse, o que é que a gente vai fazer com isto. Estamos errando mais do que acertando, tipo assim...
- S Ou a coisa está toda confusa...

- W ... eu não estou falando de proteção em si, de outras coisas que estava vindo...
- I É como se vocês estivessem fugindo daquilo que foi proposto ou vocês estão errando neste sentido não estão cumprindo o papel adequado...
- S Nem errado, ou está tornando a coisa muito confusa, por que por exemplo...
- I Ele está confundindo a gente.
- S É, como se desse a entender que a gente quisesse confundir vocês, e não é esta a questão. Porque você falou assim, no começo se falou isto, mas está entrando em choque com isto, eu acho que sei lá, a gente não se preocupa muito com essa coisa, a gente quer viver, a preocupação, sei lá a proteção, e a sexualidade está inerente a cada ser humano, desde que nasce, a proteção é bom senso, a maneira como se isto se manifestou, sei lá, os anos vieram mostrando para a gente, esta questão da proteção...
- W Por falar em proteção, eu nunca me senti tão desprotegido como aqui nessa sessão...(risos)
- S Entendeu?
- C O que me chama atenção, desta fase inclusive, o que chama atenção, é que o quanto que, essa coisa confusa, que é apontada, esta confusão, é meio assim, se perde o controle, que falar daquilo que é mais conhecido, de uma certa forma dá uma segurança, essa suposta proteção, não sei, se fala de tantas proteções, mas essa tranquilidade de que, na não confusão me sinto menos, desprotegido, e parece que a confusão, aqui, está muito próxima do desconhecido, então confuso é aquilo que se desconhece, e mexer naquilo que você desconhece, gera uma certa sensação de desproteção.
- S Não eu acho que nem tanto, que por exemplo, se você quiser conversar com a gente, vamos supor que feche aquela pesquisa, e fale assim então tá, para a gente procurar entender, vamos tentar entender o dia a dia gay, e o que é que vocês fazem. Ou o relacionamento, ou uma coisa mais ampla, tem conversa para falar aí, não que a gente queira esconder alguma coisa, ou mesmo esta confusão coloca a gente com o pé atrás. Mas eu acho que é o que ele falou falou uma coisa que até tem um pouco a ver, até que ponto, tudo o que a gente está falando tem a ver com o que a pesquisa está propondo. Eu até brinquei, você viu eu falar, eu acho que se ela escuta a gente falar, é por que alguma coisa no fundo tem a ver. Mas a gente não está conseguindo encontrar um ponto de fusão nisso daí.
- I Então a gente pega esta questão que você está trazendo, e a gente vai para mais um encontro, aí a última vez vocês vão.
- S Quem vai pagar a cerveja. Ai você ficou quieto
- W Quem senta na ponta da mesa é que paga a conta.
- S Dançou, neguinha.
- W Mas uma vez, estamos terminando mais uma sessão, com dúvidas. Ela foi um pouco melhor do que ontem, do que a outra sessão...

GRUPO OPERATIVO I - Sessão 5

- S Estou indo embora daqui a duas semanas. Está todo mundo ligando, enchendo o saco
- W Te deixa de mal humor?
- S Quando eu tenho um compromisso, eu não consigo dispensar as coisas, sabe, então fica no telefone, gente eu preciso ir embora, não vejo mal.
- C É sempre bom esticar...
- W Eu estou de mal humor por causa de telefone também, perdi o meu celular, não consigo achar o bichinho, eu não consigo ficar sem ele.
- S Perdeu aonde? Na sua casa?

W Sei lá, se eu soubesse ele não estava perdido.

S (risos) Liga, se tocar em algum lugar...

W Eu liguei, mas ele não responde... vai cair na caixa postal... Eu vejo celular tocar, falo "Ai cadê meu celular"

S Detesto celular, Já tive, não tenho, eu não quero.

W Já estou tão acostumado com isto, tem que estar aqui do lado.

S É quase mais importante que o namorado dele.

W ... tá ligado... tem um ligação comigo

S Mas ele (namorado) sabe que você perdeu?

W Não, só descobri agora... Já estou tão acostumado a ficar com ele, que eu não sei, eu não senti falta dele, agora quando eu vinha vindo para cá foi que eu notei... Eu não sai de casa

S Telefona pra ele!

W Não, telefono da minha casa, ligo do escritório ou da minha casa. Eu não saí de casa hoje.

C Então, estão se perdendo coisas...

W É, eu falo assim quando eu perco alguma coisa, os doendezinhos estão se divertindo comigo, eles estão brincando comigo, estão escondendo tudo.

S Pede para São Longuinho, dá três pulinhos

W É, eu já fiz isso, quem sabe quando eu chegar em casa eu encontro.

C É, um vai viajar e as pessoas, para não te perder, te ligam.

S É ligam para encher o saco mesmo, é aquela coisa, nossa senhora, é uma... putis, ligou um amigo meu Antônio, eu não agüento aquela bicha, ela é esteticista, ela entrou numa de que está apaixonada, e filho pára com isso.

W É por você?

S É, agora.

W Quando está se perdendo é que se descobre, quando tá vendo que você vai embora, ela resolveu abrir o jogo.

S Sei lá, não tem nada na cabeça.

C Que outras vocês estão vivenciando?

S As minhas são os meus amigos, tipo assim, ela estava meio deprê, dando tchau até para pedra na rua, frequentando lugares que eu ia ou que eu ia e há um bom tempo eu não fui mais, Ibirapuera... então tem muita coisa, quer dizer, ... estou meio deprê.

C Mas de qualquer forma, deixa através do telefone que está em casa, do telefone perdido, que estão falando de uma comunicação que está se quebrando, que acho que aqui hoje a gente também está,

W Também está se perdendo alguma coisa hoje,

S Eu acho que é tudo é um ciclo, sabe, mesmo que a uns vai falar, você vai continuar amigo, quando você vier visitar São Paulo, que a gente, ...não vai ser a mesma coisa, sabe que não vai

W Também pensando nesta situação, comecei a lembrar de alguns fatos da vida. Quando a gente conhece várias pessoas, quando você está reunido com elas, quando o gueto se encontra sempre parece que a gente está ligado, tá unidos por alguma coisa, ou por estar ali naquele local ou no trabalho ou na escola ou no curso, alguma coisa, a partir do momento que você passa a viver em outro local, mesmo que aquela amizade seja forte, naquele momento, ela passa a se desfazer, a diminuir, sumir de vez em quando, de vez em quando, vai ficando cada vez menor até que chega num ponto que perde esta ligação, a gente começa a sentir um pouco essas perdas assim, que é tão importante para a vida da gente e de repente a gente tem que, vai repensar nisto daí, tem que falar assim, porque tudo o que a gente fizer tem que fazer o possível e o impossível, a gente

tem que aproveitar bem aquilo, porque a gente não sabe quanto tempo vai durar. Então talvez, essas coisas de perder tem que ser como um boa diferença, não como um algo passageiro, acabou, perdeu, perdeu.... Tem que aproveitar o suficiente, enquanto tiver, entendeu então o que ... um texto, chama "A árvore da vida", aí a medida é assim, que: na vida da gente não encontra muitas pessoas, e estas pessoas não te chamam de amigo, os meus amigos, da vida da gente, são os amigos pai, e o amigo mãe, após algum tempo, a gente encontra um amigo irmão, e depois, com o tempo passando, você vai encontrar os amigos, que são amigos, não são verdadeiros, não muito verdadeiros mas são amigos, e depois você vai encontrar pessoas que são amigos que dura um dia, uma semana, uma hora, alguns minutos, que te faz rir, te faz chorar, que te faz lembrar alguma coisa, também te dá menos paz, e de repente você também vai passando a sua vida encontrando um amigo que perderam amigo, mas no final tudo isto, tem um sentido, que a gente, como a gente encontra alguém, que te dá algo, também recebe algo.

I Que tipo de amigos somos nós, aqui.

W É uns amigos não avaliados ainda, essa relação de amigos só que escutam, e a gente que fala, então a gente de certa forma vai sentir um pouco de falta dessas quartas feiras aqui.

S Vai mesmo,

W De ter alguém para nos ouvir, ou no começo tive dificuldades para falar algo, e de repente a gente quer falar.

S Tem coisas que de repente chega na vida da gente assim, mais boas que pareças, mas na hora que a gente vai descobrindo que está terminado, nossa passa por uma perda tão grande, acho que esta ultima semana minha foi .. para a próxima semana, sábado, se Deus quiser, se o meu primo não der para trás. E agora é o que você falou, eu estou vivendo uma sensação de perda, mesmo porque as coisas estão se escapando assim, quer dizer...eu acho que é uma coisa esquisita, foi ontem, um fato, com esse negocio de e-mail, eu recebi um também, do power point, fala da vida da gente. Tantos e tantos anos que no final da vida, a pessoa com noventa anos, é descobri que eu poderia ter amado do que amei. Eu vou te mandar este e-mail, aliás você recebeu o meu e-mail

W Recebi.

S Descobriu quem é o cara?

W Descobri. Você só me mandou, porque você falou que ela era tua amiga, sei lá, ..

S Qual, a letra?

W Não você falou que ia me mandar alguma coisa, mas eu não sei o que é que é, eu estava só aguardando.

S Não você falou que ia procurar.

W Sim, mas você ia me mandar alguma coisa, a respeito disso, o nome da música é isso.

C Bom então vocês também tem ligações que a gente está fora, que a gente também está perdida.

W É mas eu estou falando aqui... nós trocamos emails.

S A gente vai tricô até a Sé. Então é aquela coisa de comadre, então e.

W Mas eu pesquisei na internet, aí encontrei a música, ouvi... é uma coisa

S Tem uma música neste cd dela que chama "Nobreza", gente eu nunca vi música mais gay do que aquela, nossa amizade sorriu, nossa amizade sorriu num dia de abril, uma coisa mais ou menos assim, eu com medo mas você simplesmente sorriu e eu pude ver a nobreza talhada de frente e esta amizade foi crescendo... O amor é assim, dois homens apaixonados. E eu não sei, fiquei completamente... Mas é isso.Sei lá. Domingo passei por uma situação tão...nervosa Aquele cara dormindo, liga o Herman "oi tudo bom? Vou passar uma surpresa para você, tó" Passou o telefone "Ouve esta conversa em português" Estava lá, ele tinha conhecido um brasileiro lá no prédio, eu estava conversando com ele "mas onde você conheceu ele", "não sei, eu estava no banheiro e

ele me pediu para segurar a garrafa”, ele está amando pelo telefone. Eu falei, “Passa esta galinha aí já”. Nossa, esse homem não sabia onde enfiar a cara. “Mas se eu estivesse fazendo alguma coisa, você acha que ele ia colocar a pessoa para falar com você, pensa um pouco”. “Pensa o cacete. Não pensa nada, você sabe o jeito que sou, não devia de ter falado” “é eu encontrei e achei interessante se fazer amizade por que pelo menos quando eu não estiver em casa, você vai ter alguém para conversar de vez em quando”. “Ah, ta... Mas nunca tinha me dado uma crise de ciúmes tão grande como agora, sabia.

W É uma situação de impotência, de não poder estar lá agora, dar uma chacoalhada.

S Volta para casa, falei “se joga Alice, se não sabe crescer”

C Se joga o quê?

S “Se joga Alice”, é uma coisa que a gente fala, desce para a terra. Desce daí, se você não sabe descer, se joga... É então você (para Ianni) fez umas anotações na semana passada, você falou que ia perguntar para a gente e agora...

I Eu ia perguntar?

S É, “isto daí a gente conversa na semana que vem”

W E o tema de hoje seria.

C Valeu a pena?

W Esse é o tema?

I É eu acho que o tema está bem colocado aqui. Fico pensando aqui, é interessante esta história que vocês estão colocando aqui, das perdas, assim de como é que a gente vai descobrindo que as coisas eram boas, a gente não aproveitou o tanto que deveria ter aproveitado, e vai se dar conta quando as coisas vão sendo perdidas. E eu fico pensando que fica uma, quando a gente está prestes a perder, entre aspas, uma situação de perda aí, é vem assim uma idealização daquilo que ocorreu, a gente não consegue ver muito, aquele outro lado, de coisas que também foram difíceis, que são ruins, das raivas e por aí vai. Então, eu acho que fica esse lado, de repente, aquilo que se perde é o melhor do mundo, olha nós vamos perder, poderíamos ter aproveitado, já pensou, chegava aos noventa anos e não ter aproveitado tal situação, eu fico pensando que talvez passe alguma coisa por aí, que para a gente, está havendo tanto de... a história da perda, mas na verdade, aquele final que não é passada parecia alguma coisa, o seguinte, a gente está guardando tudo aqui para chegar no último dia e dizer, jogar os cachorros e fazer as perguntas. Quem na verdade, parece que têm muitas perguntas são vocês. Porque ficou sendo esperado perguntas, né, acho...

W Como terminou na semana passada seria da gente, voltaria a falar sobre proteção, não é? De certa forma a gente está se sentindo agora desprotegido. Vai perder isso aqui, e vai ficar assim desprotegido, e aí, para quem que eu vou ficar falando sobre isso.

C Sobre isso o quê?

W Sobre

S Não porque, querendo ou não querendo...

W Eu acabei me acostumando todas as quartas feiras vir para cá. Eu saí de casa e falei para a minha mãe, olha hoje é o último dia lá, no encontro... (?) mas parece que não foi muito bom (?)

S Não olha, hoje foi o último dia da minha auto-escola...

W ... Ai que bom, para ela, sinal que estou ... que eu terminei alguma coisa. Ficou meio chateada..

S Porque por exemplo, a gente pode chegar..

W ... perco o celular, perco o grupo, perco mais o que....

S porque uma coisa que a gente tem, a gente falar do que a gente sabe, por exemplo, a gente que é ...gay, você sabe o que a gente tem, entendeu, quer dizer, se a gente for falar

vai ficar numa redundância..., por que eu sei do que ele está falando, e ele sabe do que é que eu estou falando, quando a gente está conversando assim abertamente. Agora aqui não, é diferente. Quando você, quando eu fiz análise um tempo, depois eu precisei parar, por causa que é meio caro, totalmente caro, R\$ 150,00 por hora não dá, e deu aquela sensação de, “pô quem é que vai me ouvir agora?”, minha mãe? Ela vai sempre falar, “não filho você tem razão, entendeu?”, mas não é uma coisa diferente. Tem um amigo meu que ele é psicólogo, Paulo, ele é psicanalista e psiquiatra, é uma que pessoa que eu vou sentir muita falta, muita falta mesmo. No ano passado quase que, praticamente a gente passou todo, todos os dias, para bater papo. Só na quarta feira que não. Passou a semana inteira, até o sábado, o domingo não, domingo eu fui ver outros dois amigos meus. Na segunda, aconteceu um problema com a família dele, não deu para a gente se encontrar. Ontem, deve Ter acontecido alguma coisa ou ele devia ter me ligado quando eu estava no telefone, por que eu deixei recado na secretária eletrônica e ele não me retornou, mas eu não sei, parece assim uma coisa assim... o Marquinhos também vou sentir muita falta. O Luis, o Jo... É engraçado é que vai chegando o dia, até um dias atrás eu estava numa ansiedade de voltar para Ribeirão, por que lá só a minha família sabe que eu vou viajar... e chegar e contar para os amigos que está acontecendo isso, mas não, agora que está chegando perto, praticamente menos de duas semanas, é uma sensação estranha, de olhar para trás e aquela coisa, vou chorar...

W Pensei nisso também.

S Alguém fala algo...

C A sensação que dá, é que... essa proteção, que você definiu, abre o seu tipo de protegido, está muito próximo, de assumir um estado de fragilidade.... silêncio

W ... (?) estou presente eu estou vivo aqui.

C A fragilidade é morte?

W Como assim?

C Você está vivo?

W Vivo no sentido de viver, não no sentido de estar vivo, foi o que entendi.

C Explica melhor

Wé vivo, quando eu digo que você está vivendo,vivendo nesse momento, ainda. A partir de um certo momento eu não estarei vivendo, estarei fora desse mundo. De não ver mais, esta perda de.. não sei explicar, mas eu sei que vocês estão entendendo o que eu quero dizer.

S A diferença entre vida e morte e de aproveitar o momento

W O que eu falei é de momento... espaço estético (?)

S Não, dá uma sensação de fragilidade sim, por que por exemplo, aqui em São Paulo, fora, você pode até ter passado fome aqui, é agora por exemplo, não me preocupo com essa coisa, não é uma coisa que me venha preocupar atualmente, mas ao mesmo tempo, sei lá, é uma sensação tão esquisita... estranho mesmo, não sei explicar. Sei lá, é uma coisa assim tipo, as pessoas que eu vou deixar ... vão para uma academia, eu fico com o telefone de todo mundo, só que eu sei que não vou ligar. É perda quase como um sentido de morte, Sei muitos vão me visitar. O Paulo, por exemplo...

C Está fazendo um balanço das perdas da sua...

S O Paulo pode ser, sei lá, ele viaja muito para Italia, a família dele é de lá, está por perto... Então, são pessoas que eu não vou sentir muito.

I É uma pergunta: é um corte assim, você não volta mais para o Brasil, é isso?

S Volto, não sei quando. Por que eventualmente, uma vez por ano, entre de férias, ... apesar de ser trabalho e não é, ... tenho um amigo... são coisas de incompleta incerteza. E é esta incerteza que faz com que neste momento, eu vá me desvencilhando de

algumas coisas, que eu não sofra mais....o máximo que vai acontecer é ele me deixar na rodoviária e aí eu vou para casa, você volta...é difícil a gente olhar para trás...

C Está me ocorrendo uma lembrança da última sessão que, disto que você está colocando agora, não sei se faz sentido, eu estava pensando, você fala da incerteza que dói, que causa um desconforto. Na sessão passada, falavam um pouco dessa indiscriminação, dessa identidade, da pessoa exemplo, exemplo da situação da loja, da menina que liga, que pede para tomar um chop, e

S Na quinta feira, queria tomar chá de cara.

C E que de alguma forma, assim, a gente conversava a respeito aqui, do quanto que a não explicitação, a não definição de uma identidade sexual pública, essa incerteza, na relação com o outro, abria a possibilidades do outro imaginar o que quisesse, fazer os convites que quisesse, e aí se dizia o quanto que ficava numa situação de saia justa, de essa incerteza que trazia, algum desconforto. Eu estou querendo fazer um paralelo de outras incertezas que aparecem hoje, incertezas de mudar ou não, de perder os contatos, amigos, de que tipos de amigos que se faz, que tipos de amigos que se precisa, eu acho que vocês estão fazendo dessas incertezas, das várias definições de amigos, de várias definições que não são únicas, que não são absolutas, e que me remete a esta indiscriminação, para a gente talvez puxar de novo, para a questão que nos uniu aqui, que foi pensar a sexualidade e as formas de proteção dessa sexualidade de... o quanto que vocês trazem, essa vivência da incerteza, a incerteza de poder viver esta identidade, será que esta incerteza de viver essa identidade sexual, também causa este desconforto, esta sensação de fragilidade, de des-protegido.

W Particularmente não, eu não consigo ter incerteza na minha... em ser gay. Existe um monte de coisas na vida que nos causam incertezas. .. eu já passei por esta fase, de incerteza de ser gay.

S Mas eu acho que tem uma fase dessa incerteza que é quando a gente descobre, o que é... o que geralmente a maioria das pessoas chamam de fases do abismo, quando você se mergulha dentro de si, não quer ver ninguém, se tranca dentro de um quarto, é uma coisa de sempre se explicou que era errado, que aquilo era pecado, que aquilo era contra a natureza, que contra a vida. Então você começa uma briga com você mesmo, por um bom tempo, e a minha sorte foi que, nessa luta, nessa coisa minha, nessa fase do abismo, quem me ajudou muito foi minha prima, que ela é lésbica, e na época ela, sei lá não estava com ninguém, mas ela me deu muita força. Me levava para sair e mostrava que a coisa não era bem assim, até que depois, que a minha família soube, que eu me aceitei, daí depois durante um tempo eu escondi da minha família... por causa de uma frase da minha irmã, tenho dois primos que são gays, e um deles está com AIDS, e um é deficiente físico, e aí minha irmã, uma frase que ela colocou: O Elias até pode ser mas o Amilton ele é gay porque ele é sem vergonha. E esta ficou na minha cabeça, então eu fiquei com medo de admitir isso e ter este choque. A partir do momento que eu cheguei a admitir, eu falei não, acontece isso, isso, isso, ela brigou com a minha mãe, e a gente parou, e aí acabou, então para mim nada mais me preocupa, depois que a minha família soube, o resto, quer me aceitar desse jeito, aceita, se não quer não aceita. A gente pasta, você pode ter certeza, no primeiro momento que aquela coisa de aceitar ou não e aí? Como é que eu vou ser tratado daqui para frente? Como que o pessoal vai me olhar? Como que a minha família vai me olhar? Aí vocês começam a imaginar, sendo gay, em cima daquelas coisas caracterizadas... que a primeira imagem que você tem na cabeça não é de uma pessoa normal, que tem preferência pelo mesmo sexo, não. Uma coisa caricaturada, cheia de pluma, cheia de maquiagem, e toda enfeitada, e que todo mundo começa a rir quando passa na rua e tira sarro, a primeira imagem que todo mundo tem, que veio na minha cabeça foi essa, e isto que me causou um desconforto.

- W No passado tem... (?)
- S Não me preocupa se as pessoas sabem, ou não sabem, eu acho que eu pago as minhas contas, eu vivo a minha vida, eu levanto, ando e durmo sem precisar de ninguém, mas atualmente eu também não penso este tipo de coisa.
- W ... isso é a resposta que vocês queriam ou é outra coisas...
- C Não temos uma caixinha de surpresas.
- S Mas não é mais ou menos em cima disto. Sei lá, esta...
- W Quando há assim um ponto para pergunta, a gente fica assim, vou pegar um ponto desta pergunta, que a gente acabou falando. Às vezes você quer mais coisas, então seria legal que você avise... e buscar mais também.
- I Eu acho que na semana passada, tem um questão sim que vocês faziam no final, que é essa história de, acho que tem a ver, de nunca ter se sentido tão desprotegido quanto dentro desse grupo, é uma fala, assim em função das coisas, sei lá que a gente faz, vai vivenciando, vai tendo aqui, e que vocês levantaram, que tinham trazido muita coisa, tantos assuntos, então quanto mais a gente fala, mais a gente erra, era essa a idéia que vinha,
- S Essa é a frase, que até a gente que falou, isto fica para a semana que vem, daí eu perguntei. Você quer que a gente fale da nossa vida, do que é que é, como é que foi, de transformar, como é que é o gay, do relacionamento, mas eu não sei, tem horas que a gente, se apega num ponto e começa a falar e acha que está fugindo do assunto, por exemplo, a situação de perda, de estar indo embora eu não sei aonde se encaixa na sexualidade. Estas coisas que as vezes causam um certo desconforto, se a gente começar a falar uma coisa, e no final das contas se vocês pegarem quatro ou cinco fitas dessas, e jogar fora e falar, não essa (?) isso.
- I Então mas eu acho que é assim, é importante, eu acho que é isso.
- W Esse É seu é assim, É
- I Não, não é isso, eu acho que
- C Esse é o nosso tema,
- I Mas eu acho que é assim é importante, a gente pensar nisto, porque olha só, eu acho que foram tantos assuntos que foram aparecendo, que, e que tudo isto, vocês vem, a gente está colocando aqui o tema da sexualidade, e proteção em relação a sexualidade, na verdade estes temas todos que foram aparecendo, a gente vai vendo como que complexo, este tema, e que não é uma questão, que a gente consegue pegar e dizer é assim e assado. Eu acho que os temas, que foram aparecendo, são temas que dizem respeito, a vida das pessoas, eu acho que várias vezes vocês frisaram isto, isto é de todo mundo, isto não é uma questão do gay, esta questão é, então assim, a questão de proteção, ter bom senso, esta coisa toda, tem a ver com todo mundo, tem a ver com o gay, então...
- S Então e uma coisa que mostra, que é uma das coisa que a gente está, que a gente quer que as pessoas entendam, que, eu acho que nesta análise que foi feita, que primeiro você citou estes vários temas, que é de todo mundo, é que a gente é igual a todo mundo.
- W Que a discriminação...
- S Tem a discriminação no hétero, a gente sente como o hetero, a gente chora, a gente ri, sabe, a gente tem a mesma sensação de perda, os medos e as mesmas ansiedades que tem qualquer pessoa, a gente só tem preferência pelo mesmo sexo, como nasceu isso, como eu comecei a gostar de homem, eu não sei. Eu tive namorada já, só que de repente eu olhava, tal, passava uma pessoa na rua, me chamava a atenção, tinha olho corria, não virava a cabeça. Eu não sei como apareceu, sabe eu não sei se tenho cromossomos x, y ou z, sei lá.

W Eu por exemplo, parecia que eu fui assaltado, foi roubado um beijo de mim por um homem. Foi um amigo meu, até então eu não tinha essa coisa com a minha sexualidade, Um amigo meu que ele gostava sempre de mim como um amigo, e um dia eu fui no cinema com ele, ele chamou para ver o filme, eu fui, e tinha um casal gay, sentado em duas cadeiras ... e ele me chamou lá para o fundo e falou “e aqueles dois caras ali se beijando?” eu respondi que achava normal. Aí ele me agarrou, eu fiquei assim perdido, com vontade de sair correndo do cinema, a coisa mais maluca. Foi aí que comecei a pensar nessa sexualidade, mas foi assim um beijo roubado, foi um atrevimento, um tratamento ...foi que eu acordei para a sexualidade.

S Gente, a Bela Adormecida, tá vendo?

W Nunca imaginei que um dia um homem ia chegar e me agarrar e me dar um beijo, foi uma surpresa e de repente..eu tive uma amizade muito boa com ele para depois...

S Mas acabou?

W É, mas aconteceu o seguinte, é isso eu vou contar a história, o cara, aconteceu o seguinte, é que eu conhecia a família deles, pais tias e uma prima dele que era apaixonada por mim, só que ela fala para ele, e ele tinha falado para mim. Acontece o seguinte, que uma semana depois que eu estive lá com ele a gente ficou sem se falar, eu não quis mais falar com ele, me afastei dele totalmente. A tia dele sofreu um acidente, pegou uma fratura e foi parar no hospital, e essa tia ficava chamando o meu nome, que não ia lá visitar. Aí ele me procurou, eu não quero conversar com você, sai de perto de mim, aí ele falou: é um caso sério, minha tia sofreu um acidente e ela só fala em você.... perguntei onde ela estava, ele disse que estava ali perto. Aí eu fui no hospital com ele, sem conversar com ele, entrei no quarto, fui falar com a tia dele. Ai ela me pediu para cuidar da filha dela, me chocou aquilo, uma pessoa me pedir para cuidar da filha dela, porque a filha dela tinha dito a ela que tinha um sentimento por mim, então ela achou que a pessoa que tinha que cuidar da filha dela, porque ela não tinha mais ninguém, porque o pai dela, era alcoólatra, não ia cuidar da filha. Então ela encarregou-me disso. Eu não respondi nem sim nem não. Não assumi esse compromisso. fiquei só ouvindo ela falar, e sai do quarto. Um dia eu estava no corredor do hospital, ele me agarrou e me beijou de novo, ai aquilo me deu, eu já estava com aquilo na cabeça da tia, e o cara me agarra novamente no hall do elevador dentro do hospital.

S Ninguém viu?

W Não estava vazio aquele andar, aproveitou me beijou de novo, xinguei ele pra caramba. Entrei no elevador e sai, e aquilo mexeu comigo dentro “não, não é possível”, esse cara.... saí do quarto ela faleceu. Acabei frequentando a casa da prima dele, para poder, para ela sacar um pouco o que tinha acontecido, a mãe tinha morrido realmente, aquela coisa, aquela aceitação... e ai acabou..... foi aí que começou a minha vida sexual gay.

S A minha foi um beijo, também. Eu fui numa boate gay, aquela coisa não, sou ou não sou, sou ou não sou, mas ainda não dá para jogar cortina, não admitindo, e uma vez estava chovendo, foi uma semana antes do carnaval, estava uma chuva, uma chuva, estava eu e outro, o disc jockey, e tinha o holandês, ele levou, ele ofereceu uma carona pra gente. Eu pedi uma carona, sabe quando a gente é inocente, estava chovendo, vou pegar um ônibus e ir para casa, e ia ser meio difícil, era um lugar afastado, ai ele pegou e ofereceu, não eu deixo vocês em casa, não se preocupa não. Ai ele pegou e levou, deixou o Marquinhos, e estava indo para casa, no meio do caminho, ele pegou e me deu um beijo, eu fiquei com aquilo na cabeça e aí que entrou a fase do... foi bom, sabe foi gostoso, foi, não houve uma sensação de espanto, nem de ...

W Não porque foi ridícula, foi o maior escândalo o primeiro beijo.

S Não mas também.

- W Ele atrás de mim na São João, correndo atrás de mim, e eu não querendo falar com ele, e ele chorando, foi uma cena.
- S Não mas naquela época foi gostoso, eu participei e comecei, já chamei minha prima, ela trabalhava no bar, no dia seguinte ela chegou, eu cheguei mais cedo em casa, ela sempre ia para a gandaia, a noite, e voltava de madrugada, de manhã. Eu cheguei de manhã, morrendo de sono, quero falar com você, o que foi ... relaxa, relaxa, deixa eu dormir, depois a gente conversa....e aí ela começou me ajudar, e o engraçado é que até então, aí uma frase que ele pegou, eu perguntei isso para ele? Você tem alguém? Não por que? Você quer ser. Não que é isso, não topo esse tipo de coisa. Mas é engraçado que naquele dia eu estava saindo da discoteca de manhã, a caminhonete dele estava parado em frente, no posto em frente, e ele estava com outro carinha. Dá um ciúmes tão estranho, uma sensação de sei lá, de perda.
- W Do primo falecido (?)
- S E depois eu venho a saber, e depois, um bom tempo depois que ele sumiu, eu vim a saber que ele tinha ido embora para a Holanda, e ele tinha falado para a Zilda que era uma pessoa que trabalhava lá, que se eu tivesse dado a oportunidade para ele, ele tinha me levado para Holanda junto com ele. ... Bicha burra (esmurra cadeira em tom de brincadeira).
- C Foi por que você não foi para Holanda.
- S Não conversei com ele, porque eu não fui para Holanda. Então foi um monte de coisa, sabe, a primeira sensação de perda, foi um rapaz da minha altura, um olho azul.
- W O engraçado é o seguinte, quando a gente terminou... ele estava diferente, eu não sei o que aconteceu, nós não tínhamos brigado, não tínhamos nada, de repente ele chega no escritório onde que eu trabalhava, me chama no balcão, e fala acabou. Eu não podia sair do escritório e falar porque acabou, e ele falou acabou, e virou as costas e foi embora, e aquilo, sabe, ficou, tão assim, não podia sair aquela hora, e ele, falou só acabou e foi embora, e isto ficou na minha vida assim, ele nunca me respondeu o porque é que acabou, eu queria saber o porque é que acabou, mas nisso eu fiquei atrás dele, depois um ano, querendo saber o porque, e ele nunca me respondeu, e ele sempre me humilhava mesmo. Quando eu chegava, ele saía, até do banco ele saiu, ele pediu demissão do banco, foi embora, tudo bem, depois de um ano eu esqueci. Aí passando treze anos depois, eu estava assistindo a Silvia Popovic, e estava falando sobre “ele foi embora e não me disse o por que”, espera aí, o meu primeiro beijo, da história com ele, de ele ter ido embora, ele me deixou desprotegido, aí eu fiquei falando, e aí eu pensei “preciso procurar ele, hoje” Depois de treze anos eu vasculhei minhas coisas e achei. Liguei pro telefone dele, falei com ele... mas quem tá falando? É o W. Pensou, aí ele lembrou “o cara há quanto tempo”, começamos a conversar, voltamos a nos encontrar novamente, depois de treze anos de separação e o que eu queria saber dele era isto, e ele pegou e falou assim, depois eu te conto. A primeira pergunta que eu ia fazer quando liguei era pra saber isso, ele falou que depois ele me ligava, para falar porque, e não ligou, passou dois dias, eu liguei novamente, aí ele pegou, e falou não tenho resposta, eu não sei, agora se ele não sabe, ou ele não quer dizer, mas ele não me respondeu, isto até hoje, até aí a gente passou a se encontrar. Como eu dou aula de informática, ele passou a ser meu amigo. Eu dou aula para ele. E a gente começou a voltar, a ser amigo, e eu comecei a dar aula para ele antes do curso, uma coisa assim que eu traço disso, é a seguinte, que enquanto eu vivi com ele, eu gostava muito dele, e tinha um relacionamento muito gostoso, e de repente acabou, sofri bastante, passei aquele ano todo pensando nele, querendo saber. Passou depois treze anos, eu tive coragem de ligar, encontrar, e ele também não soube me dizer porque. Eu passei a dar aula para ele e eu descobri, o seguinte, que eu não tenho mais nada a ver com ele, depois de treze anos, eu

acho que só o fato dessa coragem de ter ligado, de querer saber o motivo, mesmo que ele não soubesse o porque, já quebrou todo um ciclo que ficou até, de uma coisa mal resolvida, do passado, mesmo que não se resolveu, vamos dizer assim, ele nunca disse foi por isso ou por isso, mas o fato de eu ter reencontrado ele e ter, e voltar a ter um relacionamento de amizade, como o que a gente tem agora, amanhã eu vou dar aula para ele, e então eu descobri, que a gente não tem mais nada, o sentimento mas só essa dúvida do porque, eu fiquei sem saber. Mas não que incomode mais, eu não saber o porque, mas é que eu descobri que já não é mais uma pessoa importante para mim, talvez eu até, eu ter deixado isso passar, e eu nunca saber o porque, eu nunca tive coragem de perguntar o porque, era uma prisão que eu estava..Depois que conseguisse saber o porque, mudou bastante, no sentido que .hoje eu vejo ele como um amigo e eu também o vejo

- S Eu tenho esta sensação, só que não é esse o caso, nosso final foi, nosso amor foi recente, a gente terminou em janeiro, um dia desses foi meu aniversário, ele esteve em casa, umas vezes chorando, querendo voltar, mas esse tempo que eu fiquei sozinho, no apartamento, porque no primeiro dia que eu fiquei no apartamento, foi o pior dia da minha vida, eu sofri mesmo, você está acostumado a estar do lado, levantar ver a pessoa, então é a primeira noite, você levantar e não ve, estar olhando para a cama e não ve a pessoa do lado, pastei, ele esteve em casa, e eu notei que não tem nada a ver, não dá, se a gente vai, eventualmente voltar, eu não daria uma semana para estar separando de novo, então minha personalidade mudou muito, sabe, o que eu falo para todo mundo, as pessoas não percebem que eu cresci, que quando eu conheci ele, ele estava com....Hoje eu estou com 22 e ele está com 41, não hoje eu estou com 32 e ele vai fazer 53 anos. E o engraçado é que por exemplo, o nosso primeiro dia dos namorados sozinho, eu não senti a ausência, eu senti falta, porque..
- C Então é interessante que, neste momento, as perdas vão sendo possíveis de serem elaboradas, né então, lembradas, e como uma coisa que foi, elaborada, vivida, e que não matou e para essa sensação do beijo roubado, que abra para a vida, mesmo com a morte de uma mulher, morrem as mulheres e nascem os homens, e depois o mesmo, o mesmo movimento de roubo, te rouba a possibilidade de continuidade, e aqui a gente está vivendo, uma
- W e deixa sem chão.
- C E deixa sem chão? E hoje vocês dizem, de perdas, que foram sensações, de sem chão, de morte, e que hoje são vistas como vivências, que deixaram sensações importantes, lembranças.
- S E é engraçado porque, uma vez, com esse caso, a gente brigou uma vez de chegar a polícia de madrugada em casa. Uma baixaria total, só que eu não sabia onde enfiar a cara depois no dia seguinte, mas as únicas coisas que eu consigo lembrar dele, são as coisas boas, os momentos bons, quer dizer eventualmente, um ou outro, mas se eu for contar brigava, praticamente todo mês, tinha uma briga, a gente ficava uma semana sem se falar, deitava na cama, um olhava de um lado e o outro virava do outro. Levantava de manhã era oi, oi, aquela coisa assim bem puxada, mas foram tantas as brigas, que eu só me lembro de alguns poucos episódios, que foram os mais fortes, as outras não. Agora das boas lembranças que a gente tem é o que eu mais lembro.
- C Agora chama a atenção, outra questão não sei se faz sentido para vocês, mas é, essa sensação de que algo não é dito, não sei se isso traz uma experiência concreta, olha, se foi ele não me disse, não me deu uma razão, acaba e não tem um fechamento, eu fiquei pensando até que ponto, esta vivência, este tema que aparece aqui, desta vivência, tem a ver com o nosso trabalho, porque em vários momentos, vocês questionaram e com direitos, a respeito, mas que pesquisa é essa? Qual é o resultado disso? Mesmo que

acabe, tem uma continuidade? A gente vai ter acesso a isso? Que foi mesmo que você escreveu? aí referente ao que, você dizia aí logo no começo, para uma de nós, então esta caixinha de surpresa, que quando, o S entra e diz, “surpresa”, então será que tem uma surpresa, será que tem uma coisa que não é revelada, ou esta pesquisa não vai deixá-los na mão sem uma resposta por treze anos, por vinte anos, sem uma resposta capaz de chegar até no estrangeiro, então eu acho que a gente tem algo a dizer neste sentido.

W Que bom, eu não vou ter que esperar treze anos, para ligar para ela para saber o que é que ela quer saber disso.

C Então, tanto Iane e Cristina, e Robson, trabalhando nesta pesquisa, a gente tem um compromisso de estar devolvendo para vocês, as coisas que a gente vai estar trabalhando, um compromisso de fazer isso pessoalmente com vocês, de vocês que estiverem por aqui, em meados de setembro, né, que é o que a gente pensou.

S Você me manda pela internet.

C A gente nem se pode mandar pela, se tiver meio a gente pode te mandar o Robson, pode te mandar, porque isto pode, isto vai se transformar num conteúdo, a ser trabalhado, produzir um artigo, aonde não são revelados os nomes, mas a essência e do que se trabalhou aqui nessa, da riqueza da discussão, dos que falávamos antes, do quanto, que tantos temas embaralhavam, eles são tão próximos da sexualidade, porque falam da vida, a sexualidade são as questões da vida, então eu acho que estes treze anos que você contava.

W Tinha que ser o número treze.

C O que tem? É mágico

W A tem aquelas coisas...

C Eu acho que é a cinderela, que é o beijo que mata e nasce.

W 13 dá 4 e quatro é morte. Porque quatro é morte, né?

C Ah é? Você está somando três mais um.

W Porque quatro é morte, os orientais dizem que o quatro, dá um sentido de morte, porque os japoneses não compravam apartamento que tivessem o número quatro, ou que a soma desse quatro, ou que o prédio tivesse uma soma de quatro ou terminasse em quatro.

S Nossa, eu moro no quarto andar, no apartamento 46,

W dá seis é bom.

S Seis é bom, mas eu moro do quarto andar.

W Então me chamou a atenção estes treze anos, quando a soma da 4, a questão da morte onde morreu até aquela questão do porque e que eu fiquei guardando isso por treze anos, acabei matando, aquela curiosidade, ou não sabendo mesmo, matou.

S Pelo menos você encontrou e a pessoa falou eu não sei, pelo menos você precisava, se ele falasse não sei, ou te desse um motivo, você queria ouvir da boca dele, mas é aquela coisa, a eu não vou te falar, eu não vou te falar.

C Isto está significando a morte como algo que pode ser a morte para vida e não só morte para a morte. É isso.

S Não a morte da curiosidade dele.

W A morte no sentido de ver, aquilo que eu estava vivendo aquele sentimento, ainda por uma pessoa que me deixou sem avisar, então passou aquilo, então eu não vou viver mais isto.

C Então a morte aqui, ou a perda aqui, também pode ser para dar um outro sentido para algumas coisas, que a gente.

W Vamos dizer assim, isso é sobre o mês passado.

C O que foi o mês passado?

- W Eu tive um, meu tio morreu, eu nasci novamente então tem outras coisas, então há um passado e há um presente, então, hoje eu sou uma outra pessoa, que está trazendo mais este passado, que a gente não deu, fechou ali, e só é uma história, não é mais parte dessa vida atual,
- C É uma lembrança, que não é algo que te atormente.
- W Não, não me incomoda mais. E depois de treze anos, você ve um programa e aquilo te chama a atenção, e te incomodar, a ponto de você ficar procurando o telefone da pessoa depois de treze anos, quando que já não mudou as coisas, vai saber como é que a pessoa está, e você achar ainda, vamos dizer assim, a sorte de encontrar, depois de treze anos sem trocar o telefone nem nada...
- I Mas nessa história, é interessante o que você está falando, do programinha, de um programinha, de repente, o programa da Silvia Popovic, uma coisa que parece tão banal, mas eu fico pensando que as vezes, ocorreu um pouco isso aqui, em alguns fatos, que vocês vão trazendo assim de coisas que parecem que são absurdas, entende, mas olha que absurdo, são fatos que foram trazidos, será que é tão absurdo, que é fora do comum, não tem nada a ver, o fato de ter assistido um programa de televisão, é um programinha, pode ser um programinha, mas quer dizer, não é uma coisa banal, na verdade, você pode.
- W E eu não gosto da Silvia Popovic...estava passando, vi o tema, escrito assim, estava pensando assim no tema, parei para ver o programa por causa do tema, lembranças.
- I Até aí, você não
- W Não deixam a pessoa falar, então a pessoa quer falar, eu não gosto de assistir o programa. Te cortei, né, me desculpe, sou malcriado mesmo. Só sei que eu sou assim
- I Porque você é implicante e malcriado, você é ruim. É malvado.
- W Não de vez em quando eu dou umas de mal criado.
- I É mas é engraçado, porque assim, as vezes também, fiquei pensando um pouco nisso, as histórias também de perguntar a frase que a gente trouxe aqui, tem a ver, ou não tem a ver, estamos agindo certo, não estamos, estamos correspondendo, fica uma...
- W Se a gente vai passar.
- I Vai passar por este crivo, por este teste, por alguma coisa.
- W Mas são situações interessantes, é tão bom, se mexe um pouco com a vida, dá uma sensação de adrenalina... vai acontecer nove sessões, ele vai o tempo vai passando, ele vai, vai se terminando algo começado já, e não tem a resposta, aí vem na minha escola, oh sem resposta, de depois não tem resposta, até agora ia dar a resposta, ele cortou ela...
- S A resposta a gente vai ter em setembro.
- I Vocês querem uma resposta. Uma resposta que não é resposta, mas é o seguinte, eu acho que assim, reforçando aquilo que a Cris estava trazendo, eu acho que os temas, as questões que vocês trouxeram aqui, são extremamente pertinentes, elas tem tudo a ver com aquilo que a gente chama de sexualidade, de proteção, esta história da discriminação, que aparecia, olha eu acho que é tudo tão confuso, como é que a gente fica tão desprotegido, dentro dessa situação, eu acho que na verdade, é o poder entrar em contato, com tantas coisas que vai vindo aqui e ali, é tanta riqueza é tanta complexidade, que não tem respostas para um monte de coisas, e como elas estão todas interligadas, e as vezes aparece como se fosse uma surpresa, mas tanto é uma surpresa de que talvez, a gente pudesse estar trazendo alguma coisa, uma esperança de que houvesse, então a caixinha de surpresa agora vai ser aberta ou até a surpresa em relação a algum tipo de atitude que se tem, ou alguma coisa que acontece, e que parece que não tem nada a ver, o mas como pode? Parece até como se fosse meio maluco, na verdade, ve uma chamada de programa, então o que na verdade, não é tão assim, eu acho que estes treze anos, se a gente for pensar nos treze anos, ficou lá, de repente acontece uma

coisa, acaba um relacionamento, que era alguma coisa que despertou para a vida, acaba e eu não sei porque, não acabou na verdade, teve um acabamento ali de um contato e aí não é tão maluco, quer dizer alguma coisa, chamou a atenção depois de treze anos, mas não é que foi depois de treze anos, isto estava presente, estava presente lá, então muitas vezes eu acho que algumas coisas aparecem como se fossem fora, então é uma doidera isso, então...

C Me chama a atenção também porque, parece, que não é de informação, não é de uma resposta, o papel de se apropriar de um novo sentido para a vida, uma mudança uma coisa que de repente eu tenho que fazer um sentido tão grande, hoje faz um sentido diferente, parece que não foi a informação que mudou, mas foi o jeito de viver determinadas coisas.

S O jeito de ver a notícia.

C De ver a notícia, e aí, a sexualidade

W Mudou o jeito de viver a notícia.

C Como é que é viver a notícia.

W Não, porque nós trouxemos o que nós vivemos,

C É a vivência

S Não, mas então, mas eu quero saber de viver a notícia que eu falei, por exemplo, as vezes uma notícia te choca, vai, como o tema agora, o avião que caiu, o avião da Tam que caiu aqui em cima das casas, no dia era uma coisa que chocava, hoje é uma notícia, A morte do Airton Sena, comoveu o país inteiro, hoje é uma notícia, Então, essas sensações de que tudo na vida, ela tem o momento para acontecer, e a importância, o momento dela ser importante, passou aquele momento de ser importante, é uma coisa mais. Como no caso de um relacionamento, ele deixou de ser importante, aquela notícia não é mais atual, outras coisas aconteceram, outras coisas virão a acontecer, e a gente vai, pode pegar, se a gente pegar a notícia da morte do Airton Sena hoje, vai ler o jornal, o morreu o Airton Sena, se pegar um jornal da época, tem gente que vai se comover muito, tem gente que não vai, e acontece com um relacionamento, sabe na vida da gente também, como ele mesmo falou, ele viu a pessoa hoje e percebe, puxa vida, como eu não tenho nada a ver com ele hoje, como eu não tenho nada a ver com ele, ou seja a notícia que eu estou lendo hoje, se eu estivesse, se fosse há três meses atrás, em janeiro, não eu ia continuar chorando, ia ser uma coisa comovente, mas hoje já não é, Então aquele fato já deixou de ser atual, já deixou, já passou, e a vida da gente tem bastante disso, sabe, de viver o momento, sentir a presença daquele tempo ali e depois acabar.

C Então me ocorreu uma outra causa, que você estava falando que é como se fosse possível se passar ileso, as vivências, elas podem arrebentar, num determinado momento, e depois é como se não tivesse existido.

S Não elas existem, elas existem e tem até o seu lugar lá no armário, mas é um lugar lá no armário, ela não vai estar acompanhando a gente no dia a dia.

C Como é que fica a sexualidade, as formas de proteção a sexualidade dentro dessa maneira,

W Desprotegido.

C Desprotegido?

W Eu acho, da forma que ele colocou aí,

S Por exemplo usando mais ou menos o termo, Willians depois que quebrou a barra de direção do Airton Sena, quando ele morreu, eles reforçaram o carro inteiro, hoje é praticamente impossível acontecer, como aconteceu naquele tempo, e eu acho que estas vivências, da sexualidade, de proteção, que você está dizendo os riscos, que a gente correu no passado, que a gente suou frio pra que nada acontecesse de pior, está no

armário, só que a hora que chegar numa situação igual aquela, a gente vai olhar para traz, espera aí, isto aqui já aconteceu comigo, e não vou ser.

C Então o armário não é arquivo morto?

W No armário, é isto que estou falando, ele está assumindo de armário, está sempre presente.

S Está sempre presente.

W E isto me traz umas coisas assim..... levanto uns pensamentos aqui em relação aos treze anos, porque quando eu percebi que estava terminando, eu fiquei por um ano, correndo atras, não sei o que, aí passou ... me tornei até um pouco promiscuo, na realidade eu fui tentar encontrar outro alguém, que... e não encontrava, encontra um hoje, e não é, fica escolhendo, como se fosse em algum shopping comprar roupa e não encontrar roupa nenhuma, quando você não está bem com você, você não vai encontrar nada que te agrade. Então eu fiquei, daí acaba a gente, entrando na promiscuidade, onde esquece a a questão da proteção, aquilo lá que me protegia, enquanto eu estava com ele eu estava protegido, porque tendo ele, eu não precisa procurar mais nada, A partir do momento que houve essa quebra, esta separação, eu me senti desprotegido, eu fui busca de voltar a viver aquilo novamente, e não consegui, eu tinha a necessidade de encontrar alguém que suprisse tudo aquilo, me sentia desprotegido e passei a busca disso e cada vez estava mais desprotegido, estava correndo risco. E esses riscos todos que depois ele colocou, que a gente passou, a gente viveu. Chegou um momento que a gente parou, não, isso não serve pra mim... coloco isso no armário isso como experiência, que quando a gente perde alguma coisa quebra alguma coisa, a gente vai lá abre o armário e olha, já passei por isso, então não vou cometer os mesmos erros, vai levar isso como experiência, se eu me livrei de uma doença, ou de algum problema, na minha vida em relação a tudo o que eu fiz, está entre em relação a esta história(?) .. querer encontrar esta pessoa que me deixou.

S Mas as vezes a gente procura da maneira errada.

W É bom Ter esse armário, senão...

W A gente tem que ter informação, estar informado, quem tem mais informação do que é a vida da gente, o que a gente viveu, o que a gente passou, e depois a gente começar a olhar para traz e perceber o quanto erramos e que graças a Deus, as energias, que nos protegeu, ou poder seja lá qual for que nos proteja, de qualquer mal como a Aids, não vou sair de maneira prejudicada pela gente. Para mim este armário dele me traz esta questão, de guardar as vivências e que de vez em quando a gente dá uma olhadinha. No passado e lembrar. Isso é o que posso fazer.

S E aonde a gente olha não como preconceito, se possível a gente chegar a separar, por exemplo, deve ter sido estas bichinhas novinhas. Estas bichinhas coloridinhas, que esta saindo ai agora, todas fashion e não percebe que, não eles querem festa, então quer dizer no futuro, na hora que eles estiverem com 32, como eu estou ou com 35 como ele está, eles vão começar a perceber, se dar conta, como é que eu fui idiota. Porque num momento a gente passou por isso, então hoje a gente ve estes absurdos, a gente fala o que é que é isso, a gente já olha com um olhar de certa reprovação, não condenando, mas de fato, como são cabeça vazia, não pensa um pouquinho. Que é aquilo que eu sempre falo, hoje, no Brasil pega AIDS quem quer, isso eu já falei para o Herman, eu já falei para todo mundo, a quantidade de informação que se tem, seja em jornal, seja na televisão, seja pela internet, qualquer campanha, todo mundo. Uma coisa que eu acho engraçado, é que todo mundo, aqui quando pega AIDS, não é porque a campanha daqui está errada, e que não sei que jeito que fala, mas gente de que jeito quer que fale, se fala para a pessoa que ela vai morrer, não pode falar porque vai trazer... não tem, qual que é a campanha ideal, então falem, dá idéia, sabe o Brasil não chegou hoje, ser modelo

mundial numa campanha de prevenção contra a AIDS de graça. Eu estava conversando com um “raker” um amigo meu dos EUA e ele estava me explicando, aqui, existe uma liga das senhoras católicas, as puritanas, que nossa entrou um comercial falando alguma coisa, não tem que tirar do ar. Aqui não, ainda bem a gente já não tem esta censura, que se pode falar abertamente sobre isto, tem um cartaz sobre o câncer, o Hospital do Câncer, então o cara fumando e está lá, até que a morte os separe, ele e o cigarro, muito bem sacado, agora se passa alguém que se sente ofendido, olha mas a campanha é errada, tem que fazer uma campanha, eu vou falar o que, vou falar olha criancinhas, se você fizer isto, vai vir um bichinho, e vai começar, a espera aí, então eu não entendo muito porque, o que é que se quer. Então a gente ve, e o que eu olha para esta turminha hoje, aquele cara que sai com um sai com outro, vai num bar, sai com outro, eu falo gente, põe a mão na consciência, e olha um pouco, olha melhor o que está acontecendo, sabe eu estou em barzinho, quando a gente vai na Vieira de Carvalho, quantas vezes o pessoal do coro, o pessoal do GAPA de um monte de grupos de homens, passam lá entregando camisinha Quantas vezes eu já vi, esses viadinhos está conversando pegar a camisinha e dar para o outro. Então eu acho que, é estranho esta maneira de proteção, tem muita gente que não pega AIDS por sorte.

C Você está dizendo, vocês estão dizendo é que a informação é importante, mas se ela não tiver calcada, nessas vivências, quanto que a proteção muitas vezes corre junto com a promiscuidade, a promiscuidade é até um jeito de se proteger das experiências que vocês trazem, estava tão arreventado, posso estar enganada, como eu percebi, e ai busca outras relações que forma, como se estivesse no shopping, buscando, buscando, para ver o que é que me serve, o que é que me agrada.

S Não é fácil acertar na primeira.

C Como se fosse proteger, essa dor, da perda, essa dor da ausência.

W (W resmunga alguma coisa incaptável...) . três anos atrás que Aids mata, pega AIDS quem quer, na realidade informações temos, não temos é como absorver essas informações e vivenciá-las como benefício (?) como se proteger, e naquela época não tinha, esta clareza toda que a gente encontra hoje, falar em camisinha, há treze anos atrás era um pouco...

S Teve padre que proibiu falar de camisinha na cidade, comercializar

W difícil você entrar em uma farmácia e pedir uma camisinha.

S Nossa, morria de vergonha

W Não tinha, não tinha sentido isso, há treze anos atrás.

C Então tem uma questão concreta que a informação e a possibilidade dessa informação fluir tão facilitador, e tem uma outra questão, da proteção aparecer de um outro jeito que não na informação, das campanhas, mas na vida de cada um.

W Quando você se percebe, quando você olha para traz e ve, o quanto você fez, e graças a Deus você, não aconteceu nada de grave, para você poder avaliar, e ai você fala assim, eu vou me proteger para que não aconteça mesmo, porque agora eu tenho consciência disto.

C Por que aí fica no mesmo plano, usar ou não usar camisinha, entregar ou não entregar a chave, viajar ou não viajar, abrir a relação, fechar a relação, vocês ampliam para a vida a questão da informação de campanha. É isso?

W Isso mesmo

S Com certeza.

C Aceitar ou não aceitar o chop, depois de ir ao banheiro. A história da boa noite cinderela, vocês trouxeram inúmeros exemplos e situações, onde a proteção, não ficava apenas em usar ou não usar a camisinha, e a informação das campanhas.

- S É mas este outro tipo de proteção que a gente diz, ainda sobre a sexualidade, isto é uma coisa mais... porque no meio em que a gente está, sinceramente tem muita gente boa, mas também tem muita coisa ruim. Mas é aquilo que a gente estava falando, depois que se abriu, se ampliou o universo, ótimo, muita gente, conseguiu descobrir que não existia monstros ali dentro, mas também neste vácuo veio muita coisa ruim. Uma coisa que acontecia menos, antigamente, Hoje já é uma coisa mais freqüente, então esta questão... seria mais uma proteção contra até a vida, mas no sentido de ser assassinado, porque quantas vezes, vezes em jornais você vê “empresário, não sei que tem é assassinado por garoto de programa”. Na Vieira de Carvalho está cheio, na Vieira de Carvalho não, na rua do Arouche, ali, está cheio de “miche” e está cheio de gente procurando, não que eu tenha alguma coisa contra eles, sabe mas, se todo mundo tem tanto medo assim, porque procura?
- C Então deixa eu ver se eu entendi, você diz que quando abre, quando deixa de ser um desse, o risco é a morte.
- S As vezes. Teríamos sorte se ficasse só no roubo, no assalto.
- C E o roubo as vezes pode ser de um beijo.
- W Mas não mata não
- S Mas o beijo roubado é tão bom, sinceramente, mas o roubo
- W A não ser que seja o beijo da Mulher Aranha,
- S Da viuva negra.
- W Já vem com veneno e tudo.
- S Da viuva negra. Que já vem e te mata., mais ou menos por aí. ... Não usam muito bom senso nestas coisas, todas as regras. (?)... a proteção que a gente usa, não.
- I É uma proteção que não faz bem ao mundo gay.
- S Não, qualquer um, Você sabe que passar na Praça da Sé a meia noite, ou a uma hora da manhã é perigoso, você vai passar? Qualquer um, não precisa ser gay, tanto faz, então é questão de bom senso, então não precisa de sexo, de identidade sexual, de ninguém...mas uma vez, uma coisa, nós não somos diferentes, nós somos iguais. Correto.?
- W Não, Eu sou mais eu.
- S Eu também sou mais eu.
- W Eu sou o que eu quero ser, sou hétero, sou gay, sou lésbica
- S Que fantasia é essa?
- W É uma fantasia
- S Volta prá terra.
- W Acorda Alice
- C Esta fantasia também tem, estive aqui e foi possível vivenciá-la, trás de inicio uma fantasia forte de uma certa forma representar a vida e a morte, essas polarizações, tiveram presentes aqui e pode falar a vivência da morte
- W (?) Que saber de uma coisa, normal. Não esperava essa né (?)
- I Acabou
- S Cadê o questionário?
- I Então, o questionário, vai ser chamado para daqui, deixa eu falar, eu acho que o Robson depois coloca algumas coisas, mas assim em relação a pesquisa, aquilo que a gente já trouxe, as questões de hoje, a gente vai estar chamando vocês, você deixa aqui um e-mail, alguma coisa, mais chamando, ou ligando faz parte de um pedaço da pesquisa, este momento que a gente estive aqui, que ela continua, ela é uma das etapas é esta, então tem esta etapa aqui, o questionário, tem outros grupos que vão ocorrer num outro momento, então é uma pesquisa grande, mas que neste momento, a gente tem uma parte, que a gente já vai estar trabalhando, muito importante, que querem saber se

correspondeu as nossas... Então eu acho que isso a gente vai estar trabalhando, um pouco mais nas coisas que a gente foi, vendo, questionando, trazendo, e tudo o que a gente foi vendo aqui, então não tem aquela história do segredo, da verdade, a gente vai estar trabalhando.

W Você desculpa os nossos companheiros que não puderam comparecer nas sessões, mas o grupo gay é unido

S Para mostrar que o mundo gay é unido, mostrar como o mundo gay é unido, a gente pede desculpas pelos companheiros que se prontificaram a vir e que não vieram.

I Então isso mostra a diversidade do mundo gay.

W Então para fechar a questão, a grupo começou com mais pessoas, e mesmo que não..comparecendo às sessões eles sempre fizeram parte de nossas conversas, fizeram parte de um todo independente da presença física.

S Tudo (?)

W Então nós não podemos deixar de falar neles hoje.

I E que possibilitaram essa regência da diversidade. Marcou uma diferença, esta ausência na verdade. Então traz a diversidade, tem uma união.

S Tem uma união, você percebeu. Na passeata gay, duzentos e cinquenta mil pessoas, passa todo mundo lá, é aquilo que eu falo gente, o homossexual no Brasil, ele é apolítico, não é nem apolítico, ele não tem consciências política nenhuma, ele não tem conhecimento de política nenhum, para ele aquilo lá é um baile de carnaval, no meio do ano, não tinha um valor de reivindicação, de nada, se ele estivesse reivindicando alguma coisa, o grupo com uma série de pessoas estaria aqui até hoje. Lá nos EUA porque, lá nos EUA, em Vermon, que foi o primeiro estado americano a liberar a união civil, de homossexuais, porque todo mundo chegou a gente que é acabou, a gente elege o presidente aqui, aqui não, aqui é festa. Então há, o desfile estava ótimo, nossa tinha bofe, tinha gente, mas o ato não é isso, eu vou lá para me fantasiar, para sair de lá e ir num baile, numa discoteca dançar, e mostrar que cada um está mais fantasiado do que o outro. Mas teve alguma discussão política, em cima, teve uma conscientização, não. Então não adiantou nada. Para mim é perda de tempo. Aqui no Brasil é. Aqui em São Paulo é.

C Talvez por isso, você tenha feito a sua opção pelo estrangeiro.

S Não. Eu estou indo para lá pra estudar arquitetura, é outra coisa.

W Mas a massa é que faz...

S O carnaval vem do povo, o carnaval desce do morro, quem faz samba é o morro, só que para você sentar na Marques de Sapucaí, numa arquibancada, você vai ter que pagar 14 mil dólares, então pronto. A hora que a negada chegar e falar vamos parar de tocar samba, ou libera isto aqui para todo mundo, ou a gente para de cantar, acabou só que ninguém faz isso, porque não tem consciência política nenhuma, por isso que eu digo, eu não levanto a bandeira para ninguém neste país. Por ninguém mesmo. Porque no final das contas você é que vai ficar sozinho, como último dos moicanos, eu não, que isso. É isso que me dá raiva.

C Eu só queria, só para, que me chamou a atenção eu acho que de alguma forma, pode fazer algum sentido, eu acho que também teve presente esta polarização, eu acho que de idealizar como é que poderia ser esta, este mundo gay, ou esta ligação sexual, e o quanto que vocês trazem esta vinda, da sedução à morte, da festa à dor, daí o que me chama a atenção é esta imagem final que vem, do beijo da mulher aranha, então é um beijo esperado, é um beijo criado, erótico, seduzido, mas que pode estar cheio de veneno, então do quanto que estas coisas não são, no grupo elas não foram absolutizadas, não foram absolutas ou a vida ou a morte, ou a festa ou o fim de festa. O quanto que estas coisas que vocês trouxeram todo tempo muito misturada, e o quanto

esta mistura ela estava muito parecida quando vocês traziam no dia a dia dessa vivência do ser gay, esta mistura é algo que acompanha, e que em alguns momentos dá prazer e em outros momentos dá dor. Obrigada!

ANEXO II

CONSENTIMENTO LIVRE INFORMADO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - NEPAIDS-IPUSP
UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA, SÃO FRANCISCO
CONSENTIMENTO PARA SER SUJEITO DE PESQUISA

A. Propósito e Antecedentes

Robson Colosio e Dr. Norman Hearst estão conduzindo um estudo para conhecer melhor o comportamento de pessoas que podem estar correndo o risco de ser infectadas pelo HIV, para o qual fui convidado a participar. Os dados provenientes desse estudo serão usados para avaliar um procedimento de intervenção de prevenção às DST/AIDS para homens que fazem sexo com homens.

B. Procedimentos

Se eu concordar em participar deste estudo, ocorrerá o seguinte:

1. Participarei de duas sessões de aplicação de questionário específico do estudo, auto-aplicável, nas quais serei perguntado sobre minhas práticas sexuais, no passado e presente, decisões e comportamentos, e o contexto no qual elas ocorreram
2. Tomarei parte de 5 (cinco) sessões de grupo de discussão, nas quais discutirei sobre assuntos relativos a comportamento de risco para infecção pelo HIV. Os grupos serão formados por outros voluntários, que serão distribuídos por sorteio (que pode ser por ordem de chegada ou lance de moedas) para formação dos vários grupos que participarão do projeto. Por uma questão de organização, alguns grupos serão iniciados nos próximos meses e outros em até um ano, aproximadamente. Serei informado em breve quando participarei de um desses grupos e das sessões de aplicação de questionário.
3. A sessão de questionário tomará vinte minutos, aproximadamente, em local a ser combinado que melhor me convier e adequado à atividade proposta. Meu nome não será incluído no questionário, que será apenas administrado pelos pesquisadores envolvidos no estudo. As sessões dos grupo de discussão durarão 2 horas cada e serão conduzidas por um coordenador. Um observador de grupo tomará parte das sessões, mas ficará restrito apenas ao trabalho de anotação, que servirá posteriormente como material de análise.

C. Riscos e Desconfortos

1. Algumas questões do questionário poderão deixar-me desconfortável ou perturbado. Eu estou livre para não responder qualquer uma delas e/ou parar de participar das sessões de grupo em qualquer período.
2. Confidencialidade: Neste estudo, serei perguntado sobre experiências sexuais muito íntimas. Os pesquisadores manterão o máximo de confidencialidade sobre essas informações, pois somente eles e o pessoal envolvido no estudo terão acesso ao questionário e outros formulários de registro. Nenhum dado de identificação individual será usado em qualquer relatório ou publicação resultantes deste estudo. Entretanto, para que eu possa ser informado sobre as datas de realização

das sessões de questionário e dos grupos, fornecerei meus dados de contato, com o compromisso de mantê-los atualizados. Posso acessar o Nepaids pelo telefone (11) 3091-4985 para isso. Nenhum recado ou informação a terceiros será fornecida sem minha autorização. No caso de envio de alguma correspondência, nenhuma identificação sobre remetente ou natureza do projeto será inscrita por fora do envelope.

D. Benefícios

Não haverá nenhum benefício direto para mim por participar deste estudo além de compor um grupo de discussão e ter a oportunidade de refletir sobre meus conhecimentos dos métodos de prevenção de DST/AIDS.

E. Alternativas

Estou livre para escolher por não participar deste estudo.

F. Custos

Não haverá custos para mim como resultado de participar deste estudo.

G. Reembolso

Receberei no final de minha participação neste estudo o valor referente a 10 (dez) passes de ônibus válidos na cidade de São Paulo, como forma de reembolso de minhas despesas de transporte.

H. Questões

Posso abordar qualquer questão, fazer comentários ou discutir preocupações sobre a minha participação neste estudo com qualquer um dos pesquisadores. Posso contactar Robson Colosio no Nepaids - USP (11) 3091-4985.

I. Consentimento

Eu conversei com _____ sobre este estudo que me deu uma cópia deste formulário de consentimento.

A participação neste estudo é voluntária. Estou livre para recusar minha participação nele, recusar a responder qualquer questão, a não participar de qualquer atividade ou abandoná-lo em qualquer fase. Minha decisão de participar ou não deste estudo não acarretará em nenhum prejuízo na minha situação junto ao _____, assim como meu eventual desligamento deste último não implicará no desligamento do estudo que neste momento concordo em participar.

Data ___/___/___

Assinatura do Voluntário

Pessoa que obteve consentimento

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)